Lawrence O. Richards



TEOLOGIA DA

EDUCAÇÃO CRISTÃ

VIDA NOVA

TEOLOGIA DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

LAWRENCE O. RICHARDS

Digitação: Semeador Jr.

2ª. edição (1983)

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Caixa Postal 21486, São Paulo 01000 Brasil

2ª. edição (1983)

Título do original em inglês:
A THEOLOGY OF CHRISTIAN EDUCATION

Copyright © 1975, pela
ZONDERVAN CORPORATION
Grand Rapids, Michigan, U.S.A.

Tradução:
Hans Udo Fuchs

Primeira Edição: 1980 – 3.000 exemplares
Segunda Edição: 1983 – 3.000 exemplares

Publicado no Brasil com a devida autorização e todos os direitos reservados por:

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Caixa Postal 21486, 04698 São Paulo - Brasil

ÍNDICE

introdução

PARTE I: considerações teológicas

A. entendendo a igreja
1. vida: o que a igreja é 11
2. o propósito da vida: o que a igreja faz 18
3. comunicação da vida: como a igreja edifica 25
4. dinâmica da vida: relacionamento "familiar" da igreja 33
5. transmissão de vida: a igreja evangelizando 42

B. implicações para a educação cristã
6. a pessoa em foco como um todo 49
7. o discipulado como propósito 57
8. um método que forma 65
9. dimensão interpessoal 88
10. resultado inesperado 97

PARTE II: a educação cristã na igreja local

A. edificando o corpo
11. o líder servo 107
12. o pastor: no púlpito e na intimidade 114
13. equipe de líderes leigos 122
14. implicações para o ensino teológico 129

B. educação das crianças
15. críticas ao sistema atual 134
16. diretrizes e limitações 144
17. o lar como centro de ensino 153
18. um sistema alternativo 167

C. educação dos adultos
19. a natureza do ministério 184
20. condições que facilitam o ministério 193
21. estratégias na educação: um a um 200
22. estratégias na educação: o pequeno grupo 209
23. estratégias na educação: Corpo Vivo 220
24. estratégias na educação: adoração 226
25. estratégias na educação: pregação da Palavra 233

PARTE III: resumo

26. assuntos mais importantes na educação cristã 245
27. determinar elementos na educação cristã 250
28. o sobrenatural na educação cristã 254

introdução

"Educação cristã" é fugir do esquema escolar. Novas perguntas surgem sobre ensino e aprendizado, e estamos abordando a educação cristã como envolvendo *todas* as atividades e atitudes que têm lugar no Corpo de Cristo. Antigamente víamos a sala de aula como centro da educação cristã; hoje ela é somente uma parte – e nem mesmo a mais importante.

Esta é a razão de este livro começar com um exame da igreja. O seu conteúdo está baseado na convicção de que a eclesiologia deve ser a origem da nossa compreensão de educação, e que a educação cristã é mesmo uma disciplina teológica. Eu estou convencido que esta posição quanto à educação cristã questionará muitas velhas suposições e proporcionará uma visão nova que desvendará possibilidades no futuro que no momento não podemos ver.

Este livro quer ser *uma* teologia da educação cristã, não *a* teologia da educação cristã. Ele é uma exploração. Às vezes só cita rapidamente temas que demandariam um livro cada um. Sua intenção é lançar uma semente – de onde outros, possam desenvolver idéias mais completas e mais ricas.

Este livro também foi escrito como livro de estudo. Cada capítulo sugere atividades que encorajam o raciocínio, a experimentação, a aplicação dos conceitos apresentados. Ele não é um sistema fechado, como talvez alguns desejassem – um sistema que seja "a resposta". Ele será útil para aqueles que querem, como eu, desenvolver na vida da igreja local princípios que estão sendo redescobertos na Palavra hoje em dia. Eu creio que ele poderá ser uma ajuda na jornada, e que os conceitos apresentados se tornarão cada vez mais parte da nossa experiência, à medida que vamos, guiados pelo Espírito de Deus, em direção à crescente concretização de tudo que o crescimento em Cristo implica.

LARRY RICHARDS

PARTE I: considerações teológicas

A. entendendo a Igreja

1. vida: o que a igreja é
2. propósito da vida: o que a igreja faz
3. comunicação de vida: como a igreja edifica
4. dinâmica da vida: relacionamento "familiar" da igreja
5. transmissão de vida: a igreja evangelizando

B. implicações para a Educação Cristã

6. a pessoa em foco como um todo
7. o discipulado como propósito
8. um método que forma
9. dimensão interpessoal
10. resultado inesperado

1

vida: o que a igreja é

Onde devemos começar nossas reflexões sobre a educação cristã? O ponto crucial são nossas predisposições. O que para nós significa ser "cristão"? Crer em certas coisas? Ter certos valores morais? Comportar-se de certa maneira? Ou há algo além disto, alguma essência que defina o que nós somos?

Para mim, o ponto de partida está nestas palavras de Jesus: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (João 10.10).

Vida e morte são temas básicos na Bíblia. Desde a primeira advertência que Deus fez a Adão: "No dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gn 2.17), até o último convite para "receber de graça a água da vida" (Ap 22.17), a morte e a vida aparecem sempre lado a lado como realidades que devemos experimentar aqui e agora, e que transcendem o tempo. Será de bom proveito pesquisar estes conceitos e como eles se desenvolvem na Escritura.

Vida. A raiz hebraica mais comum (חיה) aparece no verbo, adjetivo e substantivo. A lista de significados do verbo – viver, ter vida, ficar vivo, manter vivo, e, no piel, preservar ou dar vida, não nos ajuda muito na compreensão da sua essência. O adjetivo, que basicamente significa "vivo" ou "vivendo", também não. Ele é aplicado para Deus, Aquele que vive para sempre, e igualmente para pessoas e animais. O substantivo significa simplesmente "algo vivo".

A maneira de estes termos serem usados no Antigo Testamento, entretanto, indica claramente que eles significam mais que simplesmente vitalidade física. Moisés fala com o povo de Deus como se a morte e a vida estivessem diante dele, e convida a todos a escolherem a vida (Dt 30.15-20). Davi fala do caminho da vida, que Deus mostra às pessoas (Sl 16.11), e vê Deus como fonte e origem de toda vida (Sl 36.9). A maioria das passagens do Antigo Testamento que fala de "vida" enfoca uma experiência aqui neste mundo, porém o conceito hebraico abriga também uma dimensão "eterna". Da referência à vida eterna das pessoas do começo de Gênesis (3.22) à afirmação confiante do salmista: "Viva para sempre o vosso coração" (22.26; veja também Sl 49.9 e 69.32), a Bíblia indica que o significado da vida não se limita ao curto espaço de anos entre o nascimento e o sepultamento de alguém.

O Novo Testamento vai além e dá novos aspectos ao significado de "vida". Ele tem uma palavra (βίος) para a vida aqui na terra e suas funções (veja Lc 8.14, 2 Tm 2.4, 1 Pe 4.2, 3), e outra (ζωή , Rm 7.3) que tem uma rica variedade de significados.

Por um lado ζωη fala de vida no sentido físico (Rm 8.38, 1 Co 3.22, 15.19, Fp 1.20, Tg 4.14, etc). Por outro lado fala de uma vida sobrenatural que é a de Deus (Jo 5.21, 26), que Deus, todavia, reparte com a humanidade, através de Cristo. Esta vida sobrenatural permeia o evangelho, e é uma experiência nova, que não se baseia no tempo e espaço que limitam as pessoas (Jo 6.63, 68, At 5.20, Rm 6.4, 2 Co 4.12, Ef 4.18, Fp 2.16, 2 Tm 1.10, etc). João geralmente chama esta vida de "eterna", afirmando expressamente que ela é um resultado da fé em Cristo, e que os seguidores de Jesus a possuem já agora (Jo 3.15s, 36, 5.24, 40, 6.40, 47, 10.10, 20.31, 1 Jo 3.15, 5.12, 13, etc). Então, dizer que Cristo dá "vida eterna" (afirma-

ção que aparece em Mateus, Marcos, Lucas, Atos, Romanos, Gálatas, 1 e 2 Timóteo, Tito e Judas, além de João) na verdade é falar principalmente da qualidade e da natureza desta vida, e nem tanto da sua duração.

A vida de que a Bíblia fala, que o evangelho apresenta, não é meramente um resultado do processo natural de nascimento e crescimento. A Bíblia insiste em que encaremos Deus como Aquele que dá vida às pessoas (1 Tm 6.13), tarefa que nenhum ideal moral, por mais alto que seja, pode realizar (Gl 3.21). Seres humanos que neste mundo só nasceram, cresceram e se desenvolveram de acordo com as leis naturais que governam este universo físico na Bíblia estão mortas em termos de vida sobrenatural, e precisam ser vivificadas (ζωοποιέω) pela intervenção pessoal de Deus, através do evangelho.

Morte. O adversário da vida é a morte. A palavra usada no Novo Testamento (θάνατος) tem o sentido literal de morte natural do corpo. Porém um sentido figurado merece atenção especial. De alguma maneira, uma morte espiritual que está diretamente oposta à vida eterna, jogou sua sombra escura sobre toda a humanidade. A Bíblia diz que as pessoas estão mortas, se Deus não as chamar à vida (Jo 5.24, 8.51, Rm 7.10, 8.6, 1 Jo 3.14, etc). Esta morte está intimamente relacionada com o pecado (Rm 7.13), e desemboca em uma morte eterna que deixa de ter, para sempre, todas as qualidades da vida eterna (Rm 1.32, 6.16, 21, 23, 7.5, 2 Co 7.10, 2 Tm 1.10, Hb 2.14, etc).

Nenhuma passagem descreve com mais clareza o antagonismo entre morte e vida e a necessidade do homem espiritualmente morto que Efésios 2.

> Ele vos deu vida, estando vós mortos em vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como também os demais. Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, — pela graça sois salvos, e juntamente com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus; para mostrar aos séculos vindouros a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus. Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas (vv. 1-10).

Como o contraste é claro aqui. O evangelho é a proclamação da vida, afirmando que pela atuação do próprio Deus pessoas mortas no pecado recebem vida em Cristo. *Morte e vida definem a Igreja de Cristo e Seu povo. A posse da vida distingue um cristão de todas as outras pessoas; este forma com seus iguais uma comunidade que tem a vida divina, diferenciando a Igreja de todas as instituições humanas. Entender nossa fé como vida nos dá a chave para desenvolvermos uma educação cristã clara e teologicamente sadia.*

o que é o homem?

Não é nada incomum na teologia conservadora estabelecer o contraste entre vida e morte. Através da história os cristãos têm reconhecido o pecado como sendo uma realidade, e têm aceito a queda não como um mito, mas como algo real em

tempo e espaço, com conseqüências trágicas que, por sua vez, se manifestaram no tempo e espaço da história.

Os primeiros capítulos de Gênesis ajudam de maneira bem particular os homens a se entenderem, e definem de maneira singular o que as pessoas são. Eles também cuidam para que a teologia conservadora não simplifique demais as coisas, distorcendo a prática educacional. Em poucas palavras: estes capítulos insistem em que encaremos a humanidade tanto como morta no pecado, tanto como trazendo a marca da eternidade!

A marca. A criação do homem é na Bíblia um acontecimento sem comparação. Deus disse somente do homem: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio" (Gn 1.26). Mesmo depois da queda o homem é algo especial, como vemos na exigência de punição capital de Gn 9.6: "Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu". Isto não é uma expressão de uma ética de vingança primitiva, mas uma confirmação do valor incomparável da vida humana. A razão que Gn 9.6 dá para esta ordem, "porque Deus fez o homem segundo a sua imagem", relembra que mesmo as pessoas mortas espiritualmente têm um valor intrínseco aos olhos de Deus – um valor tão grande que somente a pena capital para o assassinato pode estabelecê-lo. O Novo Testamento também reafirma (Tg 3.9) a dignidade e o valor do homem como portador da imagem divina.

A queda. Mesmo tendo valor e dignidade, o pecado de Adão fez com que a humanidade morresse espiritualmente; condição que foi transmitida a todos, com a *imago Dei* (veja Rm 5.12-21). A queda não destruiu o homem como pessoa, porque todos nós temos todos os atributos de uma personalidade, como Deus. Mente, emoções, vontade, individualidade, tudo permanece. Gn 4 demonstra que o homem é capaz de viver com êxito no mundo. A cultura se desenvolveu: uma cultura marcada por sucessos agrícolas, estéticos e industriais (Gn 4.19-22). Porém, também o impacto da morte espiritual pode ser visto claramente. A revelação não consegue evitar que Caim se rebele contra Deus e mate seu irmão (4.5-7). A filosofia moral se transforma num instrumento para justificar atos contra a vontade de Deus (4, 23, 24): A queda não destruiu a essência humana da humanidade, porém introduziu inimizade e conflitos. Impôs egoísmo e medo.

Assim, a queda não destruiu a capacidade humana de viver e aprender e de criar dentro do universo natural. A queda não destruiu a capacidade humana de ter sonhos, ou de imaginar utopias. A queda destruiu, isto sim, a capacidade humana de ver o *sobre*natural, de ter experiências que exigem que o egoísmo seja imerso no amor divino.

Vida restaurada. A mensagem de vida do evangelho dirige-se particularmente ao homem como caído. A promessa de vida eterna fala de restauração das capacidades perdidas. A vida traz uma nova capacidade de perceber a realidade (Hb 11.3). A vida traz a capacidade de experimentar e expressar o verdadeiro amor (1 Tm 1.5, 1 Pe 1.22). A vida traz a opção de viver em comunhão com Deus (cf Hb 2.12-15).

A promessa de vida, no entanto, *não* fala de restauração da "humanidade". Pessoas espiritualmente vivas e mortas participam da mesma humanidade, porque a essência do homem é a *imago Dei* e não a queda. A vida nova não fará de alguém mais do que um ser humano. A vida nova não dará mais valor ou maior dignidade à pessoa. A vida nova não muda necessariamente as capacidades intelectuais de alguém, transformando-o num cientista ou carpinteiro melhor. *O dom divino de vida também não muda a maneira básica das pessoas aprenderem e crescerem.* É vital que

compreendamos em que a humanidade toda é igual.

Então, o que muda quando Cristo nos dá vida nova? Muda a capacidade de compreender e se aprofundar no significado da vida como Deus a planejou. Como pessoas mortas nós nem tínhamos esta capacidade, como também não a de experimentar tudo o que as outras religiões consideram ideais distantes. Em todos os aspectos em que a queda trouxe morte Cristo traz vida, e com esta poder, libertando-nos para que cresçamos e sejamos transformados. *A educação cristã recebe um enfoque novo quando vemos na vida a marca da fé cristã. Valorizando todos os seres humanos como pessoas, respeitando-os como tendo valor e dignidade, a educação cristã tenta comunicar e fazer crescer a fé = vida.*

individual e corpórea

Isto é outra coisa importante que temos de compreender a respeito da vida de que fala a Escritura. A vida espiritual tem dimensões individuais e corpóreas.

Por um lado lemos que "todo (singular) o que nele crê (no Filho) não perece, mas tem a vida eterna" (Jo 3.16), e por outro lado lemos que indivíduos que têm vida estão unidos em um Corpo. 1 Co 12.12 diz: "Assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo". A Bíblia fala também de um crescimento da vida nova dentro do crente individual (Hb 5.11-14), e de um crescimento do corpo como um todo (Ef 4.12, 13). Na verdade o crescimento da vida nova que Deus dá a indivíduos está entrelaçado com o crescimento da vida do Corpo. Paulo diz isto em Efésios com estas palavras: "Seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo bem ajustado e consolidado, pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor" (4.15, 16).

Então, a educação cristã nunca pode tratar somente da vida individual. Ela tem de se preocupar com os processos dentro do Corpo que fomentam o crescimento individual e corpóreo em Cristo. Qualquer educação cristã que se concentre somente no indivíduo ou no grupo, excluindo o outro, está destinada ao fracasso.

Na educação cristã o tema central é a vida. Apesar de todas as pessoas terem igual valor, a distinção bíblica entre morte e vida permanece. O cristão é alguém que foi ressuscitado, por atuação de Deus, da morte espiritual para a vida espiritual, em Jesus Cristo. Ele é uma pessoa na qual foram criadas novas capacidades e possibilidades que devem ser desenvolvidas, até que se tornem uma realidade. Ainda mais: o cristão é uma pessoa que participa da vida divina somente com outros crentes, apesar de fazer parte da humanidade como um todo. A vida divina é um elo inquebrável que liga todos os crentes no Corpo de Cristo. Por esta razão a Igreja de Cristo é um organismo vivo, não uma mera organização. Os princípios para seu crescimento e desenvolvimento devem ser procurados em sua natureza como organismo, não em sua expressão organizacional.

É a vida que diferencia o cristão.

É a vida que diferencia a Igreja.

E deve ser um enfoque na vida – transmissão e desenvolvimento dela que diferencie a educação cristã.

VERIFICAÇÃO

(casos, perguntas, incentivos à reflexão, notas adicionais).

1. Roy A. Edenfelt, falando sobre "A Reforma da Educação e o Treinamento de Professores: uma Tarefa Complexa", no *Journal of Teacher Education* (pg 123) no verão de 1972, dá três modelos possíveis de uma escola. Dê uma olhada no quadro da página seguinte, e decida:
   a. qual modelo está mais próximo de sistemas de educação cristã que você conhece;
   b. qual o modelo mais apropriado se considerarmos a *vida* o centro da educação cristã.
2. Tente, partindo do quadro de Edenfelt, escrever três páginas sobre a "filosofia da educação cristã", expressando princípios e conceitos que seriam expressados de maneira adequada através das escolas dos Modelos A, B e C. Ou seja, o que teria de ser verdade sobre a natureza da fé, a natureza de ensino/aprendizado, as necessidades e capacidades dos seres humanos, e as metas da educação cristã, para os tipos de escolas descritos como apropriados à educação religiosa.
3. O seguinte extrato foi tirado de um artigo de Dwight D. Allen na revista *Psychology Today* (março de 1971, pg 71). Allen, em seu artigo "Como eles mutilam os jovens", ataca alguns preconceitos que parecem estar distorcendo os sistemas educacionais seculares. Leia o extrato sobre o Mito do Aprendizado Isolado e reaja respondendo por escrito às perguntas que o seguem.

   Parece que nós presumimos que as pessoas aprendem somente na escola. Nada pode estar mais longe da verdade do que este Mito do Aprendizado Isolado. Por exemplo: linguistas nos dizem que uma criança domina a gramática da sua língua materna já aos cinco anos — quando nós a mandamos à escola para aprender gramática. Na escola tem de aprender toda a língua de novo, de uma maneira muito menos adequada à sua natureza.

   Não se dá importância ao que a criança faz fora da sala de aula, a não ser, é claro, que isto a afaste das suas tarefas de casa, que, presume-se, são de importância básica para qualquer criança decente.

   Por estarmos tão convencidos do valor daquilo que a escola está fazendo pelas crianças, nós as privamos dos seus interesses naturais. Esperamos com muita simplicidade que as escolas preparem as crianças para a vida em nossa sociedade competitiva, para alcançarem posições em nosso sistema social hierárquico. Por trás destas metas, que têm um certo grau de validade social, há a meta mítica da própria perfeição. Revertemos o processo natural de aprendizado tentando encher as crianças de conhecimento, ao invés de deixar que elas adquiram as verdades através da compreensão e da experiência.

   Crianças trazem para a escola uma capacidade de aprender; não a recebem ao chegar. Às vezes eu penso que a escola não precisa fazer muita coisa de positivo para ter sucesso; é só cuidar para não fazer muitos danos.

   Causamos pouco de valor e muitos danos quando tentamos forçar alunos a seguirem um currículo fixo, e rejeitamo-los sem cerimônia quando não se adaptam a ele. Os gregos tinham um nome para esta burrice mítica: o leito de Procusto.[1]

1 Transcrito de *Psychology Today*, março de 1971. Todos os direitos reservados.

POSSÍVEIS MODELOS DE ESCOLAS

	Modelo A	Modelo B	Modelo C
Ênfase básica	Exposição da matéria e desenvolvimento da inteligência; assuntos acadêmicos	Desenvolvimento intelectual, emocional, social, físico e estético	Produtiva experiência de vida, através de anos passados na escola
Quem decide o currículo	Especialistas e profissionais desenvolvem-no em seqüência	Ele é desenvolvido de maneira pessoal, dependendo da capacidade e do interesse do aluno	Os alunos, consultando os professores pais e pessoas da comunidade
O que orienta o currículo	Professores, livros e manuais	Conteúdo tirado de todas as fontes de conhecimento, dependendo dos problemas que estão sendo propostos aos estudantes	Ênfase em aprender como estudar e tomar decisões, aprendendo das experiências à medida que ocorrem
Como o currículo é organizado	Ao redor de matérias, cursos ou disciplinas	Ao redor do desenvolvimento individual de cada aluno	Ao redor de experiências e problemas dos alunos
Qual a principal função dos professores	Dirigir o aprendizado dos alunos ao longo de linhas pré-estabelecidas	Ensinar inclui qualquer tipo de convivência com os alunos que possa auxiliar o aprendizado	Ser um apoio, um crítico construtivo, uma pessoa para aconselhar
Quais os critérios para o aprendizado	Avaliação do aprendizado geralmente com papel e lápis: provas elaboradas pelos professores ou testes padronizados	A avaliação do aprendizado emprega diversas provas de assimilação, com ênfase na mudança de comportamento e em auto-avaliação	Desenvolvimento de objetivos pelos alunos — fixados pelos alunos, bem como por pessoas envolvidas com a escola e a comunidade
Horário da escola	5 a 5 e meia horas por dia, 5 dias por semana, 175 a 190 dias por ano	"Escola" engloba todas as horas dedicadas ao estudo — promovidas pela escola dentro ou fora dela	A escola serve de base de onde partem os programas de trabalho-estudo; o calendário é organizado para o indivíduo
Organização dos estudantes	Classes, por idade e capacidade acadêmica dentro do grupo etário	Grupos ou indivíduos, por propósitos determinados por alunos, professores e pais	Grupos de acordo com o tipo sociológico, com algumas opções para que o professor modifique os grupos para novas situações.
Organização dos professores	Níveis de graduação: desde o grau elementar até o nível superior	Equipes de professores, com grande variedade de funcionários, profissionais, paraprofissionais e assistentes	Reorganização periódica, para benefício e estímulo dos alunos. A linha diretiva é formar uma equipe vital e estimulante

a. Na sua opinião, que elementos deste argumento desafiam de maneira válida a educação cristã tradicional? Por quê?
b. Quais elementos são irrelevantes para a educação cristã? Por quê?
c. Se você tivesse de montar um sistema educacional com base na afirmação de que fé é vida, o que você faria para evitar os preconceitos quanto ao aprendizado que Allen desmascara?

4. Sempre é proveitoso explorar os conceitos bíblicos que servem de base para qualquer teologia da educação cristã. Aqui há algumas possibilidades de pesquisar mais sobre a idéia de *vida* desenvolvida na Escritura.
   a. As palavras *nephesh* (נפש) e *psuche* (ψυχή) às vezes também são traduzidas por "vida" no Antigo e no Novo Testamentos. Qual a diferença entre elas, (חיה) e (ζωή) ?
   b. Usando uma concordância, tente fazer distinção entre os diferentes significados de "vida", particularmente descobrindo o que da vida diferencia os crentes dos que não conhecem a Deus.
   c. Selecione passagens-chave (como Dt 30.15-20, Gl 2.19, 20 ou estude o significado de "vida" no evangelho de João) e escreva um breve comentário.
   d. Explique, por comparação com outros versículos, passagens como Ef 4.18, que diz que as pessoas são "alheias à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza dos seus corações".
   e. Estude e faça um relatório sobre qualquer das seguintes questões teológicas:
      (1) O que aconteceu à personalidade humana na queda?
      (2) O que a restauração à vida em Cristo promete em termos de intelecto humano? Suas emoções? Vontade? Outros atributos?
      (3) Que relacionamento há entre o indivíduo e a Igreja? É certo dizer que um existe para o outro?
      (4) Quais são as evidências da vida nova no indivíduo? E no Corpo?
5. Partindo do que aprendemos até o momento escreva um parágrafo sobre o o que você acha que tomar a *vida* como essência da fé cristã significa para a educação cristã.

2

propósito da vida: o que a igreja faz

Não é difícil compreender por que cada um de nós, como indivíduo, precisa de vida nova de Deus. Porém por que formar de nós um Corpo vivo?

Os propósitos e significados do Corpo são muito amplos. Em termos de educação, está claro que o Corpo deve promover um propósito que faz parte da natureza da nova vida que Deus nos dá em Cristo. Propósito a que a Bíblia se refere nestas palavras de Paulo: Deus nos escolheu "para sermos conformes à imagem de seu Filhos, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos" (Rm 8.29).

Cada tipo de vida tem caráter e natureza próprios. Tome na mão um grão de trigo: em sua mente logo surge o tipo de planta que surgirá dele quando ele germinar e crescer.

A primeira célula formada pelo espermatozóide e pelo óvulo se parece com qualquer outra, ao microscópio. Porém assim que ela crescer, ela revelará que tipo de vida ela abriga. A célula de um coelho produzirá um coelho; a de cavalos sem dúvida produzirá um potro; a humana, um bebê.

É importante compreender que a vida que Deus nos dá em Cristo também tem caráter e natureza próprios. Em palavras simples: a vida que recebemos em Cristo é a própria vida de Deus. À medida que ela cresce dentro de nós, nós nos tornamos mais parecidos com Ele. O apóstolo Pedro diz com coragem: "Pois vocês, pela viva e eterna palavra de Deus, nasceram de novo como filhos de um pai que é imortal, e não de pais mortais" (1 Pe 1.23, BLH). Nosso destino é ser igual a Ele, porque recebemos da Sua Vida.

O conceito de semelhança é comum na Escritura. Ao ensinar os discípulos a amar seus inimigos, Jesus sublinha que eles são "filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o sol sobre maus e bons, e vir chuvas sobre justos e injustos". E qual a conclusão de Jesus? "Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste" (Mt 5.45, 48). Paulo, em Romanos, destaca que os crentes foram chamados "segundo o seu propósito", e depois explica que "aos que Deus de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho" (Rm 8.28, 29).

Nosso destino é ser como Deus, porque Ele implantou em nossa personalidade a sua própria vida.

Semelhança perfeita. Um aspecto do ensino bíblico sobre nossa semelhança com Deus é escatológico. João escreve: "Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é" (1 Jo 3.2). Paulo, certo de que como filhos participaremos da glória de Cristo, aguarda, com a criação, em "ardente expectativa a revelação dos filhos de Deus" (Rm 8.16-19). E ensina, falando da ressurreição, que "assim como trouxemos a imagem do que é terreno, devemos trazer também a imagem do que é celestial (1 Co 15.49). A Bíblia, portanto, fala com confiança do destino daqueles que participam da vida de Deus. Nós como filhos seus sabemos que haveremos de ser como Ele.

Imagem presente. A Bíblia fala, ao mesmo tempo, de um impacto presente da

vida eterna. Por termos a vida eterna *agora,* cada vez mais nos tornaremos semelhantes a Ele, à medida que vivemos no tempo e no espaço! Jesus diz de si mesmo que Ele é a luz do mundo... e que nós também somos luzes. Que Ele é nosso mestre... e que "basta ao discípulo ser como o seu mestre" (Mt 10.25). Em 1 Jo 4.16, 17 Ele fala de viver "em Deus", e acrescenta: "segundo Ele é, também nós somos neste mundo".

É significativo que muitas exortações da Escritura se baseiam na semelhança com Deus aqui na terra. Ef 4.32 diz assim: "Perdoai-vos uns aos outros, como também Deus em Cristo vos perdoou". João diz que nós não continuamos pecando" (1 Jo 4.3-10), porque vivemos nEle. De acordo com Colossenses nós estamos livres para nos libertar do egoísmo e dos pecados que permeiam a vida humana porque "vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou" (Cl 3.1-11).

Em Jesus a vida veio até nós. E porque nós possuímos presentemente a vida do próprio Deus, mais e mais nos tornaremos como Ele.

transformação

Há muitas indicações na Escritura de que o desenrolar e o expressar-se da nossa vida nova é progressivo. A posse da nova vida não traz mudança automática e imediata. A vida de Deus, como qualquer tipo de vida, tem de *crescer* dentro de nós. Por isto Ef 4.15 nos incentiva a "crescer em tudo naquele que é a cabeça, Cristo".

Este progresso é sublinhado de diversas maneiras. A passagem de Colossenes citada acima observa que nossa vida nova "*se refaz*" (Cl 3.10). Phillips capta as implicações progressivas da "transformação" parafraseando Rm 12.2 "Deixe que Deus refaça você, para que toda a sua atitude seja mudada". Paulo expressa muito bem a realidade da transformação em 2 Co 3.18: "Somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito".

É importante compreender as implicações do fato de que isto é um *processo. A educação cristã não deve produzir algo pronto. Deve suprir o que é preciso para que o processo de crescimento se desenvolva de maneira normal e salutar.*

Não é difícil inventar um sistema educacional que produza uniformidade de conhecimento razoável. Porém só conhecimento, mesmo sendo bíblico *não* deve ser a meta da educação cristã.

Não é difícil inventar um sistema educacional que produza uniformidade de comportamento! Os seguidores de B. F. Skinner têm mostrado *como* condicionamento funcional e reforço seletivo podem modificar o comportamento. Porém comportamento, mesmo moral, não deve ser a meta da educação cristã.

A educação cristã tem de se preocupar com a *vida*, com o crescimento da vida eterna dentro da personalidade humana, em direção à semelhança com o Deus que a dá. A educação cristã deve se preocupar com a transformação progressiva do crente no caráter, valor, motivação, atitudes e entendimento do próprio Deus. "Como Ele é, nós somos no mundo" dirige nossa atenção para o desenvolvimento de toda a personalidade, refletindo com perfeição cada vez maior a personalidade de Jesus Cristo. "Cristo em mim" (Gl 2.20) é a única definição adequada do alvo da educação cristã que podemos formular, se levamos a sério o conceito de que a essência da nossa fé é a vida!

Edificar. Se definimos o crescimento e fomentar o crescimento como as metas principais da educação cristã, vemos um significado novo em termos bíblicos como

edificar (construir), fortalecer, encorajar, ministrar, instruir, etc. Vemos também o propósito do Corpo de uma perspectiva nova.

A vocação dos crentes está envolvida com a edificação mútua (1 Ts 5.11). Duas das principais passagens sobre o Corpo no Novo Testamento enfatizam e reenfatizam seu propósito de edificação (Ef 4.12, 16, 19, 29 e 1 Co 14.4, 5, 12, 17). Em Rm 12, depois de exortar os crentes a estarem abertos para a transformação, Paulo explica alguns dons espirituais que ajudam cada crente servir aos outros (vv 3-8), e o relacionamento dentro da comunidade que possibilita este serviço (vv 9-18). Em 1 Co 12-14 o apóstolo fala longamente sobre os dons que o Espírito Santo dá a cada crente, dando-lhe capacidade para servir aos outros, "visando a um fim proveitoso" (12.7). Distribuindo por todo o Corpo a capacidade de servir, Deus "coordenou" o todo (12.24) providenciando tudo que é essencial à vida. A finalidade principal dos dons é a edificação: "edificando, exortando e consolando" (14.3). Todos devem dar de si, participar da tarefa de fortalecer na fé o Corpo e o indivíduo (14.26).

A mesma ênfase encontramos em Ef 4. A unidade do Corpo é primeiro reenfatizada, depois explicada a importância de cada membro, e o serviço dos membros dirigido para a edificação do todo até que os indivíduos e a comunidade cheguem à maturidade, crescendo até "alcançar a altura espiritual de Cristo" (4.13, BLH). Vemos que a comunidade tem novamente enfatizada sua função como entidade educacional, "edificadora" (veja também 4.14-16). Em 1 Pe 4 há uma menção final do Corpo em relação aos dons espirituais. Ali também estes têm a função de servir à igreja (4.11) e de auxiliar no crescimento do crente em direção à imagem de Cristo.

Dons espirituais. Em cada uma das passagens sobre o Corpo que analisamos, os dons espirituais recebem um destaque especial. O Corpo é apresentado como uma unidade que tem uma relacionamento íntimo e caloroso dentro de si (assunto que será desenvolvido no capítulo 4), ajudando e estimulando o crescimento dos seus membros.

Neste contexto não é difícil compreender a idéia de "dom espiritual". Ele é simplesmente uma capacidade dada e alimentada pelo Espírito de contribuir para o desenvolvimento da fé de outros. Quando cada crente usa seu dom para edificar, o Corpo e os indivíduos crescem para a maturidade (Ef 4.16).

Considerando a função da edificação e dos dons espirituais, temos de ver que a educação cristã, para promover adequadamente o crescimento progressivo da vida de Cristo nos crentes, tem de tratar do Corpo como um todo! Isolar o "ministério educacional da igreja" da vida geral da congregação é um erro fatal. A educação cristã tem de levar todos os membros do Corpo a servir uns aos outros.

Reconhecendo que vida é o que distingue nossa fé, e que o objetivo da educação cristã é promover o crescimento da vida eterna dentro de cada crente, vemos de uma perspectiva nova por que a eclesiologia é o ponto de partida para uma teologia da educação cristã. A Bíblia deixa claro que o Corpo deve ajudar o indivíduo. Um dos principais propósitos de Deus ao nos unir na Igreja é que o Corpo sirva a cada membro, ajudando-o a crescer em Cristo. Para fazer isto possível cada um tem a capacidade de servir aos outros. Assim a comunidade cristã torna-se um todo dinâmico, transformador, ajudador e *educador* mútuo.

Outros elementos da transformação. Ao falar da importância da função da comunidade em promover o crescimento em direção à imagem de Cristo, não foi minha intenção dizer que este é o único meio que Deus usa. Por exemplo, Jesus pede ao Pai: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade" (Jo 17.17). Sem dúvida

para que o crente cresça é necessário que ele guarde os ensinos de Jesus (Jo 8.31), e que seja obediente quando Deus fala com ele, e não desobediente (Hb 3.7-19). Podemos falar também do papel da oração na vida cristã. Porém estes elementos também têm seu contexto na Escritura.

Não devemos simplesmente ensinar a Palavra como sistema de fé. De acordo com Deuteronômio, o processo do ensino da Palavra envolve em primeiro lugar a experiência pessoal dela pelo professor, depois a vivência dela diante do aluno, o que engloba o significado vivido e verbalizado da Palavra (Dt 6.6, 7)! *Na educação cristã não importa somente ensinar a Palavra. Importa como a Palavra é ensinada*!

À medida que formos progredindo no nosso estudo deste livro veremos cada vez com maior clareza que o ensino que visa a transformação — o crescimento em direção à imagem de Cristo — é um tipo único de ensino. Ele implica em fazer com que a Palavra seja parte integrante da vida de cada crente, enquanto serve aos outros no Corpo. A relação entre Corpo e crescimento não elimina a Bíblia, mas nos ensinará *como* comunicá-la da maneira certa! Este tema também será visto com mais detalhes mais para a frente.

Então, o que dissemos até agora?

Primeiro, que o segredo da nossa fé é vida. O que diferencia o crente de outras pessoas é a vida de Deus, que ele recebe em Cristo. Ela diferencia também a Igreja de outras instituições humanas.

Segundo, que a vida de Deus, a vida eterna que nós possuímos pela fé, tem caráter e propósito distintos. O propósito é *ser como Cristo.* Por esta razão a educação cristã se concentra em ajudar o crente a crescer até ser como Cristo. Ela visa o processo de transformação de personalidade e caráter!

Terceiro, que o Corpo provê o crescimento do crente. Servindo aos outros é que cada um será edificado para "alcançar a altura espiritual de Cristo", fazendo toda a comunidade amadurecer. A educação cristã, portanto, não quer ensinar no *isolamento,* mas pela interação de homens e mulheres que têm parte na vida divina oferecida a todos pelo evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo.

VERIFICAÇÃO

casos,
perguntas,
incentivos à reflexão,
notas adicionais

Não é difícil medir o resultado da educação, enquanto este for simples e discreto. Por exemplo: podemos fazer um teste depois de uma série de estudos no evangelho de João, e determinar com precisão razoável o que cada pessoa *sabe.* Porém se nossa educação enfoca um *processo de crescimento* e o *caráter,* a verificação não é fácil!

Em *Educational Technology* (jan 1970) Mary B. Harbeck escreve sobre "Objetivos da Instrução no Domínio Afetivo":

"Se podemos descrever uma pessoa realmente instruída como alguém que tem um sistema de valores bem definidos (caráter), de acordo com o qual ela vive e que está disposta a defender, que aprecia as artes, se preocupa com o destino da humanidade, sabe viver em harmonia com seus semelhantes, então com certeza temos de formular os objetivos da educação no domínio afetivo, como Krathwohl o faz, além de fazê-lo nos níveis mais elevados do domínio cognitivo.

Já há tempos a educação tem metas nesta área, porém sob um nome obscuro como psicologia educacional, esquecendo-as na prática quando é feito o planejamento curricular. Os professores ensinam ou testam muito raramente com objetivos no domínio afetivo. Mais ou menos pela fé nós presumimos que as pessoas desenvolverão um complexo de valores à medida que aprendem. Se quisermos garantir a qualidade da educação, não podemos mais nos dar ao luxo de presumir, sem medir o resultado."

O problema apresentado neste trecho é um desafio para a educação cristã. *Como nós medimos os resultados do aprendizado, em termos de crescimento do crente e do Corpo?* Apresentamos aqui algumas abordagens para aplicar isto na educação cristã.

1. Digamos que você foi convidado pela diretoria de uma igreja local para avaliar o trabalho deles e ajudá-la a planejar os próximos cinco anos. Eles lhe forneceram dados sobre tamanho e crescimento da escola dominical nos últimos dez anos, número de batismos, orçamento local e missionário.
   a. Qual será o significado destes critérios na avaliação do ministério da igreja, se você está preocupado com vida e crescimento espiritual dos crentes?
   b. Que tipo de coisas você gostaria de avaliar, neste sentido? Você poderia desenvolver, partindo da Escritura, uma descrição do "crente maduro" e da "igreja madura", que o ajude a planejar sua avaliação?
   c. Do seu estudo você poderia fazer uma lista de objetivos que na sua opinião seriam úteis para orientar o ministério de uma congregação local?
2. Atualmente se dá muita ênfase a objetivos *funcionais.* T. A. Ryan (ET, junho de 1969) descreve assim o sistema funcional: Ele sintetiza o processo de maneira ordenada em direção a um objetivo. Isto significa que um sistema é criado com um propósito; que qualquer tentativa de compreender, modificar ou controlar um sistema é uma explicação do propósito do sistema, ou seja, a meta principal. Esta tarefa exige um estudo da situação, para determinar qual necessidade é ou será suprida, quais os objetivos que contribuirão para isto, e quais os critérios que avaliarão a eficiência do processo. Objetivos abstratos terão de ser transpostos para termos *mensuráveis.* Este processo de objetivos funcionais precisos é crucial para a eficiência do sistema.

Se definimos a educação cristã como um sistema que quer alcançar uma meta determinada, pode ser útil transpor termos "abstratos" como *"semelhança a Cristo"* para termos mensuráveis". A atividade 1b acima iniciou este procedimento. Porém provavelmente a terminologia usada ainda é relativamente abstrata.

Como podemos transformar termos com significado abstrato (como "amor"!) em definições funcionais? Este extrato do *Complexo Comportamento Humano* de Staats nos ajudará a explicar uma tarefa que você talvez queira fazer agora.

> Uma definição funcional, em sua forma mais simples, especifica as operações de observação que são usadas para identificar fenômenos. ...Examinemos, para exemplificar, um conceito muito usado: "maturidade emocional". Podemos usar este termos apropriadamente? Enquanto ele significar somente certas observações, podemos dizer sim. Por exemplo podemos dizer que uma criança é emocionalmente madura se ela começa a estudar por si, sem ser obrigada, se ela não é exigente demais, se se relaciona bem

com outras crianças, etc. Por outro lado, uma criança que não estuda sem ser obrigada, que exige coisas erradas, que não consegue conviver com outras crianças, que tem um temperamento instável, etc, pode ser chamada de "emocionalmente imatura".

Dizemos que um conceito foi definido funcionalmente quando a definição consiste em observações feitas e orientadas pelo conceito (pp 12, 13).[1]

Tendo isto em mente, você pode tentar, de muitas maneiras, transformar as metas da educação cristã em funcionais.

a. Dê uma olhada em Krathwohl, David R., *Taxionomia de Objetivos Educacionais: Volume II, O Domínio Afetivo*, para determinar que avaliação pode ser apropriada à educação cristã.

b. Pesquise mais técnicas de avaliação, para descobrir que instrumentos podem nos ajudar a definir de maneira funcional conceitos bíblicos e a reconhecer definições funcionais que aparecem na Escritura. Algumas fontes importantes são:

Mager, R.F., *A Formulação de Objetivos de Ensino,* Ed. Globo, RS, 1976.

Baker, E. e Popham, W. J., *Como Estabelecer Metas de Ensino*, Ed. Globo, RS, 1976.

Popham, W. J., *Como Avaliar o Ensino,* Ed. Globo, RS, 1976.

Sund, R. B. e Picard, A. J. *Objetivos Comportamentais e Medidas de Avaliação,* SP E.P.U., 1978.

Mager, R.F., *Análise de Objetivos,* Ed. Globo, RS, 1977.

c. A Bíblia tem seus próprios termos funcionais, ou comportamentais, de termos abstratos. Por exemplo a ordem de Jesus de que devemos "amar uns aos outros" está definida em termos funcionais, com indicadores de avaliação em todas as passagens do Novo Testamento em que aparece a expressão "uns aos outros". Localize estas passagens com o auxílio de uma concordância, e desenvolva uma descrição funcional de "amor", no sentido de como ele deve existir e ser expressado entre membros do Corpo.

3. Definições funcionais de conceitos relacionados com crescimento em Cristo são úteis para nos afastar das abstrações e nos lembrar que crescimento em Cristo envolve expressar, na prática, a vida de Deus no dia-a-dia. Dispondo de diversos indicadores de comportamento de crescimento, poderemos avaliar também nosso ministério educacional. *Se estes indicadores não ma-*

1 Extraído de *Complex Human Behavior*, de Staats e Staats. Usado com permissão.

nifestarem mudanças, então temos de reavaliar nossa abordagem de "educação cristã" – mesmo se houver progresso em outras áreas (como transmissão de conhecimento).

Porém há problemas em confiar demais em indicadores de comportamento. Por exemplo: responda certo ou errado às seguintes afirmações, e reflita sobre elas:

a. Devemos usar os mesmos critérios para avaliar o crescimento de crianças e de adultos.
b. Existe tempo determinado dentro do qual o progresso deve se manifestar por mudanças de acordo com indicadores específicos de comportamento.
c. Não devemos esperar que haja crescimento em todos os aspectos da personalidade de alguém ao mesmo tempo.
d. Podemos aplicar mudanças de acordo com indicadores de crescimento definidos pela Bíblia somente ao grupo, não a indivíduos.
e. Já que o crescimento do cristão é um processo que obterá a perfeição somente na ressurreição, não podemos nunca aplicar indicadores de maturidade em Cristo ou semelhança com Cristo.
f. Não faria diferença no exercício da educação cristã na igreja local se não tivéssemos nenhuma idéia do que é o objetivo dela... ou dos indicadores do progresso em direção a ele.

4. Um projeto final pode ser instrutivo. Lawrence C. Little sugere em *Foundations for a Philosophy of Christian Education* que os que estão engajados em vários ministérios da educação cristã raras vezes "compreendem a verdadeira natureza do seu trabalho e todo o significado do que estão tentando fazer" (pg 15).

Esta idéia deveria ser relativamente fácil de comprovar. Por que não desenvolver um questionário simples e pedir que diversos professores e responsáveis pela educação da Igreja o preencham? Faça o questionário evitando já dar sua resposta. Frases em aberto, por exemplo, podem ser úteis:

"Todo domingo eu tento..."

"Eu uso a Bíblia em meu ministério porque..."

"Estarei satisfeito por Deus ter me usado se..."

E assim por diante.

Depois analise os resultados. Faça uma estatística, por exemplo, de quantas vezes aparecem palavras como crescimento pessoal, ativo, ou mudança. Quantas vezes são mencionados atitudes, valores, comportamento, interesse ativo. Dos resultados...

a. deduza a filosofia funcional de educação cristã dos pesquisados;
b. verifique como você espera que esta filosofia afete a *prática* educacional;
c. tente constatar, por fim, como mudaria a *prática*, se os pesquisados passassem a entender que a educação cristã deve promover o crescimento dos indivíduos para que sejam como Cristo.

3

comunicação de vida: como a igreja edifica

Eu posso ensinar você como saber. Mas como vou ensiná-lo a viver? Temos técnicas firmes quanto ao ensino de conhecimento. Mas como edificamos pessoas na vida de Cristo? Como chegamos à personalidade como um todo, libertando-a e ajudando o seu crescimento?

Jesus nos fornece o ponto de partida, escolhendo doze homens "para estarem com ele" (Mc 3: 14). E suas palavras em Lc 6: 40 completam nossa compreensão: "Todo aquele que for bem treinado será como seu mestre".

A educação geralmente se preocupa em fazer com que as pessoas saibam o que os seus professores sabem. A educação cristã quer ajudar as pessoas a se tornarem o que os seus professores são.

A ênfase na *vida*, que é nosso ponto de partida para a educação cristã, nos ajuda a ter isto bem claro em mente. Nós queremos transformação. Nós "ensinamos" a comunicar e edificar a vida de Deus que a fé em Cristo implanta firmemente no crente. A educaçao cristã quer ajudar no processo de crescimento; no crescimento gradual do crente em direção a Cristo e a uma exteriorização cada vez mais adequada do Seu caráter.

Esta tarefa única de edificar homens e mulheres para serem iguais a Cristo é: fazer discípulos.

como fazer discípulos

Será útil olhar para o relacionamento que Jesus tinha com seus discípulos, para descobrir qual era o Seu objetivo e o que Ele fez para alcançá-lo.

Em primeiro lugar, a frase "bem treinado" de Lc 6.40 é um pouco enganadora. Ela nos faz pensar em mecânica, onde alguém bem treinado aprendeu as técnicas e as habilidades necessárias para desmontar e consertar uma máquina. A palavra no original, *katartizo* (aqui na forma do particípio, κατηρτισμένος), significa restaurar, pôr no lugar certo; seu significado no Novo Testamento aproxima-se de "colocar na condição ideal" ou "completar". 1 Ts 3: 10 fala em reparar as deficiências da fé; Hb 13: 21 de aperfeiçoar em todo o bem; 1 Co 1: 10 fala de um Corpo local "inteiramente unido, na mesma disposição mental e no mesmo parecer".

JESUS	OS DISCÍPULOS
instruía	ouviam, perguntavam
explicava	perguntavam
perguntava	respondiam
agia	observavam, perguntavam, agiam (de maneira limitada)
ordenava	obedeciam

QUADRO DO RELACIONAMENTO ENTRE JESUS E OS DISCÍPULOS

"Treinar" um discípulo é fazer dele uma pessoa completa, um crente maduro. Jesus, enquanto viveu e ensinou os doze, visava a sua transformação: sua meta era fazer a vida crescer.

Portanto poderemos aprender muito analisando os contextos das passagens nas quais aparece a palavra "discípulo" (já que *nós* recebemos a ordem de "fazer discípulos", cf Mt 28: 19, At 14: 21), e ver o que está acontecendo durante os três anos significativos em que Jesus conviveu com os discípulos.

Uma análise superficial e não exaustiva das passagens mostra que havia diversos tipos de relacionamento. Não era uma "escola" típica, onde os que eram treinados ouviam o professor por uma hora, e depois voltavam sem ele para a vida. Jesus convivia com os discípulos; participava das suas experiências e dos seus traumas. Havia interação constante entre eles; instrução e reação constante entre eles.

Encontramos diversas vezes os discípulos ouvindo enquanto Jesus ensinava e instruía (Mt 10: 23, 16: 24, 20: 26, Mc 3: 9, 4: 34, 9: 31, 11: 14, Lc 9: 1, 14, 43, 12: 1, 22, 14: 26, 27, 20: 34). Outras vezes os discípulos estão observando a reação de Jesus a situações, pessoas e acontecimentos (Mt 14: 26, 16: 21, 21: 20, 26: 8, Mc 9: 28, Jo 18.5, 22, etc). Mais de uma vez Jesus estimulava os discípulos a que fizessem perguntas, pedindo explicações e interpretações (Mt 14: 23, 24: 1, 3, Mc 6: 35, 7: 17, 13: 1, 14: 12, Lc 8: 9, 11: 1, Jo 4: 31, etc). Além disto Ele às vezes faz perguntas aos discípulos (Mt 16: 13, 17: 20, Mc 8: 1, 4, 27, etc). Verificamos também que o discipulado implica que quem aprende está sob autoridade. Jesus tinha liberdade para ordenar; os discípulos obedeciam (Mc 6: 45, 10: 23, 14: 24, 16: 20, etc). Às vezes os discípulos também eram envolvidos no tipo de atividades em que Jesus estava envolvido. Eles participavam do seu ministério (Mt 11: 1, 2, 14: 36, Mc 11: 1, Lc 19.29, etc).

Estas poucas ilustrações nos ajudam a compreender que fazer discípulos é um processo de relacionamento interpessoal, que envolve professor e aluno em muitas experiências da vida real. Fazer a vida de Deus se desenvolver na pessoa (= educação cristã) parece exigir um contexto de vida, um modelo do qual o discípulo pode aprender, através do relacionamento íntimo.

ensinar e aprender

A impressão de que a educação cristã implica em mais que conhecimento e processamento de informações bíblicas fica fortalecida quando olhamos para os conceitos de ensino e aprendizado do Antigo e do Novo Testamento.

A palavra hebraica ידע , "vir a conhecer", por exemplo, inclui a idéia de que a experiência ensina (como em Jó 32: 7). A palavra ירה , "mostrar, dirigir, ensinar", tem importância prática definida, como no Sl 86: 11: "Ensina-me, Senhor, o teu caminho, e andarei na tua verdade" (também Sl 25: 8, 12, 119: 102, etc). A palavra למד parece enfocar mais a compreensão (Dt 4: 5, 10, 11: 19, 20: 18, 31: 19, Ed 7: 10, Jr 32: 33, etc), porém a mesma palavra expressa o desenvolvimento de técnicas de guerra (2 Sm 22: 34, Sl 18: 3, 4, 114: 1).

A palavra grega διδάσκω é usada geralmente para instrução verbal. Mas também não lhe é estranho um significado como "mostra-nos como orar" (Lc 11: 1; também Mt 4: 23, 5: 2, 9: 35, 13: 54, 26: 55, Mc 1: 21, 4: 1, 2, 6: 34, 8: 31, Lc 4: 15, 5: 3, 17, 19: 47, 20: 1, Jo 6: 59, 7: 14, 8: 20, 28, At 4: 18, 5: 25, 11: 26, 18: 11). Muitas vezes "fazer e ensinar" andam juntos (Mt 5: 19, At 1: 1), e não é in-

comum encarar o culto da igreja como "instruir-se" mutuamente com "salmos e hinos e cânticos espirituais" (Cl 3: 16).

Outra palavra, παιδεύω fala de educar uma criança (At 7: 22, 22: 3), o que também implica em disciplina e correção (1 Co 11: 32, 2 Co 6: 9, 1 Tm 1: 20, 2 Tm 2: 25, Tt 2: 12).

O centro disto tudo é fácil de determinar. "Ensinar *pode* nos lembrar de professor e sala de aula formal, porém o conceito engloba muito mais do que isto! Limitar a educação cristã às formas tradicionais é limitar tragicamente nossa idéia de ensino e aprendizado.

A conclusão é a mesma se fizermos uma lista dos significados bíblicos de "saber". Alguém que aprendeu, e agora sabe, com certeza armazenou informações. Mas ter informações é somente parte do significado da palavra saber.

A palavra hebraica יָדַע tem muitos significados. Mesmo em seu significado mais simples, "saber, vir a saber", ela fala de experiência e do reconhecimento do bem e do mal (Gn 3: 22, 39: 6, 1 Sm 28: 9); da percepção (Gn 19: 33, 35, 1 Sm 12: 17); da capacidade de distinguir ou discernir (Jn 4: 11); e do conhecimento adquirido por experiência (Js 23: 14, Sl 51: 5, Is 59: 12).

Outros significados incluem conhecer uma pessoa (Gn 29: 5, Ex 1: 8, Jó 42: 11) e até saber como fazer algo (Is 29: 11, 12, Jr 1: 6, 6: 15, Am 3: 10).

A mesma variedade de significados têm algumas palavras gregas. Uma, γινώσκω , envolve conhecer ou vir a conhecer sobre (verdade Jo 8: 32, a vontade de Deus Lc 12: 47, uma árvore por seus frutos Mt 12: 33). É usada também para descobrir (Mc 5: 43, Lc 24: 18), compreender (Lc 18: 34, Hb 3: 10) ou reconhecer (Lc 8: 46) ou tomar conhecimento (Mt 7: 23). Outro verbo grego básico, οἰδα , envolve conhecer uma pessoa ou saber coisas sobre ela (Mc 1: 34, Jo 1: 26, 31, 33, 6: 42, 7: 28, At 3: 16, 7: 18, Gl 4: 8, 1 Ts 4: 5, Hb 10: 30), conhecer intimamente (Mt 26: 72, 74, Mc 14: 71, Lc 22: 57, 2 Co 5: 16), e saber fazer ou ser capaz (Mt 7: 11, Lc 11: 13, 1 Ts 4: 4, 1 Tm 3: 5, Tg 4: 17). É usado também para conhecer Deus na prática, não na teoria (Mt 25: 12, Jo 7: 28, 8: 19, 2 Ts 1: 8, Tt 1: 16). Uma terceira palavra, ἐπιγινώσκω , dá ênfase ao conhecimento completo, porém pode ter a mesma amplitude de significados que as outras duas.

Assim como os termos bíblicos para ensinar e aprender não conferem um prêmio especial à habilidade de processar informação, os termos para conhecer também não exaltam o intelecto como um fim em si mesmo. Novamente voltamos às palavras de Jesus para captar o significado principal de ensino e aprendizado, no sentido em que a educação cristã deve entendê-los: "Todo aquele que for bem instruído será como o seu mestre" (Lc 6: 40). Será como ele naquilo que ele sabe, sim. Mas saber o que o professor sabe não é o objetivo. O objetivo é ser como *ele é*. Transmitir vida, com seu conceito, atitude, valores, emoções e entrega, exige que a pessoa reparta com a outra tudo que for necessário para fazê-la mais semelhante a Cristo.

seguir e imitar

Para transmitir vida parece ser importante que haja um modelo ou exemplo. Jesus disse, quando estava lavando os pés dos discípulos: "Eu vos dei o exemplo" (Jo 13: 15). A palavra que Ele usou, ὑπόδειγμα , significa exemplo, modelo, padrão. O Novo Testamento a usa no bom sentido: algo que motiva outros a imitar, a agir, ou evitar (Hb 4: 11, 2 Co 5: 10, 2 Pe 2: 6).

Encontramos a mesma idéia no conhecido chamado de Jesus: "Siga-me" (Mt

9: 9, 19: 21, Mc 1: 18, 2: 14, 8: 34, Lc 5: 11, Jo 1: 40, 43). "Vinde após mim", Jesus disse, "e eu vos farei pescadores de homens" (Mt 4: 19). Em outras palavras, Eu farei com que vocês sejam como Eu.

A idéia de tentar imitar ou igualar um modelo aparece ainda de outras maneiras no Novo Testamento. O verbo μιμέομαι (imitar) aparece em Ef 5: 1: "Vocês são filhos queridos de Deus, e por isto precisam ser como ele" (BLH). Tem o sentido de "seguir o exemplo" em outras passagens: "Vocês sabem que devem seguir o nosso exemplo; fizemos isto "para que vocês seguissem o nosso exemplo" (2 Ts 3: 7, 9 BLH; veja também Hb 13: 7, 3 Jo 11). O substantivo, μιμητής , fala dos crentes como seguidores, imitadores, ou que reproduzem um modelo. E isto vai além de uma imitação de comportamento! As atitudes e valores do modelo devem se tornar parte da personalidade do discipulando (1 Co 4: 16, 11: 1, Ef 5: 1, 1 Ts 1: 6, Hb 6: 12), e até conceitos ("o que é bom") podem ser um modelo para nós (1 Pe 3: 13).

Jesus chamou os discípulos para que estivessem *com Ele,* porque eles precisavam ver na prática os conceitos que Ele estava ensinando. Eles tinham de ver a Palavra encarnada para entendê-la de verdade e corresponder-lhe, *tornando-se como* seu líder!

Os conceitos gêmeos de "estar com" e "Seguir o exemplo" são de importância vital na educação cristã. Temos de estar prontos para abandonar nossa dependência de precedentes estabelecidos pelo sistema secular de educação, que não se preocupa com *semelhança* mas com informações, e desenvolver um processo de educação sem igual, fundamentado sobre o conceito bíblico de crescimento da vida. Neste novo processo os papéis de professor e aluno têm de estar harmonizados com a necessidade de um modelo que "pode fazer discípulos" transmitindo experiências.

uma passagem crítica

Os temas abordados neste capítulo põem em primeiro plano uma passagem muito importante do Antigo Testamento, de significado especial para a educação cristã. A orientação de Deuteronômio 6 foi dada em uma situação histórica especial. A comunicação da verdade divina deixou de vir por interferência direta de Deus (como os acontecimentos do êxodo, de Jericó, etc), e a partir deste momento passaria a vir da revelação escrita por Moisés.

Naquele momento o povo de Deus foi encarregado de transmitir a palavra escrita de uma maneira que transformasse vidas, o que vale também para nós hoje. A Escritura estabelece um padrão para a comunicação da Palavra que ainda serve de diretriz básica para uma educação cristã teologicamente sadia.

Depois de resumir a importância da ordem que Deus está dando, e de revelar a motivação de amor que O fez falar, a passagem apresenta o padrão para a comunicação.

"Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força. Estas palavras que hoje te ordeno, estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te e ao levantar-te" (Dt 6: 4-7).

Examinando esta curta passagem vemos claramente os elementos críticos que já observamos no ministério de Jesus.

Um modelo é pré-requisito. Os versículos 4-6 concentram nossa atenção na pes-

soa do professor. Ele ou ela deve ser uma pessoa que tenha um relacionamento amoroso pessoal com o Senhor. E este amor tem de ser demonstrado assimilando palavras da Escritura. A verdade revelada também tem de ser vivida.

Intercâmbio. Dirigindo a atenção para as gerações futuras, Moisés encara os pais como principais transmissores da vida de fé aos seus filhos. O relacionamento semi par entre pais e filhos – prolongado, estável, amoroso, variado – é o contexto ideal para a comunicação da verdade revelada e do seu impacto na vida. Este relacionamento não somente provê o impacto que causa o exemplo dos pais; facilita também a compreensão de motivações, sentimentos e atitudes, além da imitação do comportamento.

Toda a educação cristã não precisa ocorrer em casa, porém o "relacionamento familiar" ou "sentimento familiar" *deve* ser levado em conta em qualquer planejamento de ensino/aprendizado. Não devemos abandonar o lar como base de crescimento das crianças em favor de uma imitação de escola; pelo contrário, temos de reafirmar que o lar é central, e levar a sério nossa tarefa de idealizar um sistema educacional que ajude os pais em sua tarefa.

vida como contexto. A passagem acima deixa claro que a Palavra de Deus deve ser ensinada e motivar diálogo. A palavra escrita é um elemento necessário na educação cristã. Significativo aqui não é esta afirmação, que os conservadores já aceitaram, mas uma compreensão do contexto crítico no qual a Palavra deve ser introduzida. Não temos aqui um quadro de ensino em sala de aula! Temos, isto sim, uma idéia de como será, séculos depois, o método de Jesus de discipular. Professor e aluno fazem experiências juntos. Na vida em si a Palavra é ensinada e discutida!

São estes os elementos sobre os quais a educação cristã deve novamente chamar a atenção, se estamos mesmo pensando em vida. E temos de estar dispostos a abordar, com estas dimensões de ensino e aprendizado – modelo, intercâmbio e a vida como contexto – a reconstrução da educação cristã na Igreja.

VERIFICAÇÃO

(Casos,
perguntas,
incentivos à reflexão,
notas adicionais)

1. Os dois primeiros capítulos deste livro terminaram com uma série de afirmações sobre a natureza da nossa fé, a meta e ênfase da educação cristã e a promoção do crescimento dentro da comunidade cristã (pp 14 e 21). Este capítulo não tem um resumo semelhante.

   Releia o capítulo 3, e tente você escrever um resumo, assim como você acha que o autor gostaria de colocar aqui.
2. O material apresentado neste capítulo abre muitas portas para um estudo profundo de termos e conceitos bíblicos. Relaciono aqui alguns estudos possíveis:
   a. Analise o contexto de cada passagem em que aparece a palavra "discípulo", e observe o relacionamento entre professor, aluno e ambiente.
   b. Estude com atenção diversas passagens críticas sobre discipulado, como Mt 10: 32-39 ou Lc 14: 26s.
   c. Faça um estudo profundo de cada ocorrência de uma ou mais das se-

guintes palavras:

ידע— saber, aprender, vir a saber
γινώσκω— saber, vir a saber
οἶδα— saber
σοφία— sabedoria
ירה— mostrar, dirigir, ensinar
לכד— ensinar
διδάσκω— instruir
μανθάνω— aprender

d. Leia alguns comentários sobre Dt 6, e faça um resumo de suas descobertas.
e. Leia o que você achar sobre discipular e discipulado, e faça uma avaliação crítica.

3. Iris V. Cully escreve o seguinte em *Change, Conflict, and Self Determination: Next Steps in Religious Education* (Westminster Press; Philadelphia, 1972):

> O "modelo" da educação religiosa sempre tem sido a escola, ou seja, uma experiência de sala de aula, divisão por idade, professor como autoridade que possui conhecimento, inteligência e sabedoria. Este modelo está sendo abandonado. As críticas que atingem a educação em geral fizeram vacilar a segurança da educação na igreja. Sua visão de educação está mudando drasticamente, o que causa conflitos (pg 161).

Cada um dos três extratos abaixo reflete uma ou mais críticas ao modelo escolar de educação. Escolha um e escreva uma avalição, tendo em vista os conceitos discutidos neste capítulo.

a. A escola (esta parte da educação dirigida de maneira formal por especialistas) começou em um contexto de autoridade e de repassar por meios mecânicos verdades universais que não podiam ser questionadas por alunos jovens. O professor sabia, por isto ele era professor; o aluno não sabia, e por isto era aluno. A comunicação entre professor e alunos era sempre de mão-única, com todas as vantagens do lado do professor. Primeiro o professor ensinava, palestrando e mostrando; depois os alunos tinham de recitar oralmente ou no papel o que lembravam, para que o professor pudesse verificar se tinham entendido. Assim se desenvolveu o atual conceito de professor e aluno. O professor planejava, apresentava, desenvolvia, explicava, ilustrava e resumia, geralmente por via oral, apesar de às vezes usar quadro-negro ou exemplos. O aluno tomava notas, pensava individualmente, e no fim demonstrava se tinha entendido ou não, ou pelo menos recitava o que lhe tinha sido ensinado.

Alfred H. Gorman, *Teacher and Learners: The Interactive Process of Education* (Allyn and Bacon, Inc., Boston, 1969).[1]

b. Peter F. Drucker, escrevendo sobre "Escola depois da esquina" em *Psychology Today* (junho de 1972, pg 84), relaciona as seguintes

1 Extraído de *Teachers and Learners: The Interactive Process of Education;* 1969. Usado sob permissão de Allyn and Bacon Inc., Boston.

idéias, que norteiam o ensino em qualquer país:

1) aprender é uma atividade "intelectual" separada e distinta;
2) aprender se dá num órgão separado do corpo e das emoções: a mente;
3) aprender nada tem a ver com fazer – de fato são opostos entre si; na melhor das hipóteses aprender é um preparo; e
4) aprender, por ser um preparo, é para os jovens.

c. O seguinte breve capítulo aparece no pequeno livro de Rolf E. Aaseng, *Anyone Can Teach (They Said).*[2]

> – Você não deveria usar sempre o mesmo método de ensino.
>
> – Amém! – eu disse com convicção – em voz baixa, é claro.
>
> Ele continuou:
>
> – Como você pode querer manter o interesse de um grupo de adolescentes, e além disto fazer com que aprenda alguma coisa, se você fica só parado na frente deles, falando sempre do mesmo jeito?
>
> Sem muito ânimo eu tentei disfarçar um bocejo, enquanto olhava ao redor, para os professores que tinham aproveitado o bom tempo para vir ao nosso encontro mensal de professores. Vi diversos olhos cansados.
>
> Finalmente teremos uma oportunidade para descansar, pensei, quando ouvi a afirmação:
>
> – Até adultos ficam cansados quando ouvem sempre a mesma coisa. Varie em suas palestras!
>
> Ele continou sem pausa:
>
> – Não devemos desprezar a ajuda audio-visual. – Depois ele continuou falando sobre estes métodos de ensino.
>
> Finalmente o seu tempo passou. O organizador do encontro veio em minha direção:
>
> – Eu gosto muito de ver que você vem tão fielmente a estes encontros de professores. É uma vergonha que tão poucos venham. Eu gostaria de saber o que fazer para melhorar isto.
>
> Deveria eu dizer-lhe?
>
> Ele continuou:
>
> – É como nos estudos bíblicos. Só muito poucos vêm.
>
> – Ah, sim, a classe de estudo bíblico. Eu tinha ido algumas vezes. O líder geralmente falava nestes termos:
>
> – Vocês têm de penetrar na Palavra vocês mesmos, antes que eu possa ser-lhes realmente útil. – Depois ele passava o restante do tempo ensinando-nos o que poderíamos aprender lendo a Bíblia.
>
> De repente lembrei-me da minha própria classe. Ouvi-me dizendo:
>
> – Vocês têm de memorizar isto. – Porém meu livro estava aberto na minha frente, e eu dava a aula mesmo quando eles não faziam a sua parte.

2 Extraído de *Anyone Can Teach (They Said)*, de Rolf E Aaseng. Usado sob permissão de Augsburg Publishing House, Minneapolis, Minnesota.

Ou eu murmurava:

— Um cristão deveria ser alegre. — Ou exigia:

— Por que vocês crianças não trazem suas Bíblias à escola dominical? — enquanto eu mesmo emprestava a minha da reserva da igreja.

— Tragam seus amigos à escola dominical — eu lhes dizia. Mas será que eu já tinha uma vez trazido alguém? Eu tento imprimir neles a necessidade de orar e estudar a Bíblia diariamente; mas, francamente, eu espero que eles sejam mais fiéis nisto do que eu.

Apesar de eu enfatizar a importância de amar e perdoar, esta importância desaparece de repente quando eles fazem uma brincadeira comigo.

Às vezes eu os repreendia por não guardarem uma atitude de adoração durante o culto. Eu sabia disto porque estava montando guarda lá atrás.

— Não faça como eu faço; faça como eu digo — um professor sem ambições disse certa vez à sua classe. Mas nós nunca seguimos este conselho.

Alunos nunca fazem isto.

4

dinâmica da vida: relacionamento "familiar" da igreja

Assim que passarmos a entender a educação cristã como um intercâmbio – interação de professores e alunos na vida – surge a questão do relacionamento. O que marca o relacionamento de aprendizado? O que facilita o processo de imitação, em que o discípulo se torna como seu mestre, à medida que cresce?

Jesus pôs o relacionamento em posição de destaque: "Assim como eu os amei, amem também uns aos outros" (Jo 13: 34 BLH).

É difícil deixar de ver a ênfase que o Novo Testamento dá ao amor. Jesus diz que o amor é o "novo mandamento" (Jo 13: 34, 35), ao qual Paulo e outros autores do Novo Testamento se referiram bastante. Para Tiago esta necessidade que o Corpo tem de amor mútuo é "a Lei de Cristo" (e ele enfoca algumas expressões práticas desta exigência real no capítulo 2). Pedro insiste que o evangelho nos purifica para podermos ter um "amor fraternal não fingido" e por isto "amai-vos de coração uns aos outros ardentemente" (1 Pe 1: 22). João encara o amor entre os que pertencem à família de Deus como evidência do relacionamento com Deus e de que a vida nova é uma realidade: "Sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos" (1 Jo 3: 14). Paulo afirma que toda nossa obrigação quanto aos outros é amá-los, porque quem ama automaticamente expressa toda a lei (Rm 13: 8-10). Ele repete este pensamento em Gálatas, incentivando-nos a sermos "servos uns dos outros , pelo amor" (5: 13-18). Paulo tem até coragem para escrever a Timóteo que o propósito de ensinar a verdade e a doutrina sadia é "o amor que procede de coração puro e de consciência boa e de fé sem hipocrisia" (1 Tm 1: 5).

O amor dentro do Corpo como marca especial de relacionamento familiar, e o amor para com os que ainda não evidenciam a vida que o amor de Deus dá, são temas familiares a todos nós. *Estranho é que nós esquecemos o seu significado para a educação cristã! Ao assimilarmos o conceito "escolar" para transmitir fé perdemos de vista a comunicação da fé = vida. Se não compreendermos que nossa meta é vida, passamos ao largo da profunda necessidade de que haja um relacionamento de amor para haver crescimento em Cristo.*

os servos do corpo

Assim que começamos a pensar sobre educação cristã como crescimento na semelhança com Cristo, deparamo-nos com passagens no Novo Testamento que falam do Corpo e do seu serviço. Como eu observei no capítulo 2, o crescimento do indivíduo e da comunidade (edificação) envolve claramente o Corpo, e o uso dos dons espirituais por parte de cada membro do Corpo em favor do outro. Ef 4 deixa isto muito claro: o corpo todo, "segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor" (v. 16). Obviamente por esta razão o autor de Hebreus insiste em que "Nos consideremos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras". E continua: "Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações, e tanto mais quanto vedes que o dia se aproxima" (10: 24, 25). O Corpo foi feito para ser-

vir. Nós crescemos na vida de Cristo, individual e corporalmente, servindo uns aos outros.

Por isto é tão significativo que em cada passagem sobre o Corpo chama-se atenção sobre o contexto de relacionamento em que este tipo de ajuda e serviço mútuos podem se desenvolver! Em Rm 12 Paulo encoraja os crentes a abrirem seus corações e mentes à transformação, passa a falar do Corpo e dos dons espirituais, e *imediatamente* chama a atenção para o relacionamento entre as pessoas: "O amor seja sem hipocrisia" (12: 9). Depois ele descreve o relacionamento dentro do corpo e com os de fora, falando de atitudes, motivações e comportamento:

> Amem uns aos outros com carinho de irmãos em Cristo, e façam tudo para honrarem uns aos outros. Trabalhem bastante, e não sejam preguiçosos. Sirvam ao Senhor com o coração cheio de entusiasmo. Vivam alegres com a esperança que vocês têm; tenham paciência nas dificuldades, e nunca deixem de orar. Repartam com os irmãos necessitados o que vocês têm, e abram as suas casas aos estrangeiros.
>
> Peçam que Deus abençoe os que perseguem vocês. Sim, peçam que abençoe, e não que amaldiçoe. Alegrem-se com os que se alegram, e chorem com os que choram. Vivam em harmonia uns com os outros. Não sejam orgulhosos, mas aceitem serviços humildes. Não se julguem sábios.
>
> Não paguem a ninguém o mal com o mal. Procurem fazer o que todos acham que é bom. No que depender de vocês, façam todo o possível para viver em paz uns com os outros (12: 10-18 BLH).

A atenção que Paulo dispensa aqui ao relacionamento não é importuna. É uma constatação de que para que haja transformação, o contrário da conformação (12: 2), a qualidade de relacionamento que existe dentro da igreja é de importância vital.

Esta mesma idéia recebe destaque ainda maior em 1 Coríntios. Paulo fala a uma igreja local que correu como criança atrás dos dons do Espírito mais espetaculares, e dá ênfase em que o Corpo deve manifestar toda a atuação do Espírito (12: 14-26), incentivando os membros da igreja a não pensarem em si como indivíduos mas como partes do Corpo: uma comunidade. Com esta orientação eles devem reconhecer que desenvolver os dons é prioritário (12: 27-31), e estar ansiosos, como Corpo, por ver os maiores dons atuando entre eles (12: 31). Porém logo em seguida Paulo diz: "Eu vou mostrar a vocês o caminho que é o melhor de todos", e passa a dar uma explanação sobre o amor e o impacto que ele tem sobre o indivíduo, sua expressão na comunidade, e sua posição central na vida da igreja.

Paulo afirma que sem amor *nada* do que alguém faça por Deus *pode beneficiá-lo* (13: 1-3). Outros talvez tenham algum proveito desta ajuda aos pobres: porém não há lucro, ou crescimento para quem está dando. Entretanto, o que é amor, como ele se expressa no relacionamento?

O amor é paciente e bondoso. O amor não é ciumento, nem orgulhoso, nem vaidoso. Não é grosseiro, nem egoísta. Não se irrita, nem fica magoado. O amor não se alegra com o mal dos outros, e sim com a verdade. O amor nunca desanima, mas suporta tudo com fé, esperança e paciência (13: 4-7 BLH).

É esta qualidade de relacionamento dentro do Corpo que dá ao amor a vantagem sobre profecia, línguas, e até conhecimento. Estes podem não contribuir para a transformação da personalidade humana na imagem de Cristo. Mas "o amor nunca falha" (v. 8 RC).

A supremacia do amor sobre o conhecimento é algo que intriga os conservadores, que têm a tendência de considerar a Verdade como valor máximo. Porém, Paulo

não se exime de declarar esta prioridade. Analisando, neste mesmo assunto, uma disputa sobre a "verdade" em 1 Co 8 entre os que na igreja "sabiam" que era errado comer carne comprada nos templos pagãos e os que "sabiam" que estava tudo bem porque os ídolos não passavam de madeira, pedra e metal, Paulo escreve:

> Na verdade, como se diz, todos temos "conhecimento". Porém, esse tal"conhecimento" enche a pessoa de orgulho; mas o amor edifica. Se alguém pensa que sabe alguma coisa, de fato ainda não sabe tanto quanto devia saber. Mas quem ama a Deus é conhecido por ele (1 Co 8: 1, 2 BLH).

Paulo não cessa de encorajar os crentes a tratar deste problema baseando-se no amor, dispostos a ceder "direitos", até mesmo "o direito", por consideração pela consciência de outros que ainda não encontraram liberdade que há em Cristo.

Agora, cuidado. É fácil para alguém que pensa em termos de dicotomia (que organiza todas as coisas em duas esferas opostas entre si espiritual-material; religioso-secular) entender mal o que eu estou querendo dizer, citando Paulo. *Não estou dizendo que temos de escolher* entre *amor e verdade.* Paulo também não. O que estou sublinhando é que *verdade sem amor* pode trazer *conhecimento, mas não transforma, só "incha". Para que a verdade tenha um impacto sobre a personalidade humana, que a transforme, é preciso amor! Verdade transmitida em um contexto de relacionamento íntimo e amoroso será usada por Deus para reformar e renovar a personalidade do crente, para que ele seja como Cristo!*

Não é estranho que nas outras passagens que falam do Corpo nós encontramos a mesma ênfase em relacionamento. Paulo, ao explicar a tarefa da edificação do Corpo em Ef 4, escreve assim:

> Portanto, em nome do Senhor eu digo e insisto no seguinte: Não vivam mais como os pagãos, pois os pensamentos deles são inúteis. Vocês aprenderam, quanto à antiga maneira de viver, que devem abandonar a velha natureza de vocês, que está sendo destruída pelos seus maus desejos. Seus corações e suas mentes devem ser completamente renovados. Vistam-se desta nova natureza, que é criada de acordo com a semelhança de Deus, que se mostra na vida verdadeira que é reta e santa.
>
> Por isso não mintam mais. Cada um deve falar a verdade com seu irmão, porque todos nós somos membros do corpo de Cristo. Se você ficar com raiva, não deixa que isso o faça pecar, e não fique com raiva o dia todo. Não dêem oportunidade ao Diabo... Não digam palavras más, porém usem apenas palavras boas que ajudem os outros a crescer na fé e conseguir o que necessitam, para que aquilo que vocês dizem faça bem aos que ouvem. E não entristeçam o Espírito Santo de Deus. Porque o Espírito é a marca de propriedade de Deus em vocês, e a garantia de que chegará o Dia em que Deus os libertará. Abandonem toda amargura, ódio e raiva. Nada de gritaria, insultos, e maldade. Ao contrário, sejam bons e delicados uns com os outros. E perdoem uns aos outros, como Deus, por meio de Cristo, perdoou vocês (17-32 BLH).

O Corpo de Cristo, como comunidade que transforma, deve expressar de todas as maneiras possíveis a personalidade de Deus. *E é como uma comunidade de "imitadores de Deus... como filhos amados" quem vivem "em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós" (Ef 5: 1, 2), que a própria Igreja se transforma na mais poderosa força possível, na educação cristã.*

verdade na vida

Observei acima que ao insistir na importância do relacionamento, (particularmente no relacionamento de amor), na educação cristã, eu de modo nenhum estou abandonando ou diminuindo o compromisso com a Verdade. A Escritura fala claramente que ela é a verdade apresentada, à qual as pessoas (por serem limitadas para descobrir pela experiência em tempo e espaço) não têm acesso. Esta informação sobre os "pensamentos de Deus" nos foi revelada pelo Espírito Santo, através de homens que foram especialmente inspirados e guiados pelo Espírito Santo, "em palavras ensinadas pelo Espírito, conferindo cousas espirituais com espirituais" (I Co 2:8-16). Podemos ter tanta confiança nisto que junto com o apóstolo podemos afirmar que "temos a mente de Cristo", por causa da revelação.

Ao mesmo tempo Deus não se contentou em nos dar a Verdade como informação. Ele também nos deu verdade *na vida*. Sem dúvida esta é uma das poderosas motivações que estão por trás da encarnação. Ao lado da redenção está o propósito da revelação: "Nestes últimos dias (Deus) nos falou pelo Filho" (Hb 1: 2). Conceitos *sobre* Deus receberam expressão viva quando a Palavra se tornou carne "e habitou entre nós" (Jo 1: 14). Parece que João tinha sempre este pensamento em mente: "O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida" (1 Jo 1: 1-3). A comunicação da informação por palavras já é tida como divina: esta mesma verdade revelada na personalidade de um ser humano não só mereceu crédito – ela foi reconhecida como *realidade chocante*.

Isto faz parte do espírito e da singularidade da tarefa da educação cristã. A verdade divina deve ser revelada como realidade para que o crente se entregue cada vez mais a Deus para experimentar as realidades que a Palavra apresenta. Verdade e exemplo sempre andam juntos. Palavra e encarnação são inseparáveis. Conceito e modelo humano são gêmeos essenciais, nunca podem ser separados. *É por isto que a educação cristã é serviço de pessoa para pessoa.* Por esta razão quando elaboramos sistemas de educação cristã *temos* de fazer com que a Palavra seja explorada em um contexto de relacionamento, no qual a realidade visível das palavras de Deus possa ser vista e sentida por outros. Isto é outro motivo de precisarmos de um relacionamento íntimo, onde verdade e amor nos libertam para nos conhecermos e revelarmos aos outros com sinceridade.

Não é de se admirar que Paulo tenha escrito ao jovem Timóteo: "Tem cuidado *de ti mesmo* e da doutrina" (1 Tm 4: 16), incentivando-o a ser um "padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza" (4: 12). Assim como Timóteo sabia "tudo sobre" o "ensino, procedimento, propósito, fé, longanimidade, amor, perseverança, perseguições e sofrimentos" de Paulo (2 Tm 3: 10), outros crentes deveriam saber tudo sobre Timóteo. Verdade e vida deveriam estar em harmonia em sua personalidade. Os conceitos contidos na Palavra de Deus deveriam se tornar *realidade* visível nele.

processo, não produto. A intimidade de relacionamento em que a encarnação da realidade que deve acompanhar o ensino da verdade revelada implica, é algo que muitos encaram como ameaçador. Uma das razões para isto é a sua consciência da sua imperfeição. Entretanto fica claro que o relacionamento descrito na Bíblia como apropriado entre cristãos é extremamente auto-revelador. Devemos repartir com os outros as cargas, e ajudá-los a carregar as suas (Gl 6: 1). Às vezes ficamos com raiva... porém a raiva não deve ser guardada; o que a motiva deve ser removido antes do por-do-sol (Ef 4: 26). Devemos repartir com os outros, pecaremos uns contra os

outros... e teremos de constantemente restaurar o relacionamento, dando e recebendo perdão (Ef 4: 32, Cl 3: 13). Parece que devemos ter tal intimidade a ponto de poder admitir nossos pecados diante de outros, orando juntos por reabilitação (Tg 5: 16).

Estas indicações tornam bem evidente que um relacionamento íntimo dentro da Igreja revelará muitas imperfeições! Não seremos capazes de imitar com perfeição o caráter que teremos um dia, como Jesus fez. Então, o que os crentes formam, à medida que se conhecem no amor que rege o relacionamento dentro do Corpo? Nós *formamos uns para os outros um modelo do processo de transformação.* Podemos permitir que fiquemos conhecidos como pessoas imperfeitas, porque com isto revelamos também o ministério que o Espírito Santo está desenvolvendo em nós, causando uma mudança progressiva!

2 Co 3 é muito instrutivo aqui. Paulo nos relembra Moisés, cujo rosto brilhava depois de ele se encontrar com Deus no Sinai. O povo de Israel ficou surpreso com este brilho – e Moisés estava contente! Porém Moisés logo percebeu que o brilho estava desaparecendo. Ele estava começando a ter novamente sua aparência normal. Por isso ele usou um véu durante algum tempo, "para que o povo de Israel não pudesse ver que o brilho estava desaparecendo" (2 Co 3: 13 BLH). Estava ocorrendo um processo de *deterioração*, e Moisés tinha de ocultar isto. Paulo aplica a nós a liberdade que a atuação do Espírito nos traz. Em nós não ocorre *deterioração*, mas *transformação.* Não há *perda* progressiva de glória no processo, porém esta *vai aumentando. E por estarmos certos de que Deus está atuando em nós, nós removemos os véus que nos ocultam de outros*! Isto é sensacional! Paulo diz que "onde o Espírito do Senhor está presente, aí há liberdade. Portanto, todos nós, com o rosto descoberto, refletimos como um espelho a glória do Senhor. Aquela glória vem do Senhor, que é o Espírito. Ela nos torna parecidos com o Senhor, e assim a nossa glória fica cada vez maior" (3: 17, 18 BLH).

liberdade para crescer. Compreendendo que a atuação de Deus em nós é um processo, e tendo no amor e na aceitação de outros crentes liberdade para sermos nós mesmos e nos aceitarmos, teremos também liberdade para crescer. O amor dentro do Corpo nos leva a "acolher ao que é débil na fé, não, porém, para discutir opiniões" (Rm 14: 1). Em vez de "julgar uns aos outros" devemos "tomar o propósito de não pôr pedra de tropeço ou escândalo ao vosso irmão" e "andar segundo o amor fraternal" (Rm 14: 13, 15). A comunidade deve se concentrar em "seguir as coisas da paz e também as da edificação de uns para com os outros" (Rm 14: 19). Tendo este tipo de liberdade, auxiliados pelo amor de outros que além de refletir o amor de Cristo por nós revelam em suas personalidades a realidade da transformação prometida pela Escritura, os crentes têm liberdade para crescer.

muitos modelos. Ao refletirmos sobre a teologia da educação cristã, é importante que reconheçamos que este quadro da comunidade nos mostra que a vida de fé precisa de muitos modelos. Os líderes devem ser modelos e exemplos incisivos para a igreja. (Não é de estranhar que a descrição dos líderes espirituais da igreja em 1 Timóteo e Tito dê tanta ênfase ao caráter!) Porém a doutrina do sacerdócio de todos os crentes, e o ensino paralelo de que cada membro do Corpo tem dons espirituais que devem ser usados na edificação de outros, destaca o fato de Deus ter providenciado muitos modelos para a vida de fé. *O modelo "escolar" de educação, com seu único professor preocupado com conteúdo, é completamente inadequado para a educação cristã. Qualquer sistema educacional desenvolvido por um cristão para expressar o ministério educacional sem paralelos que é promover o desenvolvi-*

mento da vida em Cristo, deve refletir o ensino bíblico que a comunicação de vida é um ministério mútuo de e para todos.

A educação cristã *é* diferente.
Na educação cristã a ênfase central é vida.
Na educação cristã nosso propósito é transformar.
Na educação cristã toda a comunidade está envolvida.
Na educação cristã modelos e relacionamento interpessoal são assuntos cruciais.

VERIFICAÇÃO

(casos,
perguntas,
incentivos à reflexão,
notas adicionais)

1. Há neste capítulo muitas idéias que podem ser exploradas em estudos bíblicos indutivos. Aqui há alguns projetos de estudo possíveis:
   a. Leia 1 Ts 2: 4-14, que é um retrato sugestivo de como Paulo fazia para criar um novo grupo. Podemos nos fazer as seguintes perguntas, entre outras: Como os tessalonicenses sabiam que Deus os amava? Descreva o relacionamento que havia entre Paulo e os tessalonicenses. Quantos havia no grupo quando Paulo foi trabalhar entre eles? Qual era o objetivo de Paulo? Como podemos dizer se ele o alcançou? Qual é o significado de "sabeis" (v. 5), "oferecer-vos... nossa própria vida" (v. 8) e "cada um de vós" (v. 11)?
   b. Analise as qualidades que líderes de igreja devem ter (1 Tm 3 e Tt 2) e relacione cada "exigência" com um propósito oculto ou uma função que facilite a transformação.
   c. Faça uma pesquisa nas epístolas, e se concentre em tudo o que elas dizem sobre o relacionamento dentro do Corpo. Das suas descobertas desenvolva uma análise detalhada do tipo de relacionamento em que temos de dar ênfase em um sistema educacional.
2. David B. Crispin, escrevendo em *Educational Technology* sobre "Técnica da Análise do relacionamento" (1970, pp 13-17), faz um resumo de uma tentativa de avaliar padrões de relacionamento e comportamento dentro de uma sala de aula. Este artigo ilustra como os educadores se têm concentrado em interação escolar, principalmente na última década. Preste atenção, agora, à citação e explanação do sistema Flanders que segue (cf *The Role of the Teacher in the Classroom*, de Edmund Amidon e Ned Flanders, Associação de Ensino Produtivo, Inc., Minneapolis, 1967). Depois, a) descreva os tipos de relacionamento que parecem estar implícitos nos vários critérios, e b) desenvolva seu próprio critério de análise para observar uma escola dominical ou outra situação de ensino/aprendizado de educação cristã.

   Se você tiver oportunidade, visite uma sala de aula e tente preencher uma ficha de avaliação. O que você *esperaria* encontrar? O que você *encontrou*? Eis a citação:

   > Flanders classifica as afirmações dos professores em *diretas ou indiretas. As afirmações diretas minimizam a liberdade do aluno para responder. As afirmações indiretas maximizam a liberdade da resposta*

do aluno. Dentro do grupo *indireto* de afirmações o professor pode se comportar de quatro maneiras:

1. Ele aceita sentimentos. Ele aceita e esclarece o caráter sentimental do aluno de uma maneira que não ameace. Sentimentos podem ser positivos ou negativos; inclusive os que predizem ou relembram.
2. Ele elogia ou estimula o comportamento do aluno. Piadas que aliviem a tensão, não à custa de outros.
3. Ele aceita ou usa idéias de alunos; esclarecendo, edificando e desenvolvendo idéias ou sugestões de alunos.
4. Ele faz perguntas, sobre conteúdo ou métodos, com a intenção de fazer o aluno responder.

O grupo *direto* de Flanders inclui três categorias:

5. Palestras: ele fornece fatos ou opiniões sobre conteúdo ou métodos; expressa sua própria idéia; faz perguntas retóricas.
6. Ele dá instruções: orientações, ordens, que o aluno deve cumprir.
7. Ele critica ou justifica a autoridade; faz afirmações que têm a intenção de mudar o comportamento do aluno, de um padrão não aceitável para aceitável; pode gritar com alguém; ele é o único ponto de referência.

Há dois tipos de comportamento de alunos:

8. O aluno fala — respondendo: o professor toma a iniciativa ou solicita que o aluno se pronuncie. O aluno responde perguntas ou segue orientações do professor. Sua reação é predizível.
9. O aluno fala — por iniciativa própria. Ele queria falar. Não é possível predizer o que ele vai dizer.

A última categoria é outro tipo de comportamento. Ela inclui tudo que não faz parte dos outros nove ítens:

10. Silêncio ou confusão: pausas, períodos de silêncio; períodos de confusão durante os quais o observador não consegue entender a comunicação.

Podemos resumir as categorias de Flanders assim:

Influência indireta	1 Aceita sentimentos 2 Elogia ou estimula 3 Aceita e usa idéias dos alunos 4 Faz perguntas
O professor fala	5 Palestras
Influência direta	6 Dá instruções 7 Critica ou justifica a autoridade
O aluno fala	8 Respondendo ao professor 9 Reação de iniciativa própria
	10 Silêncio ou confusão

3. Muitos pedagogos têm se preocupado com as dimensões de relacionamento

e interação dentro da sala de aula, porém muitas pessoas desanimaram da possibilidade de um ensino que vai além da aquisição de conhecimento. Por exemplo: Richard E. Farson escreve o seguinte em *Psychology Today*, sob o título "Barreiras Emocionais da Educação". Veja se você concorda em que suas afirmações são apropriadas também para avaliar nossos sistemas tradicionais de educação cristã.

> No momento, ténicas não-cognitivas ou não-verbais não são consideradas respeitáveis em termos acadêmicos. Elas ainda não foram formuladas com uma estrutura conceitual; parecem imprecisas, vagas, indistintas, até mesmo ameaçadoras. Sentimos que temos de fixar os olhos na caixa de Pandora, pois temos medo que ela contenha os elementos irracionais, potencialmente explosivos da natureza humana.
>
> Quando relacionamento ou emoções escapam da caixa, nós recuamos e nos refugiamos no ditado de que só profissionais qualificados podem tratar do que não é racional no ser humano. A psiquiatria antiquada é em grande parte responsável pela atitude predominante de que os professores devem evitar intrometer-se na psiquê das crianças. Esta bobagem assustou tanto os professores que eles evitam qualquer contato com os alunos como pessoas.
>
> Nós nos tratamos uns aos outros como se fôssemos muito frágeis, como se qualquer ataque ou invasão das nossas defesas levasse a uma atrofia de toda a pessoa; ou nós consideramos uns aos outros como um conjunto mal unido de papéis sociais que serve para cobrir o que poderia ser uma realidade assustadora — uma fera depravada ou, na melhor das hipóteses, a "natureza animal" do homem.
>
> Não há dúvida que educar para ser humano exigirá de professores e alunos que se defrontem como seres humanos, com todos seus problemas e possibilidades, esperanças e temores, raiva e alegria, que perfazem o ser humano. Relacionar-se desta maneira pressupõe que tenhamos menos medo em ver o que são as pessoas e reconhecer que elas não se desintegrarão assim que alguém as abordar a nível emocional.
>
> Este medo da emocionalidade é, acho, em parte responsável por nosso temor de intimidade. Não temos coragem de nos revelar, de falar dos nossos sentimentos. Desenvolvemos um conjunto sofisticado de dispositivos sociais que nos permite pôr distância entre nós e outros, o que orienta nosso relacionamento e nos dá privacidade em uma sociedade compacta e complexa. Algumas pessoas se sentem constrangidas até ao usar palavras como "íntimo" e "amoroso". A maioria das pessoas, inclusive profissionais, são da opinião de que o mecanismo de qualquer organização social, sem dúvida também da escola, ficará emperrado se as pessoas se preocuparem umas com as outras e não mais com os negócios. Mesmo assim temos uma grande necessidade de momentos em que repartimos sentimentos, pois isto nos dá a impressão de comunidade e nos lembra de que nós fazemos parte da raça humana.

O que Farson diz aqui pode nos incentivar a fazer algumas perguntas pessoais sobre nosso relacionamento com outros, como cristãos.

* Qual é a minha reação a palavras como "íntimo" e "amoroso"?

* Sinto-me à vontade quando me relaciono a nível emocional com outros crentes?
* Tenho coragem de revelar-me, e minhas emoções?
* Sou da opinião de que a atividade de ensino bíblico da igreja e da educação cristã ficará emperrada se nós professores e alunos nos ocuparmos mais uns com os outros?
* Tenho vontade de me "relacionar com outros em sua totalidade como ser humano", como parte básica da minha vida cristã?

Estas são perguntas que perturbarão muitos crentes. Porém elas têm de ser enfrentadas. *São assuntos em que temos de deixar a Palavra de Deus nos guiar e compartilhar nossas atitudes e pontos de vista.* Como é estranho quando nos negamos a nos submeter à Palavra de Deus, enquanto a defendemos com tanta agressividade.

A propósito: com base nos conceitos apresentados neste capítulo, e em tudo que pode ser encontrado na Escritura sobre este assunto, na sua opinião qual seria uma resposta apropriada a cada uma das perguntas acima, marcadas com asterisco (*)?

5

transmissão de vida: a igreja evangelizando

Um dos aspectos de qualquer espécie de vida é a reprodução. Entender a Igreja como um organismo que cresce e se edifica em amor (Ef 4: 16) e que tem a missão de fazer discípulos (Mt 28: 19) implica não só em ajudar os membros a crescer, mas também em evangelização.

Como atacar este aspecto? Novamente é Jesus quem dá a resposta: "Amem uns aos outros". E conclui: Nisto "todos saberão que vocês são meus seguidores" (Jo 13: 34, 35 BLH).

É importante reconhecer os paralelos entre a educação e a evangelização na Igreja. Ambas se preocupam com a vida divina, é claro. Ambas são sobrenaturais em essência, porém praticadas no contexto do mundo natural.

Paulo, escrevendo aos romanos, fala do seu grande desejo de pregar o evangelho entre eles. Ele diz: "Não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé" (Rm 1: 15-17).

Isto é sensacional! Comunicar a mensagem que é "o poder de Deus para a salvação" – para isto o grande apóstolo quer ir para Roma... e *falar*.

Isto até parece estar errado. Sem dúvida a transmissão da vida de Deus deve envolver algo menos comum que pregar ou conversar. Meios tão comuns, tão *naturais*, não podem comunicar ou desenvolver *vida*.

Mesmo assim nós constantemente descobrimos na Escritura que o sobrenatural não está em conflito com o natural. Canais de comunicação que qualquer cultura usa para transmitir crenças, valores, concepções de vida, *são os mesmos* que o Espírito Santo adapta para a transmissão e desenvolvimento da vida divina! Existem palavras. Existem exemplos vivos para dar expressão visível a conceitos abstratos. Existe relacionamento que encoraja (ou desencoraja) a assimilação. Existe aceitação, e o tipo de transparência que motiva e muda. Existem persuasão, explicação, ensino. Existe um aprendizado ativo de novas técnicas e modos de vida. Existem perguntas, diálogo, autoridade e obediência. *A Palavra de Deus que nos traz a vida de Deus é processada na experiência humana exatamente da mesma maneira que são processadas quaisquer palavras sobre vida que visem se expressar como cultura.*

evangelização como educação

Não temos dado suficiente atenção, na educação cristã ou na evangelização, à afirmação de que Deus usa meios naturais para transmitir a Palavra da vida. Se aceitarmos esta premissa, veremos paralelos interessantes entre a evangelização da Igreja e seus sistemas educacionais.

Por exemplo:

- Nos dois casos a Palavra de Deus está envolvida.
- Nos dois casos o objetivo é uma reação-de-fé.
- Nos dois casos esta reação pressupõe a atuação do Espírito Santo.

* Nos dois casos esta reação envolve ativamente a pessoa.
* *Nos dois casos a reação é facilitada pelo relacionamento*!

Provavelmente somente esta última afirmação provoque alguma discussão. Nós fomos condicionados a encarar a evangelização como um encontro de massa em um estádio de futebol, ou como bater em portas de quarto para falar a um colega estudante sobre uma receita com simples quatro passos. Com certeza Deus usa estes métodos. Não estou falando *contra* eles. Estou sugerindo, isto sim, que eles representam somente *parte* do que a evangelização pode ser... e que uma evangelização de relacionamento deve ser a ênfase do povo de Deus, da mesma forma como uma educação cristã de relacionamento. Vemos isto quando fazemos uso da evangelização coletiva (a maneira com que o Corpo como um todo comunica vida nova) e da evangelização individual (o ministério de cada crente ao seu mundo).

o testemunho da comunidade. As palavras de Jesus com que nós iniciamos este capítulo na verdade são uma boa sacudida. Ao nos ensinar que a marca dos discípulos é o amor entre si, o Senhor acrescenta: "Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos".

A ênfase não está no fato de que nós somos discípulos, mas no fato de que nós somos *Seus*. A realidade visível e totalmente convincente do amor de Cristo expressado pelo Corpo de Cristo é a evidência mais persuasiva da verdade do evangelho que podemos apresentar. Isto, junto com nossa comunicação da Palavra, provoca a exclamação: "Na verdade, Deus está com vocês!" (1 Co 14: 25)! Esta constatação, é claro, nem sempre leva à conversão. Paulo fala dela como testemunha no julgamento do que se opõe ao evangelho. E exorta a Igreja a se comportar de modo digno e se unir em um testemunho coletivo (Fp 1: 26-30). A natureza e o caráter da comunidade cristã serve de "modelo para todos os crentes na Macedônia e na Acaia" e, especificamente no caso dos tessalonicenses, na maneira com que "de vós repercutiu a palavra do Senhor... por toda parte" (1 Ts 1: 4-10).

Não devemos encarar a evangelização somente como um ministério individual, porém coletivo, de todo o Corpo. O relacionamento de amor que há no Corpo é a chave para a comunicação do evangelho "a todas as pessoas".

o testemunho do indivíduo. Temos casos de "evangelização de estranhos" (Jesus no poço e Filipe com o funcionário etíope), porém o consenso geral não deixa de ser de que o relacionamento é vital para o testemunho individual. Paulo adverte os crentes que não se abstenham de ter contato com pagãos, não-crentes (1 Co 5: 9-13). Ele diz que os crentes são certificados, "escritos nos corações, e que todos podem examinar e ler. Sim, vós sois uma carta aberta acerca de Cristo, que nós próprios escrevemos não com tinta e caneta, mas com o Espírito do Deus vivo. E a nossa mensagem não foi gravada na pedra, mas sim em seres vivos" (2 Co 3: 1-3 Cartas às igrejas novas).

Seja qual for a reação inicial dos espiritualmente mortos às novas atitudes e comportamento que crescem nos que receberam vida, "a conduta" dos crentes "*entre os incrédulos deve ser boa*". Pode haver oposição e até acusações de "malfeitores". Porém quando o crente evidenciar seu compromisso com o amor, em meio às dificuldades, eles reconhecerão "as boas ações" dele e "louvarão a Deus" (1 Pe 2: 12 BLH).

O contato que o crente tem com os não-salvos no mundo abre possibilidades para dois tipos de testemunho: refletir e ter iniciativa. *Refletir* se refere à oportunidade de manifestar a transformação de caráter que Deus Espírito Santo está operando. O fruto que Ele produz, amor, alegria, paz e paciência de que fala Gl 5: 22, 23,

é uma prova convincente de que Cristo é realidade. *Para encarnar a obra do Espírito diante de outros precisamos estar bem perto deles, para que possam ver Jesus em nós.* Se o cristão evitar ter contato com a sociedade e relacionamento com conhecidos, isto em nada vai ajudar os propósitos de Deus quanto à evangelização.

A Bíblia, entretanto, fala também de *ter iniciativa*. Espantoso é que a Bíblia não fala tanto de ter iniciativa para falar da Palavra, apesar de sempre termos de estar "preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós", e isto falando "de acordo com os oráculos de Deus" (1 Pe 3: 15, 4: 11). Ao invés disso, devemos *amar as pessoas agressivamente*, obedecendo o mandamento de Jesus de "amar os inimigos" (Lc 6:27).

Toda esta passagem de Lucas 6 (27-42) é significativa. Jesus começa com o mandamento de amar os inimigos, mesmo os que nos xingam, batem ou roubam (vv. 27-31). Ele observa que há um tipo de amor na sociedade humana que se baseia na reciprocidade: as pessoas geralmente amam quem as ama (vv. 32-34). O cristão todavia, se colocou do lado de Deus: a vida de Deus foi dada por ele. O cristão, que agora tem parte da natureza divina, contra a sua vontade se defronta com pessoas que não têm esta vida divina. Os não-cristãos, mortos espiritualmente e inimigos de Deus (Rm 5: 6-10), podem querer ser também nossos adversários!

Como nós devemos reagir a isto? *Assim como Deus reage.* Cristo "morreu pelos maus" (Rm 5: 6 BLH). O grande sacrifício foi feito quando nós ainda éramos inimigos. Nisto, diz a Bíblia, nós descobrimos o significado do amor. "Deus nos amou e enviou o seu Filho" (1 Jo 4: 10). O sacrifício expiatório de Jesus por nós é a revelação máxima do amor que nós agora somos convidados a aceitar, pela fé em Cristo. As palavras de Jesus vêm a nós com o convite para participar, junto com os homens e mulheres ao nosso redor, do mesmo tipo de relacionamento. "Amem os seus inimigos", Ele diz, "façam o bem a eles. Emprestem e não esperem receber de volta o que emprestaram, e assim vocês terão grande recompensa divina, e serão filhos do Altíssimo Deus. Façam isto porque ele também é bom para os ingratos e maus. Sejam bons, assim como o Pai de vocês é bom'. (Lc 6: 35, 36).

Viver como Jesus viveu em nosso mundo significa tomar a iniciativa, e irradiar amor. Até para os nossos inimigos. Devemos, como filhos e herdeiros do Pai, entrar na sociedade do nosso mundo e viver Sua vida de amor.

Mas a passagem de Lucas continua. O que acontecerá se tomarmos a iniciativa do amor? As pessoas irão reagir! "Com a medida com que tiverdes medido vos medirão também" (v. 38).

Em seguida Jesus contou a parábola do cego que guia outro cego. O que Ele estava querendo dizer? Para guiar, você tem de poder ver. Para amar, você tem de experimentar amor e crescer na capacidade de expressá-lo. A esta altura Jesus inclui esta afirmação tocante sobre ser discípulo. O discípulo, bem instruído, será "como" seu mestre (vv. 39, 40). Como esta mensagem é clara. Nós somos vocacionados para viver o amor de Deus em um mundo perdido. *Para viver amor, entretanto, nós temos de ser como Deus. Para refletir Seu caráter, temos de tê-lo. Discipular o crente é essencial na evangelização-iniciativa.* Nós temos a tendência de não ver este aspecto distintivo do relacionamento entre educação cristã e evangelização. Em vez de nos concentrar em nossas igrejas em edificar os crentes, que, mais maduros, serão mais capazes de evangelizar, nós queremos tomar a Igreja e transformá-la em um instrumento evangelizador. Esquecendo e ignorando a clara ênfase da Bíblia na Igreja como comunidade que tem por objetivo primário fazer crescer, nós temos tentado colocar *palavras* nas bocas de pessoas cujas vidas não manifestam a mesma coisa, e

depois enviá-la contra o mundo. E, na maioria dos casos, experimentamos fracasso, frustração, derrota.

Será que não notamos o impacto das palavras de Jesus em Lucas, seguintes a estas? "Primeiro cuide do pedaço de madeira que está no seu próprio olho", Ele insiste. E depois ajude seu irmão a tirar o cisco do dele (6: 41, 42). Temos de ver claramente antes de correr para curar outros. Temos de tratar primeiro das distorções que caracterizam nossas concepções e atitudes. O fruto irá depois revelar se uma árvore é boa ou não (Lc 6: 43-45). O que a boca fala *expressará* o que enche o coração. A árvore "*será*" reconhecida pelos seus frutos".

educação cristã e evangelização

A educação cristã, do ponto de vista teológico, tem um relacionamento complexo e íntimo com a evangelização.

As duas estão relacionadas entre si por tratarem da vida e da transmissão dela. Por isto não há nenhuma diferença intrínseca entre como educamos e como evangelizamos! O conteúdo específico da mensagem pode ser diferente, porém o meio que facilita a transmissão da mensagem é o mesmo.

As duas estão relacionadas também porque uma é produto da outra. Evangelização eficiente depende de discipulado... de semelhança com Cristo. O Corpo existe para promover o desenvolvimento da vida de Deus nos crentes. O fruto da transformação fará com que os não-cristãos reconheçam a ávore pelo que cresce nela. O amor, encarnado na comunidade e no indivíduo, é o testemunho convincente e ordenado por Deus, da Palavra do evangelho.

As duas estão relacionadas também quanto às prioridades. A principal preocupação da Igreja *tem* de ser o crescimento do Corpo. Esta é a ordem, o desejo, a estratégia de Deus. Isto não implica em negligenciar a evangelização. Pelo contrário, é uma reafirmação da missão evangelizadora do povo de Deus. À medida que crescemos na sua semelhança, Seu amor nos motivará, Seu propósito nos dará energias, e a evidência da Sua presença nos ajudará a testemunhar com poder.

VERIFICAÇÃO

(casos,
perguntas,
incentivos à reflexão,
notas adicionais)

1. Recentemente foi produzido um estudo, para Youth Filmes Inc., avaliando o uso de filmes nas escolas de nível superior. No relatório final o Dr. John S. Stewart, coordenador do projeto e co-diretor do Programa Educativo de Desenvolvimento de Valores da Universidade Estadual de Michigan, faz o seguinte resumo. É claro que ele está falando do processo *evangelizador* pelo qual passam jovens na comunidade cristã até chegarem a uma entrega pessoal.

   Com quanto do que ele diz você concorda? De que maneira você acha que ele está falando de educação *mais do que* de evangelização? Que tipo de distinções você gostaria de fazer entre educação e evangelização... ou você gostaria de fazê-las? Tendo em mente perguntas como estas, analise a conclusão do Dr. Stewart.

   A tarefa do educador religioso e moral é muito fácil de descrever:

sua tarefa é fazer de um jovem um ser humano completo. Partindo da nossa estrutura conceitual desenvolvimentista, é óbvio que é perigoso pedir a um jovem que se pronuncie sobre isto, aquilo ou aquiloutro antes que ele seja capaz de responder a pergunta: Quem sou eu: Pode ser que adultos, inclusive cristãos dedicados e devotos, estejam afirmando que seus filhos sejam crentes antes mesmo que estejam prontos para ser pessoas. O cristianismo é uma religião muito exigente, requerendo muita fé e dedicação. É uma religião dentro da qual a pessoa tem de crescer e se desenvolver, não aceitá-la como um pacote. Talvez, se os educadores religiosos parassem de se preocupar se eles estão ou não "fazendo cristãos dos seus estudantes", e se preocupassem mais em fazer deles pessoas, estes talvez entendessem que uma boa maneira de se tornar um ser humano é tornando-se cristão.

Jovens são muito abertos a uma entrega antes mesmo de estarem preparados para fazê-la. Se estes jovens sensíveis tiverem o maior número possível de oportunidades de ver cristãos consagrados vivendo sua fé com sinceridade, isto por fim poderia levá-los ao mesmo tipo de consagração. Jovens têm de sempre ver e ter contato com pessoas que mostram com palavras, ações, amor, vida, o que estão querendo dizer com "Cristo existe! Cristo vive! Cristo é o Filho de Deus!" Isto exige educadores que falem do coração, não do quadro-negro; da sua vida, não dos seus livros. Um verdadeiro educador cristão não é alguém que meramente fala de cristianismo — é alguém que *é* cristianismo!

Jovens se cansam com razão, de adultos que só condenam e advertem. Eles se cansam de ouvir que suas roupas estão erradas, que eles são imaturos e preguiçosos, que sua música é muito barulhenta ou vulgar, e assim por diante. Jesus Cristo não condena, ele confirma! Jovens precisam ver adultos que estão dispostos a tentar entendê-los e aceitá-los, adultos que expressam fé e alegria, que possam ajudá-los em seus esforços às vezes errados mas sempre sinceros de descobrir o mistério da vida. Desta maneira o educador cristão tem de ser capaz de ver Cristo nascendo na vida de jovens, e ajudá-los a descobrir o mistério por si. Cristo não pode ser empacotado e vendido como um artigo de consumo, nem pode ser receitado como um remédio para tudo que aflige a mocidade. Somente o testemunho e a fé nos processos internos de desenvolvimento do jovem podem incentivar o crescimento natural daquele espírito e luz (pp IX-13, 14).

2. Peter Wagner, em um artigo na revista *Action* ("Crescimento de Igreja nos EUA: 1974, Primavera de 1974, pg 14), fala de quatro tipos de "crescimento de igreja" identificados pelo Instituto de Crescimento de Igrejas do Seminário Fuller. O sistema de classificação engloba quatro tipos de crescimento, e três tipos de evangelização. Leia os diversos ítens, e depois responda às perguntas que lhes seguem.

   1. **Crescimento interno.** Isto é o que ocorre dentro do corpo. Inclui crescimento orgânico, renovação da igreja, vida do corpo, oração, dízimo, serviço social, koinonia, teologia, treinamento para o ministério, etc. Inclui também a evangelização E-1, que é levar membros da igreja não convertidos a Cristo, sempre que necessário.
   2 **Expansão.** A igreja local acrescenta membros ao seu rol. É o que

houve quando, por exemplo, a Igreja Presbiteriana de Coral Ridge cresceu de 17 para 2.500 membros em dez anos.

3. **Extensão.** Isto também é chamado de "implantação de igrejas". A igreja local ou a denominação cresce implantando igrejas, que crescem até se tornarem autônomas. Este tipo de crescimento não é muito usado nos EUA em termos de evangelização.
4. **Cabeça-de-ponte.** Este é o tipo mais complexo de crescimento, pois significa implantar uma igreja em uma cultura diferente. Isto é mais tarefa de missionários da igreja, apesar de haver muitas oportunidades de implantar igrejas, em termos transculturais, tanto nos EUA como no Canadá.

Quanto à evangelização, a tipologia inclui:

E(1) Evangelizar pessoas da mesma cultura.
E(2) Evangelizar pessoas de uma cultura um pouco diferente.
E(3) Evangelizar pessoas de uma cultura totalmente diferente.

Analisando estes ítens, parece claro que Dr. Steward (veja ponto 1 acima) estava falando de crescimento tipo 1 e evangelização E (1).

(a) Você pode definir maneiras de a comunicação do evangelho *ser* diferente em outras situações do tipo 4, E(2) e E(3)?
(b) Você pode definir maneiras em que a comunicação do evangelho *deveria ser* diferente?
(c) Você pode definir maneiras em que a comunicação do evangelho deveria ser igual?
(d) Você vê alguma vantagem ou perigo em considerar evangelização e "crescimento de igreja" a mesma coisa? (Por exemplo: os dois são a mesma coisa? Que tipo de "programas" surgiriam se eles fossem considerados iguais, o que não aconteceria se este não fosse o caso?)

3. O conceito de que a vida de Cristo deve transbordar no crente não pode ser limitado à evangelização. Há a questão de todo o contato e influência do crente com a sociedade em que vive.

Em outro livro (*A New Face for the Church*, Zondervan, Grand Rapids, 1970) eu escrevi que a Igreja existe em primeiro lugar para si mesma; isto é, Deus planejou o Corpo essencialmente para efetuar sua auto-edificação. Neste livro eu também escrevi de uma "vida que transborda". Transcrevo aqui o parágrafo que inicia aquela seção. Você pode achar interessante usar este parágrafo como "guia", e "completar" o capítulo... assim como você acha que eu o fiz, ou como você acha que deveria ser feito. Se você quiser comparar o que você escreveu com o que eu escrevi, você pode encontrá-lo nas pp 136-139 daquele livro.

Então, eis o parágrafo "guia". Parta daqui... e divirta-se!

No meu entender, influenciado pela Escritura, a igreja tem de ser diferente. A igreja descrita na Palavra, e que se concretizou diversas vezes na história, deve existir por si mesma. A igreja, comunidade de crentes, serve, como comunidade, somente a crentes. Não é "igreja" o que se organiza para servir a sociedade que está ao seu redor.

Ao mesmo tempo eu insisto que este ponto de vista da igreja não é egoísta. Não consiste em retirar-se ou abandonar o mundo. De fato, deixar a igreja ser o que ela é, uma comunidade que transforma, é a

única maneira de comunicar com eficiência o amor de Deus aos que estão ao nosso redor. O cristão, vocacionado a viver a vida de Cristo no *mundo* (João 17) tem de se envolver!

Envolver, em que sentido?

6

a pessoa em foco como um todo

Se dizemos que Vida é o que diferencia a Igreja, e que Vida é o tema central da educação cristã, isto questiona toda nossa concepção tradicional de E.C. Temos nos preocupado (com razão) em transmitir a verdade acerca de Deus: fé. Temos nos preocupado (com razão) com comportamento. Mas falhamos em um aspecto significativo. Não tivemos um enfoque equilibrado da pessoa como um todo, em nosso ministério educacional. Não planejamos nossos sistemas com a intenção de reunir de maneira ampla tudo o que a fé cristã significa para quem está aprendendo.

Nós costumamos encarar a personalidade como algo que engloba mais do que só as nossas crenças. Falamos de atitudes. De emoções (afeto). De percepção... o modo particular de alguém entender e se relacionar com pessoas e situações. De comportamento. De valores.

Tudo isto, geralmente não bem definido em nossos pensamentos, reconhecidamente tem um papel importante em nossa personalidade. Poderíamos acrescentar ainda outros ítens. Auto-conceitos. Motivações. Fé. E assim por diante. Interessante é que em nossa cultura nós temos escolhido um elemento e lhe dado uma prioridade peculiar. Este elemento é *crença.* De algum modo todos os nossos esforços educacionais se baseiam na idéia que se nós mudamos a crença de alguém, mudamos todos os aspectos da sua personalidade. Presumimos também que, para mudar a crença, precisamos somente fornecer novas informações.

Esta idéia não é nova. O conceito é pré-cristão, enraizado profundamente no pensamento ocidental. Ele foi expressado há muitos séculos atrás por Platão, que insistia que se alguém somente conhecesse a Deus, ele O escolheria. Por isto "saber" foi colocado no topo das prioridades, porque crenças, atitudes, valores e comportamento seriam reformulados através do saber.

À primeira vista isto parece também ser uma idéia cristã. Lemos na Escritura trechos como: "Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" (Jo 8: 32). Até mesmo a famosa frase: "Transformai-vos pela renovação da vossa mente" parece dar prioridade a informação e fé. Mas isto somente à primeira vista. A afirmação de Jesus sobre "conhecer a verdade" foi precedida por uma exortação para continuar em Suas palavras. Se vocês seguirem o Meu ensino, Ele estava dizendo, vocês *conhecerão por experiência* a Verdade revelada na revelação. Quanto a Rm 12: 2, este trecho fala da "renovação da vossa *nous*". Em grego isto não é crença, mas "*mente, atitude, maneira de pensar,* soma de todo o ser moral e mental" (Arndt e Gingrich, *Greek-English Lexicon,* pg 547). Nossa palavra "percepção" talvez esteja mais próxima aqui do significado de *nous.* O apóstolo está afirmando que todo nosso modo de encarar a vida tem de ser reestruturado, se quisermos "experimentar qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus" (Rm 12: 2b).

Cientistas behavioristas (= do comportamento) que pesquisaram conceitos como atitude também chegaram no conceito amplo. Alguns, por exemplo, tenderam a tomar "atitude" como um conceito unidimensional, falando somente de "sentimentos" positivos, negativos ou neutros em relação a alguma coisa (cf Thurstone).

Mais tarde alguns teóricos fizeram distinção entre crença a respeito de um objeto e atitude diante dele, sugerindo que "crença a respeito" prediz a atitude. (Veja a investigação de M. A. Fishbein sobre o relacionamento entre crença e atitude. Tese de doutorado não publicada, U.C.L.A., 1961) Rosenberg ("Cognitive Structure and Attitudinal Affect", *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 1956) observou que o uso de um conceito era mais significativo no desenvolvimento de uma atitude que uma idéia aprendida formalmente. Em outras palavras, quando uma idéia sobre alguma coisa foi formada em situações nas quais o conceito informado foi aplicado, ela tem um impacto mais direto sobre a atitude. Mais tarde Rosenberg e outros estudaram o relacionamento entre os componentes afetivos, cognitivos e comportamentais da atitude. Observaram que poderia haver mudanças em qualquer direção – de comportamento para afeição e percepção, de afeição para comportamento e de percepção para afeição e comportamento. Muitos observaram que mudanças supostamente apropriadas introduzidas em uma dimensão (particularmente a da percepção, do conhecimento) *não* causam *necessariamente* mudanças nos outros. Podemos, por exemplo, difundir a informação de que os negros *não* são intelectualmente inferiores, o que é aceito... mas a pessoa preconcebida que alega a inferioridade para justificar seu preconceito, dificilmente mudará sua orientação afetiva ou seu comportamento.

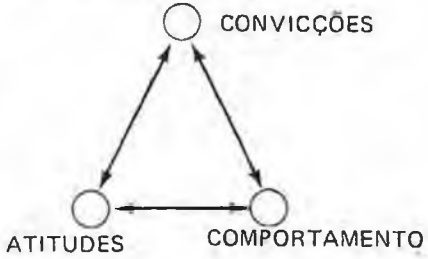
sistemas interrelacionados

É claro que nós gostaríamos de aceitar o conceito de que todas as dimensões da personalidade estão interrelacionadas. A idéia de que podemos mudar o equilíbrio do sistema, causando mudanças (crescimento, aprendizado, ou como queiramos chamar isto) é, em face disto, razoável e certa.

Dissonância (o sentimento de estar fora da harmonia) é algo que parece existir em nós e que é motivo de mudança.

Porém a pressuposição de que atacando *um só* elemento do sistema produziremos a mudança desejada *não* é razoável, nem certa! Há variáveis demais, que interferem. Há maneiras demais de isolar ou modificar o impacto de mudanças isoladas.

Por exemplo, façamos de conta que estamos tentando atingir toda a pessoa através das suas convicções. Pareceria que, mudando a fé de uma pessoa, mudaríamos toda ela, já que os sistemas se relacionam. Mas isto não acontece necessariamente! Há muitas maneiras de a pessoa abordar



Estes e outros elementos da personalidade se interrelacionam de maneira geralmente harmoniosa. Normalmente há um relacionamento equilibrado entre como uma pessoa crê, sente e age em relação a alguma coisa.



Nossa estratégia de educação ou de mudança consiste em intervir em um ponto do sistema, no caso, no cognitivo.

a nova informação e isolá-la do sistema.

Ele pode negá-la. "Eu creio na Bíblia, mas isto não pode ser verdade."

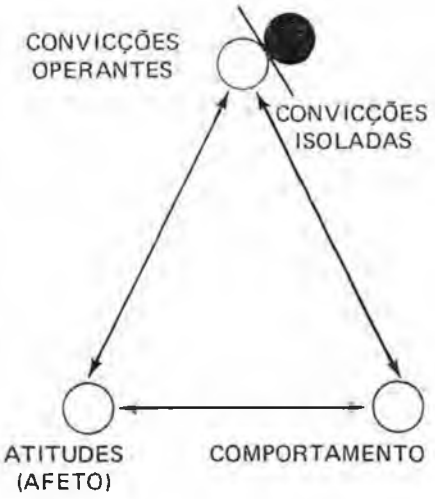
Ele pode relativizá-la. "Isto vale somente para certas pessoas a certa hora."

Ele pode redefiní-la. "Há duas interpretações possíveis, e é esta que eu aceito para esta palavra."

Ele pode compartimentalizá-la. "Isto é um conceito espiritual, para minha vida de domingo, mas não de segunda-feira."

Ele pode devolvê-la. "Isto fala de um objetivo; quando eu tiver mais fé pode ter validade para mim, porém não agora."

Desta e de *muitas outras maneiras* a pessoa pode reduzir a dissonância ou o desequilíbrio em sua personalidade. Cristãos que usam estes mecanismos com freqüência vão à igreja, têm uma fé conservadora, mas absolutamente não desenvolvem atitudes, valores e comportamento que estejam em harmonia com o evangelho!



Intervir em um só ponto provavelmente fará com que as informações ensinadas sejam isoladas das que de fato interagem com outros elementos do sistema na vida diária.

As atuais críticas ao sistema escolar geralmente se concentram exatamente nesta tendência de o aprendizado formal desenvolver um bloco isolado, não assimilado de informações. Eis a descrição de Drucker das pressuposições em que se baseia o ensino "em qualquer país" (pg 30):

1) aprender é uma atividade "intelectual" separada e distinta;
2) aprender se dá num órgão separado do corpo e das emoções: a mente;
3) aprender nada tem a ver com fazer – de fato são opostos entre si; na melhor das hipóteses aprender é um preparo; e
4) aprender, por ser um preparo, é para os jovens.

Já que esta descrição vale para qualquer país, *por que ficamos surpresos se este ensino/aprendizado parece ter pouco impacto sobre a personalidade como um todo?*

Cole S. Brembeck, escrevendo sobre "Formas estratégicas de usar educação formal e não-formal" em *New Strategies for Educational Development*, afirma que:

> separar o aprendizado da ação tem um impacto psicológico profundo sobre o aluno. Ele inicia sua educação formal já sabendo que o que irá aprender está isolado da realidade diária da sociedade adulta. Isto é acadêmico. Ele revela isto de diversas maneiras. Por exemplo, a pressa que os estudantes têm de "sair da escola" fala muito do que eles pensam sobre "estar dentro". Nós dizemos que a educação é um "preparo" para o mundo "real", negando assim a sua realidade. A constante repetição de que a escola é "importante" implica em que, por natureza, ela não o é.

> Não queremos dizer com tudo isto que não valorizamos o que se aprende na escola. É claro que damos valor. Estou falando de como damos valor à escola, e como esta posição nossa destaca a natureza separada das escolas, diminuindo sutilmente o valor do aprendizado na mente do aluno. Assim, esta característica estrutural do ensino modifica e molda sua capacidade para cumprir tarefas educacionais (pg 58).[1]

Brembeck não está dizendo que a escola não tem *nenhuma* função ou validade na educação. Está afirmando, isto sim, que as escolas podem ser adequadas para *alguns propósitos,* mas *não* o são para outros! A educação formal pode ser eficiente ao tratar de símbolos e conceitos abstratos da vida. Porém no sentido de mudança e desenvolvimento da personalidade como um todo a educação não-formal leva todas as vantagens.

Mayer Fortes descreve em "Aspectos sociais e psicológicos da educação na Tailândia (em Middleton (ed); *From Child to Adult: Studies in the Anthropology of Education*) como os tailandeses

> ensinam através de situações reais, nas quais as crianças participam porque espera-se que elas sejam capazes e desejosas de dominar as habilidades necessárias.
>
> Uma situação de treinamento exige infinitos modos de reação; uma situação real requer modos de reação orgânicos. Ao construirmos uma situação de treinamento nós temos em vista um método ou procedimento como produto final, cuja perfeição é o nosso objetivo, de modo que arranjamos tudo para que somente práticas motoras ou de percepção sejam provocadas. Fatores afetivos ou de motivação são eliminados ou ignorados. Na situação real o comportamento se compõe de afeto, interesse e motivação, além das funções motoras e de percepção.
>
> O aprendizado tem propósito. Todo progresso em conhecimento ou método é pragmático, orientado para obter resultado naquele instante e lugar, além de melhorar um nível anterior de adequação (pg. 38).[2]



Nossa estratégia educacional ou de mudança se baseia na intervenção em *todas* as áreas do sistema ao mesmo tempo.

Os dois autores estão querendo dizer o seguinte: *Se estamos tratando de questões de estilo de vida, temos de nos ocupar da pessoa como um todo! Em vez de tentar provocar mudança e crescimento fazendo contato com a personalidade em uma só área (conhe-*

1 Extraído de *New Strategies for Educational Development*, de Cole S. Brembeck e Timothy J. Thompson (Lexington, Massachusetts: Lexington Books, D.C. Heath and Co., 1973). Usado com permissão.

2 Extraído de *From Child to Adult*, John Middleton (ed). Usado com permissão de Doubleday & Co., Inc.

cimento ou crenças), precisamos fazer contato com as pessoas em todas as áreas da sua personalidade... ao mesmo tempo!

Uma segunda afirmação está incluída neste primeiro compromisso. Se quisermos atingir toda a personalidade, *o contexto básico em que ensino/aprendizado deve ocorrer é "situações reais", e não a escola formal onde já transmitimos até aos mais jovens que o que se aprende ali na verdade não está relacionado com a vida.*

convicção x convicções

Espero que esteja claro que neste capítulo nada questiona a idéia de que existe Verdade revelada que temos de aprender. O que está sendo questionado é a pressuposição de que ter uma *convicção isolada* do que a Bíblia ensina é suficiente ou desejável!

João usa o conceito "crer" de modo instrutivo. Ele não dá ênfase ao substantivo, mas ao verbo! Para ele o *ato de crer* é importante. É vital para nós que compreendamos isto. No fundo a fé é uma resposta a Deus; disposição para um compromisso integral com Sua vontade, como Ele a revelar a nós. Esta fé reúne toda a personalidade humana ao redor do que sabe ser verdade. Compreendendo os conceitos da verdade, percebendo situações do ponto de vista da verdade, desejando o que vemos ser a vontade de Deus, escolhendo ser obediente a Ele... todos estes elementos são essenciais à fé cristã. A *vida* é que faz a diferença em nossa fé. É como personalidade viva e total que temos de aprender a expressar a fé cristã.

Sendo a vida o tema central da fé cristã, concluímos que a educação cristã tem de girar em torno de vida. Ela tem de ser planejada para atingir a pessoa como um todo, não somente uma dimensão da sua personalidade. Por esta razão nós *temos* de começar a questionar o que temos feito e fazemos em termos de educação cristã. Temos de começar a perguntar se estamos transmitindo vida... ou convicções isoladas. Temos de perguntar se nossa assimilação das estruturas escolares seculares como contexto para comunicação de fé na verdade não está colocando obstáculos ao crescimento cristão. Tentando ensinar fé em "escolas" talvez tenhamos, sem querer, dado aos que aprendem a impressão de que a verdade bíblica é somente para a mente, nada tendo a ver com as ações, e que aprender da Palavra de Deus é uma atividade intelectual separada e distinta, para os jovens!

Certamente temos de, pelo menos, reconhecer que a Igreja tem tanto a opção da educação formal como da informal, e que cada uma é ideal para certas tarefas específicas. Dificilmente poderemos exigir de nossa atividade educacional que faça *toda* a tarefa de fazer crescer a fé como vida. Temos de nos perguntar: Especificamente qual é o papel do aprendizado formal no cristianismo? E do informal? Como planejar o ministério educacional que possibilite a prática dos dois?

Mais adiante nesta seção abordaremos estas perguntas e iremos além, vendo as implicações para a nossa teologia. Por enquanto, este resumo destaca o que é importante:

* Enfocamos a pessoa como um todo.
* Estratégia de mudança 1 (ensino formal) não é adequada para provocar mudanças em toda a personalidade, tendendo, em vez disto, a produzir convicções *isoladas* e não *operantes*.
* Estratégia de mudança 2 (ensino informal) produz melhor mudança e crescimento da pessoa toda, porque trata de todos os elementos da personalidade (afeto, comportamento, valores, percepções, etc) ao mesmo tempo que trata das convicções (ou seja, conteúdo).

De alguma maneira, então, parece apropriado estar pronto para mudar nossa educação cristã para uma dependência maior de um modelo informal de ensino e uma independência maior dos modelos formais.

VERIFICAÇÃO

(casos,
perguntas,
incentivos à reflexão,
notas adicionais)

1. A distinção entre aprendizado formal e informal é importante, e terá um papel significativo na posição deste livro. Se a terminologia não é familiar, pode ser útil dar uma olhada no livro de Brembeck e Thompson mencionado na pg 51.

   Enquanto isto há aqui duas citações do mesmo livro, que podem ser úteis. Elas também levam a diversas pesquisas complementares possíveis.

   A. Brembeck descreve um jovem pastor de gado, que com dez anos já dominava muito bem sua tarefa. Ele usa a "educação" deste menino para ilustrar um pouco a estrutura da educação não formal.

      > Em primeiro lugar, a educação do menino se desenvolveu dentro do contexto de ação imediata e com significado: trabalho. Em segundo lugar, não havia nenhum intervalo entre o aprendizado e a aplicação. Na verdade o aprendizado surgiu da necessidade de tê-lo. Aprender e fazer estavam tão misturados que seria difícil separá-los. Em terceiro lugar, o aprendizado ocorreu como parte da vida normal; não havia nada da aparelhagem de uma escola formal, nada de lições ou classes, nem recompensas ou castigos artificiais. Aprender era algo tão natural que o jovem pastor não estava nem notando que ele estava aprendendo. Em quarto lugar, ele via a ligação que havia entre um aspecto da tarefa e a tarefa toda. Com facilidade ele podia ver o que o cuidado por um cordeirinho significava para o bem-estar da família, porque tinha observado o ciclo de vida de uma ovelha e como isto se relacionava com o que ele vestia e comia. Não era preciso que alguém lhe dissesse que é importante cuidar de ovelhas; este era um dos valores óbvios que contribuía para a sobrevivência de toda a sua família. Em quinto lugar, o "professor" do menino estava ligado com seu "aluno" agindo com significado. Em certo sentido o pai do menino era um colega, superior somente em conhecimento e técnica. Os papéis de professor e aluno se equilibravam harmoniosamente. Em sexto lugar, a educação do pastorzinho continha alguns fatores que estimulavam o aprendizado. Não havia decisões arbitrárias quanto ao que o rapaz seria capaz de fazer em cada estágio do seu desenvolvimento. À medida que ele podia, simplesmente assumia novas responsabilidades. Não precisava de recompensas externas, como notas e diplomas. Sua satisfação provinha de

assumir um papel adulto mais cedo na vida. Seu aprendizado criava um tipo de segurança que vem de tomar o seu lugar reconhecido na família, entre iguais.[3]

1. Lendo este relato, até que ponto as características da estrutura da educação não formal podem ser adaptadas à sociedade moderna? E ao mundo cristão moderno?
2. Compare esta passagem de Brembeck com Dt 6: 1-8. Que paralelos você vê? Como isto o ajuda a entender melhor Deuteronômio?
3. Descreva em detalhes como a doutrina da soberania divina poderia ser ensinada/aprendida com a) educação formal, e b) não formal.
4. Se estivéssemos desenvolvendo um sistema não formal de educação cristã, quais seriam as implicações? Você poderia desenvolver diversos equivalentes funcionais para cada uma das diversas características estruturais que Brembeck distingue?

Não há dúvida de que é difícil forçarmo-nos a pensar de modo não familiar. Brembeck diz que parece ironia que nós ao mesmo tempo temos familiaridade com estes tipos de aprendizado, e os desconhecemos! É importante, no entanto, que aprendamos a pensar sobre ensino e educação de maneiras que não os coloquem em pé de igualdade com a instrução formal.

B. No mesmo capítulo Brembeck cita dez hipóteses funcionais sobre educação. Qual delas lhe parece particularmente válida para a educação cristã? Escreva um parágrafo breve sobre as implicações de cada um delas para a educação cristã, a seu ver.

1. As características especiais da educação formal e não formal podem ser descobertas nas estruturas dos seus respectivos ambientes de aprendizado.
2. Estas características estruturais especiais possibilitam cada uma a desimcumbir-se de certas tarefas melhor que outras.
3. Nós sobrecarregamos o sistema formal com tarefas para as quais ele não serve muito bem.
4. Nós subutilizamos o sistema não formal em termos de certas capacidades que só ele tem.
5. Prescrições de reformas do sistema formal que ignoram sua capacidade estrutural são exercícios de futilidade.
6. Uma das diferenças críticas entre os ambientes estruturais da educação é sua proximidade do trabalho, sua ação imediata, e oportunidade de pôr em prática o que foi aprendido. Esta diferença é básica,

3 Brembeck e Thompson, *New Strategies.*

porque a educação não formal se desenvolve em um contexto de ação, trabalho e uso. A educação formal, por outro lado, ocorre fora deste contexto, somente por ocorrer em uma escola.

7. Por esta razão a educação não formal é melhor quando se trata de mudar a ação imediata para criar nova ação, e a educação formal é superior quando a ação imediata está subordinada ao aprendizado abstrato ou à formação de conceitos, tendo em vista uma mudança mais a longo prazo.
8. A educação futura tem de ser total, no sentido de empregar todos os meios possíveis para ir de encontro a cada vez mais tipos de exigências. Passou o tempo em que a educação formal podia suprir todas as exigências de aprendizado de uma sociedade complexa. Devemos compreender isto e ajustar a educação a isto.
9. A educação futura tem de contar mais com faixas etárias que com anos escolares. O processo de educação tem de ser encarado em um contexto de seqüencia de desenvolvimento que inicia cedo na vida e termina, se terminar, com a participação responsável de adultos na sociedade.
10. Se considerarmos as mudanças que acontecem nas necessidades de educação do indivíduo durante a vida, e a variedade de métodos de educação que temos à disposição, podemos esboçar um modelo de teoria e prática da educação futura.

2. Como exercício escolha ao acaso uma lição de escola dominical para adolescentes. Examine o que está sendo ensinado. Depois tente especificar: a) como o mesmo conteúdo poderia ser ensinado por um método não formal, e b) quais seriam, se for o caso, as diferenças que você esperaria que surgissem?

7

o discipulado como propósito

A vida de Deus em nós tem seu próprio caráter – e propósito. Deus age, moldando as pessoas à Sua imagem. Isto deve ser encarado como preocupação pela pessoa como um todo. Haveremos de ver a vida e seu significado através dos Seus olhos. Haveremos de amar como Ele ama. Escolheremos a Sua vontade como nossa. Valorizaremos o que para Ele é importante. Semelhança *é o propósito do discipulado... e a tarefa da educação cristã.*

Fixar o propósito de discipular para a educação cristã (propósito definido por nossa teologia, razão pela qual temos de nos dedicar totalmente a ele) significa que temos de procurar estratégias de educação que facilitem o crescer-se à semelhança. Não podemos nos contentar com o que temos; não podemos insistir que nossos programas de educação atuais não podem ser criticados porque "ensinamos a Bíblia".

Isto é uma reação normal. Talvez porque o que estamos tentando fazer ("ensinar a Bíblia") tem validade nós temos a tendência de achar que nossos programas e métodos são válidos, e de encarar uma crítica a eles como ataque ao "ensino da Bíblia"! Não importa a diferença entre as duas considerações (o que está sendo comunicado, e como), a reação emocional esconde a distinção, e nos permite resistir ao reconhecimento da fraqueza do que estamos fazendo.

Por isto, façamos aqui a distinção. A Escritura como Palavra de Deus e Sua revelação da Verdade deve ser ensinada – e aprendida. Não precisamos e não podemos renunciar a uma visão elevada da inspiração e da autoridade da Escritura.

Porém a Escritura não precisa ser ensinada *como tem sido*! De fato, nosso ensino bíblico do tipo "escola" tem todas as fraquezas da primeira estratégia descrita no capítulo anterior. Nós tentamos mudar pessoas contatando-as em uma área da personalidade (a cognitiva), e pelo simples expediente de lhes dar (revelar) novas informações. O resultado vezes demais tem sido o desenvolvimento de uma fé distorcida: uma fé que toma a forma de convicções isoladas da personalidade. Em grande parte a razão pela qual as pessoas digerem o conteúdo da fé como o fazem é que a Bíblia foi ensinada neste sistema de escola que fez os que aprendiam entender que o conteúdo deve ser intelectualizado, separado de corpo e emoções, e das ações.

A sugestão deste livro é que repensemos nossa concepção de ensino, adaptando-a ao discipulado; que encontremos uma solução melhor para comunicar Escritura e o que Deus planejou que a Palavra fizesse.

Esta remodelação exige que demos séria atenção ao ensino não formal ...e que reflitamos mais profundamente sobre o ensino em si.

teoria do aprendizado

Não existe, hoje em dia, nenhuma teoria coerente, aceita por todos, do aprendizado humano que oriente os esforços da educação. Resumindo a situação geral, Walter B. Kolesnik escreve em *Educational Psychology* o seguinte:

Diversas teorias de aprendizado foram desenvolvidas, que podem ser

classificadas em dois grupos principais: teorias *associativas* e *de campo*. Ambas se baseiam em conceitos monísticos da natureza humana. (monismo = concepção dinâmica da unidade de todas as forças físicas). Porém mesmo dentro desta concepção monística há diferenças de opinião quanto a o que o homem é. Para um defensor da teoria associativa o homem pouco mais é que uma máquina complexa. Seu comportamento é em grande parte, se não de todo, determinado por seu ambiente. Suas metas e propósitos muitas vezes são irrelevantes. A percepção ou é negada, ou minimizada. Para um defensor da teoria de campo o homem é um sistema de energias, uma criatura que se adapta e tem propósitos, e seu comportamento é determinado pela maneira com que percebe seu ambiente. As duas escolas têm suas subdivisões ou dissidentes, de modo que nem todos que são classificados em um dos dois grupos concordam totalmente entre si sobre todos os pontos importantes.

As teorias associativas de aprendizado têm sido criticadas no sentido de serem mecanicistas e deterministas. Fazem com que a conduta do ser humano dependa de fatores externos, sobre os quais tem pouco ou nenhum controle. Ele é "ligado" como uma máquina, e com um determinado estímulo pode-se esperar uma certa resposta quase automaticamente. As teorias associativas, além disto, não parecem ter explicações adequadas para o raciocínio, pensamentos criativos, ou outros processos mentais elevados. As teorias são, no entanto, simples, diretas e claras. Não só explicam, mas ajudam a defender alguns dos hábitos no tipo de sala de aula mais tradicional e centralizado no professor. As teorias de campo, por outro lado, têm sido atacadas por serem vagas e indefinidas, pouco mais que tentativas de dizer coisas muito comuns em linguagem esotérica . Elas não dizem a um professor o que ou como ele deve fazer as coisas especificamente, como as teorias associativas, mas conferem um papel mais amplo aos poderes perceptivos do homem e tentam explicar formas elevadas de aprendizado. Práticas educacionais provenientes das teorias de campo podem ser encontrados nos tipos de escola com orientação progressiva, centralizados na criança.

Nenhum dos dois grupos de teorias explica ou tenta explicar o aprendizado em suas causas básicas, filosóficas. Ambos, todavia, têm alguma verdade em si. Apesar de cada um explicar certas formas de aprendizado, nenhum explica todas as formas de maneira satisfatória. (pg 218).[1]

Vemos no artigo acima que nenhuma família de teorias de aprendizado explica de maneira adequada *como* uma pessoa aprende. O que é mais significativo, entretanto, é que as teorias contêm pressuposições sobre como as pessoas se relacionam com seu ambiente. É muito mais produtivo analisar estas pressuposições do que tentar, como alguns teoristas, descrever o que acontece dentro de uma pessoa quando está "aprendendo".

Que tipos de teorias podem nos ajudar a refletir sobre o aprendizado se olharmos não para mecanismo mas para pressuposições sobre a pessoa e seus relacionamentos? Aqui temos quatro tipos, que podem nos ajudar a isolar os assuntos:

Tipo 1: teoria do fator-único

1 Extraído de *Educational Psychology*, de Walter B. Kolesnik. Usado com permissão de McGraw Hill Book Co., New York, 1970.

O behaviorismo (teoria do comportamento) é um exemplo atual de teoria de fator único, porque encara o homem, em essência, indiviso do seu ambiente. Ambos são produto de uma evolução comum, determinados no sentido de serem controlados por causas antecedentes. É de fator único porque para o behaviorista o condicionamento, causa única, é chave para ensino e aprendizado. Para behavioristas como B. F. Skinner as pessoas (individual e coletivamente) deveriam ser condicionadas e manipuladas cientificamente. Conceitos antigos de liberdade e dignidade humanas não têm significado.



TIPO 1:
TEORIA DO
FATOR-ÚNICO

Tipo 2: teoria de dois fatores

As teorias de campo têm a tendência de ser teorias de dois fatores. Para elas o ser humano está envolvido ativa e dinamicamente com seu ambiente. Este relacionamento é de interação: as pessoas organizam o mundo exterior com suas percepções, moldando a si, à sua cultura e até mesmo o ambiente natural. (Por exemplo: a música ocidental se baseia num sistema de oito tons; a oriental, em grande parte, num sistema de doze tons. É óbvio que na "natureza" existe uma escala muito ampla de sons. Porém eles somente recebem "status" quando o homem os seleciona, os organiza e percebe como "música". Não há oito tons "ideais" *na natureza*, que o homem "descobre". Por isto o relacionamento entre pessoa e ambiente é de interação: isto cria algo novo, que afeta a ambos!



TIPO 2:
TEORIA DE DOIS FATORES

Tipo 3: teoria de três fatores

Recentemente o trabalho de Piaget acrescentou uma sofisticação às teorias de campo normais. Piaget (que estudaremos mais adiante), em seu trabalho com crianças e outras culturas, destaca que os seres humanos têm de ser melhor definidos do que só como organismos "ativos". Ele estudou a estrutura da percepção de pessoas em desenvolvimento, e observou que a *maneira* de as pessoas organizarem seu ambiente é controlada por capacidades de percepção que todas as pessoas têm, e que se desenvolvem em seqüência!

O impacto da sua obra é que ele diz que não existe um número infinito de possibilidades, mas que a "natureza" da pessoa limita e define os meios de ela interagir com e organizar seu ambiente. O ser humano ainda tem um relacionamento de interação com o mundo, porém a estrutura da sua mente tem um papel crucial quanto ao tipo de interação que pode ocorrer.

Piaget, portanto, acrescenta um terceiro fator sobre o qual temos de refletir, quanto ao aprendizado... um fator que mereceu muita atenção nos últimos tempos na educação infantil, porém também de grande significado filosófico para nossa reflexão sobre o ser humano e a natureza do aprendizado.

INTERAÇÃO/ESTRUTURA

PESSOA (ATIVA)	AMBIENTE
PESSOA (ESTRUTURAL)	

TIPO 3:
TEORIA DE TRÊS FATORES

Tipo 4: teoria de quatro fatores

O filósofo secular tem a tendência de parar no fim do tipo 3. E também de negar, apesar de reconhecer que a estrutura da "natureza" humana é real, uma realidade semelhante para o ambiente. Ou seja, a *natureza objetiva* do ambiente como sendo diferente do homem e das suas percepções. Esta negação tem propósito: eliminar um dualismo prejudicial. Porém nos priva de uma afirmação significativa sobre a natureza da própria criação: a afirmação de que o mundo material tem uma "natureza", assim como o ser humano! Elimina também a possibilidade de que exista verdade absoluta separada do ser humano. Se encararmos a "realidade" meramente como uma função do homem-em-interação-com-seu-ambiente, então é claro que não pode existir "realidade" fora da percepção humana. E todos os construtos* humanos, todas as cosmovisões das culturas humanas têm a mesma validade. Não existe nada externo ao homem, nada objetivamente verdadeiro, com o que os construtos de indivíduos e culturas possam ser medidos. "Certo" e "errado" se tornam coisas relativas, ou que podem ser medidas somente por seu lugar na seqüência das percepções

* Nota da Editora: Construtos são as formulações de conceitos interrelacionados, que formam uma teoria ou um sistema de pensamento.

morais, "à la" Kohlberg.

Então, o que o cristão quer afirmar? Em primeiro lugar, que o ambiente natural do homem permite somente um número limitado de construtos da realidade, determinados e limitados pela estrutura do universo físico. Por exemplo, o homem não pode criar, em interação com o ambiente, uma cultura em que a pessoa sai pela janela e cai *para cima*. Ou em que há três sexos. A estrutura do universo físico impõe limitações a este tipo de criação. Mas o homem pode construir (e tem construído!) culturas em que o poder se equipara ao certo, a guerra tem mais valor que a paz, conquistar outros vale mais que servir a outros, e em que "alimento" é sangue e leite de animais, misturados, em vez de carne. Existe uma grande variedade de possibilidades.

Em segundo lugar, o cristão também quer afirmar que *existe* um padrão absoluto que pode julgar construtos da realidade. Se você quiser assim, o cristão crê em um ambiente sobrenatural, além de no natural: um ambiente que inclui o natural e lhe dá forma e significado, estendendo-se, todavia, além deste. O cristão crê em um Deus que é pessoa, cujas percepções determinam o que é verdadeiro e falso, bom e mau, certo e errado, salutar e prejudicial, com e sem significado, legal e pecaminoso. A percepção de Deus, não a do homem, determina estas coisas.

Note que esta afirmação faz da *revelação* uma necessidade absoluta. Podemos descobrir dados sobre o mundo natural. Podemos reunir dados sobre cosmovisões e estilos de vida que indivíduos e culturas construíram. *Porém somente se Deus revelar suas percepções* do universo nós poderemos selecionar os dados e *julgar entre sistemas que competem entre si. Somente entregando-nos à revelação de Deus e seguindo Suas palavras nós experimentaremos a Verdade, e teremos paz para ser o que somos.*

Em uma teoria de quatro fatores é essencial reconhecer que a revelação tem um papel crucial.

Um esboço de uma teoria de quatro fatores ainda não nos deixa descrever os mecanismos dentro da pessoa que expliquem o aprendizado. Podemos, entretanto, descrever certas dimensões importantes do aprendizado, se nos ocuparmos do discipulado (algo mais do que, simplesmente, memorizar Tabuadas).

INTERAÇÃO/ESTRUTURA

PESSOA (ATIVA)	AMBIENTE (NATURAL/ESTRUTURAL)
PESSOA (ESTRUTURAL)	AMBIENTE (SOBRENATURAL/REVELADO)

TIPO 4:
TEORIA DE QUATRO FATORES

o ser humano é ativo. As pessoas sempre interagirão com seu ambiente, ou seja, reunirão todos os tipos de dados e tentarão integrá-los de maneira que façam sentido para elas e sirvam de orientação para interação futura.

o ambiente é estruturado. Existe uma "natureza" do universo, também, que limita o número possível de maneiras em que um indivíduo possa manipular seus da-

dos, e assim, o número possível de cosmovisões que pessoas e culturas podem desenvolver.

o ser humano é estruturado. Existe uma natureza do ser humano, também, que limita o número de maneiras de um indivíduo perceber e processar os dados de seu ambiente.

a realidade é revelada. Deus, em Sua graça, falou, para revelar a natureza e a estrutura da realidade como *Ele* a percebe. A revelação nos dá, pela resposta de fé às palavras de Deus, a possibilidade de experimentar Verdade e Realidade, e de viver como pessoas livres; livres para conhecer toda a harmonia com nossa própria natureza, com Deus, e com os universos natural e sobrenatural em que fomos colocados.

vida de aprendizado

Quando tempos atrás conservadores insistiram que existem absolutos, que existe Verdade, e que Deus revelou estes à humanidade que, sem revelação nunca poderia tê-los descoberto ou conhecido, surgiram modelos de instrução e ensino "autoritário". John Stewart caracterizou, em sua obra muito boa sobre educação de valores (tese de doutorado não publicada, Universidade Estadual de Michigan, 1974), que uma concepção absolutista de valores geralmente destaca a necessidade de "instrução precoce, palestras e treinamento", com "confrontação com outros sistemas antes de se completar o processo de instrução" restrito (pg 29).

Bem, com certeza o cristianismo é uma fé absolutista; nós temos "um só corpo, e um só Espírito... um só Senhor, uma fé, e um batismo. E há somente um Deus e Pai de todos, que é o Senhor de todos, que age por meio de todos, e está em todos" (Ef 4: 4, 5 BLH). E insistimos em que há verdade, nobreza, direito, pureza, bondade e honestidade (Fp 4: 8). O cristão, certo de que pode confiar na revelação, se baseia na Escritura para distinguir também o que é falso, degradante, errado, impuro, revoltante, e que deve ser rejeitado. *Porém este compromisso de jeito nenhum significa que temos de recorrer à instrução forçada para comunicar uma realidade que cada crente precisa aprender como modo de vida*! De fato, pelo motivo de o que Deus revelou *ser* uma realidade que deve ser experimentada, podemos insistir que *a Verdade divina deve ser aprendida exatamente da mesma maneira que qualquer "realidade experimentada" é aprendida*! Em outras palavras, *devemos ser discipulados na vida de fé da mesma maneira em que qualquer pessoa é discipulada na sua cultura*!

Como acontece isto? Stewart (pg 132) descreve o processo de desenvolvimento:

> Desenvolvimento é um processo de interação que engloba (1) os fatores determinantes e limitadores dos aspectos genéticos e de maturação da base biológica do organismo, (2) a natureza, quantidade e qualidade da experiência direta do organismo com o ambiente, (3) a natureza e a orientação do processo de socialização, o que inclui influências dos pais, da educação, língua, costumes, regras, etc, e (4) o processo interno, auto-regulador e criador que serve de modelo, intermediário e regular de comunicação para o organismo e sua interpretação do ambiente.

O terceiro ítem aqui é de importância particular. Os teoristas do tipo 3 (pg 60) não deixam de ver as dimensões sociais do aprendizado, mas ainda têm a tendência de falar como se cada pessoa que nasce no mundo da verdade criasse (pelos elementos 1, 2 e 4 citados acima, do processo) seu próprio mundo *sem igual. Porém isto não é verdade. O ambiente social da pessoa existe como cultura em que ela é discipulada. A cultura, a própria língua comunica uma cosmovisão existente, um*

complexo de atitudes, valores, crenças e comportamento. Uma pessoa aprende sua "semelhança" sendo socializada em uma cultura!

Como um cristão pode aprender a *sua* semelhança? Como pode ele crescer e mudar, aprendendo percepções, atitudes, emoções, valores e comportamento divinos? Se nós queremos semelhança – se nossa meta é discipulado – então precisamos concentrar nossos esforços na educação não em verbalizações isoladas da Verdade, mas em formar uma comunidade em que a Verdade é vivida como realidade. Precisamos concentrar nossos esforços na educação em compreender e usar a Igreja, o Corpo de Cristo, como cultura, dentro da qual as pessoas que recebem o dom da vida de Deus devem ser envolvidas, e nisto *socializadas* em tudo que significa tornar-se como Ele é.

VERIFICAÇÃO

(casos,
perguntas,
incentivos à reflexão,
notas adicionais)

1. Rm 12: 2 fala que o crente deve deixar de ser *conforme* este mundo e *transformar-se* renovando sua mente (veja pg 49) . Você pode relacionar aspectos da teoria tipo 4 (pg 60) a estes dois processos? O que, por exemplo, "ser conforme" implica para a natureza humana? E quais as implicações da "transformação"? É justo dizer que "transformar" implica em uma *mudança interior para competir com a realidade?*
2. Cl 3 diz que o cristão é alguém que vestiu um "novo eu", que está em um processo de "ser renovado em conhecimento na imagem do seu Criador". Estude com cuidado o *contexto* desta afirmação. Que evidências ou indicações você encontra neste capítulo de que esta renovação envolve socialização, contexto e cultura?
3. Kolesnik dá a impressão de que as teorias *de campo* são difíceis de colocar em termos específicos de faça e não faça, quanto ao que tange a educação.

   Tente refletir sobre "educação" no sentido não formal, de socialização, e desenvolva uma lista de pelo menos vinte *faça e não faça* que você, a esta altura, acha que poderiam orientar uma educação cristã distinta na prática.
4. Teoria do aprendizado é um campo complexo, fascinante e frustrante. Se você quer ler mais sobre o assunto, aqui há uma lista de bons livros:

   Hilgard, E.R., *Teorias de Aprendizagem*, E.P.U., SP.

   Milholan, F. *Skinner x Rogers*, Summus Editorial, SP, 1978.

   Oliveira, J. B. A. *Tecnologia Educacional*, Ed. Vozes, SP.

   Dorin, L., *Livro Texto de Psicologia da Educação* Ed. do Brasil S/A SP.

   Rogers, C. R., *Liberdade para Aprender*, Interlivros, MG., 1977.
5. Abaixo faço um sugestão do que seriam as três principais estratégias da educação cristã. Estude as três, e: a) veja se você pode acrescentar outras

às do autor, b) Procure outros exemplos de métodos, e c) avalie cada estratégia com base nos argumentos dos capítulos 6 e 7 deste livro.

Três estratégias de educação

	características	*métodos apropriados*
1. da idéia para a vida	• começa com conceitos, não com experiência dos alunos • o relacionamento entre professor e alunos não tem importância primordial • os conceitos são de aplicação geral, a todos os alunos • a aplicação é feita com palavra (símbolos)	pregação preleção
2. da vida para a idéia	• começa com a experiência dos alunos • o relacionamento pode ou não existir entre professor alunos • o que se aprende tem aplicação geral a todos os alunos • a aplicação é feita com palavras (símbolos)	representação audiovisual e com discussão história bíblica representada
3. da vida para a vida	• começa com experiência do momento de professor e aluno • o professor participa de um íntimo relacionamento com os alunos • o que se aprende tem aplicação específica a cada aluno *agora* • a aplicação é experimentada em conjunto	viagem "missionária" conflitos familiares p. ex: experiência "real"

8

um método que modela

Quando consideramos a fé cristã diferente por ter como centro a posse da vida de Deus, isto nos lembra que a educação cristã deve se concentrar na pessoa como um todo. Considerar como tarefa da educação cristã o discipulado, o crescimento da pessoa que tem vida mais e mais em direção à imagem de Deus, nos ajuda a compreender que a transformação está relacionada com a socialização: toda a Igreja ensina. Ouvindo Jesus dizer que os discípulos bem treinados são como seus mestres (Lc 6:40), chegamos ao método da educação cristã: modelar

Enquanto achamos que ensinar nossa fé é basicamente transferir informações, é natural e certo conceber o professor como alguém que sabe. Enquanto presumirmos que comunicar fé significa fazer contato com a mente das pessoas, algo essencialmente intelectual, é natural e certo desenvolver um sistema "escolar" de educação cristã. Porém tudo isto muda se focalizamos o ensino da fé-como-vida. Comunicar fé-como-vida significa que temos de fazer contato e fazer crescer as pessoas como um todo. Comunicar fé-como-vida significa que o estilo de vida da fé e o conteúdo da fé precisam ser aprendidos, e que precisam ser *relacionados enquanto são ensinados.*

Quando procuramos estratégias de educação que abordem a pessoa integral, que formam compreensão, percepção, emoções, valores e comportamento de maneira unida e integrada, ficamos impressionados com o processo de socialização. Ficamos impressionados com a maneira de uma criança aprender cultura e língua, crescendo pela orientação do mundo dos que estão ao seu redor. Ficamos impressionados, também, que Deus planejou o Corpo de Cristo como cultura. Que crentes novos são exortados a "crescer em tudo naquele que é a cabeça, Cristo" (Ef 4: 15). Talvez até a observação de Jesus a seus discípulos, que precisamos "receber o reino de Deus como uma criança" para entrar nele (Mc 10: 15) reflita a necessidade do crente de aprender o estilo de vida e a semelhança dos filhos de Deus *como uma criança aprende.*

A natureza da Igreja, estudada nos capítulos 1 a 5, deve nos ajudar a compreender que o método de discipular de Deus é mais modelador que doutrinador.

- Depois da conversão nós nos reunimos a outros crentes, formando um corpo que interage. Não devemos "crescer sozinhos".
- O Corpo tem a finalidade de nos desenvolver: "Promovendo o seu crescimento em amor".
- Cada membro do Corpo recebe dons do Espírito Santo, para poder contribuir ao crescimento.
- Crescimento individual e do corpo provém da "colaboração de cada parte": crentes que trabalham juntos promovem e ajudam a tarefa da Igreja, que é de fazer crescer.
- Os ministérios do Corpo exigem que os seus membros estejam juntos e sirvam uns aos outros. O exemplo de Jesus, escolhendo doze para "estar com ele" lembra a recomendação de Hb 10: 24, de que os crentes não devem es-

quecer de se reunir.

- Os líderes da igreja são escolhidos entre os que, além de conhecer e saber ensinar a verdade, são capazes de ser exemplo (1 Tm 3, Tt 2).
- A ênfase no relacionamento dentro do Corpo sublinha a singularidade da existência deste grupo como comunidade distinta dentro das sociedades e culturas humanas.

Por isso nossa escolha da socialização como estratégia apropriada de educação a ser adotada pela educação cristã não está baseada nas ciências behavioristas, mas na teologia. Tendo em vista a natureza da fé cristã e da própria igreja é que nós nos concentramos em *modelar* como método-chave.

o que é "modelar"?

Tenho dito que aprender a fé cristã deveria ser muito parecido com aprender uma língua ou boas maneiras, no sentido de que a fé não fosse transmitida somente em situações artificiais que exigem infinitos tipos de reação, mas em situações reais, onde afeto, interesse, motivação, percepção e comportamento estão unidos. Em essência isto é um processo de socialização, "pelo qual as pessoas adquirem o conhecimento, a inteligência e as disposições que fazem delas membros mais ou menos capazes da sua sociedade" (Brim, Orville e Wheeler, Stanton, *Socialization After Childhood*, John Wiley & Sons, New York, 1966, pg 3). Neste sentido, socialização inclui "todos os aspectos da personalidade: capacidade, conhecimento, motivações, consciência, sentimentos" (Baldwin, Alfred L., *Theories of Child Development*, John Wiley & Sons, New York, 1967, pg 351). Fica claro que tudo isto é "roubado" de outras pessoas, no sentido de que teoristas do ego com freqüência olham para o padrão do relacionamento com outras pessoas na mocidade como origem da personalidade. (Sobre tratamentos típicos veja Hamachek, Don E., *The Self in Growth, Teaching, and Learning*, Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, New Jersey, 1965, e Jersild, Arthur T., *Child Psychology*, Prentice-Hall, 1960). Também foi sugerido há muito que as atitudes e motivações profundamente enraizadas que caracterizam as pessoas são essencialmente "roubadas" de outras com as quais tenham uma forte ligação emocional. De modo que foram feitas dissertações sobre desenvolvimento de moral, caráter e personalidade. "A natureza da moralidade de uma criança dependerá dos que estão ao redor dela – ou seja, as identificações que ela faz" (Bull, Norman J., *Moral Education*, Routledge and Kegan, Londres, 1969, pg 15). Isto é um exagero, porém ainda está em harmonia geral com teorias de aprendizado social que insistem que "o ambiente social desempenha um papel direto na formação, e experiências sociais importantes são aquelas em que a autoridade fornece à criança padrões pré-formados e age de maneira que surjam noções necessárias para adaptar os padrões" (Hoffman, Martin, "Desenvolvimento Moral", Charmichael, R. *Psicologia da Criança*, EDUSP, II, SP.)

A instrução direta tem, sem dúvida, sua importância na socialização. Porém outros processos foram muito pesquisados por teóricos do aprendizado social, conferindo-lhes destaque: observação de adultos. Bandura, Hoffman, Sears, A. Freud, McDonald, Walters e outros têm mostrado que a observação de outros tem um impacto muito forte sobre o comportamento. A maior parte da sua pesquisa, todavia foi feita em situações de laboratórios, em que as crianças estabeleceram poucos ou nenhum laço emocional com o adulto, e se concentraram em assuntos limitados como proibições morais, culpa e violações de regras. Da sua pesquisa, entretanto,

podemos concluir que a noção de que "semelhança" é comunicada de pessoa para pessoa está estabelecida com certeza.

De fato, é sobre moldar (ou identificar) que recai a maior ênfase como fonte da comunicação de semelhança. O desafio de querer ser como alguma outra pessoa molda mais o comportamento do que força ou recompensas: "uma tentativa motivada de parecer-se com uma pessoa específica" (veja "O Estudo da Identificação pela Percepção Interpessoal", de Unrie Bronfenbrenner, em *Person, Perception, and Interpersonal Behavior,* ed por R. Tagiuri e L. Petrullo, Stanford University Press, Stanford, 1958, pg 118. Veja também *Conduct and Conscience,* de Justin Aronfried, Academic Press, New York, 1968, pg 82).

Encarando o assunto desta maneira, moldar e identificar-se envolve mais que imitar.

> Identificação é um processo em que uma pessoa acredita ser igual a uma outra em algumas coisas, experimenta os sucessos e derrotas da outra pessoa como se fossem seus, e forma seu comportamento de acordo com o desta pessoa, consciente ou inconscientemente... Por haver envolvimento emocional com a outra pessoa a identificação é diferente da mera imitação (DeNike, L. Douglas e Tiber, Norman, "Comportamento Neurótico", *Foundations of Abnormal Psychology,* Holt, Rinehart and Wuinston, New York, 1968, pg 355).

Em um artigo muito citado Kelman (Herbert C. Kelman, "Compliance, Identification, and Internalization: Three Processes of Attitude Change", *Journal of Conflict Resolution,* nº 2, 1958) sugere três tipos de influência social, compreendidos no sentido de três processos psicológicos diferentes: *submissão,* produzida quando a origem da influência tem algum tipo de controle sobre o indivíduo; *identificação,* quando a influência está baseada no desejo de estabelecer ou formar um relacionamento satisfatório com outra pessoa ou grupo: e *interiorização,* quando o conteúdo (idéias e comportamento) do comportamento induzido é adotado como se fosse intrinsecamente compensador. Na verdade a identificação vem antes da interiorização. Ver a realidade em outra pessoa e querer ser como ela permite o teste e depois a adoção das suas feições, valores e caráter. De fato o estudo de identificação e formação mostrou que na infância e na adolescência os pais servem de modelo na maioria dos tipos de comportamento e para o caráter (veja Hoffman, Martin L., "Conscience, Personality, and Socialization Techniques", *Human Development,* 13:90-126, 1970).

Muitos estudos indicam que mera observação de adultos ou outros, mesmo aqueles com quem a criança não tem um relacionamento significativo, pode iniciar mudanças no comportamento. Identificação, no entanto, vai além de imitação de comportamento. Kohlberg destaca que a "identificação difere da imitação em dois aspectos: 1) na identificação todo o papel é assimilado, e o eu se forma em muitos aspectos de acordo com o modelo (não só em ações evidentes), e 2) identificação se baseia em um forte laço emocional com o modelo" (Lawrence Kohlberg, "Moral Development and Identification", *Child Psychology:* 62º anuário da Sociedade Nacional para Estudo da Educação, Imprensa da Universidade de Chicago, 1963, pg 296).

Moldar, então, é o mecanismo básico pelo qual ocorre a socialização. A criança que vive com seus pais cresce na cultura deles e se torna como eles. Já maior, outros modelos surgem, com os quais ela se identifica, e pelos quais forma sua própria personalidade e comportamento. Escolha e compromisso pessoal também tomam seu lu-

gar. *Mas a semelhança é aprendida pelo reconhecimento da semelhança em outros com quem a pessoa se identifica.*

Tudo isto Jesus disse de maneira tão simples há dois mil anos atrás: "O discípulo bem instruído será como o seu mestre".

discipulado

Nas ciências sociais os estudos sobre identificação e formação se concentraram no relacionamento entre crianças e adultos. Porém as pesquisas mostraram que também para os adultos âncoras sociais para personalidade e comportamento são importantes. Para todos os cristãos, crianças e adultos, que estão aprendendo a viver na cultura do Corpo de Cristo e desenvolvendo personalidades novas, cristãs, à medida que se tornam mais semelhantes com Ele, a existência de modelos e de uma identificação íntima de relacionamento com eles tem importância. Importante também é que não somente indivíduos sirvam de modelo, mas toda a comunidade cristã. A existência de modelo múltiplos da vida de fé é essencial.

Um estudo da literatura da Ciência behaviorista sobre formação e identificação reforça conclusões já tiradas de considerações teológicas e nos ajuda a descrever fatores na situação da educação que realçam o ensino/aprendizado da fé-como-vida (p. ex. o processo do discipulado).

1. Precisa haver contato freqüente e demorado com o (s) modelo (s).
2. Precisa haver relacionamento agradável e gentil com o (s) modelo (s).
3. Precisa haver acesso aos estados interiores do (s) modelo (s).
4. O (s) modelo (s) precisa ser observado em muitos ambientes e situações da vida.
5. O (s) modelo (s) precisa exibir consistência e clareza no comportamento, valores, etc.
6. Precisa haver correspondência entre o comportamento do (s) modelo (s) e as convicções (padrões ideais) da comunidade.
7. O estilo de vida do (s) modelo (s) precisa ser explicado por conceitos, com experiências acompanhadas de instruções.

Estes fatores nos ajudam a ver que instrução e modelação não se contradizem nem se excluem mutuamente. Pelo contrário, eles nos indicam uma situação em que conceitos da Verdade são ensinados, explicados e expressados em palavras. Mas também nos indicam outras dimensões da situação ensino/aprendizado que fazem mais provável que os conceitos sejam reconhecidos como realidades que devem ser experimentadas, e não simplesmente como idéias nas quais se deve crer. Para que a Palavra de Deus conquiste nosso coração e seja aplicada com eficiência na transformação precisamos ter um relacionamento íntimo com o professor. Precisamos ser (e querer ser) como o professor. Precisamos conhecer bem o professor, ter acesso aos seus sentimentos, seus valores, suas atitudes e suas maneiras de reagir à vida. Precisamos estar com o professor fora do ambiente formal de ensino, na vida. E o professor precisa ser uma pessoa que *vive* sua fé, e que reflete em sua personalidade o significado das verdades que a Escritura comunica com palavras.

Para uma educação cristã adequada é necessário também compreender que cada um de nós precisa de muitos professores. Que o Corpo como um todo, e os membros do Corpo individualmente, contribuirão para o crescimento de cada pessoa em Cristo. Em vez de pensar de "professores" como indivíduos especializados que trabalham em uma sala de aula, precisamos ver uns aos outros como crentes-sacerdotes, que estão *sempre e em todos contatos* discipulando um ao outro.

Em resumo, precisamos romper nossos padrões e maneiras de pensar da educação cristã e começar a refletir sobre o ministério de educação da Igreja de maneira nova, mais corajosa... e mais bíblica.

VERIFICAÇÃO

(casos,
perguntas,
incentivos à reflexão,
notas adicionais)

1. Se alguém sugerisse que mudássemos nossa terminologia na educação cristã, para mostrar que compreendemos o processo de crescimento, em que termos você se fixaria para substituir os seguintes:
   ensino
   professor
   sala de aula
   conteúdo
   educação
   instrução
   aprendeu
2. Aqui há uma lista das perguntas sobre a educação cristã que eu acho que deveríamos examinar com seriedade.Leia-as todas e depois: a) acrescente outras que você acha que deveriam constar da lista, b) escreve respostas curtas e rápidas para as em que você tem convicções, e c) marque com um "x" as que você acha "impossíveis de responder".

   a. Se os pais são os primeiros modelos da criança, por que treinamos professores, e não pais?
   b. Até que ponto o relacionamento entre membros de uma igreja local deveria ser íntimo?
   c. O quanto é importante falar do que sentimos sobre crescimento e desenvolvimento cristão?
   d. Que diferença faria em classes de adultos se encarássemos cada membro como "professor"?
   e. Quanto de interação precisa haver entre cristãos, se um deve discipular o outro?
   f. Que relacionamento deve haver entre os líderes da igreja e outros crentes, se o líder lidera sendo modelo?
   g. De que maneira os crentes se identificam com seu pastor? Ou será que isto não ocorre? Ou não faz diferença?
   h. Qual a vantagem de um retiro com conferência bíblica se nós somos ensinados por um preletor?
   i. Que lugar ocupa a conferência bíblica (preleção) na educação cristã?
   j. Que lugar ocupam retiros?
   k. Até que ponto o pastor deve ser pessoal quando está pregando?
   l. "Uma hora por semana" é a melhor maneira de estruturar o ensino bíblico? Temos alternativas?
   m. Qual seria a melhor relação professor/alunos em uma classe de escola dominical?

n. Se você fosse planejar a construção de uma igreja tendo em vista o crescimento dos membros, como você construiria este prédio?
o. Que diferença faz se as crianças nunca vêem o professor adulto agindo no mundo "real"?
p. Ensino em equipe é melhor do que a estrutura de professor único que temos hoje em dia em nossas classes?
q. Qual deveria ser nossa prioridade: educação cristã de adultos ou de crianças?
r. Que critérios você estabeleceria para a seleção de professores de escola dominical?
s. Quantas vezes você viu a Bíblia ser usada para explicar alguma atitude ou valor de um crente?
t. Que lugar tem a instrução de conteúdo da Bíblia na educação cristã?
u. Quais são as três pessoas que mais provavelmente têm um papel significativo em discipular uma criança?
v. E um adulto?
w. Que vantagens tem o grupo de estudo bíblico sobre o estudo individual? E vice-versa?
x. O que faz com que você admire e queira ser como outra pessoa?
y. Se nós conseguissemos fazer cada "leigo" considerar-se um crente-sacerdote em vez de "leigo", que diferença faria?
z. Os dons espirituais são de fato organizacionais (p. ex. para nos tornar capazes de preencher postos como "superintendente", "professor" ou "membro de comitê" na educação cristã), ou são eles essencialmente interpessoais, para serem usados em qualquer contexto, dentro ou fora da organização? Que diferença faria?

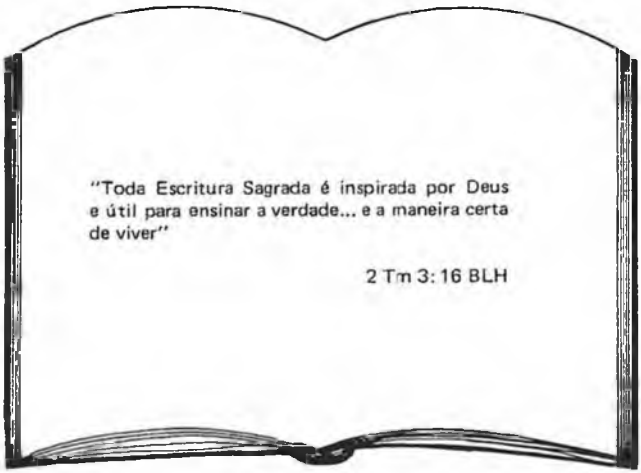
3. Falei neste capítulo que formação e socialização fornecem a chave tanto para a educação cristã de adultos como de crianças. Em outras palavras, precisamos ver que o ministério do Corpo é discipular, e planejar toda nossa vida em conjunto, com este propósito. Leia as "diretrizes para comunhão" nas páginas seguintes, desenvolvidas pela liderança da Capela Countryside, uma igreja em Glen Ellyn, no estado do Illinois. Estas diretrizes são uma tentativa daquele grupo de planejar toda a vida da igreja em termos de educação (discipulado). É um bom exemplo de uma tentativa criativa de construir sobre muitos dos princípios bíblicos que estão sendo apresentados por este livro.

A COMUNHÃO DOS CRENTES EM AÇÃO

"Não deixemos de congregar-nos..."

Nossas diretrizes para
a comunhão vêm da

Palavra de Deus



Capela Countryside

Glen Ellyn, Illinois

Nós cremos que o Espírito de Deus nos fala de muitas maneiras e em muitos momentos diferentes.

POR ISTO...

Obedecer a um horário rígido



ou um esquema imutável

1 jan.	8 jan.	15 jan.	22 jan.
1.	1.	1.	1.
2.	2.	2.	2.
3.	3.	3.	3.

é menos importante que

FLEXIBILIDADE

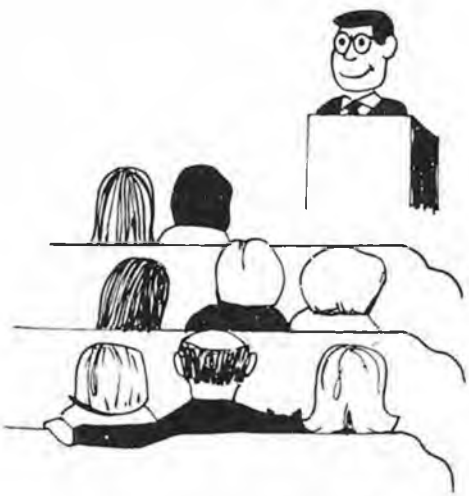
(ser sensível ao Espírito de Deus)

Nós cremos que maneiras de se *expressar* não são tão importantes quanto *pessoas*. Pessoas dão significado às formas, e algumas formas nos ajudam a fazer melhor certas coisas.

Às vezes sentamos de maneira que vemos o rosto de muitas pessoas, para podermos ver o brilho da ALEGRIA e da PAZ de Deus.



"Para nos estimularmos
(Hb 10:24)



Atos 20:27, 26, 25.

Às vezes sentamos de modo que o grupo todo possa prestar atenção com mais facilidade para aprender da Palavra e louvar o Senhor.

Nós cremos que *todas* as partes do
corpo são importantes. (1 Co 12: 12-26)

POR ISTO...

Em cada reunião deve ter

ALGO PARA CADA UM

homem — mulher

idoso — jovem

rapaz — moça

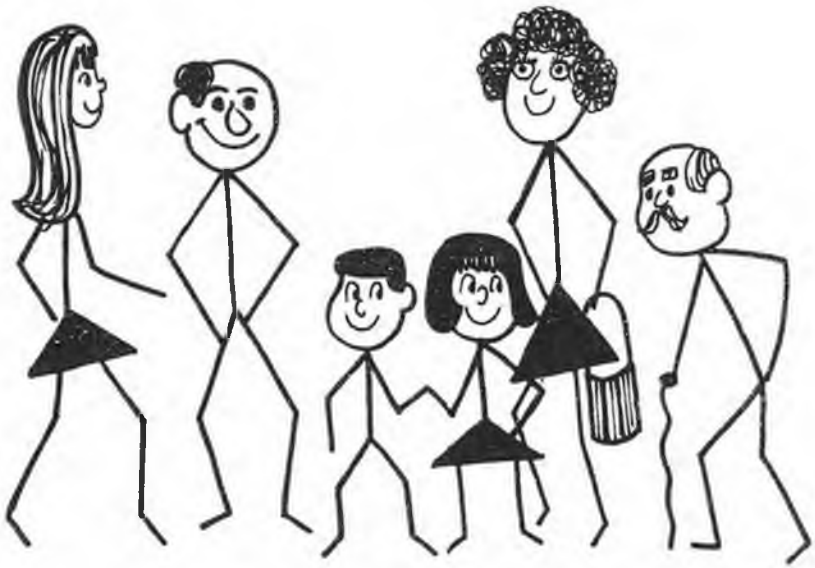
sábio — ignorante

solteiro — casado

músico — sem sensibilidade para música

filósofo — ativista

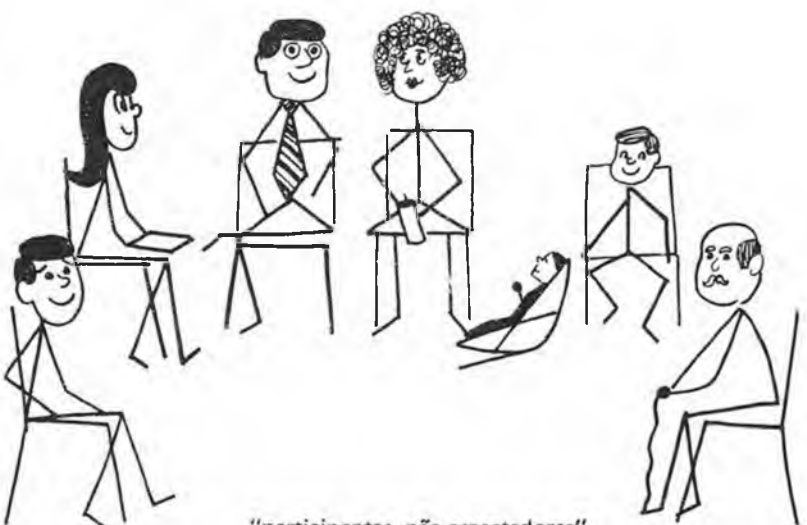
culto — iletrado



Nós cremos que *todos os cristãos* são servos de Deus... cada um com uma tarefa diferente. (1 Co 12: 4-11)

POR ISTO...

Tentamos dar a cada um "uma chance", sentando com freqüência de um modo que leva muitos "ministros" a participarem.



"participantes, não espectadores"

Nós cremos que todos podem
ajudar outros. Deus deu a
cada crente dons espirituais.
(Cl 3: 16, 1 Co 12: 7)

POR ISTO...

Nossa ↗ participação ↘ tem múltiplas formas



Alguns podem
exortar



Alguns sabem cantar



Alguns podem orar
ou dirigir reuniões
de oração

"Louvado seja Deus!"



Alguns podem
dar testemunho



Alguns podem
mostrar visuais



Alguns
podem ensinar



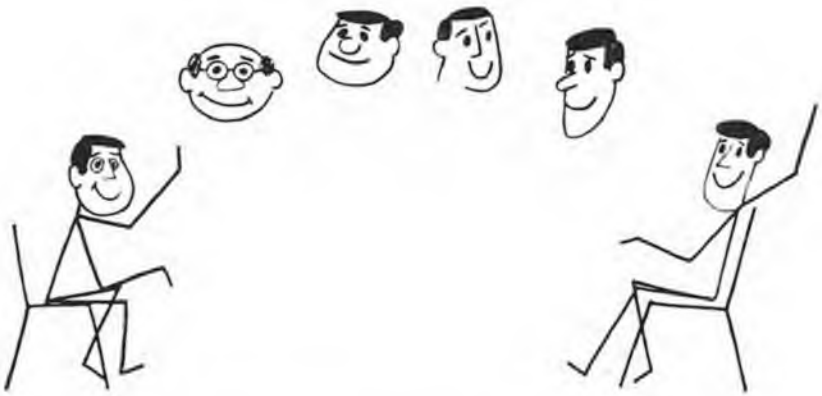
Alguns podem
manter contato
com outros



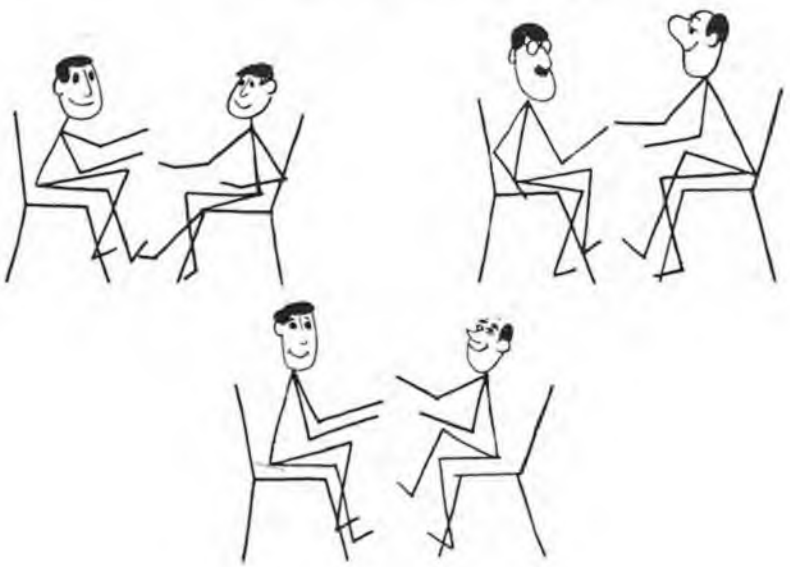
Nós cremos que precisamos da opinião de cada um.

POR ISTO...

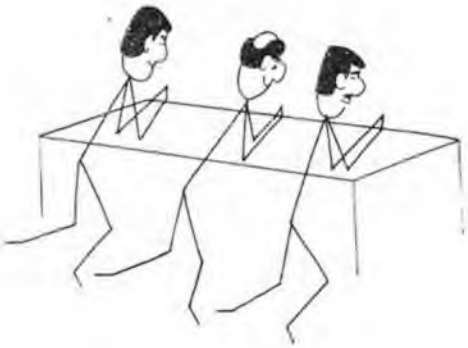
A participação deve ser espontânea



ou organizada, para facilitar as coisas



Seguimos o exemplo dos primeiros cristãos



Eles oravam juntos.
(At 4: 24-31)

Eles cantavam juntos.
(Ef 5: 18b-20)



Eles conversavam sobre coisas espirituais.
(1 Co 12: 8-11, At 15: 35)

Eles comiam juntos.
(At 2: 46)



Eles estudavam juntos.
(At 2: 42, 18: 11, Cl 3: 16)

Os primeiros cristãos faziam seu culto
de maneira que muitos pudessem participar.

"Que fazer, pois, irmãos? Quando vos reunis, um tem salmo, outro doutrina, este traz revelação, aquele outro língua, e ainda outro interpretação. Seja tudo feito para edificação." 1 Co 14:26

Nós cremos que algumas reuniões de cristãos deveriam ser só para compartilhar (1 Co 14: 26).

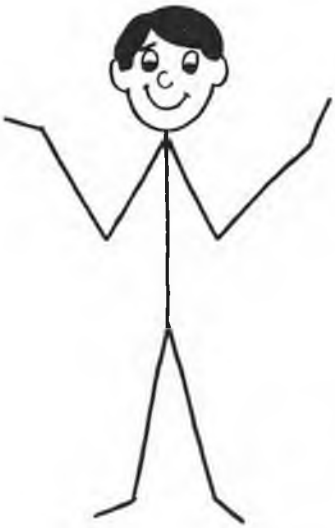
"Obrigado, Jesus!"

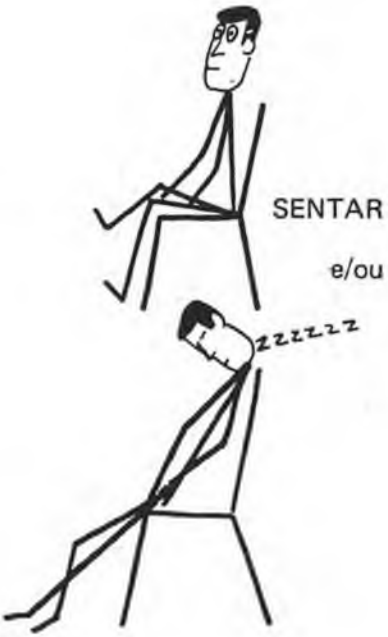


POR ISTO...

Espera-se que as pessoas venham para

DAR (além de receber) e não para





Às vezes servimos *uns aos outros* com
nossa música (Cl 3: 16, 17, 1 Co 14: 15, Ef 5: 18b-20).

Música apresentada por qualquer idade e cultura
nos ajuda a cultuar. Sl 150: 4



"Cristo tem amor por mim..."



"Deus é tão bom..."



"Castelo forte é nosso Deus..."



"Maravilhosa graça..."



Sl 149: 3



Sl 150: 3



"Cumbaiá, Senhor..."



Sl 150: 5



"Cristo tem amor por mim..."

O Espírito Santo fala conosco quando falamos *uns com os outros.*

A Bíblia diz:

"Instruí-vos e aconselhai-vos *mutuamente*"
(Cl 3: 16)

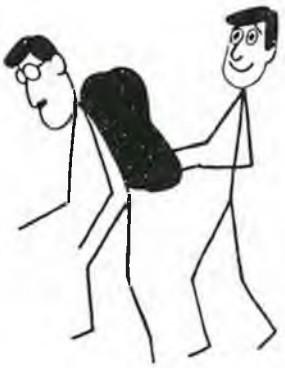
"Consideremo-nos também *uns aos outros,* para nos estimularmos ao amor e às boas obras"
(Hb 10.24)

"Falando entre vós, louvando de coração ao Senhor"
(Ef 5: 19)

POR ISTO...

Deixamos que os que têm dons espirituais públicos apresentem a Palavra de Deus. Isto pode ser planejado, mas às vezes é espontâneo.

Quando oramos, nós:



. . .dividimos carga

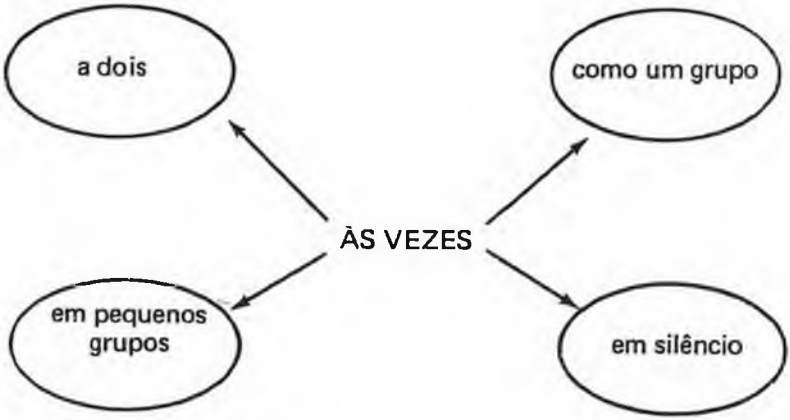
. . .expressamos necessidades



1 Co 14: 15

. . .agradecemos e louvamos

Levamos tudo ao Senhor:



ASSIM... Cada semana nossa comunhão

inclui estes ingredientes

TER COMUNHÃO

- ORAR juntos
- CANTAR juntos
- FALAR uns aos outros
  (testemunhos, conhecer-se, grupos pequenos, atividades familiares)
- APRENDER juntos
  (estudos bíblicos, exortação, representações, filmes, conversas)

Cada semana a mistura é *diferente,*
e
por isto
O SABOR é diferente

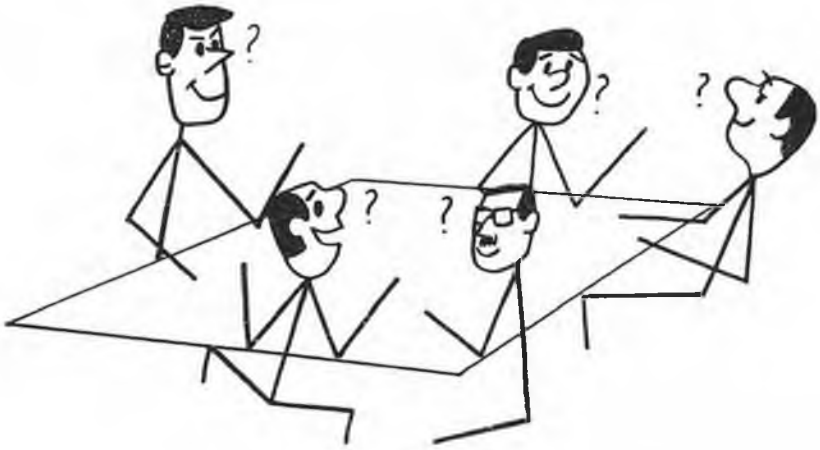
Porque cremos que
"Deus não é de confusão; e, sim, de paz... Tudo seja feito com decência e ordem."
(1 Co 14:33, 40)

Os líderes estão convictos que a comunhão dos crentes precisa ser *muito bem* planejada

(Para assegurar participação ampla e variada).

POR ISTO...

Os { líderes / pastor } avaliam



regularmente o andamento dos trabalhos,
para ter certeza de que está
sendo usado um processo bíblico de
planejamento, que se baseia
em objetivos estabelecidos pela Diretoria
e dá toda atenção às pessoas

POR ISTO...

VENHA!

Participe e seja abençoado ouvindo
Deus falar a e através de nós!!

UMA PALAVRA MAIS:

Você talvez não esteja familiarizado com este tipo de reuniões na igreja. Talvez você até se sinta pouco à vontade e tenha dificuldades para se adaptar a ele. E nem tudo lhe parecerá importante — mas você pode alegrar-se com a idéia de que algum irmão seu está sendo abençoado neste momento (Marcos 10: 45).

Um bom método de verificar como funciona este tipo de culto é tentá-lo com um grupo pequeno. Combine com 6 a 10 cristãos conhecidos seus encontrarem-se na casa de alguém, estudando assim a Palavra de Deus. *Tente — você vai gostar!*

9

uma dimensão interpessoal

A Bíblia deixa bem claro que é vital que haja um relacionamento íntimo entre as pessoas que formam o Corpo. A teoria do modelo nos ajuda a compreender por que: Precisamos conhecer e amar os que nos discipulam, para sermos como eles são.

A partir disto temos de fazer uma objeção importante. É possível desenvolver este relacionamento na sala de aula? Porque abandonar a classe escolar como ponto de partida para a educação cristã? Será que nossa teologia exige mesmo que façamos uma mudança tão drástica na nossa concepção de educação, como este livro está mostrando?

A idéia de que o clima do relacionamento é importante para o aprendizado não é estranha nem à educação cristã, nem à secular. Um levantamento de duas décadas de pesquisa nesta área nos ajudará a encarar alguns dos nossos próprios objetivos.

abordagens interpessoais em educação

preliminares. Dificilmente uma preocupação pelo grupo da sala de aula é algo novo na educação. No começo da década de 50 foram escritos diversos relatos de experiências que variavam de classes "centralizadas no professor" a "centralizadas no aluno", quase todas feitas a nível universitário. Alguns encaravam a discussão e outros métodos centralizados no aluno como meios principais para envolver mais o aluno no aprendizado, porém muitos tinham um conceito mais amplo do papel do grupo de sala de aula e esperanças mais elevadas para o impacto que causaria o processo. Dois artigos do fim dos anos 50, escritos por Leland P. Bradford, refletem um ponto de vista típico. O primeiro foi publicado em *Adult Education* e o segundo em *Teacher's College Record.* Nestes artigos Bradford diz que:

> Um clima de grupo, que reduz a defensividade e o medo do indivíduo quanto à revelação das suas limitações, proporcionando aceitação e apoio a todos os alunos, contribuirá muito para prevenir ou remediar sentimentos de rejeição, inferioridade ou fracasso. *Este clima é essencial para criar disposição para o aprendizado* (grifo meu) e ajudar a encarar e resolver problemas que inibem crescimento e desenvolvimento do grupo e dos indivíduos.

Quanto à pressuposição de que "o processo ensino-aprendizado é uma transação humana que envolve professor, aluno e grupos de alunos em um conjunto de interação dinâmica", Bradford acha que a educação deve se preocupar com desenvolver "um grupo que aprenda com eficiência, onde os integrantes se ajudam mutuamente, e onde o moral é alto." Depois de criado um grupo deste tipo os indivíduos teriam uma ajuda substancial no aprendizado e na mudança de comportamento. Bradford afirma, de fato, que:

> Enquanto os pensamentos, sentimentos e comportamento que precisam ser mudados não emergem à superfície para o indivíduo e à vista dos que o ajudam (em situações de aprendizado formal o professor e outros membros do grupo que aprende), há poucas possibilidades de aprendizado

ou mudança.

Bradford, desta forma, argumenta a favor de uma ênfase no grupo, por parte da educação, que crie um clima propício ao aprendizado, uma "atmosfera no grupo que aprende", que "reduza ameaças e defensividade e dê apoio emocional enquanto o aluno passa pelo difícil processo de mudar padrões de pensamento e comportamento."

análise dos resultados. Foram feitas muitas experiências com o objetivo de confirmar a superioridade dos métodos centralizados no aluno. Os resultados de forma alguma foram encorajadores. Dubin e Taveggia (*The Teaching-Learning Paradox*, Center for Advanced Study of Educational Administration, Universidade de Oregon 1968) analisaram os dados de mais de 140 estudos deste tipo, de métodos de ensino superior, e concluíram, quanto aos efeitos relativos dos vários métodos, que quando *"a utilidade é medida através de exames finais,* NÃO HÁ DIFERENÇAS SIGNIFICATIVAS". Mesmo admitindo que pode haver resultados que não podem ser medidos através de exames, mas com os quais a educação deve se preocupar, os autores destacam que estes exames ainda "têm sua importância para uma das funções principais de uma instituição de ensino superior" e, poderíamos acrescentar, para as alegações de teóricos do relacionamento interpessoal, de que métodos de grupo criam um contexto em que o indivíduo terá proveito tanto na área do conhecimento quanto em outras áreas.

Há muitos comentários sobre este tipo de experiências. Frymier (*The Nature of Educational Method*, Chas. E. Merril Books, Inc., Clumbus, Ohio, 1965) fala de diversas maneiras de ensinar em sala de aula, como preleção x discussão, estruturas de grupo pequeno ou grande, etc, e conclui que:

> A maior parte destes estudos desaponta. Geralmente eles indicam poucas diferenças nos resultados do ensino, indiferente dos métodos usados ou dos objetivos medidos. Alguns dos relatos técnicos até são feitos de uma maneira derrotista, ao afirmarem que tal ou tal procedimento "aparentemente não teve resultado pior" que algum outro.

Até mesmo McKeachie, ao escrever sobre o ensino a nível superior/universitário no *Handbook of Research on Teaching* (N. L. Gage, ed, Rand McNally, Chicago, 1963) se vê forçado a dizer que não há nenhuma "diferença significativa" nos resultados do aprendizado na interminável sequência de estudos, apesar de achar que a pesquisa parece estar mostrando que "quanto mais valorizarmos os resultados que vão além da aquisição de conhecimentos, mais preferência daremos a métodos centralizados no aluno" (pg 1140). Porém na mesma publicação Wallen e Travers afirmam que mesmo nas áreas em que os defensores dos métodos de grupo dizem ter vantagem (solução de problemas, aplicação do conhecimento, etc), "há pouca evidência direta" de sucesso, se tentarmos medir os resultados nestes termos (pg 481).

Não importa a maneira com que discutamos o assunto: ficou claro que a ênfase no grupo de aprendizado e no uso de métodos de ensino que facilitem a interação não correspondeu às expectativas dos teóricos.

Enquanto as experiências com o grupo de sala de aula desapontavam, uma tradição paralela, condensada pelo Instituto NTL, desenvolveu muitos artigos literários que iam além das experiências com processos de grupo. Esta tradição sugere funções muito interessantes para a experiência de grupo no treinamento de relacionamento humano, auto-descoberta, promoção de diversas mudanças em indivíduos e organizações. O grupo de confronto, chamado Grupo T, instrumento primordial nesta

tradição, provou dar bons resultados e idéias em muitas áreas. E o que foi descoberto acerca dos processos de grupo (circulação livre de dados emocionais e também de conhecimento, solução de problemas de grupo, como chegar a um consenso, etc) é muito interessante para o educador. O trabalho com estes grupos talvez ensine que se as experiências pedagógicas tivessem sido precedidas por experiências que visassem a criação de um grupo coeso, os resultados medidos talvez fossem diferentes.

Infelizmente a evidência de pesquisas existente parece não dar apoio a esta opinião. Torrance ("Perception of Group Functioning as Predictor of Group Performance", *Journal of Social Psychology*, vol. XLII, novembro de 1955) observou já cedo que tripulações de bombardeiros eficientes diferem de tripulações ineficientes "em que seus integrantes percebiam com menos freqüência a harmonia e com mais freqüência a discórdia". Em um estudo de jogo de direção de negócios foram formadas "companhias" de pessoas que já estiveram antes nos mesmos ou em diferentes Grupos T sem liderança, quinze semanas antes. Os que tinham estado no mesmo grupo se comportaram de maneira diferente dos outros. Apresentaram menos conflitos, mais facilidade de contato e mais abertura, enquanto que os outros tiveram um rendimento muito fraco, perdendo US$ 5,37 milhões, em vez de apresentar lucro, como as companhias de Grupos T. Blake, Mouton e Frucheter ("A Factor Analysis of Training Group Behavior", *Journal of Aplied Psychology*, 1962) também relatam resultados contraditórios com respeito ao relacionamento direto entre coesão e produtividade de grupo. São poucas as evidências, mas pesquisas como estas nos fazem hesitar antes de aceitar a idéia inocente, mas intuitivamente lógica de que se os grupos de sala de aula recebessem treinamento de Grupos T a classe centralizada no aluno teria os resultados preditos pelos primeiros teóricos.

ou/ou? Cartwright ("The Nature of Group Cohesiveness", em *Group Dynamics Research and Theory*, Cartwright and Zander, ed, Harper & Row, New York 1968) sugeriu que existem dois tipos básicos de função de grupo; o que enfoca a) o alcance de algum objetivo específico pelo grupo, e b) a preservação e fortalecimento próprio grupo. A educação tem levado pouco em consideração a possibilidade de que *no nosso sistema atual* estas funções se inibem mutuamente. Ou seja, perseguir os objetivos impostos por nosso sistema educacional bloqueia as maneiras de comportar-se apropriadas às funções psicosociais de um grupo, e inversamente que comportamento de tipo psico social é tido por grupos instrutivos como não apropriado, em vista das metas inerentes à educação.

Por exemplo: Jansen, em seu texto de pesquisa: *Educational Sociology*, vê que cinco tipos de relacionamento se desenvolvem entre membros de grupos instrucionais: (1) relacionamento de trabalho e solução de problemas, (2) relacionamentos que têm a ver com tomada de decisões, (3) relacionamentos que surgem quando membros do grupo tentam influenciar-se para um tipo de comportamento em vez de outro, 4) relacionamentos sociopsicológicos que surgem da necessidade dos membros de expressar percepções particulares de sentimentos quanto às experiências do grupo instrucional, e 5) os que surgem quando membros tentam fazer avaliações pessoais dos outros. É importante perguntar se alguns destes são encarados por membros de um grupo instrucional como capazes de levar à concretização de objetivos individuais ou coletivos, e outros (principalmente 4 e 5, às vezes 2) como irrelevantes para a razão de existência do grupo.

Harrison ("The Design of Cross-Cultural Training", *Explorations: Human Relationship Training and Research*, National Training Labs., Washington, DC, 1966)

tem um artigo interessante a este respeito. Ele diz que os métodos de educação tradicional não podem ser aplicados para alcançar as metas do treinamento transcultural, ou em qualquer situação de aplicação que exija capacidade de adaptação a situações sociais ambíguas e de ação sob pressão, nestas situações. Ele destaca que a sala de aula treina para "uso de símbolos, não de coisas; apoio no raciocínio, e não na ação." Harrison acha que a falha da educação tradicional não está tanto no seu conteúdo quanto na sua orientação para a vida e a solução de problemas, determinada por seu método de sala de aula. Citando de Schien e Bennis a tabela "meta-objetivo" para estas orientações, Harrison analisa da seguinte maneira a educação de sala de aula:

Metas-objetivos das salas de aula de ensino superior	Metas-objetivos apropriados para treinamento transcultural
Fonte de informação. A informação vem de especialistas e fontes autorizadas, através de livros, palestras e apresentações audio-visuais. "Se você tem uma pergunta, procure." *Lugar de aprendizado.* O aprendizado se dá em lugar preparado para este propósito, e.g., salas de aula e bibliotecas. *Maneiras de resolver problemas.* Especialistas e autoridades apresentam e definem os problemas para o aluno. São especificados os métodos corretos de solucionar os problemas, e o trabalho do aluno é checado para ver se aplicou o método apropriado com exatidão, ou pelo menos resultados razoáveis. A ênfase está na solução de problemas conhecidos. *Papel de emoções e valores.* Geralmente trata-se dos problemas a nível ideal. Perguntas pela razão e pelo fato são de importância primordial. Sentimentos e valores podem entrar em discussão, mas raramente age-se com base neles. *Critérios de aprendizado bem sucedido.* Avaliação favorável por especialistas e autoridades da qualidade da produção intelectual do indivíduo, principalmente material escrito.	*Fonte de informação.* O aluno tem de desenvolver fontes de informação do ambiente social. Métodos de coleta de informações incluem observação e questionamento de argumentos, outros alunos, e conhecimento casual. *Lugar de aprendizado.* O aprendizado se dá em todo o ambiente social. Cada encontro com outra pessoa provê informações importantes. *Maneiras de resolver problemas.* O aluno depende de si mesmo para definir problemas, criar hipóteses e coletar informações do ambiente social. A ênfase está em descobrir problemas e desenvolver soluções na hora da dificuldade. *Papel de emoções e valores.* Os problemas geralmente estão carregados de valores e emoções. Muitas vezes os fatos são menos importantes que as percepções e atitudes que as pessoas têm. Valores e sentimentos têm conseqüências na ação, que deve ser encetada. *Critérios de aprendizado bem sucedido.* Estabelecimento e manutenção do relacionamento satisfatório com outros no ambiente de trabalho. Isto inclui a capacidade de se comunicar com e influenciar outros. Muitas vezes não há critérios além da atitude das partes envolvidas no relacionamento.

Em poucas palavras, então, Harrison diz que um estilo de vida independente do conteúdo ensinado é inerente ao nosso método educacional. E estas metas-objetivos não apoiam as dimensões de vida de grupo que os teóricos educacionais acham que

devem ser desenvolvidas para ajudar aprendizado e mudança! De fato, Harrison parece sugerir que mesmo quando estão em conflito objetivos de comportamento apropriados a um certo currículo e os implícitos no método educacional, a semelhança é que as metas-objetivos influenciarão o comportamento subsequente com mais probabilidade!

orientações? Resumindo, então, podemos dizer que não se concretizou a expectativa de uma revitalização da educação, através do desenvolvimento de grupos instrucionais coesos e de apoio. Métodos centralizados no aluno provaram não ser superiores a métodos centralizados no professor, particularmente nos resultados de conhecimentos. Há evidências de que a harmonia dentro do grupo pode até diminuir a produtividade. Considerações como estas contribuem com poucas diretrizes para a educação – mas criam todo um conjunto de perguntas, e sugerem áreas de pesquisa talvez mais proveitosas (e com certeza mais difíceis). Algumas perguntas que surgem, por exemplo:

> *O grupo como inovação da educação (em que o professor tenta desenvolver um grupo coeso) é uma estratégia viável?*
>
> *É possível "misturar" na educação os dois tipos básicos de função de grupo (de alcance e psicológico), para que um apóie e auxilie o outro?*
>
> *As metas-objetivos da educação contemporânea se adaptam melhor às realidades da vida em nossa cultura que as implícitas na orientação de grupo?*

Estas e outras perguntas semelhantes concentram a atenção no *sistema* educacional e nos forçam a fazer perguntas sobre a sua estrutura. Perguntas como as duas primeiras, acima, dão a impressão de que nossas estruturas atuais exercem pressões que inibem exatamente os efeitos que queremos obter no desenvolvimento do grupo. Perguntas como a terceira abordam os valores, questionando o tipo de mundo para o qual estamos treinando os alunos – ou tentando criar através da educação. Questionam estilos de vida e orientações para a vida: o que devemos preferir? Estou convicto que é este tipo de pergunta que a educação deve se fazer – e estar disposta a responder. Precisamos definir quais resultados são mais apropriados para os nossos valores, e tentar reestruturar o método básico da educação, em vez de brincar com componentes do processo educacional dentro do atual sistema.

Isto não é um ponto de vista isolado. Em uma discussão do método educacional do estado de Ohio, Jack Frymier confessou que:

> Talvez seja ilógico esperar mudanças dramáticas na eficiência da educação, mas precisamos de um começo. Não é suficiente repetir os velhos erros. Precisamos de um conceito completamente novo do que seja o esforço da educação, uma idéia nova corajosa que jogue todas as partes em novo molde. Não basta remendar o que estamos fazendo... (29, pg 285).

Há muitos candidatos para o "novo conceito", desde a CAI (Computer Assisted Instruction) até o Sistema Britânico de Comunicação Estrutural e a idéia Rogeriana de aprendizado baseado na própria pessoa. Cada candidato propõe muitos argumentos. Dr. B. Frank Brown, por exemplo, ao falar sobre uma experiência com programas de estudo independentes para universitários financiado pela Fundação Ford, insiste que "em um mundo que foi sacudido por uma rápida explosão de conhecimento, o ensino deve ser subordinado ao aprendizado, e os currículos das escolas montados ao redor de:

1. Aprender por perguntas
2. Aprender por ação

3. Captar a imaginação
4. Estimular o raciocínio
5. Aprender por descoberta, testar, e até mesmo fracassar e tentar de novo."

Dr. Brown continua: "Estes objetivos podem ser alcançados somente em situações de estudo independente viáveis."

Muitos educadores, porém, querem resultados de aprendizado bem além destes. Podemos dizer que tão recentemente quanto 1962 os objetivos da esfera afetiva, que envolvem mudança nos interesses, atitudes, valores e opiniões (esfera do ajustamento pessoal-social) do aluno, não foram classificados ou totalmente desenvolvidos. Desde que a *Taxonomy of Educational Objectives, Handbook II: Affective Domain* de Krathwohl foi editada (1964), o lugar deste tipo de aprendizado na educação foi novamente levado em consideração. E, ainda, um artigo recente no *Educational Technology* ("Instructional Objectives in the Affective Domain", Mary Harbeck, janeiro de 1970) sublinha que:

> Apesar da recente ênfase na necessidade de integrar os processos cognitivo e afetivo, a distância entre o que se sabe sobre a natureza e o desenvolvimento dos processos de pensar e sentir, e como isto é transferido à prática instrutiva, ainda é muito grande.

Os que levam a sério as metas do aprendizado afetivo, no entanto, tem por característica preocupar-se com o comportamento de interação na sala de aula, e expressam com persistência os pontos de vista de expoentes de "grupo" mais antigos. Gorman constata, em um excelente livro deste tipo, que "a pressuposição básica... é que ensinar e aprender é um processo de comunicação entre indivíduos, em uma situação de grupo". Este ponto de vista de ensinar/aprender leva Gorman a recomendar que seja desenvolvido um grupo coeso, na pressuposição dupla que num clima favorável as pessoas "aproveitam mais seu potencial e estão livres para concentrar-se no estudo", e que a criação de um grupo destes "ensina os alunos a ser mais objetivos, seres humanos mais felizes".

E assim se fecha o círculo.

Quanto mais educadores encaram o aprendizado como mistura de resultados cognitivos e afetivos, tanto mais se interessam por relacionamento – e mais difícil é conceber um método de ensino.

Resumindo, o que parece que estamos descobrindo é que o sistema formal de escola *em si* define certo relacionamento e certos tipos de intercâmbio (de idéias, não de sentimentos) como sendo apropriados, excluindo assim os tipos de relacionamento que são significativos para o discipulado! Isto não quer dizer que adultos ou crianças e adultos não podem aprender juntos. Mas implica em que quando se encontram o melhor é não definir a situação como "escola". Enquanto professores e alunos pensarem estar em uma escola, eles não desenvolverão o tipo de relacionamento ou de intercâmbio que são importantes para o discipulado!

Por estranho que pareça, quando adotamos da nossa cultura o sistema de escola formal para o ensino religioso, na verdade estabelecemos as condições sob as quais o discipulado e o crescimento na semelhança têm menos probabilidade de ocorrer!

VERIFICAÇÃO

casos,
perguntas,
incentivos à reflexão,
notas adicionais

1. Quando nosso objetivo ao desenvolver uma estratégia educacional é facilitar o identificar-se e imitar, fica importante que professores e alunos (modelos e discípulos) venham a conhecer e entender bem uns aos outros. Precisamos conhecer os sentimentos do outro, sua motivação, suas idéias e como ele age. Um exemplo de com que facilidade as pessoas podem *entender mal* umas às outras, se motivação, sentimentos e conceitos não forem verbalizados, aparece em Laing, Philippson e Lee, *Interpersonal Perception* (Tavistock Publications, Londres, 1966).
   Eles descrevem a "bagunça" nestes termos:

Pedro	Paulo
1. Estou agitado.	1. Pedro está agitado.
2. Paulo está agindo de maneira muito calma e controlada.	2. Tentarei ajudá-lo permanecendo calmo, só ouvindo.
3. Se Paulo se preocupasse mesmo comigo e quisesse me ajudar, ele faria alguma pergunta e demonstraria também alguma emoção.	3. Ele está ficando ainda mais agitado. Tenho de ficar ainda mais calmo.
4. Paulo sabe que ele me enerva.	4. Ele está pondo a culpa em mim.
5. Se Paulo sabe que seu jeito me enerva, ele deve estar fazendo isto intencionalmente.	5. Estou mesmo tentando ajudar.
6. Ele deve ser alguém cruel e sádico. Talvez ele tenha prazer nisto.	6. Ele deve estar querendo chamar atenção.

Nesta anedota os autores mostram com clareza com que facilidade o comportamento por si só pode ser mal interpretado. Temos de compreender as outras pessoas e suas percepções e emoções: para que isto ocorra deve haver *auto-revelação* e um intercâmbio honesto de sentimentos e informações.

   a. Quantas vezes você viu auto-revelação na sala de aula (sentimentos)?
   b. Quantas vezes você viu auto-revelação em uma classe de seminário ou de escola dominical?
   c. Na sua opinião, que relacionamento há entre auto-revelação e identificação?
   d. Quantos professores de escola dominical você acha que "realmente conhecia"? Onde os conheceu? Como os conheceu?
   e. Por que hátão pouca auto-revelação em nossas salas de aula?

2. Em seu livro sobre *Interpersonal Perception* os três autores apresentam um método para descobrirmos até que ponto conhecemos pessoas com quem temos bastante contato. O método é simplesmente colocar uma série de perguntas que cada participante deve responder por si mesmo, depois, dizer como acha que a outra pessoa responderia, e por último dizer como acha que a outra pessoa acharia que ele responderia. Cada uma das afirmações deve ser marcada com + + (*muito* certo), = (razoavelmente certo), - (errado) ou — (muito errado). Abaixo há um par de exemplos do padrão a ser seguido, extraído do livro.

   45. A. Quão verdadeiras, você acha, são as afirmações abaixo?
      1. Ela me perdoa prontamente.
      2. Eu lhe perdoo prontamente.
      3. Ela se perdoa prontamente.

4. Eu me perdoo prontamente.

B. Como ela responderia?
1. "Eu lhe perdoo prontamente".
2. "Ele me perdoa prontamente".
3. "Eu me perdoo prontamente".
4. "Ele se perdoa prontamente".

C. Como ela pensaria que você respondeu?
1. Ela me perdoa prontamente.
2. Eu lhe perdoo prontamente.
3. Ela se perdoa prontamente.
4. Eu me perdoo prontamente.

53. A. O quanto você acha que são verdadeiras as afirmações abaixo?
1. Ela acredita em mim.
2. Eu acredito nela.
3. Ela acredita em si mesma.
4. Eu acredito em mim.

B. Como ela responderia?
1. "Eu acredito nele".
2. "Ele acredita em mim".
3. "Eu acredito em mim mesma".
4. "Ele acredita em si mesmo".

C. Como ela pensaria que você respondeu?
1. Ela acredita em mim.
2. Eu acredito nele.
3. Ela acredita em si mesma.
4. Eu acredito em mim.

Este "teste" é feito com cada pessoa do grupo, e depois as respostas são comparadas. O resultado é uma indicação bastante exata do grau em que as pessoas se conhecem, até que ponto são transparentes em seu relacionamento, e até que ponto cada um poderia servir de modelo para o outro. É claro que se as idéias de um sobre o outro não são certas, este não pode servir de modelo eficiente, se o objetivo é *semelhança* entre modelo e discípulo.

Tendo assimilado esta estratégia de verificação, agora tente fazer o seguinte:

a. Selecione *dez* indicadores (como *perdoar* e *acreditar* nos exemplos acima), que você acha que são dimensões significativas do relacionamento cristão, que cada crente deve ser modelo para os outros. Relacione-os abaixo.

1. _____ 6. _____
2. _____ 7. _____
3. _____ 8. _____
4. _____ 9. _____
5. _____ 10. _____

b. A seguir, invente uma série de perguntas como aquelas acima, que possa ser aplicada a duas pessoas em situação de ensino/aprendizado.

c. Selecione uma ou mais duplas com quem fazer o teste de dez ítens: talvez pai e adolescente, professor e aluno, pastor e membro, professor

de escola dominical e aluno, marido e esposa, crente novo e evangelista, etc.

d. Faça uma *predição* quanto a que dupla terá o maior grau de percepção mútua. Escreva com exatidão a razão da sua escolha.
e. Faça o teste com as duplas escolhidas, e compare os resultados.
f. *Se sua predição não foi correta,* ponha no papel diversas hipóteses para explicar por que isto se deu. Depois entreviste as pessoas, e veja o que pode fazer para explicar os resultados.
   Se sua predição foi correta, entreviste as pessoas para ter certeza de que o conceito que fez delas era válido e relacionado aos resultados que obteve.

3. Se você participa de uma classe que estuda este livro em conjunto, você poderia pensar num projeto de classe, e analisar o relacionamento entre os participantes em diversas situações de educação na igreja local. Explore as possibilidades. São muitas!

10

resultado abundante

A educação cristã é um ministério dinâmico do Espírito Santo; um ministério em que Ele se desincumbe de sua tarefa, que é transformar os crentes através de processos que Deus inseriu na natureza humana e na natureza da Igreja.

A educação cristã é um ministério distinto do que nós temos chamado de "educação". Ela não produz simplesmente homens e mulheres que sabem, mas homens e mulheres – e uma comunidade – que estão se tornando semelhantes a Jesus neste mundo.

Esta semelhança é a chave do impacto que o crente causa no mundo em termos de evangelismo... e de justiça.

Existe uma alternativa para evangelismo programado: para o treinamento de crentes em uma conversa enlatada, enviando-os depois em equipes, em dias marcados, para que falem com estranhos. Existe uma alternativa para ação social programada: para comitês que se reúnem, puxam e empurram, e depois falam ou agem em nome da congregação. E a alternativa é um caminho *melhor*.

Recapitulação

Para compreender a alternativa precisamos formar um quadro da educação cristã, que nós temos desenvolvido nestes primeiros capítulos. Tendo este quadro em mente, poderemos ir adiante e analisar alguma implicações da nossa educação cristã com base teológica para missão e evangelismo.

Ponto central teológico	Implicações para a educação cristã
VIDA diferencia o crente a Igreja	A educação cristã enfoca pessoas como um todo congregações como um todo o sistema tradicional de "escola" enfoca somente o conhecimento, não a pessoa ou a comunidade como um todo.
O OBJETIVO DA VIDA é transformação até à semelhança com Cristo	O propósito da educação cristã é facilitar esta transformação a teoria de aprendizado que melhor se adapta a este objetivo tem por característica quatro fatores, e relacionamento. A "socialização" é um exemplo melhor que a "educação" de como facilitar este tipo de aprendizado.
A COMUNICAÇÃO DE VIDA é de pessoa para pessoa	O método da educação cristã tem de ser pessoa-pessoa: *discipulado*, e não *escola*

a identificação entre aluno e modelo (s) é crucial.
a Escritura precisa ser explicada e demonstrada como realidade de vida.
técnicas de processamento de informações por si não podem produzir um discípulo.

A DINÂMICA DA VIDA
é de relacionamento
Marcas do Corpo são
amor
intimidade

A educação cristã sempre tem de dar atenção ao relacionamento dentro do Corpo
objetivo principal (não secundário) da educação cristã é desenvolver o amor.
amor entre professor (modelo) e aluno (discípulos); amor dentro do Corpo (grupos).
Conhecer intimamente outros crentes é parte necessária deste relacionamento, necessário se modelar é um método válido.

Temos dito acima que o sistema formal de escola, assim como está na mente de professores e alunos em nossa cultura, não estimula nem permite desenvolver o tipo de relacionamento que a educação cristã exige. Também não cria um contexto de envolvimento com o professor-modelo na vida real. Isto não significa que nunca nos encontramos em uma escola. Significa que não podemos nos *basear* na escola como sendo a estratégia da educação cristã. Significa que precisamos desenvolver muitas estratégias na educação cristã. Significa que precisamos ajudar os cristãos a não pensar necessariamente em "classe" quando pensam em ensinar e aprender, e em compreender o seu papel em fazer crescer crianças e outros.

Significa, também, que não podemos mais encarar a "educação cristã" como *parte* do ministério da igreja, que cabe ao "departamento de educação religiosa". Em lugar disto temos de começar a compreender que toda a vida da Igreja, *todo* o relacionamento dos crentes é parte do ministério da Igreja em termos de educação (discipulado). A educação cristã como matéria teológica exige que compreendamos como se dá o crescimento, e que desenvolvamos estratégias e sistemas do ministério que de fato facilitem o processo de transformação.

Crescimento

Esta concepção de Igreja desafia a convicção de muitas pessoas de que Deus fez a Igreja somente para evangelizar. Nós temos encarado a Igreja como um organismo criado por Deus para o discipulado. Há uma grande diferença; diferença prática e também teológica. Uma igreja organizada para evangelizar toma formas e atividades diferentes que uma igreja organizada para discipular. Numa as reuniões serão feitas para não-cristãos, ou para exortação. Na outra as reuniões tendem a ser para o crente, e para compartilhar. Numa os grupos pequenos tenderão a se orientar pela ação: comitês que têm a tarefa de planejar evangelizações e outros programas. Na outra os grupos pequenos tenderão a se orientar pelas pessoas: os crentes se reunirão para se edificar mutuamente em Cristo. Numa a igreja terá a tendência de avaliar sucesso ou fracasso com números (conversões, batismos, membros da escola dominical, quantidade da oferta). Na outra a avaliação terá a tendência de dar ênfase no desenvolvimento espiritual pessoal, na expressão do amor, etc. Numa a liderança da igreja

quererá sentir responsabilidade em termos de planejamento e organização de atividades evangelísticas e sociais. Na outra os líderes quererão encorajar indivíduos a assumir responsabilidade em termos de evangelismo e atividade social, seguindo a orientação de Deus.

Ao olharmos para estas tendências temos de resistir à tentação de culpar a "igreja evangelística" por falta de preocupação com crescimento e ensino do cristão. E também precisamos resistir à tentação de culpar a "igreja que ensina" de descaso egoísta pelos perdidos. Eu tenho certeza que as duas querem o crescimento espiritual e o evangelismo. *A diferença entre elas é de estratégia e isto se baseia em eclesiologia.*

Como a igreja que ensina encara o relacionamento entre "fazer discípulos" e evangelização e serviço social? Assim: a Igreja foi feita por Deus para promover transformação; para comunicar e promover o desenvolvimento da vida de Cristo nas pessoas. O relacionamento dentro do Corpo é essencialmente de *discipulado*. Sempre que a Igreja se reúne como Igreja (como dois ou três, ou centenas), o objetivo é fazer crescer.

À medida que os processos de discipulado e ensino que Deus colocou no Corpo de Cristo se desenvolvem, o indivíduo e a igreja local passam por transformação progressiva. O amor passa a ser um sinal visível da presença de Deus. O fruto do Espírito cresce nos indivíduos.

A semelhança com Jesus produz cada vez mais no indivíduo e na igreja local uma preocupação por outros... tanto por suas necessidades "espirituais" quanto pelas "naturais". O Espírito Santo orienta estes discípulos em fase de maturação, levando outros a Cristo através deles e expressando Sua preocupação com todas as necessidades de todas as pessoas.



Podemos resumir isto nestes termos:

* A "igreja evangelística" tem a tendência de crer que o crescimento espiritual ocorrerá naturalmente em uma igreja que se concentra em evangelizar.
* A "igreja que ensina" tem a tendência de crer que o evangelismo ocorrerá automaticamente em uma igreja que se concentra no discipulado.

A pergunta crítica é esta: qualquer destas posições encontra apoio maior que a outra na eclesiologia? Alguma delas reflete com mais exatidão o que Deus revelou quanto aos propósitos do Corpo, e suas funções? Alguma reflete com mais exatidão a natureza da fé cristã como vida?

Sem dúvida existe a tentação de procurar uma posição no meio, e dizer que a igreja é um organismo que evangeliza e discipula. Isto é aceitável, se com "e" queremos dizer que a igreja cumpre os propósitos de Deus no mundo também discipulando. Mas se queremos dizer que devemos estruturar o Corpo local tanto como unidade discipuladora quanto como organização que persegue uma meta, quase com certeza perderemos de vista os processos distintos que a Escritura revela, através dos quais a igreja funciona para cumprir os propósitos de Deus. Interessante é, como veremos adiante, que parece haver um profundo conflito entre liderança que *dirige a igreja* e liderança que *serve à igreja*, entre grupos que se ocupam de uma *tarefa* e grupos que se ocupam de *pessoas*, e entre critérios de avaliação por *números* ou por *ensino*, assim como há o conflito entre educação tipo *escola* e tipo *discipulado*.

Eu pessoalmente tenho certeza de que não devemos tentar fazer a coisa pelos dois lados. Se nos tornarmos a Igreja que Deus tem em mente, eu creio que todos os Seus e os nossos objetivos serão alcançados.

* À medida que nos tornamos semelhantes a Jesus, passaremos a nos preocupar com outros.
* À medida que nos preocuparmos com outros, nos sacrificaremos para nos envolvermos com eles.
* À medida que nos preocuparmos com outros, falaremos de Cristo a eles.
* À medida que nos preocuparmos com outros, tentaremos suprir *todos os tipos* de necessidades.
* À medida que passarmos a zelar uns *pelos* outros, seremos um exemplo vivo de pessoas no meio das quais Deus vive, despertando a fome dos que não o conhecem.
* À medida que nos tornarmos parecidos com Jesus, em nossa crescente maturidade como discípulos, iremos reproduzir o Seu amor tanto por pessoas quanto por justiça.

Se edificarmos uma igreja que ensina não precisaremos dizer a bebês que tentem se reproduzir. Ela assegura uma maturidade crescente que se expressará naturalmente em comunicação e reprodução da vida de Deus em outros, através da comunicação viva das suas Boas Novas.

VERIFICAÇÃO

casos,
perguntas,
incentivos à reflexão,
notas adicionais

Este capítulo foi mais curto que os outros, principalmente porque não é meu objetivo discutir o conceito do "propósito de ensinar" da Igreja, antes, explorar o que este conceito significa para nós em termos de educação cristã. Ao mesmo tempo provavelmente é importante dar um exemplo do que eu quero dizer com o resultado abundante do ensino. Ou seja, quando nos empenhamos em realizar o ministério de discipulado e transformação através da Igreja, evangelismo e atividade social são um resultado natural.

1. Trago aqui um artigo da revista *Action* que fala de uma igreja em Seattle/Washington que eu visitei. Este ministério de dez anos atrás mostra como Deus levou uma congregação que dá ênfase no discipulado a ministérios

nos quais indivíduos e grupos de leigos foram chamados (sob a autoridade mas não a direção da diretoria da igreja) para ministérios com dimensões tanto evangelísticas quanto de justiça social.

"Algum dia destes você vai ouvir falar de SKY CLUB. É nosso Treinamento Bíblico de Sobrevivência. Talvez você já tenha ouvido alguns dos cassetes produzidos há alguns anos por Electric Message.

Quando você for ouvir, espero que você se lembre de algo desta história que eu quero contar agora: a história da igreja que está por trás dos ministérios.

Dez anos

A história começa há uns dez anos, com um grupo de homens que sentiam que Deus queria que eles formassem uma igreja nova, ao noroeste do Pacífico, onde eles viviam. Depois de conversar com Ray Stedman, da Peninsula Bible Church, e com sua equipe, a igreja começou a tomar forma, e um jovem pastor foi chamado para servir nela. A pequena igreja passou por anos de luta... talvez metade de sua vida foi gasta na procura da forma especial que o Espírito Santo queria que ela tivesse. Quando a forma começou a surgir, isto se deu através de uma ênfase relacionada com "renovação de igreja"; uma ênfase comum neste artigo. O jovem pastor começou a compreender com cada vez mais clareza que a Igreja de Jesus se compõe de *crentes-sacerdotes.* Não de leigos. Nem de clérigos. Crentes, dos quais cada um é sacerdote; sacerdotes com um ministério de serviço um ao outro e à comunidade.

Durante cinco ou seis anos este conceito lançou profundas raízes na personalidade dos membros, e no conceito que a igreja local tinha da sua identidade. Todo seu ministério passou a se concentrar em desenvolver os dons e capacidades que Deus deu aos crentes-sacerdotes para o serviço: capacidades que se tornam concretas à medida que a verdade de Deus, contida em sua Palavra, é ensinada e estudada, e o amor de Jesus se torna real no Corpo, e é livremente compartilhado por todos.

E agora?

Foi algo maravilhoso para mim poder visitar esta igreja em dezembro último, e ver o que Deus tem feito através dos seus membros. Trago aqui uma pequena relação da atuação do Espírito.

O cacho de uvas é um ministério com jovens em necessidade. Falei com quatro jovens ex-viciados em drogas, inclusive heroína, que conheceram a Cristo no cacho de uvas e viveram ali enquanto se firmavam em seu novo relacionamento com o Senhor. Falei com quatro; havia muito mais.

O *armazém.* As viúvas da igreja têm uma tarefa significativa (e bíblica!) na vida da congregação. Um dos seus ministérios é a direção de um armazém ao lado do cacho de uvas. Ali elas vendem muitas coisas, das quais, uma grande parte elas mesmas fizeram. Os recursos que sobram são usados no apoio ao ministério do cacho de uvas: e as próprias viúvas tiveram um tremendo impacto sobre os jovens, para os quais elas dedicam bastante tempo.

Centro de estudos. Dando-se conta da necessidade de discipular jovens recém-convertidos, alguns através do cacho de uvas e outros nas escolas próximas, foram organizados centros de estudos (que são a única propriedade da igreja). Os jovens são discipulados pelo pastor e por outros integrantes da equipe de liderança, em um vigoroso programa de quatro horas diárias.

A mensagem elétrica. Este foi um dos primeiros ministérios, e tinha por objetivo comunicar-se com a cultura jovem através dos meios de comunicação. As primei-

ras experiências mostraram que era preciso reforçar o conhecimento dos que trabalhavam neste ministério: a comunicação era importante — mas o que devia ser comunicado também era! Recentemente o jovem que iniciou a mensagem elétrica desenvolveu e testou um *Treinamento Bíblico de Sobrevivência.* TBS é um programa de estudo intenso e de alto custo (em termos de tempo e dedicação), que tem por objetivo treinar as pessoas a como estudar a Bíblia, com uma tarefa de sobrevivência em cada lição que faz o aluno aplicar o que aprendeu em uma situação real.

Sky Club. Diversos pilotos eram membros da igreja. Um deles sentiu ser sua tarefa trabalhar com meninos entre onze e treze anos. Isto lhe deu a idéia do SKY Club (Clube do céu), que agora usa o vôo para levar uns 20.000 meninos a homens cristãos que se ocupem com eles.

Centro de artes. Está sendo planejado um ministério com crianças cristãs que Deus tem dotado como artistas, para desenvolver seu talento e suas idéias, dando significado a seu ministério. Eu fico entusiasmado com isto — meu filho Paulo é um excelente pintor, que está se formando em Belas-Artes na ASU.

E há outros planos, mais coisas em vista.

Como?

Como surgiram todos estes ministérios? O pastor me deu a resposta a esta pergunta básica. A igreja procura de muitas maneiras não somente cuidar que cada membro seja um cristão em crescimento, mas também ajudar cada membro a desenvolver seu dom espiritual, como crente-sacerdote. À medida que os dons são descobertos e desenvolvidos Deus vai dando o interesse por um certo ministério aos próprios leigos (apesar de geralmente o jovem pastor e a equipe já terem uma idéia preliminar!) Depois os líderes da igreja orientam e ajudam os crentes-sacerdotes a assumir a responsabilidade do seu ministério e a desenvolvê-lo. Os ministérios não são "programados" ou "impostos de cima". Os ministérios se desenvolvem na vida dos crentes-sacerdotes à medida que Deus lhes dá o dom e a orientação.

Um sermão?

Sempre que eu passo por uma igreja como esta (e há um crescente número de igrejas a quem Deus está conferindo seu próprio sabor distinto), dificilmente posso resistir a fazer um pequeno sermão. Mas eu tento. E tenho grande alegria em compartilhar o que Deus esteve fazendo porque *precisamos de exemplos concretos* de como os princípios bíblicos funcionam na vida do povo de Deus. Sempre que se ouve o chamado para a renovação evangélica, e os princípios do Novo Testamento são apresentados (como este princípio simples de que não existem leigos — somente um grupo em que todos são crentes-sacerdotes), nós temos a tendência de freiar. "Isto é muito idealista" são palavras que se ouve dezenas de vezes.

Mas *não* se trata de idealismo: *este é o realismo de Deus*! E por isto eu fico tão entusiasmado quando encontro pastores e grupos que se apegaram tão concretamente à Palavra de Deus — descobrindo como é nuamente prática até a mais engraçada das verdades da Palavra. Isto me dá novo ânimo — e tenho certeza que isto se dá também com você, ao compreender que Deus continua nos dando igrejas como esta que nos sirvam de sinal do que ele *pode* fazer.

A propósito, não mencionei nem o nome da igreja, nem do pastor. Eles querem que seja assim. Eles não querem ser apregoados como "ideal" — os homens sabem muito bem que ainda não "chegaram lá". Se você continuar procurando pela igreja,

poderá encontrá-la. Uma palavrinha de advertência, porém: não procure prédios impressionantes. Não procure uma igreja dramaticamente diferente da sua. Este ano eles têm perto de 190 membros.

Quantas vidas eles alcançam?

Milhares.

2. Exemplo de evangelismo "natural" é um pequeno grupo do qual eu fui membro por mais ou menos um ano. Começamos com quatro pessoas, em uma casa perto da minha, com o único propósito de crescermos. Depois de algum tempo Deus começou a acrescentar outros ao grupo (que funcionava como sendo parte da nossa igreja local, mas não era limitado aos seus membros).

Um dos primeiros casais que se uniram a nós foram Charlie e Bárbara, ambos com pouco menos de trinta anos. Eles eram "religiosos", mas ainda não tinha a vida de Cristo. Nós os recebemos, os amamos, e os tratamos assim como os outros irmãos e irmãs. A seu tempo os dois receberam a Cristo como Salvador pessoal, e sua vida nasceu neles.

Depois de uns nove meses o grupo já era grande demais para a casa em que nos reuníamos. Depois de meditar muito, decidimos dividir os mais de trinta e cinco frequentadores regulares em três grupos. Nós nos unimos ao núcleo que passou a se reunir na casa de Charlie e Bárbara.

Somente nós quatro nos reunimos durante seis ou oito semanas. Depois Deus começou a trazer pessoas ao nosso grupo. Diversas ainda não conheciam a Cristo ou não tinham sua vida. Nas últimas seis semanas seis destas se tornaram cristãs: três através da influência de Charlie no seu emprego, e duas crianças (filhos de um casal) através da influência do casal. Em diversos casos destes a cruzada de Billy Graham em Phoenix cristalizou decisões que em essência já tinham sido tomadas.

Para dar uma idéia do que é evangelismo que transborda, pedi a Bárbara que contasse como ocorreu sua caminhada à nova Vida, em um grupo que não se reunia com o fim de fazer evangelismo, mas de fazer discipulado, tendo em vista a transformação de seus membros. Eis o relato:

"Depois que meu irmão morreu eu precisava muito saber onde ele estava e por que Deus o havia levado. Um pastor me disse que na verdade Deus não controlava o que acontecia na sala de operações: esta era a parte dos médicos. Em meu coração simplesmente eu não pude crer que existisse um Deus tão sem poder, e que todo o mundo fosse vítima de um destino arbitrário. Dois anos depois um amigo "confuso" me contou como Deus é poderoso, e que ele controla totalmente o mundo e as pessoas. Meu conceito de Deus em relação ao mundo, melhorou, mas por que Deus deixara morrer um rapaz maravilhoso e bonito de dezenove anos?

Meu amigo não desistiu. Ele me carregou à sua igreja, onde um homem disse que a Segunda Vinda estava próxima (uns seis meses!), e se nós não fôssemos cristãos, não iríamos para o céu. Sobre o céu é que eu queria saber. Eu queria saber se meu irmão estava lá, e também queria ir para lá.

Desde a morte de meu irmão eu tenho procurado Deus em meu coração e em nossa igreja. Na minha igreja o conceito que eu fazia de Deus nunca era muito bom e, olhando para trás, fico admirada como pude me habituar a uma experiência tão vazia. De qualquer modo, quando fui à igreja do meu amigo eu senti que precisava ter o que as pessoas naquela igreja tinham, e daquele domingo em diante não pude mais procurar Deus passivamente. Meu marido odeia táticas de pressão, mas eu pre-

cisava de alguém que dissesse que "chegou a hora da decisão".

Meu amigo confuso mas fiel e eu carregamos meu marido para aquela igreja no domingo seguinte, e ouvimos um pregador (o autor deste livro) com quem meu marido podia se identificar. Na terça feira haveria um estudo bíblico na casa do pregador, e decidimos ir.

Sentimo-nos pouco à vontade com este grupo de cristãos decididos. Nunca tínhamos estado com pessoas que sabiam que iriam para o céu, e se alegravam com isto. Sentimo-nos pouco à vontade — mas ali havia alguma coisa que nós sabíamos que queríamos. Continuamos indo. Já que todos eram cristãos, ninguém falava muito sobre como se tornar um. Eles só falavam de como Deus agia em suas vidas, e eu pude ver que ser cristão era algo bem diferente de ser Barbara D. Boy. Foi maravilhoso aprender do amor de Deus e ver o amor e a alegria na vida destas pessoas. Desde o primeiro culto que eu tinha ido, em abril, até meados de outubro, eu tentei viver como cristã. Eu orava, nós agradecíamos, eu tentava demonstrar a alegria e a paz que eu podia ver nos meus amigos cristãos, e eu tentava levar pessoas a Deus.

No dia 18 de outubro nós convidamos um dos casais do estudo bíblico para o jantar. Ele era pastor. Perguntei a Bill o que precisava fazer para me entregar a Deus. A esta altura eu já sabia que a Segunda Vinda não estava marcada para logo — por isso não senti nenhuma pressão para uma entrega imediata a Deus. Eu chegara ao ponto em que eu queria entregar a minha vida a Deus — mesmo se eu soubesse que não precisasse me preocupar com o inferno pelos próximos cinquenta anos.

A salvação não me converteu. O que eu queria era viver uma vida de paz, alegria e amor aqui na terra, mudando a qualidade de todo o meu estilo de vida. Eu reconhecera que o que eu pensava que dava felicidade na verdade era instável, sem gosto nem futuro. Eu sabia que era vulnerável às dificuldades da vida, porque já tinha perdido um irmão. Por causa do amor, da alegria e da paz das pessoas do nosso estudo bíblico eu via um céu na terra.

Bill disse que eu somente precisava convidar Jesus para entrar em minha vida, entregar-me ao Senhor, e imediatamente eu ficaria cheia do Espírito Santo. O Espírito Santo estivera me guiando sem eu conhecê-lo, já que não o tinha convidado a entrar.

Na manhã seguinte, enquanto eu limpava a sala de jantar, eu decidí que era hora de entregar minha vida ao Senhor, e fazer o que Bill tinha dito. Apoiando-me na ponta da mesa, pedi a Deus e a Jesus que me enchessem com o Espírito Santo, e me entreguei a eles. No mesmo instante eu fiquei cheia de alegria. Eu o tinha feito! O Espírito Santo estava dentro de mim. A consciência deste fato novo me dava vontade de explodir. Era maravilhoso sentir-se tão bem, tão alegre, e saber do amor que existia entre Deus e mim.

Durante dois anos e onze meses, desde a morte de meu irmão, eu estivera procurando, e durante toda a vida eu sempre quisera algo que me guiasse e protegesse. Este algo eu sabia agora só podia ser Deus, um ser sobrenatual, porque eu era uma pessoa forte, independente e auto-suficiente, que não iria se apoiar em alguém igual. De repente eu não precisava mais ficar sozinha, alguém me conhecia totalmente sem que eu precisasse confessar meus erros ou falar dos meus pensamentos. O ser mais poderoso do universo agora era parte de mim.

Desde então não preciso mais fazer de conta. Eu conheço a paz que excede todo entendimento, quando você se torna cristão.

PARTE II: A educação cristã na igreja local

A. edificando o corpo
   11. o líder servo
   12. o pastor: no púlpito e na intimidade
   13. equipe de líderes leigos
   14. implicações para o ensino teológico

B. educação de crianças
   15. críticas ao sistema atual
   16. diretrizes e limitações
   17. o lar como centro de ensino
   18. um sistema alternativo

C. educação de adultos
   19. a natureza do ministério
   20. condições que facilitam o ministério
   21. estratégias na educação: um a um
   22. estratégias na educação: o pequeno grupo
   23. estratégias na educação: Corpo Vivo
   24. estratégias na educação: adoração
   25. estratégias na educação: pregação da Palavra

Página em branco como no original.

11

edificando o corpo: o líder servo

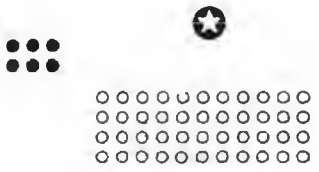
Anteriormente vimos que o Corpo foi feito para o discipulado. Precisamos, então, de uma educação cristã que dê profunda ênfase em que cada membro sirva ao outro quando se relacionam.

E temos de fazer a verificação. Quais são os fatores críticos na edificação do Corpo de Cristo para formar uma unidade que cumpra seu propósito de servir?

Sempre é divertido olhar para o "como" na educação cristã. Encontramos tantas maneiras diferentes de executar o ministério de educação (discipulado) da Igreja. Parece que o Espírito Santo gosta de criar em cada igreja local expressões únicas dos princípios de Vida do Corpo expressos na Escritura. O "como", portanto, nos apresenta uma amplitude de possibilidades: há tantas! Mais adiante neste livro analisaremos diversas estratégias da educação cristã. Por agora, neste capítulo, nos ateremos a princípios de verificação. Temos de ver se conceitos como discipulado, identificação, imitação, etc, têm implicações para o que fazemos quando o Corpo se reúne para, "pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetuar o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor" (Ef 4: 16).

visualizar o corpo

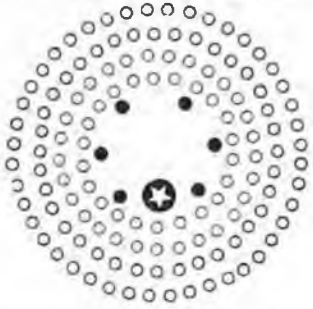
Visualizar o corpo nos ajudará no intento de edificá-lo. Muitas vezes virão à luz preconceitos e imagens ocultas, que afetam nossas atitudes e idéias. Eu suspeito que se o crente médio fosse visualizar o Corpo, ele o veria mais ou menos assim: Em primeiro lugar, a igreja é o pastor. (Quantas vezes falamos de uma igreja local nestes termos: "a igreja do pastor tal, no centro"?) Em segundo lugar, visualiza-se os membros leigos da igreja assim, como normalmente estão, sentados em fileiras, encarando o pastor, prontos para serem servidos. Depois podemos imaginar os líderes leigos de um lado, porque não são visíveis para a congregação que nem sabe para que eles existem, a não ser quando se reúnem na diretoria uma vez por mês ou servem a ceia.



Esta visualização traz à luz as imagens que muitos têm hoje em dia das funções na igreja. O pastor – o que serve. Os leigos – não servem, mas são servidos. Líderes leigos – presentes, mas com função incerta. Qual o problema com esta imagem feita da igreja? *Ela não representa cada membro do Corpo como servo.* E também distorce o papel da liderança da igreja.

serviço mútuo. Quando pensamos sobre o Corpo de Cristo como comunidade discipuladora, é crucial que reconheçamos o ensino bíblico de que cada crente tem

um dom espiritual. Através deste dom cada crente dá sua *contribuição ministerial* para a edificação (crescimento) de outros indivíduos e do grupo. Este ensino da Escritura é fácil de reconhecer. O corpo cresce através da colaboração de cada um (Ef 4). Cada crente deve usar os dons que recebeu (Rm 12: 5). O apóstolo Paulo não temia pelos crentes de Roma porque ele sabia que eles eram "aptos para aconselhar uns aos outros" (Rm 15: 14). Há grande variedade de dons espirituais, mas cada crente tem um para usá-lo no Corpo para "proveito comum" (1 Co 12: 7). No Corpo cada parte é "necessária" (1 Co. 12: 22). Não é de se admirar que cada pessoa tivesse oportunidade de se envolver no serviço quando a igreja primitiva se reunia, e que "todas as coisas" deveriam ser feitas "para edificação" nas reuniões (1 Co 14: 26-33). Nossa imagem da Igreja deve refletir este papel ativo, de serviço, do crente. Em vez de aceitar uma dicotomia ativo-passiva do Corpo, implícita na classificação *ministro* e "leigo" ou "pastor/membros", o Novo Testamento insiste em que *cada crente* é um ministro. Cada crente tem um papel de sacerdote, de ministro , no Corpo.



Como visualizaríamos a Igreja se nossa imagem deve refletir este conceito de função do crente? O círculo à direita pode ser apropriado. Vemos nele os crentes reunidos dirigindo sua atenção uns para os outros, e não para um "ministro" solitário. Cada um está pronto para dar e receber. Alguns indivíduos se destacam do Corpo. Continuamos marcando o pastor com uma estrela. Destacam-se também os líderes leigos – anciãos, diáconos, diretoria – como você queira chamá-los. Mas nesta figura da igreja eles têm uma posição que reflete sua função bíblica. Esta posição é de alta visibilidade – e proximidade – entre os outros membros do Corpo. À medida que continuarmos veremos que os líderes são a chave para edificar o Corpo, até ele ser uma comunidade que funciona e serve. Mas antes *temos* de compreender, e *entregar-nos à idéia de que o Corpo local é um grupo unido que ministra. Temos de nos dedicar completamente ao ensino bíblico de que NÃO há "leigos": cada um de nós é um crente-sacerdote.*

Somente quando compreendermos que cada crente deve ser discipulado e também discipular, ser servido e também servir, entenderemos qual é o papel da liderança na igreja. E somente quando entendermos o papel da liderança é que poderemos começar a estruturar nossas congregações locais como comunidades de fé que educam.

o líder servo

Queremos começar nosso estudo sobre liderança e seu papel na Igreja com a instrução que Jesus deu aos seus discípulos em Mateus 20. É importante basear nosso conceito de liderança na Igreja em conceitos tirados do Novo Testamento. Não por rejeitarmos o Antigo Testamento. Ou porque nele não há compreensão da natureza da liderança. É porque o Novo Testamento define como os princípios de liderança são aplicados no Corpo.

Por exemplo: podemos definir "Liderança" em termos gerais. Mas se escrevermos um manual sobre liderança para o exército, certamente ele seria diferente de

um manual sobre liderança para executivos. Ou para pais, em casa. *Há situações diferentes, em que os princípios de liderança são aplicados de maneiras diferentes.* E na Igreja de Jesus Cristo os princípios de liderança são aplicados de maneira única. Isto se deve à maneira pela qual o Corpo é estruturado e funciona.

Portanto, demos uma olhada em Mateus 20, e no ensino que resultou de uma má compreensão de liderança, da parte de Tiago e João. A mãe destes dois irmãos, desejosos de ter posição e poder, se aproximou de Jesus e pediu que Jesus lhes concedesse posições "à direita e à esquerda" em seu reino vindouro. Eles queriam ser os dois homens mais poderosos! Ao ouvir isto os outros discípulos de Jesus ficaram agitados e com raiva. Usando a situação real para ensinar um princípio, Jesus chamou todos os discípulos e lhes disse:

"Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiorais exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será vosso servo; tal como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mateus 20: 25-28).

modelos em conflito. A primeira coisa que observamos é que há dois modelos de liderança em conflito aqui. O modelo do governante secular retrata líderes como homens que *exercem autoridade sobre outros.* Não há nada de errado com este modelo de liderança no mundo secular. Jesus não está dizendo que este tipo de liderança é mau em si. Mas ele está dizendo que ele é errado *na igreja.* "Não é assim entre vós" ele diz aos discípulos.

Depois Jesus apresenta um contra-modelo. Por estranho que pareça, o seu tipo de líder, que será grande entre os discípulos, é apresentado como Servo. Entre discípulos no Corpo de Cristo os líderes não estão *acima,* mas *entre,* não governantes, mas escravos, não são pessoas que recebem, mas que dão. Se quisermos compreender a natureza e a função da liderança na Igreja, *precisamos* levar o modelo do Servo integralmente a sério.

dimensões do serviço. Será útil reunir alguns líderes de igrejas locais e apresentar estes modelos contrastantes, e pedir-lhes que tirem conclusões. Cada grupo com que eu fiz esta esperiência tirou muitas. Três áreas, entretanto, são de importância especial.

(1) O relacionamento servil. O servo é uma pessoa que está *entre,* não *acima* daqueles que ele lidera.

Há muitas implicações deste tipo de relacionamento. Alguém que está *acima* de nós (empregador ou funcionário de posição mais elevada na hierarquia) normalmente é encarado como sendo "diferente" de nós. O relacionamento *hierárquico* facilita a transmissão e processamento de informações e conhecimento, mas dificulta muito a de informações pessoais e afetivas. (Quantos de nós falam dos seus problemas e sentimentos com o chefe?) Relacionamento hierárquico *significa também que a comunicação geralmente tem uma só via. Isto é, aquele que está acima* geralmente comunica orientações *para baixo,* e o que está *em baixo* geralmente comunica reações à ordem *para cima.*

Por outro lado, um relacionamento *nivelado* coloca as pessoas no mesmo nível. Quando nos convencemos que a outra pessoa está no mesmo nível que nós, geralmente percebemos que ela é "como" nós. Isto facilita todo tipo de transmissão de informações: podemos compartilhar idéias, sentimentos, pensamentos, atitudes, etc, sabendo que não somos inferiores ao outro e gozamos do seu respeito. A comunicação se dá em duas vias. Cada lado pode começar, e o outro responde. Cada lado pode compartilhar. No contexto de igreja, cada lado pode, ou servir, ou corresponder a isto.

Relacionamento *nivelado* significa que cada um sabe que o outro é igual a ele, e cada um participa livremente no dar e receber da auto-revelação e do serviço mútuo.

(2) A tarefa do servo. Um servo entre os discípulos deve gastar sua vida pelos outros, como Jesus o fez. O servo tem por tarefa servir aos outros *no que é importante para Deus.* O dom da vida, que Jesus deu, tem meta e propósito, como já vimos antes. A vida de Deus implantada em nós quando confiamos em Jesus deve crescer e nos transformar mais e mais à sua imagem.

O líder cristão, chamado para servir como Jesus serviu, faz parte deste propósito de transformar, e se gasta para fazer novos discípulos. *Seu objetivo e serviço principais são a edificação do Corpo e dos seus membros.*

(3) O método do servo. É neste ponto que muitas vezes há confusão. Na nossa cultura os "líderes" sempre orientam. Sua obrigação é *mandar*. Um servo não pode mandar. Quem é servo não é "senhor sobre" outros. De alguma maneira o modo de o dirigente secular exercer a autoridade é eliminado da Igreja pelas palavras de Jesus "não é assim entre vós".

Então, como o servo lidera? Como o servo exerce sua autoridade? (E nunca devemos cometer o erro de achar que os líderes cristãos são homens fracos que nem lideram nem têm autoridade!) Em primeiro lugar encontramos a resposta no papel do servo: um servo não ordena, ele *faz*. Um servo não dirige outros, ele dá o exemplo.

Pedro fala deste assunto em sua primeira carta. Ele escreve a outros anciãos dizendo-lhes que devem ser "pastores do rebanho de Deus que há entre vós", e Pedro também diz como: "não como dominadores dos que foram confiados, antes tornando-vos modelos do rebanho" (1 Pe 5: 1-5).

O método de liderança de um servo é dar o exemplo, e o exemplo que dá lhe confere uma autoridade poderosa. Deus usa os líderes como modelos, para motivar outros a ser como eles.

em harmonia com a teologia

Nos primeiros capítulos deste livro analisamos os princípios da eclesiologia que nos orientam para compreendermos os princípios distintos de educação (discipulado) sobre os quais a educação cristã deve se basear. Por estranho (mas previsto!) que pareça o que vimos de liderança até aqui anda junto com estes princípios e conceitos.

princípios de educação	*princípios de liderança*
o professor é modelo	o líder é modelo
o aluno é um discípulo que fica parecido com seu professor	o crente é um sacerdote que fica parecido com o líder
imitar e identificar são os métodos básicos através dos quais se dá a transformação	imitar e identificar (exemplo) são os métodos básicos através dos quais o líder lidera
o relacionamento entre professor-aluno é de intercâmbio	o relacionamento entre líder e liderados é de intercâmbio, e é "nivelado" e não "hierárquico"

Se podemos aceitar o conceito bíblico de que o crente é um sacerdote e que a igreja é uma comunidade que serve, então podemos começar a compreender o papel e o propósito – e o método – da liderança da igreja local. Então, também, podemos começar a compreender *como organizar a igreja para o discipulado através de toda a comunidade*. Quais são os princípios críticos? Os que começamos a analisar neste capítulo:

- Cada crente é um ministro, um crente-sacerdote, que tem um papel de serviço ativo no Corpo (não passivo, de ser servido).
- Não há diferença essencial entre um "ministério" de um pastor ou de outro líder da igreja e o ministério (serviço) executado por um crente-sacerdote. Cada um usa seu dom espiritual, recebido de Deus, para edificar outros no Corpo.
- A tarefa específica dos líderes é "servir" os membros do Corpo, e equipar outros para o ministério através do seu serviço (compare com Ef 4: 12).
- A liderança espiritual deve funcionar *de maneira diferente* no Corpo do que a liderança secular é exercida na sociedade. Há diferença entre o Corpo como organismo vivo e a sociedade como associação de indivíduos.
- Os líderes espirituais, servindo "entre" o Corpo, dão um exemplo, que o Espírito Santo usa (através dos processos de educação – identificar e imitar) para ajudar outros crentes-sacerdotes a ficar mais e mais parecidos com eles.
- Os líderes espirituais que ministram assim não precisam se preocupar com sua "autoridade". Deus abrirá corações no Corpo que os sigam (cf 1 Pe 5: 5).

Se não começarmos a orientar nosso raciocínio sobre liderança e organização do Corpo a partir destes conceitos e princípios, com certeza não conseguiremos edificar a igreja para formar uma comunidade que educa, ministra e discipula.

VERIFICAÇÃO

casos,
perguntas,
incentivos à reflexão,
notas adicionais

1. Quando começamos a verificar a organização do Corpo para o discipulado, analisamos o relacionamento entre crentes e líderes. O capítulo sugere que em essência os "líderes" devem ser encarados como "professores", e que devem ser exemplo para os membros do Corpo, desenvolvendo um relacionamento "nivelado", no qual os processos de identificação e imitação podem ocorrer.

   Examinando mais profundamente esta idéia, você poderia estudar as passagens da Escritura mencionadas abaixo. O que cada uma delas tem a dizer sobre o conceito básico expresso acima?

   a. Leia algumas passagens que tratem de "imitar", "exemplo" ou "seguir".
   b. Leia Fp 4: 9 ("O que aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai; e o Deus da paz será convosco"). Quantos pensa-

mentos paralelos você consegue achar nos evangelhos ou nas epístolas?

c. Examine as qualidades do líder mencionadas em 1 Tm 3 e Tito 1. Como você explica os critérios que Paulo dá para a seleção de líderes? Por que não há mais ênfase em inteligência ou capacidade?

d. Leia 1 Tm 4 e Tito 2, dois capítulos de cartas escritas por Paulo a jovens líderes. Como o que ele diz se relaciona com o conceito de liderança que começamos a estudar?

e. Faça um estudo profundo de 2 Coríntios para ter uma idéia do estilo de liderança de Paulo, em particular o relacionamento que ele incentiva entre as pessoas da sua igreja.

2. A Dra. Lois LeBar, minha amiga e colaboradora no Wheaton College Graduate School por sete anos, incluí em seu livro *Focus on People in Church Education* o parágrafo sobre educação de líderes que transcrevo abaixo. Leia o parágrafo e reflita sobre ele. O que Dra. LeBar diz é compatível ou incompatível com o que dissemos sobre liderança na igreja até aqui? Quais são os pressupostos que subjazem ao parágrafo? Se você fosse responsável pela educação cristã em uma igreja local típica você escreveria outra coisa sobre o mesmo assunto? Se sim, como e por quê? Se não, por quê?

> "O programa de educação de liderança da igreja é planejado e supervisionado pelo comitê fixo de educação de líderes, como uma das funções principais da igreja; ou, se não há comitê de educação de líderes pela equipe de educação cristã. O comitê de educação de líderes compõe-se de seis ou sete pessoas maduras que conhecem o funcionamento interno da igreja e que se preocupam especialmente por uma liderança competente. Eles mantém um fichário de líderes, com informações sobre dons e instrução de novos convertidos e cartões atualizados dos membros antigos. Eles elaboram descrições das funções de todos os cargos de educação e estabelecem qualificações em termos de um compromisso que vale para todos os obreiros, além de exigências específicas para ministérios especializados. A cada ano eles indicam e dedicam os obreiros do ano seguinte. Eles coordenam continuamente oportunidades de treinamento, como cursos, conferências e outros tipos. Supervisionam também os chamados de obreiros futuros.[1]

3. Caso

Na igreja "Our Heritage", em Scottsdale, Arizona, o pastor, Bob Girard, desenvolveu um extenso ministério escrito e falado além da congregação local. Isto causou alguns conflitos em sua própria vida, já que suas atividades externas desviavam sua atenção do que acontecia na igreja.

Depois de conversar e orar muito, a diretoria sentiu que, tendo em vista os seus dons, Bob deveria ser livre para servir tanto à Igreja em geral, quanto a congregação local. E recomendaram que a congregação local "desse" Bob como presente à Igreja durante três meses do ano. Neste espaço de tempo ele estaria livre para escrever e discursar, e a congregação continuaria mantendo-o, como seu "missionário". O serviço na congregação seria coordenado pelos líderes durante a ausência do pastor com os anciãos e outros membros dirigindo os cultos e demais atividades.

Esta recomendação foi apresentada a toda a equipe diretiva (na Igreja Old Heritage composta de diretoria e diáconos) e, depois de discussão e oração todos

1 Extraído de *Focus on People in Church Education*, por Lois LeBar. Fleming H. Revell Co., Old Tappan, New Jersey, 1968. Usado com permissão.

concordaram com a sugestão.

No domingo seguinte o pastor Girard falou sobre a Igreja e seu serviço mútuo, e informou a congregação da decisão da diretoria. No outro domingo um dos líderes falou mais sobre as razões que levaram àquela decisão, a necessidade que cada membro aceite responsabilidades no serviço, e a expectativa com que a equipe olhava para o futuro, para descobrir mais sobre a liderança de Cristo nestes meses.

Ainda durante este culto os membros da congregação foram divididos geograficamente, e cada diácono ou membro da diretoria discutiu com os membros da sua região sobre a decisão, para ouvir idéias e colher impressões, pedindo sugestões, conselhos ou advertências em relação à primeira experiência da ausência de Bob.

A partir desta situação, que data de julho de 1974, avalie em especial o seguinte:

(1) Como estes líderes lideraram?
(2) Como a "tomada de decisão", em lugar do "voto", esteve em harmonia com a descrição bíblica de líderes de igreja como "dirigentes" ou ("supervisores"), e com o conceito do servo que dá o exemplo em vez de exigir?
(3) Que problemas em potencial você vê ameaçarem este tipo de tomada de decisão... especialmente quando se trata de um assunto crítico como este?
(4) Que valor tiveram as "discussões em grupo" depois da mensagem do líder, no domingo?
(5) O que você acha que os líderes da igreja deveriam fazer daquele momento em diante, para preparar a igreja para o período de três meses?
(6) Sob que circunstâncias você esperaria, pela lógica, que a experiência acima falharia?

12

edificando o corpo: o pastor, no púlpito e na intimidade

O assunto central da educação cristã é o Corpo, porque o discipulado é tanto um serviço da comunidade quanto de indivíduos que tenham dons "de ensino". Desenvolver um Corpo que serve, envolvendo cada membro como crente-sacerdote, é essencial. Deus chama os líderes para dar o tom, e para orientarem os membros a servirem uns aos outros.

Assim que compreendermos o propósito e o caráter da liderança como servir, poderemos ver com clareza o pastor como "educador". De fato, ele é o principal educador cristão na igreja local contemporânea.

Nos nossos dias os homens no ministério sofrem intensa pressão para que descubram seu próprio lugar, seu dever. Esta pressão é típica para muitas profissões da nossa época. Quando eu entrei no seminário isto era bem mais simples. O pastor é um "pastor-mestre", que equipa os crentes para o serviço ensinando-lhes a Bíblia. E "ensinar a Bíblia" significava essencialmente falar do púlpito para as pessoas, nos domingos ou em outras ocasiões.

Pouco depois da minha formatura havia uma "onda" de que o pastor é um conselheiro. O aconselhamento pastoral passou a ser um departamento importante em muitos seminários, e muitos pensavam que sua principal função como "ministros" era confortar e corrigir os que se sentiam confundidos pela vida.

Agora passamos por uma tendência de achar que o trabalho do pastor é essencialmente administrativo. Florescem conferências de direção de igreja. A imagem do executivo de empresa, que organiza a igreja e seus membros em relação a certas tarefas – principalmente que dêem crescimento – parece atrair a muitos.

A confusão é compreensível. Ela surge do fato de nós não procurarmos base teológica, e de não perguntarmos o que é *Igreja*. Se encararmos a igreja como um Corpo que serve, uma comunidade que transforma, então estaremos perto de descobrir a identidade do pastor. Ele não é um instrutor de ouvintes (a velha imagem do "pastor-mestre"). Ele não é um enfermeiro para os machucados (a imagem de pastor-conselheiro). Ele não é um orientador dos recursos humanos da igreja (a imagem de administrador da igreja). Em vez de tudo isto o pastor é alguém que foi encarregado de liderar os discípulos para o ministério. A imagem que melhor lhe cabe é a do servo: um servo que lidera pelo exemplo.

Vimos elementos deste papel no capítulo anterior, que descreve alguns dos princípios comuns a qualquer liderança espiritual na Igreja. Como um pastor de igreja local deve encarar a si mesmo?

* Como um de muitos servos.
* Como um *entre* muitos.
* Como alguém que sente a direção de Deus, e dá o exemplo para muitos.
* Como alguém que leva os outros a servir.

- Como alguém que não tem um ministério *diferente dos outros*; seu ministério em essência é *semelhante* ao deles.

Entendido isto, surgem muitas idéias práticas para o ministério... idéias que têm um significado educativo para o Corpo, e que delineiam o tipo de liderança que o pastor deve exercer.

o pastor e o púlpito

Mais adiante, em outro capítulo, estudaremos a teologia da pregação. Por agora não nos ocuparemos do *conteúdo* ensinado ao Corpo, mas de maneiras pelas quais o pastor possa expressar sua identidade como líder servo, através do púlpito da igreja. Cada procedimento sai da compreensão das funções de *relacionamento, exemplo, e incentivo* da liderança. Dito isto aqui há diversas maneiras de o pastor *liderar* do púlpito.

compartilhando o púlpito. Há muitas maneiras de fazer isto. Em algumas igrejas, como a *Igreja do Marinheiro,* de Newport Beach, membros da diretoria assumem todas as funções dos cultos, exceto a pregação da manhã. Em outras uma equipe "Deus agindo" representa o pastor conversando com um membro da congregação que tinha tido uma experiência com Deus aquela semana. Em outras igrejas membros da congregação – geralmente líderes leigos – têm regularmente a responsabilidade de pregar. Sermões dialogados são outra possibilidade – o pastor pode inciar a mensagem, e depois começar a dialogar com um leigo preparado.

Mesmo em igrejas muito tradicionais há maneiras simples de envolver cada vez mais outros crentes-sacerdotes, comunicando deste modo, sem palavras, que o pastor e os membros são servos no mesmo nível.

compartilhando reações. Em nossos dias dá-se cada vez mais ênfase na reação à Palavra de Deus. E muitos estão fazendo algo para facilitar isto.

Há muitos métodos, desde colocar perguntas no boletim sobre as quais as famílias discutam em casa, até uma conversa aberta entre a congregação depois de uma mensagem. Na *Igreja da Trindade,* de Phoenix, o pastor Joel Eidsness tem uma classe de discussões depois da mensagem, que explora o seu significado (nesta igreja a escola dominical segue o culto da manhã). Em outra igreja depois do culto os membros vão regularmente para o salão social para um lanche e para discutir sobre o trecho bíblico que foi ensinado. Diáconos ou membros da diretoria podem dirigir estas conversas em volta da mesa. Em outras igrejas, como a que eu frequento, toda a comunidade tem oportunidade para compartilhar e servir, depois da palestra do pastor. Surgem perguntas, comentários, idéias, e todos os membros do Corpo aceitam a responsabilidade de ensinar-se mutuamente.

envolvimento preliminar. Dave Mains, da Igreja Circle, se reúne regularmente com grupos de crentes-sacerdotes antes de pregar. Ele lhes diz qual é a proposição em seu sermão (um resumo da verdade bíblica principal que ele quer transmitir), faz um esboço da passagem, e pede sugestões. Eles discutem sobre a proposição, fazem perguntas, dão sugestões quanto à aplicação da passagem, e ajudam David a construir a mensagem. Desta forma o ministério da pregação não é somente uma expressão dos dons de David, mas dos de todo o Corpo. Através do rodízio de grupos todos os membros da congregação têm a oportunidade de envolver-se no ministério de pregação da igreja.

Outros obreiros descobriram outras maneiras de envolver os crentes. Alguns fazem questionários, de vez em quando, para dar aos membros uma oportunidade de expressar suas necessidades e interesses, o que pode ser utilizado em mensagens fu-

turas.

ser pessoal. Uma das coisas que me disseram no seminário, sobre pregação, é que eu deveria evitar ilustrações da minha própria vida, ou de alguma outra pessoa da congregação. Vim a entender que provavelmente esta foi uma das coisas mais erradas que eu já ouvi! Se deve haver imitação, é vital que o professor (pastor) e o discípulo (crente-sacerdote) possam se identificar. Para isto somente um relacionamento de amor não é suficiente, é preciso transparência – conhecer-se um ao outro. O processo de imitação se inicia quando o pastor compartilha do púlpito, também as experiência de irmãos e irmãs (é claro que antes é necessário perguntar se a pessoa concorda com isto). As verdades, então, aparecem em um cenário vivo, e não intelectual. "Ele é como nós" é um dos maiores elogios que crentes podem fazer a seu pastor, mostrando que o hiato sacerdotal entre "Ministro" e "leigo" está sendo vencido.

Estas ilustrações não esgotam o assunto, mas deixam claro que o pastor *pode*, em seu ministério do púlpito, dar passos definidos para se constituir modelo para a congregação, mostrando quem ele é e quem eles são. Zelando para que cada membro esteja engajado de alguma maneira o pastor pode ajudar cada crente-sacerdote a se considerar um "ministro". Ele pode romper o padrão passivo, e guiar gentilmente cada crente para uma compreensão mais clara do que ele deve ser no Corpo.

Particularmente importante é que isto seja feito em igrejas onde o pastor está *pregando* sobre renovação e os ministérios do Corpo. *A palavra pregada, para ter um impacto total e motivador, sempre tem de ser vivida.* O pastor que diz ao seu povo que eles são ministros, mas se esquece de sair da frente e envolvê-los no ministério, descobrirá sempre que a congregação compreende muito devagar, quando compreende. É uma realidade que o método crucial de liderança espiritual é dar exemplo. Se não há exemplo, é provável que as palavras faladas serão ignoradas.

o pastor como pessoa

É importante ver o pastor como líder através do seu ministério no púlpito, porque é ali que a maior parte das pessoas da congregação se relacionam com ele. Mas a longo prazo o pastor tem de acabar com a "imagem de púlpito". Em vez disto ele deve ser considerado – esteja ensinando ou não – como pessoa.

Torna-se, então, muito importante que o pastor de uma igreja local conheça e seja conhecido por sua congregação pessoalmente.

compartilhar. Uma maneira é falar de si pregando ou ensinando, como já vimos. Geralmente os pastores se preocupam mais com isto. Eles têm medo que sejam mal interpretados. Têm medo de revelar fraquezas, e de perder o "respeito" quando isto acontece.

É verdade que as fraquezas virão à tona. Mas também é verdade que a auto-revelação é uma força, e não uma fraqueza, na liderança espiritual. As razões disto são básicas, e firmadas na teologia.

* Devemos ser exemplos... não de perfeição, mas de *desenvolvimento* Podemos retirar os véus porque estamos sendo transformados: há progresso (2 Co 3: 13).
* Devemos refletir em nós o evangelho. E o evangelho não é "aceitar a Cristo e tornar-se perfeito". O evangelho apresenta Jesus como a resposta eterna às necessidades da raça humana. "Sem mim nada podeis fazer" (Jesus disse em João 15: 5). Isto reflete nossa eterna fraqueza e necessidade de reforma divina. Se nos apresentamos como pessoas

"fortes", a ponto de não precisar de Jesus, estamos representando de maneira errada o evangelho da graça de Deus.

- Precisamos ser modelos com quem os outros possam se identificar. Por estranho que pareça, são nossas fraquezas e não nossos pontos fortes que mais ajudam os outros a se compararem conosco.

Nada disto diminui de maneira alguma a responsabilidade do pastor de ser um homem de Deus: dar um *bom* exemplo de vida santa (Tito 2:6-8). Isto evita que sejamos hipócritas; elimina a necessidade de nos disfarçarmos quando ferimos alguém. Falando de nós, sendo sinceros com os outros, eles verão nossas fraquezas – mas verão também a força de Jesus. E se sentirão incentivados, pois a transformação que Jesus está fazendo em nós pode funcionar neles também!

reunir. É importante para o pastor reunir-se com os crentes-sacerdotes de sua congregação nas mais diversas ocasiões, para que eles possam conhecê-lo. Isto pode se dar enquanto ele cumpre suas tarefas. Os membros da igreja de David Main o conhecem melhor porque elaboram o sermão junto com ele, em sua casa.

Outro tipo de relacionamento também é necessário. Por exemplo: alguns pastores se reúnem semanalmente em sua casa com quatro ou mais casais da igreja, sempre em rotatividade. Estas horas não são "espirituais", têm somente a finalidade de as pessoas conhecerem melhor a si e ao pastor. Um pastor usa o livro *Serendipity* de Lyman Coleman, nestas ocasiões, com bons resultados.

Diversos pastores da atualidade sentiram a necessidade de promover um relacionamento especial de discipulado com homens da congregação. Gib Martin, de Seattle, se encontra semanalmente com sete homens para uma hora de discipulado no café da manhã, durante dois anos. Os homens estudam durante a semana, fazem pesquisas e projetos, e são discipulados para uma dedicação mais profunda e para serem servos mais bem treinados, sob a orientação de Gib.

visitar. Sem dúvida esta é outra oportunidade para conhecer e ser conhecido por membros da congregação. Só que o pastor tem de ser conscientizar de que um dos propósitos da visitação é aprofundar o relacionamento. Visitar os doentes, por significativo que seja, não o é tanto quanto conhecer pessoalmente membros da congregação. Visitas tradicionais muitas vezes não se prestam a este propósito: a "visita pastoral" freqüentemente deixa pastor e hóspede pouco à vontade. É muito melhor quando a visita é informal – e com conteúdo.

Passar pela casa de um membro para dizer um rápido alô durante os afazeres deste, almoçar com um homem de negócios no centro da cidade, dar de presente alguns tomates do quintal, telefonar para agradecer um favor, conversar – estes contatos informais são os que ajudam a formar um relacionamento pessoal com as pessoas.

E este é essencial para uma boa liderança pastoral.

modelar. Às vezes situações especiais são uma oportunidade para formar a intimidade que o pastor quer incentivar entre ele e os membros e, por extensão, entre eles também. Um pastor de Fresno, Califórnia, desenvolveu um "treinamento para união" de casais durante oito semanas, nos domingos à noite. Depois repetiu o curso com outros dez casais. Depois de dois anos uns cento e cinquenta membros da sua igreja conheciam melhor uns aos outros e ao pastor, e aprenderam a se relacionar melhor como uma grande família.

Mais de um pastor acha que um ponto crítico do seu ministério é promover pequenos grupos para estudo bíblico e oração. Depois de passar algumas semanas com um grupo novo, ele parte para outro, visitando esporadicamente o anterior, ou fi-

cando à disposição para solucionar dúvidas.

Em tudo isto podemos dizer que o pastor está *facilitando o progresso do relacionamento pessoal no Corpo local.* Neste processo outros vêm a conhecê-lo como pessoa. Ele dá a tônica do relacionamento, tornando-se modelo da liberdade de conhecer e ser conhecido que Jesus nos dá dentro da sua família.

educação?

As coisas que abordamos neste capítulo podem não ser chamadas de "educação", no sentido tradicional. Não há descrição de classes. Não há matéria, nem currículo. Falta a perspectiva da sala de aula. O pastor nem sequer está desempenhando o tradicional papel de quem ensina.

Mas o que nós descrevemos é educação no seu sentido mais significativo: educação para o discipulado. Estivemos analisando os elementos da *educação informal*, que se dá à medida que as pessoas vivem juntas em sua identidade como corpo local. *Esta educação não formal é a educação mais significativa para a Igreja.* E não podemos errar. A maneira de o pastor conviver com uma pessoa *educa*, sem sombra de dúvida. De fato, *se o exemplo que o pastor dá contradiz o conceito de Corpo que serve, então sua igreja não crescerá para ser uma comunidade empenhada em servir.* Até que o pastor mude, ou se mude.

Assim que rompermos com nossos velhos preconceitos quanto à educação, e compreendermos que ela não é algo formal, mas informal, não se dá na sala de aula mas na vida diária, não é processamento de informações mas um intercâmbio dinâmico e que envolve toda a pessoa, então compreenderemos que a maneira de o pastor provocar com sua liderança a imitação dos princípios bíblicos de Corpo talvez seja *o* fator crucial da educação cristã. Transformação e educação para o discipulado atuam baseados em princípios de imitação e exemplo. Por isto ser verdade, o exemplo que a liderança da igreja dá é, cruamente, *a* chave para a compreensão do ministério da igreja, e de todo o ministério da educação cristã.

VERIFICAÇÃO

casos,
perguntas,
incentivos à reflexão,
notas adicionais

1. Esta é uma boa ocasião para nos determos um pouco. Veja se você consegue encontrar dois ou três livros em cada uma das áreas abaixo. Passe os olhos neles, e descubra as suas pressuposições. Depois escreva em algum papel as respostas às perguntas abaixo, para cada livro.
   A. *Educação cristã*
      Localize três livros sobre educação cristã, de preferência com perspectivas teológicas diferentes. Dê uma olhada no índice, e passe os olhos nos assuntos mais importantes. Depois anote o que o impressionou, nos seguintes sentidos:
      (1) O que cada livro entende por "educação"?
      (2) Que processo sugere para a educação?
      (3) Quem educa, na opinião do autor?
      (4) O livro dá a impressão de apresentar uma teoria de ensino?
      (5) Como ele aborda a educação – como assunto teológico ou filosó-

fico?
(6) Como cada um pode ser comparado e contrastado com este livro?

B. *Liderança de igreja*
Faça a mesma coisa com três livros sobre liderança cristã.
(1) O que, para cada um deles, é o aspecto mais significativo da liderança?
(2) Como, na opinião de cada um, o líder deve liderar?
(3) Quem é considerado "líder" em cada livro?
(4) Qual a importância da teologia na definição das tarefas e métodos da liderança?
(5) Há distinção entre liderança "administrativa" e liderança da Igreja como um Corpo?
(6) Como cada um pode ser comparado e contrastado com este livro?

C. *Ministério pastoral*
Faça a mesma coisa com três livros sobre o pastor e seu ministério.
(1) O que cada um acha que é a principal função do pastor?
(2) Como ele acha que o pastor deve servir?
(3) Algum sugere que o pastor seja igual ou diferente de outros obreiros da igreja?
(4) Que conceitos de "leigo" e de igreja local está implícito nas idéias dos livros?
(5) O que eles dizem sobre o pastor como servo e o significado disto na execução do ministério?
(6) Como cada um pode ser comparado e contrastado com este livro?

2. Um recurso que seminaristas ou pastores quererão explorar é o *Fingertip Consultant,* produzido por Step 2, uma organização de Chicago que não visa lucros, que serve à igreja local e incentiva sua renovação através da aplicação de princípios bíblicos básicos na vida da igreja.

Abaixo transcrevo uma seção de um manual de treinamento que é incluído no *Consultant*. Nele David Main propõe aos pastores a tarefa de se encontrarem com uma equipe de leigos para preparar o sermão. (Para os interessados, o *Fingertip Consultant* pode ser pedido à Step 2, 1925 N. Harlem, Chicago, Illinois/EUA, 60635, sob condição de devolver.)

Esta é a primeira semana em que você trabalha com um grupo que participa do preparo do sermão. Para que a experiência seja bem sucedida voltemos para um dos nossos esquemas anteriores.

ANTES DE VOCÊ SE ENCONTRAR COM O GRUPO Y

1. É necessário que você reveja os planos uma vez mais. Faça uma lista de cinco pessoas da sua congregação que você acha que estariam abertos para ajudar a preparar o domingo C, dia..., mês... (12ª SEMANA). Inclua entre os cinco pelo menos um dos líderes da igreja, se até então nenhum participou. Inclua também o nome de uma pessoa da igreja que poderia se opor a mudanças. Por fim, tente mais uma vez equilibrar o grupo escolhendo pessoas representativas. Escreva os nomes:

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____

2. Gaste tempo *agora* agradecendo a Deus pelas pessoas do grupo Y com que você se reunirá logo mais.
3. *Depois de orar...* estabeleça a duração "oficial" da reunião. (A reunião vai até às . . . . . horas).
4. Leia os sete ítens da agenda sugerida na seção seguinte. Decida quanto tempo quer dedicar aos ítens dois, três e cinco, escrevendo isto na linha antes de cada número. (Os outros quatro ítens juntos somam 30 minutos).
5. Repense suas idéias sobre o sermão do domingo B. Ainda estão somente no esboço? Se não, os integrantes do grupo B ainda poderão ajudar, por isso *não se aflija*! Você consegue constatar com clareza a necessidade sobre a qual você gostaria de pregar? Para um pouco mais de inspiração leia o comentário de J. H. Jowett sobre a pregação com esboço, que você encontrará atrás da tabela "Idéias para referência".

AGENDA DA REUNIÃO COM O GRUPO Y

2 minutos

1. Diga ao grupo qual a duração "oficial" da reunião. Diga-lhes que podem ficar mais tempo, se quiserem; mas na hora marcada a reunião estará "oficialmente" encerrada. Certifique-se, também, se todos se conhecem.

15 minutos

2. Deixe o grupo dizer o que acharam das fitas que acabaram de ouvir. Lembre-se que Step 2 está somente usando a Igreja do Círculo, de Chicago, como ilustração das suas Diretrizes de Programa. Estas diretrizes são: a) *coordenemo-nos* ao planejar um culto e b) *esclareçamos uma coisa,* ao preparar o sermão que será o centro do culto. A intenção não é que você copie a maneira de a Igreja do Círculo pôr estas diretrizes em prática. Incentive os que não ouviram todas as fitas a fazerem-no até a semana que vem. Informe o grupo que você precisará de todas as fitas na próxima reunião. Isto é importante.

15 minutos

3. Deixe os integrantes do grupo Y conversarem sobre o culto do último domingo. Eles ainda se lembram do desafio lançado? Que hinos foram cantados? Que trecho bíblico foi lido? Alguém mudou sua vida (dos do grupo) depois do sermão? (Nota — preste atenção especial à resposta do seu leigo chave!)

3 minutos

4. Explique que Step 2 destaca a importância de todo o culto ser esboçado ao redor de uma verdade central, para que tudo se coordene. O propósito des-

ta reunião é coletar a colaboração de cada pessoa em relação a estra frase que você estará preparando durante duas semanas a partir de domingo, dia..., mês... (9ª SEMANA). Explique que uma das sugestões é conversar sobre o que as pessoas da congregação acham do sermão, enquanto ainda estão sendo preparados.

15 minutos

5. Diga ao grupo Y a que altura você está em suas reflexões. Se você já tem a verdade central... ótimo! Se você já pode descrever o tema... faça-o. Talvez no momento você possa somente dar indicações do problema que o preocupa. Ou você está tão no ar que nada mais pode fazer que pedir suas sugestões para um tema. De um ou outro modo, peça seus comentários. Eles vêem a mesma necessidade? Um sermão deste tipo os atingiria, ou não? Que dúvidas eles têm? Gostariam que a verdade central fosse outra? *Não* fique na defensiva! Faça de conta que está liderando uma discussão sobre uma igreja que não a sua, se isto ajudar. E dê um jeito de eles falarem mais do que você!

15 minutos

6. Tente trazer uma verdade central bíblica forte, que domine toda a conversa. Ponha as palavras no papel, para que as palavras *não fujam.*

10 minutos

7. *Dez minutos* antes do prazo "oficial" interrompa a reunião para um período de oração. Diga a cada um como você está contente que eles vieram. Peça-lhes que reflitam sobre a conversa até a próxima reunião. Lembre-lhes dia e hora desta. Incentive cada pessoa a telefonar-lhe se tiver idéias novas. Diga-lhes que não poderá usar tudo que for sugerido, mas que sem dúvida isto será útil para a compreensão geral do tópico.

   Levante-se depois do tempo de oração, para que todos saibam que o período "oficial" acabou.

DEPOIS DA REUNIÃO COM O GRUPO Y

1. Agora que você está sozinho, com as idéias ainda frescas em sua mente, tente elaborar uma verdade central final. Se possível, fixe-se também em um texto bíblico.
2. Step 2 gostaria de se reunir com você uma hora antes da reunião na próxima semana.
3. Nos dias antes da próxima reunião use o espaço abaixo para anotar pensamentos adicionais sobre seu sermão para o domingo B.

Que Deus encha seu coração de gratidão pelas pessoas da sua congregação... não só por você poder influir em suas vidas, mas porque eles também podem influir na vida de outras pessoas.

13

edificando o corpo: a equipe de líderes leigos

Todo o Corpo se compõe de crentes-sacerdotes e todos eles devem servir, e uma pessoa só não pode ser exemplo para todos. Já que o Corpo tem dimensões coletivas e individuais, o exemplo (s) também deve ser coletivo e individual.

Quando entendemos a natureza da Igreja e do seu ministério transformador (discipulado), vemos claramente por que Deus quis que cada igreja local tivesse uma equipe diversificada de liderança.

Vezes e vezes o Novo Testamento fala da nomeação de "anciãos" em igrejas novas. Antes do ano 70 d.C. o termo "ancião" era usado nas sinagogas judaicas para o líder. Os membros do Sinédrio também eram chamados de anciãos. O título na Igreja reflete tanto sua herança judaica quanto gentia: os "velhos" eram pessoas mais idosas e adiantadas na fé, que faziam por merecer respeito e demonstravam ter capacidade para ser exemplo. Na igreja de Jerusalém havia apóstolos e anciãos (Atos 15 e 16). Os anciãos são mencionados em todo o livro de Atos (11:30, 14:23, 15:2, 4, 6, 22s, 16:4, 20:17, 21:18), e também nas epístolas (Tito 1:5, Tiago 5:14, 1 Pedro 5:1, etc). De acordo com a literatura cristã primitiva, os anciãos exortavam e pregavam nos cultos da igreja, como os "bispos" (um termo que identifica o cargo de supervisor). Isto está presente também nas epístolas pastorais, onde a capacidade de ensinar faz parte das qualificações necessárias para a ordenação de um diácono ou ancião.

É maravilhoso que o primeiro requisito para alguém ser escolhido ancião é que seu caráter e comportamento seja exemplar. Ele deve apresentar em si a atuação evidente de Deus, transformando-o. Esta ênfase em *quem o ancião é como pessoa* concentra nossa atenção novamente na principal função do líder. Na Igreja de Jesus Cristo os líderes devem ser exemplos da vida cristã (1 Pedro 5:4).

Também é significativo que sempre que aparece o termo para líderes (anciãos, bispos, diáconos), o autor tem em mente diversos, e não só um! Cada igreja tem diáconos. E anciãos. A liderança da igreja deve estar no plural... não no singular.

Por que isto é importante? Não só porque é mais fácil entender mal um indivíduo do que um grupo todo. Não só porque a unanimidade é um sinal da vontade do Espírito Santo, razão pela qual *concordar* é algo decisivo nas decisões de uma igreja. É importante não só porque onde há diversos líderes eles estarão mais abertos para correção e serviço mútuo, enquanto que um líder isolado pode intencional ou inadvertidamente afastar-se do serviço de outros. Cada um destes é um fator, uma parte da razão pela qual uma igreja local deve ter diversos líderes.

A razão central para liderança múltipla nos leva de volta à teologia. A Igreja é um Corpo. Cristo se preocupa com o Corpo como unidade, além de com o indivíduo. Tanto quanto o indivíduo, o Corpo deve crescer "efetuar o seu próprio aumento em amor". Cada igreja local tem uma identidade, além da identidade de cada membro seu. Assim como cada indivíduo é responsável diante de Cristo como sua cabeça, o Corpo é responsável diante de Cristo, que é sua cabeça.

Esta identidade coletiva de cada igreja local exige uma liderança múltipla. A

igreja local deve ser transformada à medida que cresce em Cristo, assim como os indivíduos. Ela deve crescer em amor. Deve crescer na habilidade de usar os dons dos membros. Deve crescer na capacidade de refletir o caráter de Cristo para o mundo ao seu redor.

E como um grupo de crentes aprenderá a funcionar como corpo? *Da mesma maneira que todo o aprendizado ocorre dentro do Corpo: sendo discipulado; imitando um modelo que exemplifica um padrão de vida que todo o corpo deve desenvolver.*

Quem, então, pode servir de modelo para o Corpo?

O pastor não. Ele é um indivíduo. Ele pode servir de exemplo para indivíduos, mas não para o Corpo.

Um *grupo de líderes* pode ser modelo, em seu relacionamento entre si, sua maneira de trabalhar junto, para a vida e o relacionamento de todo o Corpo. Um grupo de líderes, servos da congregação, chamados para dar exemplo de vida cristã, podem servir de modelo para a vida do Corpo!

Este grupo de homens na congregação local é a chave educacional para o desenvolvimento da vida do Corpo – assim como o pastor é uma pessoa chave para ajudar os membros do Corpo a descobrir a sua identidade como servos. Uma equipe leiga de liderança na igreja é algo decisivo para ajudar o Corpo local a descobrir a sua identidade como organismo.

princípios e prática.

No capítulo 11 analisamos alguns princípios para o líder que serve, quais sejam:

* O líder servo faz, e fazendo ele dá o exemplo.
* O líder servo está no meio das pessoas, incentivando-as a conhecerem-no melhor.
* O servo, através do seu serviço, equipa outros para que sirvam também.

Estes princípios nos ajudam a compreender o papel de líderes leigos na igreja local, e também sugere meios pelos quais seu funcionamento como modelos em grupo pode ser facilitado.

primeira responsabilidade. A primeira responsabilidade de uma equipe leiga de liderança é ser um "corpo" que funciona. Na liderança sempre é essencial que os líderes *estejam sendo* o que outros membros do corpo devem ser.

Na Igreja Our Heritage em Scotsdale, Arizona, os anciãos se reúnem todo sábado de manhã durante três horas, das sete às dez. Este tempo não é gasto para discutir problemas administrativos. Este tempo é para que cada um sirva o outro, compartilhando o que está acontecendo em sua vida, estudando a Bíblia juntos. Às vezes algum problema da igreja é lembrado, estudado, discutido, e levado a Deus em oração. Cada um contribui com seu dom e ponto de vista, e Deus dá a unanimidade no tempo certo. Quando a diretoria comunica decisões ou recomendações à igreja toda, os homens falam a uma só voz, cada um compreendendo e concordando com o outro. Eles podem representar a unidade do Corpo para este porque cresceram juntos e experimentaram a unidade.

É importante, então, livrar-se da imagem de líderes de igreja com uma função principalmente *administrativa.* A principal responsabilidade da liderança de uma igreja local é desenvolver um relacionamento "de Corpo" dentro dela mesma, para que possam exemplificar para a congregação o que é ser corpo. Também é importante que o pastor seja encarado como *parte,* e não *à parte* desta equipe leiga. Ele

pode ser sustentado em tempo integral, ter responsabilidades especiais, mas é sempre um membro da equipe. Na verdade o desenvolvimento dos líderes da igreja em direção a uma equipe de liderança é uma das tarefas mais importantes a que um pastor pode se propor.

As reuniões de diretoria, assim, deixam de ser reuniões "administrativas" para se transformar em horas de servir, compartilhar, discipular-se, crescer como indivíduos e como grupo. Este tipo de crescimento em conjunto custa tempo e dedicação. Eu pessoalmente acho que exige encontros *semanais.* Dedicação mútua, fator vital no funcionamento do corpo como um todo, tem de ser demonstrada primeiro pela liderança da igreja. Se os líderes da igreja *não* gastam tempo para crescer juntos, formando uma unidade vital, então há poucas probabilidades de que a unidade um dia caracterizará a igreja local. *Nós reproduziremos o que somos.* O servo lidera pelo exemplo... o exemplo que ele dá é que será imitado.

representar unidade. Para alguém poder seguir um exemplo, ele tem de vê-lo. Isto exige que a liderança leiga se mostra à congregação. Anciãos e diáconos devem ter responsabilidades nos cultos normais. Oração pastoral, pregação, testemunhos, tudo isto pode ser feito por líderes.

A divisão da congregação em regiões geográficas que discutem o que interessa para a igreja com os anciãos e diáconos, descrita na página 113, possibilita aos líderes reunir-se com as pessoas e também refletir a unidade da equipe de liderança. Algumas igrejas fizeram desta divisão geográfica a base para o ministério dos líderes leigos, envolvendo anciãos em visitação, no seu distrito.

O que aqui é importante é que os anciãos sejam aceitos pela congregação, sejam vistos como cooperadores em certas áreas, e que refletem o processo de unidade que desenvolveram entre si.

entre as pessoas. Este fator é semelhante ao anterior, porém com outra ênfase. Os líderes leigos devem se envolver pessoalmente com os membros da congregação, como o pastor. Precisam ser conhecidos como pessoas, com quem alguém possa se identificar.

Na prática eles criam este relacionamento "nivelado" assim como o pastor: sendo pessoais, revelando-se quando participam da direção de reuniões da congregação, encontrando-se informalmente com membros do Corpo.

Em uma igreja de Phoenix cada membro da diretoria participa de uma ou mais "pequenas igrejas". Estes são pequenos grupos que se encontram durante a semana por diversas horas para compartilhar, estudar a Bíblia e orar. Desta forma os líderes mantém contato com membros da igreja, assim como entre si. Em outra igreja os membros da diretoria convidam cada mês pessoas da congregação para sua casa. Estes grupos fazem rodízio, e têm o objetivo de dar aos membros da igreja uma chance de se conhecerem entre si, além de ao líder. Grupos de discussão depois dos cultos, liderados por diáconos e anciãos, também facilitam o relacionamento. Em igrejas onde ocorre compartilhar da Vida do Corpo, os líderes da igreja muitas vezes têm um importante papel a desempenhar, tornando-se conhecidos em seu ambiente.

Na verdade cada igreja local deve desenvolver seu próprio estilo de reuniões e serviço. Em cada uma surgirão padrões diferentes para transmitir o exemplo da equipe de liderança. *Onde houver uma equipe de liderança, o "como"* virá naturalmente. As pessoas sentirão cada vez mais a força dos líderes da sua igreja, aumentando sua confiança neles. Com a confiança virá a liberdade de seguir o seu exemplo, aproximando-se de outros no Corpo. Em muitas igrejas este processo passará desapercebido. O processo é tão natural que ele ocorre sem causar alarde, como é

o caso com outras experiências de educação não formal.

Para que isto ocorra é necessário que haja uma equipe de liderança. Ela significa mais que simples "líderes de nome", eleitos de alguma maneira para preencher cargos administrativos. A equipe se forma crescendo um em direção ao outro; gastando tempo juntos e com a Palavra, trabalhando em conjunto para obter aquela unidade com que o Espírito diferencia o corpo que funciona. Sem o surgimento de unidade e exemplo verdadeiro, haverá pouco impacto sobre qualquer plano que seja feito para usar os líderes da igreja.

VERIFICAÇÃO

casos,
perguntas,
incentivos à reflexão,
notas adicionais

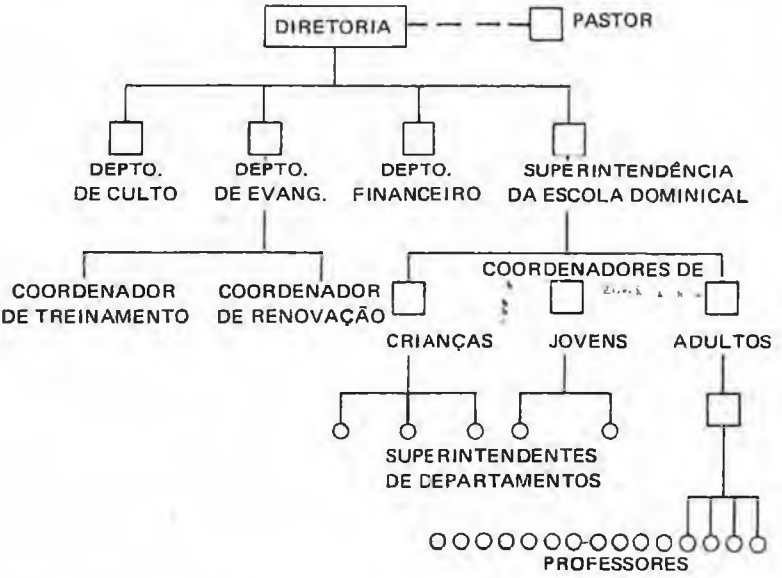
1. Um pastor conhecido meu entusiasmou-se com este plano de envolver anciãos no serviço da igreja. *Avalie as chances de sucesso ou fracasso do seu plano,* que era: tomar a recém-eleita diretoria da igreja, e dividir a congregação geograficamente. Conferir a cada ancião ou diácono uma unidade geográfica, para sua responsabilidade. Conferir tarefas a cada um (visitar cada família duas vezes por ano, procurar os que deixam de vir ao culto por seis semanas, etc). Gastar trinta minutos cada terça-feira à noite para treinamento, saindo depois para a visitação.

   Além disto, à medida que o tempo passar, cada ancião ou diácono deverá assumir responsabilidades de aconselhamento para as pessoas da sua região. Os números dos seus telefones seriam publicados no boletim da igreja, com a orientação que cada pessoa que precise de orientação pastoral telefone para o respectivo líder.
2. Fica claro do que foi dito nos dois últimos capítulos que a *comunicação* é um dos objetivos principais do funcionamento da igreja como Corpo. A maioria dos livros sobre organização e administração tendem a apresentar uma estrutura organizacional *de controle*. Isto é, a igreja é organizada visando facilitar a comunicação de *diretrizes de cima para baixo,* e *relatórios de tarefas cumpridas de baixo para cima.*

   (Veja na página seguinte, exemplo de um organograma típico).

Este tipo de organização dá muita ênfase em realizações. A tendência é que as pessoas somente se reúnam para planejar. Também há ênfase nas diferenças, e não nas semelhanças. O "superintendente" está acima dos professores ou obreiros. Ele é responsável pelo rendimentos destes, e por sua vez presta contas à diretoria ou a alguém acima dele. Em uma estrutura deste tipo o relacionamento que temos estudado como sendo significativo na igreja geralmente é posto de lado como "inadequado" para "alcançar as metas". Observe também que as "metas" da organização têm relação somente indireta com transformação. Ou seja, os grupos não se reúnem para edificar-se, mas para criar estruturas em que se presume que ocorrerá edificação.

É possível pensar em outro tipo de organograma que dê mais ênfase à comunicação que ao controle dentro do Corpo? Um organograma que estruture a igreja ao redor



estrutura organizacional "de controle"

de transformação, e não de tarefas? Que dê ênfase na edificação, e não na diferenciação? Que tenha relação direta, e não indireta, com serviço?

Em outro livro eu apresentei outro modelo de organização de igreja que tenta fazer isto. Alguns que não viram que seu ponto central era a comunicação e não o controle o interpretaram mal. Nem daquela vez nem agora eu acho que este modelo seja *a única maneira* de organizar uma igreja. Mas é uma alternativa ao modelo tradicional: na minha opinião, mais harmônico com a natureza da Igreja e do ministério do que os organogramas tradicionais, obviamente emprestados do mundo de negócios. Veja-o na página seguinte.

Estrutura organizacional "de comunicação"

Este tipo de organização dá ênfase ao serviço mútuo. As pessoas se encontram para edificar uma à outra. Cada membro dos vários grupos participa de uma identidade comum: os cinco "supervisores", em vez de estar "acima" dos outros, representam o grupo de que são membros. Cada um é responsável pela e para a "célula de crescimento" de que é parte, e cada indivíduo participa da organização da sua igreja local através do seu líder (que o grupo pequeno conhece intimamente). Cada um destes grupos ("células de crescimento", "conselheiro" e "supervisor") se reúne para servir, não para programar ou estruturar "educação" formal.

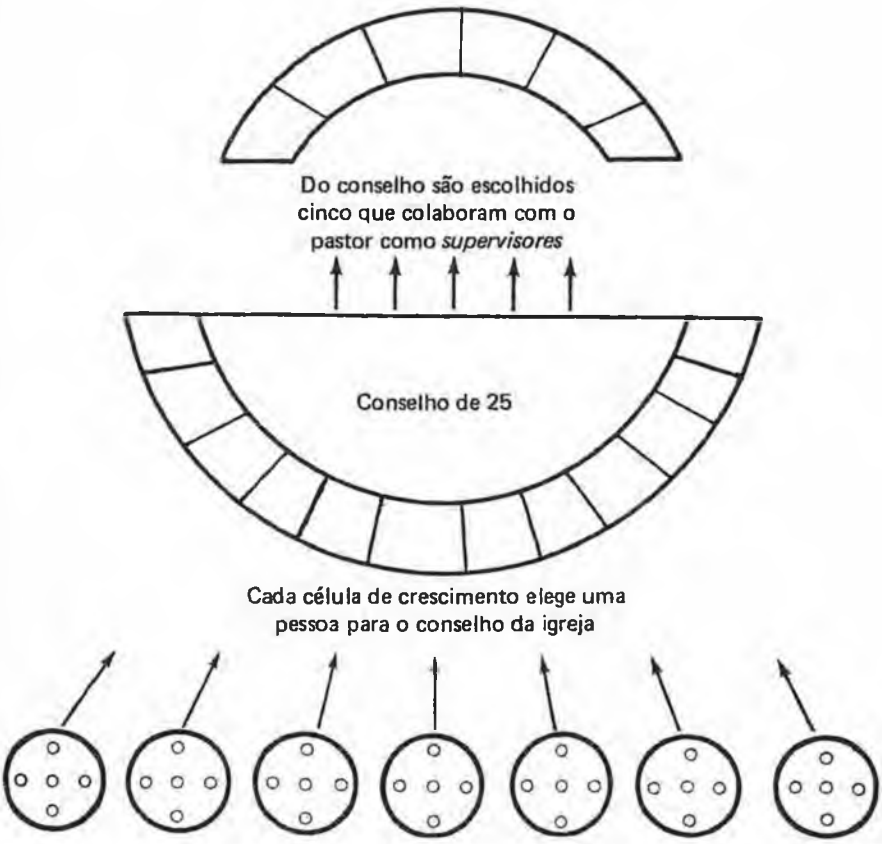
Este tipo de organização visa ser um organismo e promover o relacionamento entre as pessoas; não visa ser uma organização e relacionar as tarefas.

Comparando os dois organogramas, tente fazer o seguinte:

(A) Como, na sua opinião, a liderança leiga funcionaria em cada situação?

(B) Que tipo de relacionamento cada situação promoveria?
(C) Que efeito cada organização teria sobre a transmissão de informações emocionais?

ORGANIZAÇÃO DA IGREJA RE-FORMADA



(D) Que *tipo de exemplo* os líderes dariam em cada situação?
(E) Desenvolva um terceiro organograma, diferente, que dê mais ênfase em comunicação que em controle.

3. Uma das críticas à estrutura "de comunicação" é que ela não é feita para cumprir tarefas. E, apesar de facilitar o serviço mútuo, não permitiria o funcionamento eficiente de algo como a escola dominical. "É um sonho bonito, mas não *funciona*", é uma reclamação comum.

Esta crítica é válida? Tente idealizar um ministério total com adoles-

centes (ainda não envolvendo o lar) usando os princípios de ensino/aprendizado de discipulado apresentados neste livro. Um lembrete: Não esqueça que em seu esboço os "professores" agirão da mesma maneira que "anciãos" na igreja local. Seu esboço deve refletir os mesmos princípios básicos que aparecem no funcionamento do Corpo como um todo.

4. A última tarefa. Neste e no capítulo anterior você viu diversas sugestões que visam tornar o relacionamento de pastor e líderes com crentes-sacerdotes mais íntimo, e de como eles podem ser exemplo. Sozinho ou com a ajuda de outras pessoas.
   A. enumere vinte maneiras de líderes e pessoas virem a conhecer-se melhor; e
   B. enumere vinte maneiras de como o que o líder faz pode mostrar a outros crentes que se espera que *eles* se engajem ativamente no serviço.

14

edificando o corpo: implicações para o ensino teológico

Treinamento tem de ter propósito. Precisa enfocar o resultado que quer produzir.

Quando entendermos a natureza da liderança espiritual da Igreja, também estaremos aptos para definir que tipo de pessoas devem ser pastores, missionários e outros "obreiros de tempo integral" ou "profissionais". Também poderemos definir melhor o tipo de conhecimento que os seminários devem oferecer.

Eu confesso ter um preconceito em relação ao treinamento para o ministério profissional. Um preconceito que surgiu dos anos do meu próprio estudo em seminário, meu trabalho em uma escola superior que prepara jovens para o ministério, e em anos de atividade com renovação de igrejas. É uma perspectiva que surgiu à medida que eu pesquisava uma idéia de "residência" de ministério, planejada pela Wheaton College's Graduate School. O preconceito reflete mais uma convicção teológica que experiência: todo meu estudo e ensino se deu de maneira formal.

Porém se entendermos que o ensino é um processo de discipulado, que se preocupa com a pessoa toda, envolvendo a identificação com um modelo que o discípulo imita, não posso mais ficar tão contente com o meu treinamento clássico no seminário... não que este seja mau, mas nem por isso posso deixar de achar um método melhor para preparar homens para o ministério.

Parte da dificuldade com que jovens formados se deparam ao assumir uma igreja local resulta do fato que a liderança pelo exemplo se reproduz *mesmo*. Os seminários *treinam*, além de ensinar. O "currículo oculto" da situação de aprendizado tem um impacto maior sobre o aluno que o "currículo do conteúdo" que é ensinado em aula.

O que faz parte do currículo oculto da maior parte dos programas de seminários (e de outras instituições de ensino formal)?

* *estruturação conceitual do conteúdo.* As verdades bíblicas são comunicadas em seqüência lógica, organizadas em categorias essencialmente impessoais. Isto não quer dizer que o conteúdo ensinado é errôneo, ou sem importância. Isto simplesmente quer dizer que o material bíblico com que o aluno tem contato são só informações. Não é considerado válido tratar na classe do seminário com o efeito das verdades sobre os sentimentos, com que situações presentes elas se relacionam, etc. O processo de sala de aula *não* tenta ligar a verdade bíblica com toda a personalidade – psicológica, sociológica, interpessoal. Como conseqüência, os alunos são treinados para estudar e saber a Escritura de maneira intelectual, e não pessoal e direta.
* *aprendizado impessoal.* No sistema de sala de aula não há tempo para conhecer pessoalmente o professor e outros alunos. Em resultado o seminarista "pega" um estilo impessoal de ministério, que provavelmente será posto em prática quando ele for assumir uma igreja.
* *acha-se que "aprender" é "saber".* Notas e outras formas de avaliação se baseiam em conhecimento de dados bíblicos que podem ser expressos em

redações ou exames. Inconscientemente o prêmio de ter conhecimentos bíblicos é transferido também para o ministério, de modo que quem tem informações armazenadas tem mais chances de ser escolhido para a liderança de uma igreja local do que alguém que é exemplo.

* *o aprendizado é individual.* Testes, notas, conceitos, todos são conferidos presumindo rendimento individual. A tendência de ver as pessoas como aqueles que sabem se garantir sozinhos se reflete na prioridade dada ao tempo de estudo "privado" do ministro, e na organização da igreja para encorajar o estudo bíblico pessoal, e não em grupo. A idéia de que o "mestre" é alguém que vai para casa, estuda a Bíblia e depois diz aos outros o que aprendeu, é uma expressão deste conceito.
* *competição, e não cooperação.* O seminário tem a tendência de provocar uma competição acadêmica entre os indivíduos, como as escolas seculares. Isto distancia as pessoas, em vez de aproximá-las. Isto também dificulta à pessoa treinada em competição (que insiste que ele seja *melhor* que outros) tomar a liderança de um Corpo onde ela deve motivar atitudes e comportamento *cooperativo*!

Poderíamos continuar. Mas não é necessário. O que eu quero dizer é simplesmente isto: *Se o aprendizado cristão em essência é discipulado, um processo de "tornar-se como", então o treinamento para uma vida de serviço deve ser baseado nestes processos. O preparo de uma pessoa para o serviço no Corpo deve ser como o serviço que ela deverá assumir.*

realismo

Sendo realistas, veremos que nosso sistema atual de preparo para o ministério simplesmente não pode ser reestruturado para que este ideal se concretize. (Um esboço deste "ideal" está na VERIFICAÇAO 2) Porém certamente devemos tomar medidas para que um modelo contrário (identificado acima como "currículo oculto") não seja apresentado nos seminários.

Alguém pode objetar que não é função de um seminário fazer *tudo* que é preciso para preparar uma pessoa para o ministério. Talvez a função do seminário seja só "ensinar a Palavra", e deixar que as dimensões da personalidade, como o relacionamento, e o estilo de liderança sejam desenvolvidos na igreja local do seminarista. O problema desta objeção é que escapa totalmente à realidade. Ao ensinar a Palavra o seminário *está* apresentando um modelo, que sem dúvida o futuro ministro irá seguir! É de importância vital que o seminário "ensine a Palavra" com alguma semelhança com a maneira que se espera que o ministro execute suas funções na igreja local!

Analisando os itens do "currículo oculto" relacionados acima, podemos discernir maneiras de reverter suas tendências atuais. O que teríamos, então, é o seguinte:

* *aprendizado pessoal.* Pelo menos parte dos cursos do seminário sendo ensinados fora da sala de aula, com relacionamento pessoal entre professores e alunos como estive mostrando.
* *aprendizado com a tônica "crescimento".* Menos pressão sobre as notas como maneira de avaliação. Incentivo da percepção do crescimento pessoal e dos outros, dando valor ao serviço mútuo no corpo discente.
* *ênfase no aprendizado em equipe.* Em vez de tratar os alunos como indivíduos isolados, ao entrarem no seminário eles poderiam ser integrados

em equipes. Estas equipes poderiam estudar em conjunto a matéria exigida pelo currículo, com ênfase em projetos de grupo e avaliação mútua. Estes grupos também podem incluir as esposas, para certos cursos e atividades.

* *incentivo à cooperação.* A instituição destas equipes deveria incluir o treinamento de um relacionamento de Corpo entre os alunos, servindo uns aos outros. Durante os anos de estudo no seminário os integrantes dos grupos aprenderiam lições valiosas de como aceitar, servir e ser servido por outros.

São sugestões simples, mas básicas. Elas emergem de uma reflexão teológica do que a Igreja é, e do que o aprendizado no contexto cristão deve ser. Enquanto nosso conceito de preparo de líderes profissionais para a igreja local incluir a instituição do seminário, alguns passos como estes *têm* de ser dados. Senão continuaremos vendo homens adentrando o ministério tendo uma idéia do que devem fazer – mas sem o exemplo que precisariam ter para serem homens que podem liderar o Corpo. Eles continuarão a ser discípulos que nunca foram discipulados!

um desafio?

Parece-me que a idéia de educação cristã estudada neste livro levanta ainda mais questões básicas quanto ao nosso sistema de preparo da liderança de igreja. Por enquanto, eu pessoalmente estarei satisfeito se os responsáveis pelo ensino nos seminários reconhecerem o impacto do currículo oculto, e começarem a tomar providências para reestruturar o processo de ensino.

A longo prazo porém, acho que teremos de repensar todo nosso processo de escolha e preparo.

Por exemplo: Não é sugestivo que Jesus viveu três anos *com* seus discípulos, antes de ordená-los para o ministério? Não é sugestivo que homens como Paulo levavam jovens como Marcos e Timóteo *consigo* antes que estes assumissem um ministério próprio? Não deveríamos nós encarar o preparo para o ministério como sendo *crescimento no ministério através de envolvimento no ministério,* cada um tendo um líder que o discipula?

As faculdades de medicina do começo do século tentavam preparar médicos somente através de um programa acadêmico. Hoje sabe-se que há uma enorme diferença entre dissecar cadáveres e trabalhar com tecidos vivos; entre trabalhar com descrições de uma doença e checar sintomas em um paciente vivo. Atualmente *todo* o preparo médico reconhece *cada vez mais* que residência e convivência são vitais para o preparo de médicos no trato com pessoas vivas. O preparo teológico tem menos a ver com pessoas *vivas*? Achamos mesmo que o preparo *acadêmico* sozinho é suficiente para trabalhar com, liderar e discipular indivíduos e o Corpo?

E quanto ao processo de seleção? Como podemos saber se um jovem de dezoito ou vinte e dois anos tem os dons necessários para servir no Corpo? Ele diz que foi chamado? Foi recomendado pelo pastor? O reconhecimento por uma igreja local, onde o jovem teve oportunidade para desenvolver seus dons na prática, não é um indicador mais significativo de que ele foi escolhido? Por que temos tanta pressa para preparar pessoas tão jovens para o ministério? O título "ancião" será que não tem um significado que vai além de posição e função? Sem dúvida há lugar para líderes jovens (como Timóteo). Mas todo nosso conceito de funcionamento do Corpo que transforma indica que antes que alguém seja escolhido para ser líder ele precisa de tempo para crescer como crente-sacerdote. Às vezes perguntamos a candidatos a missionário: "Você está falando de Cristo atualmente?" Se a resposta é "Não", a pergunta certa que fazemos é: "Então, o que o faz pensar que ir para o exterior fa-

rá alguma diferença?" Não deveríamos perguntar também aos que se candidatam para o ministério de tempo integral: "Você está servindo ao Corpo atualmente?" Perguntar a uma pessoa que não está muito ligado com a vida do Corpo – e não é reconhecido por este como líder em potencial – por que ele acha que ir para o seminário fará dele um líder de igreja, parece igualmente justo... e importante.

Não quero dizer com isto que devemos impedir alguém de ir para o ministério. Se Deus chamou e separou uma pessoa, sem dúvida ele zelará para que esta pessoa tenha colocação no serviço. Mas por que não deixar nossos jovens amadurecerem mais? Ter mais tempo para confirmar o chamado que sentem ter?

Alguns dirão que na prática isto fará com que muitos deixem de ir para o ministério. Eles se formarão profissionalmente, casarão, iniciarão uma família, e logo não poderão mais ir para o seminário por causa das suas responsabilidades. Que visão pequena temos de Deus! Como é estranho para nós adorá-lo como o Todo-poderoso, e depois ter receio que coisas materiais possam se um obstáculo para ele!

Eu, pessoalmente, estou convencido que à medida que a Igreja se reedifica, como ocorre na renovação evangélica, Deus chamará mais líderes de igrejas locais que já tem experiência no serviço. Surgirá uma nova geração de líderes muito mais fortes do que os que temos hoje em dia. Se nos firmarmos sobre princípios bíblicos e teológicos, isto *irá* acontecer.

É possível que num futuro distante igrejas sadias produzirão seus líderes sem seminários. Vemos cada vez mais igrejas treinando jovens para o ministério como "residentes". Muitos destes nunca irão para o seminário. Pode ser que este seja um sinal do que o futuro distante trará. Eu não poderei predizê-lo.

Mas não estou me preocupando com isto. Preocupo-me, isto sim, em fazer com que todas as dimensões da vida da Igreja estejam em nossos dias em harmonia com princípios bíblicos, em vida e crescimento. Isto exige que todos nós prestemos muita atenção ao preparo de líderes para a Igreja.

Precisamos preparar homens para serem modelos.

Precisamos preparar homens que liderem servindo.

Precisamos preparar homens que saibam como o Corpo cresce, e que podem ajudar membros do Corpo a descobrir sua identidade como crentes-sacerdotes.

Precisamos preparar homens que compreendam que a saúde do Corpo como entidade coletiva é crucial para o cumprimento da missão transformadora da Igreja – homens que saibam como edificar pessoas em conjunto, formando uma unidade que reflita a que na verdade gozamos em Cristo.

Se os seminários de hoje não se mostrarem dispostos, produzindo este preparo, então Deus fará surgir algo novo, através do que Cristo continuará a edificar a sua Igreja.

VERIFICAÇÃO

casos,
perguntas,
incentivos à reflexão,
notas adicionais

1. Recentemente Joe Bayly me disse: "A única semelhança que há entre o método de Jesus de preparar homens e o dos seminários, é que ambos duram três anos".

   Você acha este comentário justificado? Há outras semelhanças? Quais

são as diferenças?

2. No capítulo 1 eu prometi a descrição de um programa "ideal" de preparo para o ministério. Aqui eu transcrevo um modelo que eu sugeri a um seminário da Califórnia que visitei como palestrante.

O modelo depende da capacidade de cada membro da faculdade de liderar em algum ministério na igreja. A maior parte trabalha como pastores; outros como ministros de educação religiosa, e um jovem como palestrante especial, abordando diversos livros da Bíblia.

Os alunos que entram no seminário são destinados como residentes para uma das igrejas que trabalham com a faculdade. Fazem uma "equipe" com outros residentes e o pastor/membro da faculdade. Algumas das matérias tradicionais são ensinadas nestas igrejas locais por cada professor. Outros cursos que envolvem um especialista reuniriam todos os alunos. Estes cursos podem ser ensinados em "retiros" intensivos três a cinco dias, em um período "intermediário" de duas semanas, ou em uma "classe" bisemanal durante um trimestre ou um semestre.

Durante o primeiro ano os internos participam da vida da igreja como membros, atuando da mesma forma como os outros crentes-sacerdotes entre si. No segundo ano assumem funções de discipulado, sendo eles também discipulados; cada interno pode trabalhar em conjunto com um dos líderes da igreja, e com um (ou mais) adolescente ou jovem. Durante o terceiro ano ele pode receber funções mais visíveis de liderança (como as que os líderes da igreja têm), desde que os dois anos anteriores evidenciem crescimento e capacidade pessoal e espiritual.

Este modelo está longe do ideal, e está só no esboço. Estude-o e tire suas conclusões.

(A) Faça uma lista dos pontos fortes do modelo.
(B) Faça uma lista das modificações que você faria para fortalecê-lo.
(C) Faça uma lista das desvantagens do modelo.
(D) Faça uma lista das fraquezas que permeiam o modelo.
(E) Desenvolva seu próprio modelo "ideal", da maneira mais completa possível.

3. Uma tarefa final.
   Se você não é seminarista, estude diversos prospectos de seminários. O que você observa em seu programa? Que pressuposições você acha que seu método de ensino reflete?
   Se você é seminarista, o que você gostaria que fosse mudado *agora* no programa do seu seminário, para fortalecê-lo? (Certifique-se de que não está indo além do possível).

15

educação das crianças: críticas ao sistema atual

Seria errado criticar a educação infantil atual com base em clichês. Sem dúvida, alguns clichês se repetem cada domingo de manhã nas classes de escola dominical. Mas vemos atualmente algumas mudanças para o "bom" ensino em nossas escolas dominicais e outros departamentos das igrejas.

É necessário analisar estas críticas com vagar... mesmo aquelas que não concordamos de todo.

Clichês de educação cristã infantil são fáceis de detectar.

* A sra. Wilson está ensinando o livro de Sofonias para os de quatro e cinco anos. Eles estão decorando um versículo de cada capítulo, principalmente versículos que falem de "ira", "justiça" e "mansidão", que as crianças nem sabem o que é. Ela tem muitas dificuldades para mantê-las em silêncio (para que possa "ensinar"), e quando elas ficam muito inquietas ela canta com eles corinhos com temas interessantes, como "Dá-me óleo para minha lâmpada". E, é claro, no fim de cada aula ela faz um apelo.
* Carla Friend é uma professora de "atividade". Ela ocupa as crianças com desenho de figuras bíblicas durante quase toda a hora, corre através da sua história bíblica semanal, e fica conversando com Maria, a menina que a ajuda, enquanto as crianças voltam a recortar e colorir. Ela acha que a história bíblica é algo muito bom, mas que as crianças só aprendem "fazendo", de maneira que inventa muitas coisas para mantê-las ocupadas.
* Harry Croft acha que o preparo moral precisa começar cedo, e que a melhor maneira é a compreensão da palavra de Deus. Ele quase só usa histórias do Novo Testamento – histórias que enfatizam um comportamento aceitável e atitudes boas e cristãs. Primeiro ele faz com que as crianças gravem a história bíblica; depois ele lhes explica valores como verdade, repartir, ajudar, honestidade, misericórdia, bondade e assim por diante, à medida que aparecem nas histórias.

É fácil fazer um clichê. Mas mesmo sabendo que pessoas como a sra. Wilson, Carla e Harry ensinam em nossas escolas dominicais, isto ainda não nos fornece uma base válida para a avaliação da educação infantil na igreja.

Uma crítica válida deve englobar uma análise do *melhor* que está sendo feito; não do pior.

Por esta razão precisamos começar nossa reflexão sobre a educação infantil com um esboço do ensino eficiente. Precisamos ver o bom – avaliá-lo e ver se não é possível melhorá-lo.

educação cristã infantil boa

Um livro recente de Elsibeth McDaniel (*You and Your Children*, Moody Press) traz o melhor da educação de crianças conservadora. Neste livro a srta. McDaniel, editora infantil da Scripture Press Publications, por longo tempo ativa professora de crianças, começa seu raciocínio sobre como crianças aprendem com o conceito de que isto envolve experimentar a verdade bíblica. Ela escreve:

Antes de discutir como crianças aprendem ou experimentam as verdades bíblicas, o professor cristão tem de considerar algumas coisas:

1. Que a definição de aprendizado é experimentar princípios abstratos (verdades bíblicas) difíceis de compreender para uma criança.

2. Que histórias bíblicas, veículo de ensino mais usado, descrevem acontecimentos de outra cultura, e são difíceis de apresentar como realidade.

3. Que toda a atmosfera da educação cristã tem implicações de certo/errado. A maioria das crianças querem ser boas – fazer o que é certo, dar as respostas certas, ser aceitas como pessoas que fazem o que é certo. Isto é muito simples de ilustrar em sentido secular. A data da guerra de 1812 é 1812. Se você sabe a data, você está certo; não pode haver argumento contrário.

Porém se uma criança expressa sua idéia de mentira, ela está tão preocupada com o aspecto certo/errado que se vê tentada a responder da maneira "certa", mesmo achando que mentir às vezes é válido. Você vê como a atmosfera de certo/errado pode confundir uma criança, talvez até criando nela um sentimento de culpa por não ter dado sua resposta honesta?

Referindo-se ao fato de que outros na educação cristã observaram estes problemas, concluindo que a Bíblia não é para crianças, a srta. McDaniel rejeita a solução deles: "Ensinar somente o que é provável que a criança entenda: (1) histórias bíblicas, geralmente tratadas como se fossem lendas, sem importância para a vida; ou (2) ação social baseada em princípios bíblicos e definida como vida cristã." Para ela esta solução é desnecessária por causa da atuação do Espírito Santo no ensino, e porque a Escritura *é* importante e essencial para o desenvolvimento pessoal e espiritual da criança.

A srta. McDaniel apresenta uma defesa do papel da Bíblia no currículo para as crianças, que está transcrita abaixo. Os currículos atuais trazem partes da Bíblia que educadores cristãos treinados acham ser apropriadas para cada idade, e importante para as crianças *agora.* Fatos e informações bíblicas também são importantes.

Quando alguém diz que não devemos ensinar fatos bíblicos, está esquecendo-se de uma verdade básica: compreensão certeira e inteligente do que a Bíblia diz deve estar baseada nos fatos que a Bíblia traz.

O professor quer ensinar a Bíblia como realidade, mas será só isto o que ele vai ensinar? Não, haverá outras coisas: (1) Como a Bíblia surgiu como livro? (2) Quem são os personagens da Bíblia? (3) Quais são alguns dos cristãos de destaque do passado? (4) O que os grandes hinos da igreja têm a nos dizer? (5) Quais são algumas das pessoas que Deus usou? (Heróis missionários e líderes de denominações podem contribuir para a vida de rapazes e moças). (6) Do que ensinamos devem surgir alguns conceitos acerca de Deus, salvação, pecado, homem, mundo.[1]

No fundo o livro que a srta. McDaniel escreveu apresenta um bom ensino da Bíblia, conservador, em sala de aula. Ela não ignora a questão do relacionamento. As crianças são ativas. Os métodos podem ser aplicados para descobertas. O procedimento em classe recomenda uma mudança dos interesses dos alunos para a Escritura, e de volta para a vida. Incentiva, agora, uma resposta pessoal a Deus. Evita os er-

1 Extraído de *You and Your Children*, de Elsibeth McDaniel. Usado com permissão de Moody Press (1973), Moody Bible Institute of Chicago.

ros revelados nos clichês de ensino... o professor absolutista, apresentação de informação que excede a capacidade de compreensão das crianças, métodos de ensino, etc.

Mas, de acordo com alguns críticos de agora, até mesmo o "bom" ensino de crianças é mau!

desenvolvimento é imperativo

A obra de Jean Piaget e suas teorias do desenvolvimento cognitivo tiveram um grande impacto sobre a educação secular, e também estão tendo impacto sobre a educação religiosa.

Escrevendo sobre "Tem a Igreja 'Know How' para Ensinar?", Robert P. O'Neil faz a pergunta crítica:

> Na área do aprendizado moral, parece que a pergunta básica ainda não foi feita. Há qualquer evidência que justifique a introdução formal de conceitos morais como pecado ou responsabilidade pessoal diante de Deus nos anos anteriores à adolescência? Em outras palavras, a apresentação formal de conceitos morais a nível pré-adolescente faz alguma diferença significativa no comportamento moral de crianças educadas com base na religião, contrastadas com crianças criadas em ambiente não-religioso?... A resposta à primeira pergunta é de um ponto de vista, um não categórico. Isto se firma sobre a evidência de que o desenvolvimento moral é sequencial e relacionado com a idade, como acontece com outros aspectos da personalidade.[2]

O caráter *sequencial* do desenvolvimento do pensamento moral fascina estes pensadores. Crianças não sabem interpretar conceitos como "bondade" (algo importante para os que querem ensinar *princípios* bíblicos) de maneira a ver a abstração expressa em situações específicas. Podemos ensinar uma criança que é "bom" deixar papai dormir até mais tarde na sexta-feira, mas ela será totalmente incapaz de generalizar este comportamento para deixar outra criança usar sua bicicleta. Na terminologia de Piaget, ela não consegue *conservar* os conceitos de bondade ao mudar de uma situação para outra.

Lendo isto os educadores religiosos descobriram que a maior parte dos conceitos acerca de Deus e do homem que encontramos ensinados e ilustrados na Escritura têm uma abstração semelhante. Pecado. Verdadeiro. Onipotência. Diz-se que a maior parte dos conceitos teológicos que fazem parte do sistema de fé de um crente adulto simplesmente escapam à compreensão da criança (e por isso nada significam para ela)!

John Stewart descreve os estágios do desenvolvimento, e diz do ensino moral ou religioso "tradicional-autoritário": "Quanto do que uma criança aprende neste tipo de ensino tem algum significado para ela? Aceitar conceitos adultos, valores, métodos, em muitos casos é completamente impossível para uma criança. Referência especial neste sentido merecem as convicções e valores altamente complexos e abstratos que os adultos exigem que as crianças aceitem e compreendam, quanto à religião."

Então, como se explica o aparente "aprendizado" de conceitos morais e teológicos? Stewart observa algo chamado *psitacismo* (a tendência de "papaguear" a ter-

2 Extraído de *Does the Church Know to Teach?*, editado por B. K. Cully; usado com permissão de Macmillan Publishing Co., Inc., New York.

minologia dos adultos), e acha fácil explicar como crianças, que são especialmente receptivas aos desejos dos adultos, fazem esforços para fazer e dizer o que adultos fazem e dizem em certas situações. Há também a tendência de adultos de "ver" uma perspectiva adulta no comportamento e nas palavras das crianças (uma tendência chamada de adultomorfismo por Piaget e Inhelder).

Muito foi gasto em pesquisa na década de 60 para descobrir como as crianças processam conceitos bíblicos e morais. Na Inglaterra, Ronald Goldman (escrevendo de uma perspectiva religiosa liberal) estudou como as crianças processam o que se ensina da Bíblia nas escolas públicas, e criticou "a dominação irrealista da Bíblia na instrução religiosa aos jovens". Seu estudo levou-o a concluir que "a Bíblia não é livro para crianças; grandes partes dela podem causar mais danos do que bem à concepção religiosa da criança; usa-se demais dela, vezes demais" (veja *Readiness for Religion*, Seabury Press, New York, 1970 (primeira edição em 1965).

Uma obra recente de Lawrence J. Kohlberg, de Princeton, incluiu uma crítica ainda mais devastadora. Partindo da obra cognitiva-estrutural de Piaget, Kohlberg acha que descobriu estágios paralelos de desenvolvimento moral; estágios firmados na estrutura de desenvolvimento da mente humana, como os estágios cognitivos. Ou seja, muitos hoje em dia estão convencidos que assim como uma criança *não sabe* que o barro é o mesmo, ainda que em diferentes formas, também *não sabe* compreender e processar conceitos bíblicos e morais!

Este raciocínio, levado mais adiante, leva à impressão que a moralidade é *criada internamente.* Isto é, Kohlberg e outros na verdade negam a existência de uma verdade ou moralidade "absoluta" que existe fora do homem. Então, em que vamos basear critérios pelos quais possamos avaliar e escolher certas idéias morais como "melhores", e rejeitar outras como "piores"? A resposta implícita no desenvolvimento estrutural é que as idéias que se harmonizam com os processos cognitivos e morais mais elevados (mais elevados por serem estágios mais desenvolvidos em uma seqüência de maturação) são "melhores". A medida de valor, portanto, não é um padrão externo, ou princípios revelados. Ela se encontra dentro da própria natureza humana.

Estas duas implicações possíveis de Piaget e, mais recentemente, de Kohlberg, são a raiz das perguntas "básicas" que são feitas hoje em dia sobre educação religiosa de crianças. Se a criança não pode processar verdades e conceitos bíblicos de maneira adulta, devemos evitar ensiná-las até que a criança alcance a adolescência, quando poderá compreender? Se desenvolvimento moral e de caráter são mesmo estruturais em essência, não deveríamos prestar menos atenção ao *conteúdo* da moralidade, e mais a facilitar o desenvolvimento da estrutura moral implantada?

Com toda certeza nossa educação cristã – particularmente o uso da Bíblia – naufragará dramaticamente se aceitarmos as descobertas de Piaget e Kohlberg *e estas duas implicações.* Sem dar importância à comunicação de verdades bíblicas, estaremos nos ocupando somente com as condições do ambiente que estimulam o desenvolvimento interno. E *por ser* sequencial e progressivo desde a infância até à maturidade este desenvolvimento, provavelmente teremos de concordar com Goldman de que o ensino da Bíblia às crianças na verdade não é tão terrivelmente importante.

abandonar o navio?

É uma característica do raciocínio dicotomista ver contrastes, ou/ou, em tudo. *Há* contrastes entre as pressuposições da "boa" educação cristã infantil e as pressu-

posições da escola Piaget/Kohlberg. Os mais óbvios são os seguintes:

"educação cristã"	Piaget/Kohlberg
existem absolutos	não existem absolutos
conteúdo verdadeiro tem prioridade	desenvolvimento (estrutura) interno tem prioridade
O crescimento, em essência, envolve integrar a verdade (realidade) com a personalidade	O crescimento, em essência, envolve reestruturar as percepções à medida que as novas estruturas cognitivas se desenvolvem, criando a própria realidade da pessoa
a Bíblia é importante neste processo	a Bíblia não é importante para este tipo de processo... pode ser prejudicial!

Seria fácil tomar o rumo dicotomista e confirmar todo um padrão, rejeitando o outro. Para os conservadores isto pareceria que convicções teológicas (que nos levam a afirmar que Deus existe, que ele tem o direito de julgar a verdade e a moralidade, e de comunicá-la através da revelação) nos levariam a rejeitar toda a idéia de Piaget e Kohlberg. Para aqueles cuja epistemologia está mais em harmonia com a pressuposição naturalista do esquema da direita pareceria que a evidência da experiência os leva a rejeitar toda a educação cristã tradicional!

Mas isto só é verdade se insistimos em uma dicotomia radical, se não sabemos integrar as verdades descobertas através das experiências da ciência do comportamento com as verdades reveladas pelo Espírito de Deus. Eu creio que temos de aceitar as verdades de ambas as origens. Mas não temos de aceitar as verdades desta ou daquela fonte como *toda* a verdade, ou verdade *exaustiva*. A compreensão do que a Bíblia ensina, e também do que a experiência descobre sempre pode ser melhorada. Nossa tarefa é *integrar* a verdade das duas fontes: integrar em um sistema que não podemos considerar absoluto em si, mas a melhor aproximação da realidade que nossas informações e capacidade limitadas nos permitem fazer.

Em vez de rejeitar ou o que educadores cristãos ou cientistas do comportamento dizem sobre fatores importantes do nosso desenvolvimento religioso e moral, precisamos analisar todas as posições de uma perspectiva crítica e, à medida que Deus permite, trabalhar em direção a uma compreensão do todo.

Então, o que vimos neste capítulo que nos ajuda a "compreender o todo"?

Em primeiro lugar, vimos a "boa" educação cristã de crianças contemporânea. Ela é sofisticada, sensitiva, empenhada em ensinar a Palavra de Deus de maneira que a criança descubra a Pessoa e a presença de Deus, e comece a se relacionar com ele.

Em segundo lugar, vimos a base da qual partem as críticas à dimensão "conteúdo" da maior parte da educação religiosa. Estudos de experiências mostraram que a capacidade das crianças de compreender e processar conceitos bíblicos e morais é limitada. Não devemos ignorar estas limitações; suas implicações para um ministério significativo com crianças devem ser consideradas.

Deste ponto podemos partir para um estudo mais profundo dos conceitos

atuais, e verificar se eles se ajustam a uma educação cristã com bases teológicas firmes em uma compreensão da fé como Vida.

VERIFICAÇÃO

casos,
perguntas,
incentivos à reflexão,
notas adicionais

1. Antes de passarmos para o capítulo seguinte neste texto, talvez você queira estudar diversas teorias de educação religiosa para crianças, e também a opinião dos críticos. Pelo menos uma das sugestões de pesquisa relacionadas abaixo você deverá querer estudar.
   a. Pesquise nos textos cristãos abaixo. Tente captar as pressuposições que subjazem à sua educação cristã. Que posição cada autor teria quanto à "escola" de Piaget/Kohlberg, assim como estes autor a descreveu?

      Panisset, L.B., *Educa a Criança*, I. Metodista, 1966.

      Smith, C.L., *O Depto. de Infância*, Juerp, RJ, 1972.

      A Criança, dos 4 aos 12 anos, Ed. Sinodal, RS.

   b. Para um educador é importante saber algumas coisas sobre Piaget. Você poderia começar com os seguintes livros, pela ordem:
      Battio, A.M., *O Pensamento de Piaget*, Ed. Forense Univ. Ltda., RJ, 1976.
      Piaget, J. *O Raciocínio na criança*, Ed. Record, RJ, 1967.
      Piaget, J. *O Nascimento da Inteligência na Criança*, Zahar, RJ 1978.

   c. Se você não está familiarizado com as diversas teorias de educação infantil, você pode experimentar este livro:
      Charmichael, R. *Manual de Psicologia Infantil*, E.D.U.S.P., SP

   d. O educador cristão também precisa estar familiarizado com Kohlberg, bem mais do que a breve abordagem deste texto o permite. Trago aqui uma bibliografia dele, que pode ser útil:

      (1) Kohlberg, L., "The Development of Modes of Moral Thinking and Choice in the Years Ten to Sixteen." Unpublished doctoral dissertation. University of Chicago, 1958.
      (2) Kohlberg, L., "Moral Development and Identification," in H. I. Stevenson (ed.) *Child Psychology: 62nd Yearbook of the National Society for the Study of Education*. Chicago, U. of Chicago Press, 1963.
      (3) Kohlberg, L., "The Development of Children's Orientation Toward a Moral Order: I. Sequence in the Development of Moral Thought," *Vita Humana*, 1963, 6,11-33.

(4) Kohlberg, L., "Development of Moral Character and Ideology," in M. L. and L. W. Hoffman (eds.), *Review of Child Development Research*. Vol. 1, pp. 383-427. New York: Russell Sage Foundation, 1964.

(5) Kohlberg, L., "Cognitive Stage and Preschool Education," *Human Development*, 1966a, 9, 5-17.

(6) Kohlberg, L. "Moral Education in the Schools: a Developmental View," *The School Review*, Spring, 1966.

(7) Kohlberg, L., "Moral and Religious Education and the Public Schools: A Developmental View." In T. Sizer (ed.), *Religion and Public Education*, pp. 164-183. Boston: Houghton-Mifflin, 1967.

(8) Kohlberg, L., "The Child As a Moral Philosopher," *Psychology Today*, 1968, 7, 25-30.

(9) Kohlberg, L., "Early Education: A Cognitive-developmental View," *Child Development*, 1968, 39(4).

(10) Kohlberg, L., "Moral Development." *International Encyclopedia of the Social Sciences*, Crowell, Collier and Macmillan, Inc., 1968c, 489-494.

(11) Kohlberg, L., "Stage and Sequence: The Cognitive-developmental Approach to Socialization." In D. Goslin (ed.), *Handbook of Socialization Theory and Research*, New York: Rand McNally, 1969.

(12) Kohlberg, L., "The Moral Atmosphere of the School." In N. V. Overly (ed.), *The Unstudied Curriculum: Its Impact on Children*, Washington, D.C.: Association for Supervision and Curriculum Development, 1970.

(13) Kohlberg, L., "Education for Justice: A Modern Statement of the Platonic View." In N. F. and T. R. Sizer (eds.), *Moral Education: Five Lectures*. Cambridge: Harvard U. Press, 1970.

(14) Kohlberg, L., "From Is to Ought: How to Commit the Naturalistic Fallacy and Get Away With It." In T. Mischel (ed.), *Cognitive Development and Epistemology*. New York: Academic Press, 1971.

(15) Kohlberg, L., "Stages of Moral Development as a Basis for Moral Education," in C. M. Beck, B. S. Crittenden, and E. V. Sullivan (eds.), *Moral Education: Interdisciplinary Approaches*, New York: Newman Press, 1971.

(16) Kohlberg, L. and Gilligan, C., "The Adolescent As a Philosopher: The Discovery of the Self in a Postconventional World." *Daedlus: Journal of the American Academy of Arts and Sciences*, Fall, 1971.

(17) Kohlberg, L., "Cognitive-developmental Theory and the Practice of Collective Moral Education." In M. Wolins and M. Gottesman eds.), *Group Care: an Israeli Approach The Educational Path of Young Aliyah*, New York, Gordon, 1971.

(18) Kohlberg, L., "Indoctrination Versus Relativity in Value Education," paper presented at the 18th summer conference of the Institute on Religion in an Age of Science, Star Island, New Hampshire, July 31-August 6, 1971.
(19) Kohlberg, L., "A Cognitive-developmental Approach to Moral Education," *The Humanist*, November-December, 1972, XXXXI(6).
(20) Kohlberg, L., (with Phillip Witten), "Understanding the Hidden Curriculum," *Learning*, December, 1972.
(21) Kohlberg, L., "The Implications of Moral States for Problems in Sex Education." Paper for Sex Information Council of the United States Conference, December, 1971.
(22) Kohlberg, L., "Continuities in Childhood and Adult Moral Development Revisited." Cambridge, Mass.: Laboratory of Human Development, Harvard U., 1973.
(23) Kohlberg, L., *Collected Papers on Moral Development and Moral Education*. Cambridge, Mass: Laboratory of Human Development, 1973. (Sixteen Kohlberg articles are collected in this one book.)
(24) Kohlberg, L. and Mayer, R., "Development as the Aim of Education," *Harvard Educational Review*, 1972, 42,4.
(25) Kohlberg, L., Scharf, P., and Hickey, J., "The Justice Structure of the Prison — a Theory and an Intervention," *The Prison Journal*, Autumn-Winter, 1972, Vol. LI, No. 2.
(26) Kohlberg, L. and Staff, *Standard Scoring Manual*. Cambridge, Mass.: Laboratory of Human Development, Harvard University, 1973.
(27) Kohlberg, L. and Turiel, E., "Moral Development and Moral Education," in G. Lesser (ed.), *Psychology and Educational Practice*, Chicago: Scott, Foresman, 1971.

e. Um dos trabalhos mais significativos que está sendo feito com os conceitos de Piaget/Kohlberg é o do Programa Educativo de Desenvolvimento de Valores da Universidade Estadual de Michigan (202 Erickson Hall, M.S.U., East Lansing, Michigan 48824). O programa é promoção da Fundação Lily Endowment e dirigido por Ted Ward e John S. Stewart. Você poderá ficar alerta para o que eles publicarem sobre seus estudos e esforços para aplicar estes conceitos tanto em escolas públicas quanto na educação cristã.

2. Trago aqui citações dos autores, cada uma dizendo algo que nos ajudará a concordar com a crítica atual, ou questioná-la.
Leia cada citação, e escreva uma resposta para a dicotomia apresentada na página 138, *do ponto de vista provável de cada autor.*

A. "Piaget está dizendo que a comunicação social nunca será eficiente enquanto a criança não estiver pronta para recebê-la no sentido de ter desenvolvido as estruturas cognitivas com as quais possa assimilar a mensagem, ou à qual possa se conformar. Por exemplo: você nunca poderá ensinar matemática ou a teoria da relatividade de Einstein para uma criança de seis anos de idade. A maior parte dos agentes socializa-

dores, tal como pais ou professores, sabem disto e nem tentam. Esta compreensão, no entanto, parece não estar presente quando se trata de valores: crenças e sentimentos religiosos, relacionamento familiar, princípios morais. Espera-se de alguma maneira que uma criança que não pode ainda compreender a matemática entenda complexos princípios abstratos e teóricos como Deus, a santa trindade, pecado, redenção, a Regra Áurea, a responsabilidade mútua dos membros da sociedade, honra, tradição, hierarquia da autoridade, as facetas delicadas de mentira, sociedade, democracia, comunismo e todos os outros conceitos que acabam na lista de virtudes, vícios e regras ensinada na família, na escola e na igreja às crianças. Uma das vantagens destacadas da teoria do desenvolvimento, em relação aos valores da educação, é que ela fornece diretrizes para a disposição das crianças para assimilar informações do ambiente" (John Stewart).

B. Um dos nossos objetivos é influenciar o aluno a refletir, estudar, conversar e *fazer algo* com nosso assunto algum tempo depois de cessar nossa influência direta sobre ele...
   - Aprendizado, então, é para o futuro; isto é, o objetivo da instrução é facilitar algum tipo de comportamento até certo ponto *depois* de a instrução ter sido encerrada.
   - A probabilidade de o aluno usar seu conhecimento é influenciada por sua *atitude* a favor ou contra o assunto; coisas de que não se gosta facilmente são esquecidas.
   - Pessoas influenciam pessoas. Professores, e outros, influenciam atitudes em relação ao assunto — e em relação ao próprio aprendizado.
   - Um objetivo necessário é fazer com que o aluno receba sua influência em relação a um assunto com uma atitude o máis *favorável* possível. Assim você terá muito mais probabilidade de que ele *lembre* o que lhe foi ensinado, *aprendendo mais* sobre o assunto voluntariamente (Robert F. Mager, *Desenvolvendo Atitudes favoráveis ao Aprendizado,* Ed. Globo, RS, 1976.

C. "A educação é o aprendizado de uma cultura. As várias atividades a que nos referimos sob este título nas sociedades industrializadas ocidentais são somente parte de todo o processo educacional. Mesmo se geralmente pensamos em crianças, educação é um processo que continua por toda a vida de qualquer pessoa. E sem dúvida inclui muito mais que o programa formal limitado em que geralmente pensamos quando falamos sobre atividades escolares. Estes assuntos são parte de qualquer programa de educação, em qualquer sociedade, mas a proporção de um programa dedicado a eles varia de uma sociedade para outra, como a importância e significado que recebem. Porém a maior parte de qualquer programa educacional prevê inculcar e fazer compreender os símbolos culturais, os valores morais, as regras, e as convicções cosmológicas. Em nossa sociedade nós também separamos estas partes da educação "formal" e as deixamos em grande parte às famílias, amigos, religiosos, psicoanalistas, e a guias e conselheiros de muitos tipos. A maioria das sociedades, todavia, não separa estes di-

versos aspectos do processo educacional como um todo, como mostram os artigos deste volume" (John Middleton em *From Child to Adult: Studies in the Anthropology of Education,* The Natural History Press, Garden City, New York, 1970).

16

educação das crianças: diretrizes e limitações

Muitas vezes nós reagimos defensivamente a "ataques" ao que nós cremos ou fazemos. Não precisamos fazer isto. Nossa fé se firma sobre um fundamento muito seguro. É exatamente por termos tal confiança em Deus e na revelação bíblica que Ele nos deu, nós temos a liberdade de examinar cada nova teoria ou descoberta do homem. Podemos examinar livremente nossos próprios hábitos. E podemos julgar: a nós, e a outros.

Ao examinarmos a obra de homens como Piaget e Kohlberg, é útil fazer uma distinção entre suas descobertas e as implicações derivadas delas. Podemos aceitar, por exemplo, o fato de que crianças vêem relação de causa e efeito entre acontecimentos não relacionados. Por outro lado, não precisamos aceitar a noção derivada de que de algum modo não é útil ensinar conceitos teológicos como "pecado".

Porém antes de verificarmos se as descobertas recentes fornecem mesmo diretrizes ou limitam nossa educação cristã de crianças, precisamos esboçar algumas descobertas de Piaget/Kohlberg que podemos aceitar (numa tentativa) como "certas". E também precisamos reafirmar algumas afirmações teológicas.

afirmações teológicas

A escola de pensamento de Piaget/Kohlberg desafia direta ou indiretamente diversas idéias teológicas. Entre estas há diversas *afirmações*, diversos conceitos que simplesmente não podem ser questionados, por fazerem parte da própria fé cristã, assim como os conservadores a entendem. A área específica de mudança tem a ver com absolutos e com realidade. Piaget e Kohlberg presumem em suas teorias que "realidade" é uma situação que reflete interação entre o organismo humano e seu ambiente social e físico. Não há "verdade" *fora* deste quadro, revelada ao homem ou ainda a ser descoberta. Esta posição intercepta frontalmente um conceito essencial ao cristianismo: que nossa religião foi *revelada*. Por esta razão precisamos ficar firmes neste ponto, e garantir a veracidade de diversos conceitos que afetam nossa compreensão de ensino/aprendizado.

verdade revelada. Sem dúvida esta é a proposição-chave. Nós não podemos deixar de crer que Deus falou, através dos profetas, da sua atuação na história, que acabou nos trazendo seu Filho (Hb 1: 1-3), e de que a verdadeira informação de e sobre Deus nos foi dada em palavras que o Espírito Santo ensinou, e que estão transcritas com exatidão na Escritura inspirada. É verdade que Deus *se* revelou na Escritura; também é verdade que Deus revelou informações verdadeiras. Esta é uma das afirmações que um cristão não pode abandonar sem entregar o que é básico para a fé. (Sobre um estudo mais extenso de *revelação* veja caps 1-5 do meu livro *Creative Bible Teaching*, Moody Press, Chicago, 1970).

verdades teológicas reveladas. Esta é uma das implicações da revelação. Nós temos a verdade acerca de Deus, o homem e o universo em que ele nos colocou. Nós não precisamos tatear no escuro, à procura de Deus. Nós *sabemos* como ele é. *Sabemos* o que o pecado é e faz, e que impacto tem sobre pessoas e sociedades. *Sabemos* como Deus trata o pecado, do perdão e amor que fazem parte do seu caráter e

se expressam em sua graça. *Sabemos* que o universo foi criado por ele, e que os seres humanos, criados para a eternidade, têm um destino eterno descrito para nós na Palavra.

Dizer que *sabemos* de forma alguma é alegar que sabemos tudo, com todas as facetas. É claro que nosso conhecimento é imperfeito: a Escritura diz que nosso conhecimento sempre é incompleto (1 Co 13:10). Mas nem por isso devemos desprezá-lo! Sabemos *o suficiente* para ter uma visão singular da vida e do mundo, baseada na Bíblia. Sabemos o suficiente para responder a Deus, harmonizando assim nossa vida e personalidade com o que Deus diz que é mesmo real e verdadeiro.

verdades morais reveladas. Isto também faz parte do significado da revelação. O apóstolo Paulo incentiva os crentes a concentrar sua atenção em "tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama" (Fp 4:8). Mesmo dando alguma definição cultural a estes fatores, o apóstolo espera claramente que os crentes saibam distinguir entre ações e atitudes que são justas e injustas, puras e impuras. E também é certo que as epístolas do Novo Testamento (em harmonia com o Antigo Testamento) não falam que amar o próximo é a única responsabilidade do homem – elas definem também com clareza que certo comportamento é "amável" e outro nunca é "amável" (como, por exemplo, Cl 3).

A Bíblia não fala de tudo em termos absolutos (na verdade há estranhamente *poucos* absolutos no campo moral), mas deixa claro que há absolutos morais bem definidos, não pela cultura do homem ou pela estrutura da sua mente, mas por Deus.

correspondência com a realidade. Ao fazermos afirmações sobre a verdade revelada queremos sempre evitar a noção de "imposição". As pessoas tendem a pensar que a revelação divina de verdades morais e/ ou teológicas é essencialmente restritiva, que o universo oferece um número infinito de possibilidades, mas que Deus (maldosamente) escolheu algumas, dando-lhes o rótulo de "boas", e ao restante "más" – só para judiar de nós e nos encarcerar, ou para garantir seus direitos como Deus, amarrando-nos com uma corrente. Esta idéia reflete uma imagem de Deus que está muito longe da Pessoa amável e zelosa revelada pela Escritura.

Ao invés disto, verdades teológicas e morais reveladas devem ser vistas sob a perspectiva do caráter de Deus como uma pessoa moral. Verdade, justiça, pureza – todas são arraigadas em seu caráter. A sua criação reflete sua personalidade, por isso, há uma ordem moral no universo e nos negócios humanos, e... uma ordem correspondente na natureza humana! Quando revelou verdades morais e teológicas, Deus não limitou os homens a um conjunto de *meios* para o *fiat*. Pelo contrário, ele abriu a porta para um meio de vida que traz liberdade porque é o único meio de vida em harmonia com o que Deus é, com o que o universo é, e com o que a humanidade é e deve ser.

A história infantil do pequeno trem que queria correr fora dos trilhos cabe bem aqui. O livro de histórias conta que quando ele pulou para fora dos trilhos, ele atolou. E descobriu que trens são feitos para andar sobre trilhos.

Isto é um retrato muito certeiro do homem (e talvez esta tenha sido a intenção do autor). Nós também fomos feitos para andar sobre trilhos. Temos liberdade somente quando o fazemos, e a revelação de Deus é uma indicação muito expressiva do seu amor, ao nos ajudar a ver os trilhos e a seguí-los.

Estive dizendo, então, que para entendermos a revelação precisamos compreender que a Verdade é verdadeira, não apenas porque Deus a diz, mas por ter uma *cor-*

respondência intrínseca com a realidade. Nosso universo, moral e físico, tem uma estrutura tão intrínseca como a personalidade humana. Não deveríamos nos admirar se a estrutura cognitiva de todas as pessoas (descrita por Piaget e Kohlberg) deveria ter um "ajuste" distinto com a ordem moral da criação. E não deveria haver hesitação em afirmar que verdade e pureza *existem*; não definidas por culturas humanas ou pela maneira em que a mente humana interage com o ambiente, mas que o próprio caráter de Deus é o único padrão pelo qual cada idéia de verdadeiro e puro deve ser medida.

E elas podem ser medidas. Porque Deus falou; Deus revelou.

(Um estudo mais detalhado de revelação como retrato da realidade está no meu livro *Creative Bible Study*, caps 1-9, Zondervan, Grand Rapids, Michigan, 1971).

afirmações antropológicas

A obra de Piaget e Kohlberg não diz nada sobre as afirmações teológicas. Ao invés disto ela se concentra na compreensão do homem. Usando métodos empíricos chegou-se a diversas conclusões sobre como crianças pensam e crescem. Se aceitarmos o seu trabalho (e precisamos dizer aqui que não há necessariamente um *conflito* entre nossas convicções teológicas e as descobertas deles), então há diversos pontos de vista sobre pensamento de crianças que têm implicações para a educação cristã de crianças.

contribuições de Piaget. Há muitas. Podemos abordar aqui somente umas poucas de destaque (para nós). Estes são alguns dos conceitos-chave:

(1) *estruturas cognitivas.* Todos nós sabemos que não podemos ensinar a uma criança de três anos a dominar e passar uma bola de futebol como um universitário faria. Não importa quanto *treinemos* a criança, seus músculos e sua coordenação se desenvolvem de maneira que *não lhe permite* aprender estas coisas. A estrutura física das crianças evita que sua habilidade seja desenvolvida: antes de poder aprender, ela precisa crescer.

Piaget expôs um fenômeno *mental* semelhante. Diversas coisas uma criança simplesmente não pode aprender ou compreender porque suas estruturas cognitivas impedem isto. Antes de poder compreender (captar) certas coisas ela precisa crescer. Por exemplo: uma limitação cognitiva importante, em crianças, tem a ver com *conservação.* Derrame água de um copo grande para um copo pequeno diante dos olhos de uma criança, e pergunte-lhe em que copo havia mais água. Ela escolherá o pequeno! Não pode captar o fato de que a quantidade de água é a mesma... não pode "conservar" mentalmente a água através das suas mudanças de forma. Você pode *dizer-lhe* que a quantidade de água é a mesma, e fazê-la dar-lhe a resposta certa. Mas não pode fazê-la *compreender.*

(2) *seqüência invariável.* Os estudos de Piaget com outras culturas levaram-no à conclusão de que as estruturas cognitivas crescem e mudam em uma seqüência que é a mesma para todos os seres humanos. Em algumas culturas podemos encontrar um certo estágio estrutural em crianças com menos idade que em outras culturas. Mas todas as crianças passarão pelos mesmos estágios, e na mesma seqüência.

Assim Piaget aparentemente descobriu algo básico na natureza humana; algo que não tinha sido afirmado antes com tanta clareza, em relação ao ser que o homem é. Crescimento cognitivo através de estágios estruturais em uma seqüência invariável é uma visão nova e significativa.

(3) *processo de equilíbrio.* Piaget destaca que as crianças estão *ativamente* envolvidas com seu ambiente social e físico. Elas processam novas experiências e infor-

mações; assimilam e se conformam. Este processo constante de manter o equilíbrio interno é chave para o aprendizado: é por este processo que a mente humana constrói e reconstrói seu quadro da realidade, regulando o relacionamento da pessoa com o ambiente. Piaget observa que este mecanismo pode ser mais notado na transição de um estágio para outro. Quando as novas estruturas cognitivas se desenvolveram, as velhas percepções e as novas informações parecem não mais "ajustar-se" à maneira anterior da criança compreender a realidade. O balanceamento causa uma série de ajustes e compensações ativos, até que o estágio estrutural mais alto traz novo equilíbrio.

Este processo sempre está em andamento. Porém somente quando o crescimento estrutural permitir é que o processo fará com que a criança descubra a nova perspectiva, o novo quadro da realidade.

(4) *aprender elementos teóricos.* Deve estar claro que esta idéia tem implicações importantes para a teoria do aprendizado. Piaget, ao aceitar o equilíbrio como processo interno, observa três elementos no aprendizado humano:

* *estágio estrutural (amadurecimento).* O aprendizado depende do nível de desenvolvimento do indivíduo. Ele não pode aprender o que suas estruturas cognitivas ainda não podem absorver, por falta de desenvolvimento.
* *experiência no ambiente físico.* Aprender envolve fazer, tocar, ver, sentir, brincar, etc, no ambiente físico.
* *experiência no ambiente social.* Aprender envolve também relacionamento social, ouvir, usar a linguagem, estar com raiva, ser objeto de raiva, ser amado, etc.

Piaget escreve sobre este último fator (em "Piaget's Theory", por Jean Piaget, ed por Mussel, *Charmichael's Manual of Child Psychology*):

> O terceiro fator clássico do desenvolvimento é a influência do ambiente social. Verificamos imediatamente sua importância quando consideramos que os estágios mencionados na Seção III são adiantados ou retardados na idade respectiva de acordo com o ambiente cultural e educacional da criança. Porém somente o fato que os estágios seguem a mesma seqüência em *qualquer* ambiente é suficiente para mostrar que o ambiente social não pode servir de desculpa para tudo. Esta sucessão constante não pode ser creditada ao ambiente.[1]

Então, de acordo com Piaget, aprender envolve o ambiente físico e social da criança, só que eles não são determinantes. Isto é, existe uma limitação clara do quanto uma criança pode aprender através destes fatores, (determinação, só até certo ponto!) pelo estágio de desenvolvimento cognitivo.

a contribuição de Kohlberg. A obra de Lawrence J. Kohlberg foi estimulada pela de Piaget, e ele aplica diversas conclusões de Piaget ao desenvolvimento moral. A obra de Kohlberg tem implicações que excedem a educação de crianças. Por exemplo: ele adaptou algumas das suas orientações teóricas à reforma presidiária. Na Universidade Estadual de Michigan os conceitos de Kohlberg estão sendo adaptados a escolas públicas. Donald Joy, do Seminário Asbury, está estudando seu significado para a educação cristã de crianças. Sua teoria tem as mais amplas implicações sociológicas e societárias.

1 Extraído de *Charmichael's Manual of Child Psychology*, vol 1. Usado com permissão de John Wiley and Sons, Inc., New York, 1970. (ed. em português: EDUSP)

Novamente só podemos esboçar aqui os pontos de destaque. Recomendamos mais estudos (veja a bibliografia da VERIFICAÇÃO do último capítulo).

Então, quais são as descobertas importantes para nós, quanto ao ministério de educação cristã de crianças?

(1) *estruturas e estágios cognitivos (morais).* Kohlberg crê poder distinguir entre níveis de pensamento moral, por natureza paralelos aos níveis estruturais cognitivos de Piaget. Isto é, as estruturas internas da mente não só limitam e determinam maneiras de as pessoas compreender coisas como água passada de um copo para outro, mas também conceitos morais!

(2) *seqüência invariável.* Kohlberg crê ter isolado estágios morais de pensamento que progridem em seqüência invariável como os estágios cognitivos de Piaget. Isto não significa que uma pessoa passa por todos os estágios à medida que cresce. Na verdade Kohlberg acha que muitos adultos nunca passam do terceiro nível (estágio II, nível 3). Isto, no entanto, significa que um estágio (maneira) de pensar sobre assuntos morais seguirá o outro em seqüência, até onde a pessoa se desenvolver.

(3) *egocentrismo/assumir papel social.* "Egocentrismo" é um termo cunhado por Piaget para descrever a incapacidade da criança de perceber que os outros existem por si... ver que eles têm perspectivas, convicções, sentimentos e experiências diferentes das dela.

Isto é mais importante ainda em termos de desenvolvimento moral, porque a moralidade (secular ou religiosa) tem grandes implicações eu/outros. O cristão deve "não olhar somente para o que é seu, mas também o que é (se refere) aos outros." A Regra Áurea exige que nos coloquemos no lugar do outro, e decidir como gostaríamos de ser tratados em seu lugar. Por isso assumir papel social é importante no crescimento moral... de fato, é *necessário.*

Mas o que acontece quando uma criança é *incapaz* de ver a perspectiva dos outros? É óbvio que a maneira com que ela processa conceitos e ensinos morais será afetada grandemente.

(4) *processo de equilíbrio.* Kohlberg crê que o crescimento moral se dá através deste processo, assim como Piaget crê que ele é o cerne do aprendizado. A criança em crescimento, com sua capacidade limitada por seu desenvolvimento cognitivo, usará informações em seu ambiente físico e social e desenvolverá idéias morais (e teológicas) através do equilíbrio... tomando "uma realidade", ocupando-se dela e desenvolvendo um quadro dela em que tudo "se ajusta" (para ela).

Assim, para Kohlberg, o ensino moral não faz tanto a criança concentrar sua atenção na moralidade, nem a incute nela, mas a ajuda a crescer de um estágio de desenvolvimento moral para outro, no tempo certo. Ajudamos as crianças incentivando-as a perguntar, experimentar e pensar (introduzindo desequilíbrio, por exemplo), quando elas estão prontas para mudar para um estágio superior, e criando um clima moral em que elas podem crescer. Desenvolvimento moral, então, como todo aprendizado, envolve não tanto *o que transmitimos* a outros, mas o que o ambiente os incentiva a *descobrir* à medida que as estruturas cognitivas se expandem e mudam.

reação

É essencialmente nestes elementos das descobertas de Piaget e Kohlberg que as mudanças na educação cristã descritas no capítulo 15 foram baseadas. Os críticos observam que as crianças *não podem compreender como os adultos* os conceitos teológicos e morais da Escritura. Além disto eles dizem que muitas vezes as crianças

distorcerão ou *entenderão mal* uma verdade simplesmente porque são incapazes de compreendê-la. A conclusão sugerida é que, já que uma verdade particular não pode ser captada com exatidão e adequação, as crianças não precisam ficar sabendo dela.

Temos de responder a este argumento, mesmo sem nos comprometermos com o ensino de conceitos teológicos e morais em sala de aula. E rejeitá-lo.

significado "exaustivo" x "verdadeiro". Às vezes a possibilidade de conhecer a Verdade é rejeitada porque não podemos saber toda a Verdade. Mas para saber a verdade não é necessário sabê-la perfeitamente. É claro que uma criança não pode "compreender" a onipresença. Mas pode compreender que "Jesus está sempre comigo". A vasta verdade da onipresença tem assim significado verdadeiro para ela... por mais limitado que seja seu conhecimento de "Jesus", "sempre" ou "com".

Precisamos tomar cuidado aqui. A compreensão das verdades bíblicas *sempre* é limitada por nossa capacidade de percepção. Os adultos "compreendem" mesmo a onipresença? Podemos ter uma idéia. Uma idéia que tenha significado (aplicação) pessoal para nós. Mas não podemos nem iremos compreender "onipresença" assim como Deus a entende.

Podemos dizer o mesmo de conceitos e idéias morais. O que significa "perdoar"? Para uma criança talvez não seja nada mais do que parar de ser hostil. Para um adulto pode ser pouco mais que "não falar mais no assunto". Porém a Bíblia diz que para Deus "perdoar" é "esquecer" que "de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre" (Hb 10: 17). Não devemos ensinar este conceito a uma criança antes que ela tenha uma perspectiva adulta? Ou até que um adulto cresça o suficiente para ter uma vaga idéia do que perdoar significa para Deus? Eu acho que não.

Pelo contrário, acho que devemos transmitir conceitos teológicos e morais às crianças à medida que crescem conosco, enquanto praticamos os conceitos em nossa vida conjunta como cristãos. Acho que temos de tomar cuidado, e nunca esperar ou exigir compreensão ou aplicação adulta de verdades bíblicas. Em vez disto devemos incentivar as crianças a reagir às verdades bíblicas *em seus próprio níveis*, lembrando que para Deus tem mais importância a intenção do coração, que o ato em si.

equilíbrio. A descrição do processo de aprendizado por Piaget e Kohlberg nos mostra outra razão por que devemos *fornecer* (e não proibir) informações bíblicas e verdades às crianças. De acordo com sua teoria, as crianças aprendem à medida que têm contato com seu ambiente físico e social, ajustando informações destes em uma idéia de realidade apropriada ao seu estágio de desenvolvimento. Quando uma criança está pronta, o desequilíbrio a estimula a reordenar as informações que tem, e ajustá-las junto com novas em um sistema apropriado à sua nova capacidade cognitiva.

Este processo de reformular a percepção da realidade *a partir das informações que possui* continua na passagem de cada estágio para o seguinte. *Informações que a criança não recebeu* (com "informações" eu quero dizer conceitos, termos, símbolos, etc) não podem entrar neste processo de reestruturação! A criança constrói sua visão do mundo com as informações que tem... se destas não fizer parte um conteúdo teológico e moral, sua visão da realidade não o incluirá!

Por esta razão uma transmissão *tardia* de conceitos *estranhos à visão de realidade* da criança dificilmente pode ser desejável. Em vez disto é melhor comunicar através do ambiente social, todos os termos, símbolos, conceitos, significados, etc, que podem se tornar e permanecer parte de sua idéia da realidade através do processo de

VISÃO GERAL DOS NÍVEIS E ESTÁGIOS DE KOHLBERG

Nível/Estágio	*Nome*	*Idade aproximada*	*Estágio de Piaget exigido*	*Tarefas cognitivas exigidas*
Nível 0	*Período pré-moral*			
Estágio 0-A	Estágio amoral	até 4	subestágios sensório-motor e pré-conceitual	
Estágio 0-B	Estágio pré-moral de juízo egocêntrico	até + ou - 6	subestágios pré-conceitual e intuitivo	
Nível 1	*Período de moralidade pré-convencional*			
Estágio 1	Orientação de castigo e obediência	não antes que 5 ou 6, provavelmente 7-8	mudando do subestágio intuitivo para as primeiras operações concretas	Classificação em categorias
Estágio 2	Orientação instrumental relativista	desde 7-8 provavelmente 9-10	Operações concretas	Reversibilidade (reciprocidade lógica)
Nível II	*Período de moralidade convencional*			
Estágio 3	Orientação de concordância interpessoal	desde 10-11, prov. 11-12	Operações formais subestágio 1	Inverso do recíproco; reciprocidade mútua simult
Estágio 4	Orientação de Lei e Ordem (ou consciência)	desde 12-14, prov. 14-16	Operações formais subestágio 2	Capaz para ordenar tríades de proposições ou relações
Estágio 4 1/2	(Estágio de relativismo ético cínico além do convencional, mas sem princípios próprios) de moralidade	desde 2º grau, prov. faculdade	Isto não é bem um estágio, já que não faz parte da sequência invariável. Só poucos passam por ele.	
Nível III	*Período pós-convencional, autônoma ou baseada em princípios próprios*			
Estágio 5	Orientação legalista de contrato social	depois de 20, prov. perto de 30	Operações formais subestágio 3	Racioc. hipotét.-dedutivo todas as comb. possíveis de
Estágio 6	Orientação por princípios éticos universais	improv. com menos de 30 depois dos 30 prov. se for o caso	respeito próprio, exper. *responsabilidade refreada* pelo bem-estar dos outros; escolhas morais da vida real irreversíveis; estímulos e reflexos cognitivos de alto nível.	variáveis. rel. de sistemas

Preparado por John S. Stewart
Programa de Pesquisa e Desenvolvimento para Educação de Desenvolvimento de Valores
Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Michigan
East Lansing, Michigan

desenvolvimento. A cada estágio as verdades bíblicas serão reprocessadas, como todas as outras informações que a criança possui, e surgirão conclusões novas e mais significativas.

Estes dois argumentos me parecem ser suficientes para responder àqueles que querem aceitar sem emendas o sistema Piaget/Kohlberg, inclusive a aplicação imediata das implicações que alguns tiraram.

Não precisamos saber a verdade exaustivamente para que ela tenha valor para nós. Crianças *também* podem experimentar Deus e o significado das verdades bíblicas.

E, já que aprender envolve um processo de reestruturação, é importante fornecer conceitos teológicos e morais (e fatos e verdades bíblicas), de modo que a percepção de realidade da criança, em constante mudança, envolva *sempre* o fato Deus, como dimensão que faz parte da realidade.

VERIFICAÇÃO

casos,
perguntas,
incentivos à reflexão,
notas adicionais

1. Estou convicto de que a obra de Piaget e Kohlberg tem sua validade, e que suas descobertas nos ajudam a avaliar nossa educação infantil. Partindo da descrição deste capítulo, você poderia anotar:
   A. Dez diretrizes para a educação cristã de crianças (faça).
   B. Dez limitações para a educação cristã de crianças (não faça).
2. Com receio de que você fique intrigado que a obra de Piaget e Kohlberg foi feita fora de um quadro bíblico (algumas pessoas acham que se algo não está na Escritura não pode ser verdade, ou pelo menos não pode ser garantido), trago aqui duas sugestões de pesquisa bíblica que pode lhe interessar.
   A. Estude a as palavras hebraicas para criança. Você encontrará diversas que parecem distinguir entre estágios de desenvolvimento! Descubra tudo que pode sobre elas, e veja se há implícito alguma relação com o que estivemos discutindo aqui.
   B. Leia esta citação de um comentário do Antigo Testamento escrito pelos eruditos em hebraico C. F. Keil e F. Delitzsch, muito antes de alguém falar de crianças em termos de "desenvolvimento". A citação é do seu artigo sobre um versículo famoso, Pv 22:6, que diz: "Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele".

   Aqui está o registro das páginas 86 e 87 do volume II do comentário K & D.

   A primeira instrução comunicada à criança deve ser חנך, depois de ser medido o seu caminho, isto é, a natureza da criança como tal. נער דרך é o caminho da criança. A instrução, a educação do jovem deve estar conformada à natureza do jovem; o assunto e a maneira da instrução devem ser regulados de acordo com o estágio de vida e suas peculiaridades; o mé-

todo deve ser arranjado de acordo com o grau de desenvolvimento a que chegou a vida mental e física do jovem".

3. Aqui temos uma série de afirmações com implicações para a educação cristã de crianças. Escreva uma resposta para cinco delas.
   (1) A Bíblia é um livro para adultos.
   (2) Não devemos esperar das crianças que entendam as verdades bíblicas.
   (3) A "idade responsável" bíblica (veja Nm 14: 29) indica, como Kohlberg (veja página 150), que as crianças não são responsáveis por seu comportamento moral.
   (4) Entre os conceitos bíblicos que eu gostaria de ensinar a crianças está o perdão, o amor de Deus, a divindade de Jesus, e salvação pela fé em Cristo.
   (5) Conceitos bíblicos que eu não gostaria de ensinar a crianças são pecado, a segunda vinda, a história na Bíblia, e salvação pela fé em Cristo.
   (6) É melhor ensinar os conceitos bíblicos em uma sala de aula formal.
   (7) É melhor ensinar os conceitos bíblicos na vida diária.
   (8) A maneira "socializante" de ensinar a fé não "se ajusta" ao que Piaget e Kohlberg dizem.
   (9) O "bom" ensino bíblico em classe descrito no capítulo 15 é claramente irrelevante, do ponto de vista do que Piaget e Kohlberg dizem.
   (10) Deve ser possível usar as conclusões de Piaget e Kohlberg para preparar uma lista de verdades importantes que devem ser apresentadas às crianças nos diversos estágios do seu desenvolvimento.
4. Avalie o "plano de lições" para uma classe, abaixo. Como o "bom" educador cristão provavelmente o encararia? Como Piaget e Kohlberg provavelmente o encarariam? E *você*?

   A lição trata de João 15, a videira e os ramos. Os alunos têm de seis a doze anos. A lição começa com três crianças mais velhas, braços estendidos, fazendo o papel de ramos. Elas andam pela sala, representando como se estivessem fazendo um grande esforço, mas não produzem nada. Depois o líder adulto, fazendo o papel da videira, entra. Os ramos vêem e lhe dão as mãos, e bananas aparecem em suas mãos, de um cesto oculto. As crianças menores recebem as bananas, para comê-las enquanto o líder lê e explica João 15. Ele lhes diz que *eles* são ramos, e que se ficarem perto de Jesus também produzirão fruto.

   Depois as crianças abrem todas em Gálatas 5, para a lista de fruto que há ali. Amor, alegria, paz, paciência em relação aos outros, tudo o líder explica. Ele solicita a cada criança que dê exemplos de cada um da sua vida em casa ou na escola. Depois, como atividade, as crianças recortam frutas de papel já preparado, escrevem sobre cada figura um dos ítens da passagem de Gálatas, e se alegram prendendo a fruta que cada um preparou em uma grande videira presa na parede.

   Concluindo a lição, as crianças são divididas em grupos pequenos, falando com auxiliares sobre que fruto cada uma gostaria de ter em sua vida. Por que uma gostaria de ter amor, outra alegria, outra paz? A lição é encerrada com oração, e com a recomendação que cada criança peça a Jesus que ele produza aquele fruto desejado em sua vida durante a semana.

17

educação das crianças: o lar como centro de ensino

No último capítulo analisamos diversas "afirmações" teológicas e antropológicas (relacionadas com o homem), que precisamos considerar quando pensamos em educação cristã de crianças. Estudamos (e rejeitamos) também diversas implicações que outros tiraram de Piaget/Kohlberg sobre como ensinar crianças.

Não fizemos isto para defender a "boa" educação cristã de crianças, assim como ela é orientada atualmente. Na verdade nossos métodos atuais também precisam ser criticados!

Nossos métodos atuais de ensinar crianças na igreja sem dúvida são do tipo "sala de aula". De vez em quando há pregações em casa, e no momento em que escrevo a família está voltando a ser o centro das atenções (devido a livros sobre o lar cristão, fitas cassete, e cada vez mais ênfase em relacionar nosso ensino com o lar"), mas o fato é que nossas atividades educacionais ainda têm como ponto central a classe dominical, tudo funcionando dentro de um *sistema* (currículo, "professores", padrões de tempo, método, etc).

Podemos e devemos fazer distinção entre ensino pobre e ensino "bom" em classe de aula. Sem dúvida o método que dá mais importância à atividade do aluno à sua participação, trabalhando de interesses e problemas da vida em direção à Escritura e vice-versa, etc, é melhor que aquele em que o professor é um depósito de palavras e as crianças recipientes vazios que precisam ser enchidos. Porém não é dito que algo que é melhor que outra coisa é o melhor... ou certo! Os primeiros dez capítulos e sua VERIFICAÇÃO destacaram várias vezes que a sala de aula como tal tem implicações perigosas para o ensino bíblico. *Na nossa cultura, os alunos são levados a processar de maneira acadêmica qualquer assunto tratado em sala de aula, como algo "irreal" no que tange a experiências, sentimentos, atitudes e valores do presente.* Isto é trágico ainda mais na educação cristã. Nós transmitimos uma verdade revelada que deve ser assimilada como vida e integrada à vida. Se nosso método de comunicação não está em harmonia com a mensagem comunicada, estamos distorcendo a própria mensagem.

Então, como devemos nos posicionar em relação ao ensino em sala de aula? Ele sempre é errado? Há um caminho melhor? Como podemos desenvolver um ministério de educação cristã de crianças? Para responder perguntas como estas temos de voltar à nossa teoria de aprendizado, e a outra dimensão de Piaget/Kohlberg que, na minha opinião, precisa ser criticada.

teoria de aprendizado

Observamos no capítulo anterior (e no capítulo 7) que Piaget parece estar apresentando uma teoria de aprendizado de três fatores. Piaget, encarando o homem como um organismo ativo em constante processo de equilíbrio, enfoca uma estrutura cognitiva e os ambientes social e físico que fornecem informações com as quais a pessoa constrói a sua realidade. Outros adeptos desta teoria aceitaram esta descrição. Eles costumam destacar a estrutura, o processo de equilíbrio em si, e o ambiente físico/social... *como se este fornecesse a "matéria prima" da qual o indi-*

víduo desenvolve sua concepção da realidade!

O problema está na noção de que elementos físicos ou sociais do ambiente são "matéria prima"! De fato, *tudo* no ambiente são essencialmente informações processadas. O próprio ambiente é *essencialmente social.*

Quero dizer com isto que ninguém "dá a largada" com um mínimo de objetivos físicos concretos. Mesmo blocos de madeira foram antes definidos pela cultura como "quadrados" ou "triangulares", ou pintados de "azul", "vermelho" ou "verde". Cada pessoa inicia sua vida em um mundo que basicamente é o mesmo para todos. Porém em cada cultura há diferenças importantes de concepção de espaço, distância, tempo, etc. É surpreendente que estas diferenças não estão na percepção *individual*, mas da cultura toda.

Sem dúvida, o ponto central é que um indivíduo em crescimento não tem relacionamento com as informações "in natura" do seu ambiente já existentes em sua cultura. Por isso a reclamação de Middleton (em *From Child to Adult*) me parece válida: que os psicólogos educacionais que estudam os verdadeiros processos de aprendizado de cultura para cultura e encontram semelhanças surpreendentes "quase todos ignoram o contexto social" (pg xvi). O processo de aprendizado pode bem ser em parte um aspecto da estrutura da mente humana em desenvolvimento. Mas aprendizado *não* é descoberta ou criação da realidade a partir de um relacionamento com as informações do ambiente. É, antes, a criação de uma realidade pessoal a partir de informações do ambiente *à medida que estas informações são encontradas dentro da cultura do indivíduo.*

Alguns exemplos: Tomemos a letra A, representando qualquer informação do ambiente da criança. De acordo com a teoria cognitiva-estrutural a criança terá uma idéia distorcida da coisa, no começo (do ponto de vista do adulto). Ela pode não entender o que sinal significa. Se alguém lhe disser "A", ela talvez não ligue os fatos. Mais tarde ela saberá que "A" está vagamente relacionado com a coisa em questão. Mais tarde, com sua estrutura mais desenvolvida, a criança reconhecerá o A como um "A", e também como parte de um sistema maior. A esta altura ela terá prazer em um "domínio" infantil do sistema, repetindo sempre de novo o alfabeto (com o qual ela associou agora o "A" firmemente). Ainda mais tarde, novamente de acordo com seu crescimento cognitivo, seu conceito de "A" mudará. Reconhecerá o "A" como um som, uma palavra, uma parte de palavras. No fim chegará ao nível máximo de compreensão, que é o do linguista e filósofo da linguagem! Mas em nenhum estágio ela estará lidando com informações como "matéria-prima", das quais ela forma uma realidade particular. Em cada estágio ela estará lidando com o "A" assim como ele é encarado em sua cultura. A "realidade" que "A" representa não é um fenômeno individual, mas sócio-cultural!

Tomemos o termo japonês "kami". Ele tem significado religioso, mas foi mal traduzido pelos primeiros missionários: "Deus" ou "deuses". Acontece que o conceito "kami" tem uma conotação muito distante do "Deus" judaico-cristão. Como uma criança japonesa desenvolve sua idéia de kami?

No começo, o som que ela ouve pronunciado por seus pais não terá significado para ela. Mais tarde ela poderá associá-lo com ir a um templo, e exclamar "kami, kami" quando vir uma construção semelhante a um pagode, assim como meus filhos dizem "brum, brum", quando vêem um carro. À medida que a criança cresce, e de acordo com seu desenvolvimento cognitivo, lentamente se formará um novo conceito. No fim, quando adulta, a criança poderá se tornar um filósofo da religião, que explora as mais profundas raízes e significados de "kami" na cultura e história japo-

nesas. Não importa o que aconteça durante este processo de aprendizado, a criança *não* construiu uma realidade individual, onde kami tem um significado especial para ela. Seu conceito foi moldado e dirigido por sua cultura. Ela entendeu (talvez em profundidade) a realidade social que "kami" expressa. *Todos os processos de aprendizado descritos pela psicologia educacional no fundo têm de descrever como uma criança aprende, não informações do seu ambiente, mas conceitos sociais baseados nestas informações*!

Bem, tudo isto diz que a chave principal para compreender qualquer informação está na maneira com que esta informação é definida pelo ambiente cultural (social, p.e.).

Quais são as implicações disto para a educação cristã? A criança perceberá também os conceitos bíblicos assim como eles existem no ambiente social! Se *nós tratarmos* as verdades bíblicas como convicções intelecutais, sem significado emocional ou decisório, a criança será levada a integrá-los em sua personalidade exatamente da mesma maneira! Não é de se admirar que a Bíblia insiste: "Estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, andando pelo caminho, ao deitar-te e ao levantar-te" (Dt 6:6-7). *A Escritura tem de ser transmitida como realidade vivida e visível*! Suas verdades devem ser transmitidas por pessoas que as integraram em sua personalidade e que falam da Palavra de Deus e palavras de Deus com seus filhos ao contar experiências da sua vida. O *lugar mais importante* para o ensino bíblico não é a sala de aula, mas o ambiente caseiro; andar juntos, sentar na varanda, aquecendo a cama, vivendo a alegria de um novo dia. A comunicação das verdades bíblicas têm de se concentrar na própria vida, onde elas tém significado para nós como pessoas.

E este tipo de aprendizado não tem como base a "educação", mas o processo de socialização.

Este, então, é o maior problema até mesmo da educação cristã em sala de aula "boa". Se isto é *tudo* que temos, estaremos transmitindo verdades que serão invariavelmente distorcidas. Se isto é tudo que temos, estaremos dizendo com nosso método de ensino às crianças que a Bíblia é um livro acadêmico; que as verdades teológicas e morais que ela contém são "irreais", em termos de vida. Estou preocupado com a separação que fazemos entre a vida e a verdade a ser vivida, deixando de transmití-la através de experiências que evidenciem o seu significado para a pessoa como um todo, em um modelo no qual o próprio Deus vive.

Significa isto que *não* devemos ter ensino bíblico para crianças em sala de aula? Não necessariamente. Mas significa que a sala de aula deve ser 1) claramente uma parte, não todo o nosso ministério com crianças; 2) integrada com o todo, de maneira que ajude e seja ajudada pelo que acontece fora dela; e 3) usada de modo que professor e aluno, as maneiras de transmitir conceitos, etc, se encaixem de fato em todo o nosso ponto de vista, contribuindo para o processo de socialização.

Esta tarefa não é muito fácil. Porém no próximo capítulo estudaremos uma maneira de concretizá-la.

o lar

Se decidirmos que a socialização é mais apropriada para comunicar a fé cristã como vida, que a "educação", imediatamente somos obrigados a voltar nossa atenção para o lar, quando estudamos a educação cristã de crianças. Não há sombra de dúvida de que os pais ainda são os principais agentes da socialização das crianças. Isto não significa que eles são (ou deveriam ser) os *únicos*. Outras pessoas podem ter

destaque na vida de uma criança, inclusive o professor cristão. Mas o papel dos pais é *primordial.*

Esta pode ser uma das razões do surgimento relativamente tardio da "escola dominical" para crianças. No Antigo Testamento toda a vida do povo de Deus estava orientada para o ensino... as festas, as leis, os padrões de trabalho e culto diários. Deus disse aos pais: "Vocês" devem ensinar "seus filhos". (Para uma boa descrição da educação dos hebreus, veja *Train Up a Child,* de Barclay).

O Novo Testamento não muda esta estratégia básica. Não sabemos de nenhuma escola dominical que Paulo tenha iniciado. As epístolas não acrescentam nada de novo à regra do Antigo Testamento, de que os pais têm a responsabilidade de educar seus filhos. É claro que a comunidade também tinha seu impacto. Uma menina participou com os adultos da reunião de oração em favor de Pedro (Atos 12)... e recebeu a ordem de ver quem estava à porta, como os jovens hoje em dia! Os familiares de líderes da igreja devem mostrar que foram bem educados (1 Tm 3:4). O próprio Timóteo aprendeu a Bíblia da sua mãe e avó. Fica claro que crescimento era algo que acontecia em casa.

E ainda é assim.

Com certeza isto cria um problema desafiador para a igreja. Sabemos tanto sobre como "educar" crianças na sala de aula. Mas sabemos tão pouco sobre como ajudar pais a compreender sua função socializadora. Como podemos transferir a ênfase da educação formal de crianças para a informal? Como ajudamos pais a entender o processo inventado por Deus, através do qual *eles* devem criar seus filhos na fé? Como lhe damos material e incentivo para a sua tarefa? Como revertermos a dependência da intermediação da igreja, que surgiu durante os anos? Como podemos ajudar os pais em seu trabalho? Temos currículos para as classes. Será que precisamos de um currículo "para casa"?

Estes problemas, entre muitos outros, estão à nossa frente se levamos a sério a necessidade de mudar nosso método de comunicação, da sala de aula para a socialização. Eu pessoalmente estou convicto de que precisamos enfrentar estes problemas... e que o podemos. Não precisamos ter medo de mudar. O que precisamos temer é nossa própria má vontade de comprometermo-nos com o que cremos ser verdadeiro e certo, e de, custe o que custar, confiar em Deus para que ele nos guie, como a Abraão, a uma "terra que não conhecemos".

VERIFICAÇÃO

casos,
perguntas,
incentivos à reflexão,
notas adicionais

1. Para compreender melhor alguns dos conceitos apresentados neste capítulo e suas implicações, você poderia tentar fazer uma ou mais das sugestões abaixo:
   A. Escreva um artigo para o boletim da igreja, que ajude pais cristãos a compreender o seu papel no crescimento.
   B. Escreva um artigo sobre "culto doméstico". (Antes de fazê-lo, no entanto, decida se você é contra ou a favor dele.)
   C. Esboce um projeto de "classe para pais". Quais seriam as suas metas? O que você gostaria de transmitir-lhes? Que comportamento específi-

co você gostaria de criar neles?

D. Agora desenvolva um processo educacional para obter os objetivos que você relacionou acima... sem ter uma *classe* formal para pais!

E. Dê uma olhada em currículos apresentados por autores que dão ênfase na família. O que eles querem dizer com "ênfase na família"? Que valores e fraquezas você vê na teoria deles?

F. Rascunhe uma carta para um editor de material para a escola dominical, mostrando-lhe como ele poderia melhorar suas publicações para ajudar pais a ensinar (socializar) seus filhos.

2. Os problemas que temos de enfrentar quando tentamos implantar um ministério de educação infantil baseado no conceito socializante de aprender a fé são bem mais complexos do que parecem ser à primeira vista. Um dos problemas tem a ver com desenvolver um sistema de ajuda aos pais. Estamos preparando um currículo "para o lar"? Quais são as implicações de um currículo planejado quanto ao seu "ajuste" com a natureza da socialização?

Abaixo segue um trecho da minha tese de Ph. D. no Seminário Garrett, Universidade Northwestern, em Evanston, Illinois. Nele eu abordo exatamente este problema. Leia-o, e depois tente responder com suas próprias palavras, no papel, as perguntas:

A. Por que "currículo" é um problema?

B. Quais deveriam ser os verdadeiros objetivos de um sistema educacional?

C. Qual é a importância do currículo na concretização dos verdadeiros objetivos do sistema?

Aqui está o trecho. Leia-o, e responda (por escrito) as perguntas acima.

Já foi dito neste capítulo que metas/objetivos de um sistema educacional devem estar em harmonia com os objetivos explícitos da educação. Por isso os pressupostos da natureza da fé cristã e da sua comunicação têm um grande significado para o desenvolvimento do sistema educacional igreja/lar proposto. O sistema como tal, como também o que é ensinado através dele, tem de apoiar e facilitar o ensino da fé-como-vida.

Esta exigência cria dificuldades quase intransponíveis para o sistema, quando percebemos que socialização é o melhor modelo para a educação cristã. A dificuldade reside principalmente em um ponto: controle e seqüência das experiências de aprendizado.

Eu já disse antes que nossos sistemas educacionais atuais funcionam de acordo com o modelo da sala de aula, adaptado e criado para a transmissão de informações e dos conceitos que são importantes para sociedade. Este modelo pode ser representado por uma seqüência que se inicia com o conteúdo (informações e conceitos de um campo ou disciplina) sendo que a lógica do conteúdo determina a seqüência e o tipo das atividades educacionais.

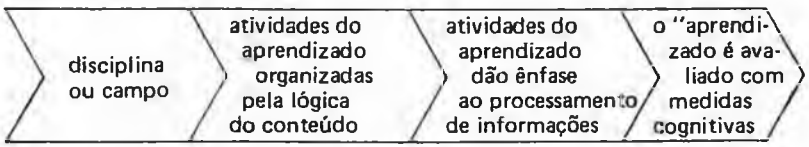


Figura I-1. Educação Tradicional de sala de aula

O papel de professor e aluno, o caráter do currículo, a natureza de testes e avaliações, tudo é definido com referência aos objetivos de transmissão de conteúdo do sistema, e pela seqüência do sistema, que se origina da lógica de um certo conteúdo e é controlado a cada ítem por considerações sobre transmissão de conteúdo.

Hoje em dia são feitas muitas tentativas sérias para ligar as áreas cognitiva e afetiva na educação. Normalmente tenta-se trazer informações afetivas e de valores para a sala de aula. Todas estas inovações tentam mudar a função do professor, para que ele aborde especificamente implicações de valores de um campo, e que abra a sala de aula para uma seqüência mais livre de informações afetivas. O professor da sala de aula crê que sua tarefa é ligar a informação sobre um campo com os motivos, os valores e as percepções pessoais dos seus alunos.

Mas todas estas inovações, não importa quão saudáveis ou criativas sejam, não mudam no fundo a função de controle do conteúdo. Ainda é o conteúdo e a lógica do conteúdo que determinam a seqüência e a natureza das atividades educacionais.

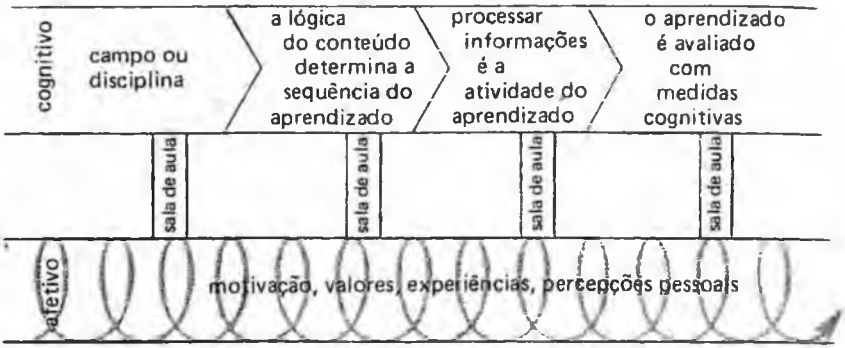


Figura I-2. Tentativas atuais de ligar as dimensões cognitivas/afetivas do aprendizado.

É todavia, claro que o modelo de socialização, em sua forma pura, funciona de maneira bem diferente. A própria vida e as experiências de que participam modelo e aluno controlam e dão seqüência à educação. O conteúdo (conceitos, informações) está organicamente relacionado com experiências, atitudes e comportamento apropriado para organizar e reagir em situações. O professor comunica muito mais que informação: ele comunica a maneira de perceber e viver a vida.

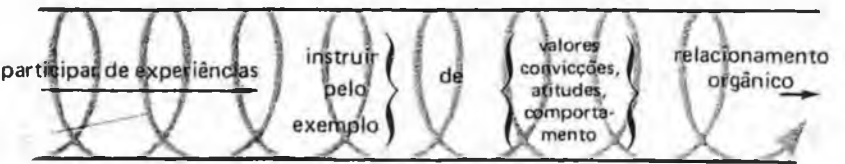


Figura I-3. Educação socializante

Neste padrão, controlado pela seqüência natural das experiências da vida, o papel do professor, o papel do conteúdo (conceitos e convicções passam a ser uma maneira de estruturar a realidade e orientar reações em situações reais), o papel do aluno, a maneira de avaliar o aprendizado, tudo é muito diferente tanto da educação

tradicional em sala de aula quanto da modificada.

Esta breve análise destaca o problema central na criação de um sistema de educação cristã com um modelo socializante para a comunicação de fé-como-vida. *O próprio conceito de "sistema educacional" implica em controle e seqüência externos das atividades do aprendizado. O processo de socialização só funciona porque o que é comunicado já é parte integral da vida orgânica de professor e aluno.*

Na educação cristã a lógica do conteúdo tem exercido o controle, como na educação secular. A fé cristã tem um conteúdo de convicções, "verdades" que podem ser transformadas em conceitos e conhecimento. Os conservadores zelam particularmente que em qualquer tipo de educação cristã sejam comunicados os ensinos bíblicos, pelo grande respeito que têm pela Escritura como revelação de Deus sobre si mesmo, o homem, natureza e propósito da vida. Mas se fazemos um currículo para um sistema de educação cristã, este sistema pareceria estar forçado para dentro dos padrões de controle dos sistemas educacionais atuais. Com certeza o decorrer livre, a expressão espontânea da fé-como-vida como reação a experiências de vida em andamento não podem ser sistematizados. E também com certeza esta reação é o cerne do processo de socialização, é o cerne do processo educacional que os pressupostos do autor exigem.

Do que dissemos acima parece que não pode ser concebido nenhum sistema educacional igreja/lar que implante diretamente a comunicação de fé-como-vida no modelo de socialização. Mas pode ser desenvolvido um sistema para implantação *indireta:* um sistema em que o objetivo final é facilitar a comunicação de fé-como-vida; um sistema em que outros objetivos (como transmissão de convicções) estão subordinados ao objetivo principal, ao mesmo tempo que devem incentivar-nos a chegar lá.

Este tipo de sistema, criado para incentivar e facilitar o desenvolvimento da comunicação de fé-como-vida em um modelo de socialização, satisfaz as seguintes exigências:

(1) Transfere a ênfase principal da comunicação de fé-como-vida da igreja para o lar.

(2) Dá aos principais modelos naturais da criança, seus pais, condições para que comuniquem a fé-como-vida com eficiência.

(3) Transfere o papel da equipe da igreja do tradicional "professor" para um modelo e amigo.

(4) Enquadra o conteúdo de convicções da fé em um padrão orgânico, de transmissão de significado, em vez de transmití-lo meramente como informação que deve ser aceita.

(5) Liberta crianças e adultos para exprimirem informações afetivas e cognitivas em todos os relacionamentos que desenvolvem (pais-filho; líder-criança; criança-criança).

3. Um instrumento educacional excelente é muito usado, geralmente para avaliação. É o questionário. Um questionário bem elaborado pode estimular o raciocínio e introduzir de uma maneira não obstrutiva conceitos em que uma pessoa não pensou antes. Se quisermos encará-lo em termos de Piaget (ou em termos ligados nos EUA à teoria de equilíbrio cognitivo da mudança de atitude de Festinger), um questionário deste tipo pode trazer desequilíbrio (dissonância cognitiva), estimulando desta forma aprendizado e mudança.

Trago aqui um questionário mais antigo sobre vida familiar, elaborado pela igre-

ja luterana. *Não* é um bom questionário, em parte porque permite respostas "sim/não", em vez de solicitar a quem responde que avalie de acordo com um padrão. É muito melhor dar à resposta cinco alternativas, entre "muito satisfeito" e "muito insatisfeito", ou de "eficiente" até "ineficiente". Outra razão pela qual o questionário abaixo não é bom é que muitas vezes ele faz as perguntas erradas, ou escolhe como indicadores hábitos generalizados. Se um questionário deve ter valor como instrumento de educação ou avaliação, ele precisa definir com cuidado (explícita ou implicitamente) os conceitos que está tentando medir *e* uma *série* de hábitos que são indicadores *apropriados*.

Mesmo sendo um questionário pobre, ele serve de ponto de partida. É mais fácil começar com algo já feito do que sair do zero. Portanto, começando com este questionário, tente o seguinte:

A. Avalie o questionário como um todo, e ítem por ítem.
B. Defina os conceitos que você gostaria que um instrumento como esse explorasse.
C. Faça uma lista de indicadores que podem revelar o funcionamento ou não dos conceitos definidos, no lar.
D. Desenvolva seu próprio questionário "para a família"... e, se puder, faça-o com algumas pessoas representativas.

UM QUADRO DE AUTO-ANÁLISE PARA O LAR

O lar é o fundamento do Estado e a proteção da igreja. Lares cristãos positivos, onde meninos e meninas são criados no temor do Senhor, são muito mais que um ornamento e uma propriedade da igreja: são a esperança da nação. Motivados pela misericórdia de Deus em Cristo, pais que reconhecerem a importância do seu lar quererão com seriedade que sejam lares cristãos. Todavia, para desenvolver um programa eficaz de ensino no lar, eles terão de adotar métodos que possam ser seguidos com segurança e que prometam os resultados desejados.

O quadro de análise abaixo deve ajudar os pais a localizar e definir fraquezas na direção do seu lar, e a fazer mudanças em áreas específicas da vida do seu lar. Por causa da grande variedade de circunstâncias dos nossos lares, sem dúvida não seria possível fazer um quadro que se aplique igualmente a todas as famílias. O quadro será mais útil a pais com filhos ainda em formação – desenvolvimento físico, mental e espiritual – e que urgentemente precisam de instrução, direção e supervisão.

Sugerimos dois usos para este quadro: 1) por pais; 2) por grupos de estudo (uniões de pais e mestres, classes bíblicas de pais, grupos de casais).

(1) Leia cada afirmação com cuidado. Se ela é verdadeira em seu caso, coloque um + no lugar em branco. Depois de passar por cada seção, some os + e escreva o total no quadrado. Por exemplo: se você marcou quatro afirmações na parte I-A, sua nota é 4. Depois de completar a análise, some os totais, e você terá sua nota final.

Nenhum lar poderá obter a nota máxima. Mesmo se isto fosse possível, isto não traduziria perfeição, mas somente um alto grau de sucesso em esforços dos pais de manter um lar realmente cristão. Qualquer sucesso que tivermos, ele será devido à graça de Deus. Não há lugar para orgulho ou auto-justificação, em um lar cristão.

Depois de estudar o quadro, releia as afirmações que você não marcou com +. E comece a trabalhar na melhora. Depois de alguns meses, marque com + as afirmações que você honestamente pode marcar. A nota melhorada será um incentivo para

você tentar melhorar ainda mais.

(2) Para tirar o máximo proveito deste quadro, use-o como base de 4 ou 5 estudos bíblicos com pais. Um estudo mais completo de textos bíblicos relacionados, junto com uma discussão prática, trará mais profundidade e relevância.

Você não precisará mostrar a ninguém o resultado da sua análise.

"Eu e minha casa serviremos ao Senhor", Josué 24: 15

I. O Lar Cristão Ideal

A. Relacionamento entre marido e esposa

"Sois juntamente herdeiros da mesma graça de vida" 1 Pe 3: 7

1.____ Tentamos ser dignos de respeito, sabendo o quanto o respeito mútuo é importante para um casamento feliz e agradável a Deus.
2.____ Somos gentis e pacientes um com o outro, esforçando-nos, com a ajuda de Deus, a dar e receber amor.
3.____ Nunca resolvemos desavenças particulares na presença de pessoas que nada tenham a ver com elas.
4.____ Amamos a Cristo em nosso coração e nosso lar, e vivemos em sua santa presença.
5.____ Cultivamos uma atmosfera no lar que incentiva domínio próprio e hábitos pacíficos. ☐

B. A Vida devocional

"Habite ricamente em vós a palavra de Cristo" Cl 3: 16

6.____ Oramos com freqüência e com seriedade um pelo outro.
7.____ Oramos em cada refeição.
8.____ Fazemos um culto doméstico pelo menos uma vez por dia.
9.____ Marido e esposa têm um período diário de leitura devocional e culto.
10.____ Cantamos hinos em nosso lar
11.____ Oramos com e por nossos filhos, e os ensinamos a orar.
12.____ Familiarizamos nossos filhos com a Bíblia usando um livro de histórias bíblicas, e a Bíblia.
13.____ Ensinamos nossos filhos a cultivar sua vida religiosa lendo a Bíblia e oran-sozinhos.
14.____ Ensinamos nossos filhos a reverenciar a Palavra de Deus e tudo que é santo.
15.____ Falamos com freqüência sobre problemas práticos da vida cristã com nossos filhos.
16.____ Damos livros religiosos para nossos filhos. ☐

II. O Lar como Escola

A. As crianças

"Criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor" Ef 6:4

17. _____ Nós dois participamos ativamente no ensino religioso dos nossos filhos.
18. _____ Ensinamos nossos filhos a viver de acordo com os mandamentos de Deus.
19. _____ Ensinamos nossos filhos a honrar pai e mãe como representantes de Deus.
20. _____ Tentamos ser imparciais no trato com nossos filhos.
21. _____ Ordenamos e proibimos o menos possível, mas sempre insistimos em obediência.
22. _____ Tentamos não ameaçar ou prometer o que não podemos ou queremos cumprir.
23. _____ Não iramos nossos filhos com repreensões duras e tratamento injusto.
24. _____ Evitamos gritar, e dependemos da afirmação silenciosa mas firme da autoridade, para garantir a obediência.
25. _____ Retiramos privilégios e usamos a vara, se necessário, para ensinar a obedecer.
26. _____ Não dizemos às crianças palavras que nunca devem ser usadas para filhos de Deus.
27. _____ Nosso ensino tem por objetivo motivar a criança pelo temor e amor de Deus em tudo que ela faz.
28. _____ Sabemos das diferenças individuais entre nossos filhos, e adaptamos nossos métodos de ensino de acordo com elas.
29. _____ Aplicamos Lei e Evangelho na medida em que são necessários.
30. _____ Tentamos conquistar a confiança dos nossos filhos, para que venham a nós com seus problemas.
31. _____ Ensinamos nossos filhos a economizar, incentivando-os a dividir seu dinheiro com sabedoria, como mordomos responsáveis a Deus.
32. _____ Observamos os hábitos de nossos filhos e lhes damos a interpretação necessária do sexo. ☐

B. Os Jovens

"Aprendam primeiro a exercer piedade para com a sua própria casa, e a recompensar a seus progenitores" 1 Tm 5:4

33. _____ Tentamos ser complacentes com nossos adolescentes, sem negligenciar nossa autoridade, porque sabemos que eles estão passando por um período crítico da vida.
34. _____ Evitamos reclamar e repreender com dureza, porque achamos que isto prejudica os jovens.
35. _____ Nós os ajudamos a manter Cristo e o evangelho no centro da sua vida, e a crescer em Cristo em tudo.
36. _____ Incentivamos iniciativas e um espírito saudável de independência, aliado a um forte sentimento de responsabilidade pessoal.
37. _____ Tentamos ajudar nossos jovens a decidir quanto a uma vocação própria, para sua vida.

38. _____ Estamos convictos que oração, conselhos sérios, respeito mútuo e discussão aberta são de importância primordial neste período.
39. _____ Participamos de atividades escolares dos nossos filhos para mostrar nosso interesse.
40. _____ Tentamos fazer com que a igreja seja o interesse central na vida dos nossos jovens.
41. _____ Ensinamos nossos jovens a se empenharem com coragem pelo direito, mesmo sob o risco de serem ridicularizados.
42. _____ Incentivamos nossos jovens a trazerem seus amigos para casa.
43. _____ Sabemos onde nossos jovens estão à noite, e não os deixamos ficar fora de casa até tarde sem justificativa. ☐

C. O exemplo dos pais

"Em minha casa terei coração sincero" Sl 101:2

44. _____ Sabemos que pais precisam constantemente se autodisciplinar.
45. _____ Não usamos palavrões nem linguajar duvidoso na presença dos nossos filhos, ou em qualquer hora.
46. _____ Agimos convictos de que um mau exemplo pode desfazer tudo que tentamos obter com a instrução.
47. _____ Nós repreendemos e aceitamos repreensão com humildade, assim como pedimos perdão e perdoamos por amor a Cristo.
48. _____ Tentamos praticar a mesma gentileza e amabilidade no lar que apresentamos fora dele. ☐

D. Cultura e Lazer

"Andai de modo digno da vocação a que fostes chamados" Ef 4:1

49. _____ Ensinamos nossos filhos a usar seu tempo livre com proveito.
50. _____ As diversões que lhes proporcionamos visam manter aceso seu interesse no lar.
51. _____ Incentivamos jogos por causa dos seus valores construtivos e sadios.
52. _____ Escolhemos com cuidado livros para a biblioteca do lar, e não recomendamos a leitura de livros não íntegros.
53. _____ Supervisionamos os programas de cinema, rádio e tv que nossos filhos assistem, bem como outras diversões.
54. _____ Ensinamos nossos filhos a amar a natureza e a brincar ao ar livre.
55. _____ Tentamos despertar e cultivar em nossos filhos uma ampla variedade de interesses.
56. _____ Damos aos nossos filhos uma oportunidade de desenvolver seus talentos.
57. _____ Gastamos o máximo de tempo possível com nossos filhos. ☐

III. Relacionamento do lar com a igreja

A. Freqüência aos cultos

"Eu amo, Senhor, a habitação de tua casa" Sl 26: 8

58. _____ Vamos regularmente à igreja, e consideramos o culto público um dever sagrado e também um privilégio abençoado.
59. _____ Ensinamos nossos filhos a ir à igreja, e os ajudamos a entender o culto e fazê-lo parte normal de sua vida.
60. _____ Conversamos com freqüência com nossos filhos sobre o significado da igreja e sobre as bênçãos sem preço que Deus nos dá através dela.
61. _____ Tentamos despertar em nossos filhos um amor real pela casa de Deus.
62. _____ Conversamos em casa sobre a pregação, extraindo dela o significado para nossa vida diária.
63. _____ Ensinamos nossos filhos a ficar em silêncio, reverência e boas maneiras na igreja.
64. _____ Ensinamos nossos filhos a orar quando entram na igreja, e a participar de tudo que acontece durante o culto.
65. _____ Tentamos prolongar a influência do domingo por toda a semana.
66. _____ Incentivamos todos os membros da igreja da família a participar com freqüência da ceia do Senhor, para crescerem na fé e na nova vida em Cristo. ☐

B. Agências Educacionais

"Estas palavras... estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos" Dt 6: 6s

67. _____ Sabemos da utilidade de escolas fundamentais e superiores cristãs, e colocamos nelas nossos filhos (se houver nas proximidades).
68. _____ Nossos filhos irão à escola dominical assim que tiverem idade suficiente.
69. _____ Nossos filhos vão com regularidade e disposição à escola e à escola dominical, e nós colaboramos com seus professores.
70. _____ Nossos filhos frequentam as reuniões de sábados e as escolas bíblicas de férias (se houver).
71. _____ Ajudamos nossos filhos a fazer suas lições de casa.
72. _____ Nós nos consideramos responsáveis pela educação dos filhos, mesmo se eles recebem sua instrução formal fora de casa.
73. _____ Ajudamos a ensinar nossos filhos a dar com generosidade para o sustento da igreja.
74. _____ Cooperamos com a escola dominical, e com outros trabalhos desta natureza, da melhor maneira possível.
75. _____ Pais e outros membros da igreja na família frequentam com regularidade estudos bíblicos e outras classes bíblicas. ☐

C. Trabalho na igreja

"Somos cooperadores de Deus" 1 Co 3: 9

76. _____ Familiarizamos nossos filhos com o trabalho da congregação, dando ênfase, com freqüência, à importância do trabalho da igreja.

77. _____ O pai e filhos elegíveis são membros votantes da congregação e não faltam às reuniões.
78. _____ Damos com generosidade para o sustento da igreja e do serviço social.
79. _____ Incentivamos nossos jovens a dar com liberalidade dos seus rendimentos ou da sua mesada para o Senhor.
80. _____ Nossos filhos vêem que nós temos um interesse ativo em todo o trabalho da congregação.
81. _____ Assinamos e lemos pelo menos um jornal eclesiástico, e conversamos sobre seus tópicos em família.
82. _____ Somos membros de organizações na igreja, tal como a união masculina, união feminina ou grupos de casais.
83. _____ Servimos à nossa igreja com alegria em uma ou mais atividades, como escola dominical, coro, visitas missionárias, diretoria ou departamentos.
84. _____ Cultivamos em nossos filhos um interesse vivo em missão e no trabalho da igreja em geral.
85. _____ Nossos jovens participam ativamente da mocidade da igreja. ☐

IV. Relacionamento do lar com a sociedade

A. Vizinhança

"Se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros" 1 Jo 4: 11

86. _____ Tentamos cultivar amizade com nossos vizinhos, evitando tudo que possa causar preconceitos de raça ou classe.
87. _____ Somos respeitados como família que vive de acordo com seu testemunho cristão, dando assim um bom exemplo.
88. _____ Nossa família está sempre pronta para ajudar todos os vizinhos em dificuldades no amor de Cristo.
89. _____ Queremos o bem-estar dos nossos vizinhos, e por isso evitamos intimidade indevida e envolvimento em mexericos maldosos na vizinhança.
90. _____ Não deixamos nossos filhos falar mal de vizinhos, ou brigar com os filhos deles.
91. _____ Falamos da nossa fé e procuramos ganhar para Cristo pessoas e famílias que não frequentam nenhuma igreja.
92. _____ Só deixamos nossos filhos fazer amizade com crianças de boa moral e conduta.
93. _____ Instruímos nossos jovens sobre o sexo e os advertimos quanto ao perigos de uma amizade imprópria. ☐

B. Sociedade

"Procurai a paz da cidade" Jr 29: 7

94. _____ Colaboramos com projetos que visam melhorar a sociedade.
95. _____ Conscientizamo-nos do nosso direito de votar, e usamos nosso direito de eleger pessoas de boa reputação.
96. _____ Unimo-nos com outros cidadãos no esforço de melhorar e manter o pa-

drão moral da nossa sociedade.

97. _____ Ensinamos nossos filhos, como cristãos e patriotas, a respeitar as autoridades e a obedecer as leis.

98. _____ Discutimos problemas locais e nacionais com nossos filhos.

99. _____ Ajudamos nossos filhos a entender que Deus abençoa a nação por causa da justiça do indivíduo.

100. _____ Estamos convictos que uma família bem educada é a melhor contribuição que pais podem fazer à sociedade, à nação, ao mundo.



18

educação das crianças: um sistema alternativo

A teologia não é um saco de "sonhos impossíveis". Ela é integralmente prática, o fundamento da realidade.

Para nós isto significa que podemos desenvolver uma maneira prática de criar e apoiar um ministério de educação cristã de crianças baseado na socialização. Para mim, isto é uma obrigação.

Em 1971, quando deixei de lecionar na Graduate School do Wheaton College, um dos projetos da minha lista de prioridades era desenvolver e testar um sistema alternativo de educação cristã de crianças, que ajudasse a deslocar da sala de aula nosso ministério educacional, e auxiliasse os pais a se tornarem comunicadores eficazes da fé-como-vida. Eu não queria atacar a escola dominical, mas ir além do que ela está fazendo, e integrar o tempo de aprendizado dominical com um processo de aprendizado de fé mais significativo, durante a semana. Para mostrar aos crentes que a minha iniciativa não era um ataque, o sistema recebeu o nome de "Escola Dominical, MAIS". A tradicional hora domingo de manhã é mantida. Mas muito é acrescentado... a ela, e ao tempo além.

Ainda estamos no processo de testes, que continuará durante alguns anos. Mas poderá ser útil falar agora um pouco das hipóteses que servem de base para nosso trabalho, e do que cada teste ensinou. Então, neste capítulo eu quero falar de algumas hipóteses que podem ser derivadas da teoria da socialização que eu destaquei neste livro, sobre as quais podemos basear um novo sistema de educação cristã: um sistema que ajude as crianças a crescer na fé-como-vida. O que segue foi extraído da minha tese, e às vezes pode soar um pouco acadêmico.

discussão das hipóteses

No capítulo anterior discutimos considerações teóricas sobre a necessidade de termos um novo sistema de educação cristã. Foi dito (veja VERIFICAÇÃO, 2, pg. 157) que não há um sistema que implante *diretamente* a comunicação de fé-como-vida em um modelo de socialização. Mas um sistema educacional pode incentivar teoricamente esta comunicação, *indiretamente.* Estabelecemos exigências que um sistema que deve facilitar e incentivar a comunicação de fé-como-vida no lar deve satisfazer:

1. Transferir a ênfase principal da comunicação de fé-como-vida da igreja para o lar.
2. Dar aos principais modelos naturais da criança, seus pais, condições para que comuniquem a fé-como-vida com eficiência.
3. Transferir o papel da equipe da igreja do tradicional "professor" para um modelo e amigo.
4. Enquadrar o conteúdo de convicções da fé em um padrão orgânico, de transmissão de significado, em vez de transmití-lo meramente como informação que deve ser aceita.
5. Libertar crianças e adultos para exprimirem informações afetivas e cognitivas em todos os relacionamento que desenvolvem (pais-filho; líder-criança;

criança-criança).

Este capítulo tem por propósito discutir brevemente hipóteses que orientem a entrada em funcionamento do programa piloto de um sistema de educação cristã alternativo, que queira satisfazer estas cinco exigências. As hipóteses estão ligadas aos três principais elementos do sistema: material do currículo, vida na igreja, e o relacionamento entre pais e filhos no lar.

material do currículo

1.1 Deve ser desenvolvido um currículo de uso amplo. Na educação através de socialização, processo e sequência da educação são estruturados ao redor de experiências. Em uma sociedade primitiva, onde toda a sociedade muda junto através da vivência conjunta de atividades periódicas e rituais, a própria vida estabiliza e unifica a educação. Em nossa cultura, onde as experiências de cada família e indivíduo são organizadas ao redor de papéis múltiplos em uma sociedade altamente diversificada e fragmentada, o programa de educação da igreja tem de procurar um princípio diferente para se organizar, se espera unificar a educação da congregação.

Esta unificação, tradicionalmente, foi tentada através de currículos publicados, ou de projetos e de atividades em que jovens e adultos participam juntos. Todas estas tentativas tiveram como centro a igreja; tanto organizadores como participantes acham que a educação se dá "na igreja", que é responsável por ela. Tentativas denominacionais de envolver toda a família através de currículos "igreja-lar" fracassaram.

Um sistema de educação cristã alternativo viável, com alguma chance de ser aplicado amplamente na igreja, tem de ter meios para unificar as experiências de educação de grupos de pessoas. Isto em nossa cultura parece exigir estruturação do currículo externa-à-situação. Algum tipo de material de currículo parece ter grande potencial para isto e ao mesmo tempo ajudar na transferência do lugar de aprendizado da igreja para o lar. Porém este material de currículo deve ser desenvolvido distintamente, para que possa proporcionar uma base para intercâmbio significativo no lar e na igreja.

1.2 *Deve-se ensinar o conteúdo de convições da fé.* A revelação bíblica dá ênfase ao conteúdo de convicções da fé. O cristão deve "evitar contendas de palavras que para nada aproveitam, exceto para a subversão dos ouvintes" (2 Tm 2: 14) e "manter o padrão das sãs palavras que de mim ouviste com fé e com o amor que está em Cristo Jesus" (2 Tm 1: 13). Isto é um eco das palavras do Antigo Testamento: "...estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração, e tu as inculcarás a teus filhos..."

O perigo de comunicar o conteúdo de convicções da fé, todavia, reside em comunicá-lo como algo que pode ser aceito intelectualmente, sem compromisso ou reação. Este autor destacou em recente livro o perigo de tentar comunicar a verdade bíblica isolada da sua prática:

"Precisamos comunicar a realidade de maneira que as pessoas não só a compreendam intelectualmente, mas a aceitem subjetivamente e ajam em harmonia com ela. Comunicar a Escritura do mesmo modo que comunicamos informações verdadeiras mas irrelevantes (que podem ser aceitas como verdadeiras sem exigir decisões e reações), é violar a natureza essencial da própria Escritura. A Palavra de Deus sempre tem de ser transmitida de modo que exija e convide à decisão para agir."

O currículo de um sistema de educação cristã alternativo tratará da fé a nível cognitivo, mas nunca pode isolar o cognitivo do afetivo ou de outras dimensões da

vida da pessoa. Ele terá de tentar relacionar tudo conscientemente.

Tentar uma prática mais ampla do conteúdo de convicções da fé parece indicar uma necessidade de ensinar mais conceitos bíblicos que informações bíblicas. A maior parte dos currículos conservadores de educação cristã para crianças se concentram em contar histórias: procurar incidentes no relato bíblico que são contados de maneira mais entusiasmante e interessante possível. Assim os fatos bíblicos, as informações históricas da fé, são comunicados. Normalmente depois da história vem um preceito de comportamento moral. O padrão de comunicação seria este:

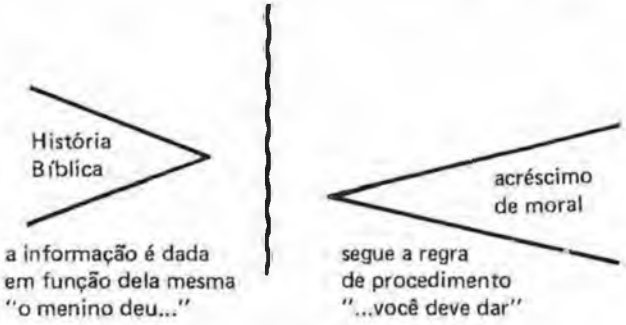


Figura II-1
Padrão de comunicação da maior parte dos currículos contemporâneos para crianças.

Além da frequente e muito válida crítica de que a intenção da Escritura muitas vezes é distorcido neste processo, deve estar claro que pouco se faz neste padrão para relacionar as informações bíblicas com a realidade (maneira de a Bíblia ver o mundo e a vida) que, no contexto, ela reflete. A Bíblia é contada em histórias sem *significado.*

A figura II-2 (página seguinte) mostra um padrão diferente, com outra função para as informações bíblicas. A comunicação inicia com um conceito (doutrina, ensino, convicção) distinto do quadro bíblico da realidade. Este conceito então é desenvolvido em seu relacionamento com atitude, sentimentos, comportamento e valores, introduzindo informações bíblicas para 1) mostrar ao aluno que o conceito é extraído da revelação bíblica, e 2) ilustrar o conceito em seu impacto sobre a vida humana.

Em vez de adotar o método do material contemporâneo, onde a pessoa passa de informações bíblicas para uma regra de moral ou comportamento predeterminada e específica, o sistema esboçado aqui começa com um conceito ao qual é acrescentado significado pelo estudo, não por definição; por exploração, para ver que implicações o conceito tem em termos de valores, atitudes, sentimentos, comportamento, e a percepção da estrutura de vida do aluno. Em vez de considerar as informações bíblicas como fonte de "você deve" morais e de comportamento específicos que devem ser ensinados, a Bíblia é tida como 1) fonte de conceitos que devem ser ensinados, 2) um reservatório de ilustrações do significado que os conceitos tem para o homem, e 3) um critério com o qual podem ser testadas reações à Palavra ouvida.

Isto não significa que o currículo não "ensinará Bíblia". Mas reconhece que a Bíblia é um livro para adultos. O conteúdo da fé precisa ser extraído da Escritura por adultos, que pode ser expresso por eles de maneira significativa para as crianças.

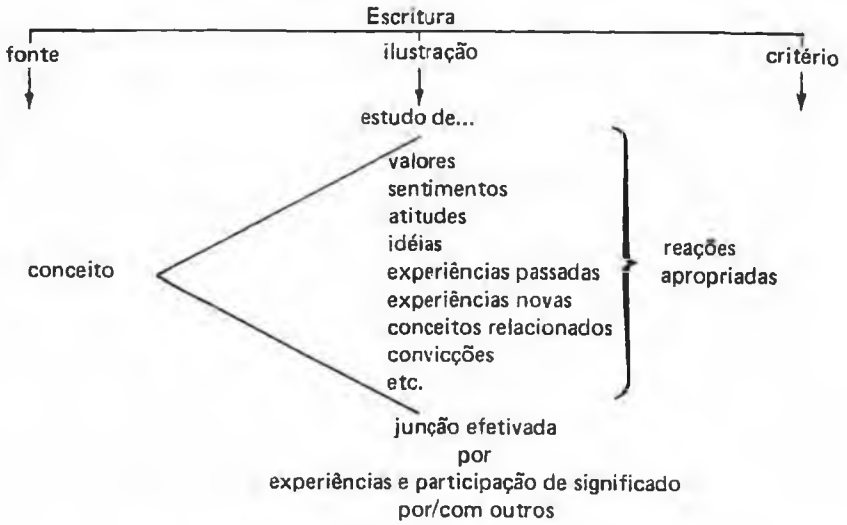


Figura II-2
Padrão de comunicação em um sistema alternativo proposto, mostrando funções da Escritura e das experiências no processo

Passagens e histórias da Bíblia devem ser usadas; para relacionar as verdades ensinadas com sua origem, manter acesa nas crianças a centralidade da revelação bíblica na fé cristã, e demonstrar que a Bíblia é um livro vivo, através do qual é comunicada a vitalidade da vida da fé. Mas devemos esquecer que "ensinar Bíblia" é sempre e só comunicar informações bíblicas.

1.3 *O conteúdo de convicções da fé deve ser ensinado através de experiências.* A Bíblia enfatiza a prática do conteúdo de convicções da fé. Jesus apresenta como homem sensível aquele que "ouve minhas palavras e as pratica" (Mt 7). O discípulo que experimenta a liberdade que Cristo promete "permanece na minha palavra" (Jo 8: 31). E Tiago pede: "Tornai-vos praticantes da palavra, e não somente ouvintes" (Tg 1: 22).

Se a Escritura é um quadro da realidade, então o único objetivo válido da educação cristã é experimentar esta realidade.

Experimentar a realidade, porém, não pode servir de objetivo para um sistema educacional. Isto é parte essencial do processo educativo. Pois é exatamente isto, a concepção de convicções *como vida*, como realidade, que separa a educação por socialização do ensino em sala de aula atual. A educação cristã, para alcançar seu objetivo, tem de jogar o conteúdo de convicções da fé em uma moldura de experiência de vida, e fazer os alunos compreenderem o significado deixando-os sentir, além de saber. Quanto maior for a variedade de atividades educativas do currículo que incentivam o aluno a experimentar o que é ensinado, com tanto mais criatividade a fé será ligada a experiências passadas e presentes, e com tanto mais exatidão o currículo comunicará e apresentará uma fé que *é* vida.

1.4 *O conteúdo de convicções da fé deve ser ensinado através de relacionamento.* É importante participar de um relacionamento amoroso com uma pessoa que

pode servir de modelo para a vida de fé. É claro que o material deve estimular intercâmbio significativo entre o aluno e os pais, e com a equipe da igreja.

Também é importante que o conteúdo em si seja transmitido através do relacionamento. A fé cristã convida as pessoas a um relacionamento pessoal com Deus por meio de Jesus Cristo, e crescer na fé está intrinsecamente relacionado a um aprofundamento do relacionamento com Deus. Comunicar conceitos bíblicos sem suas implicações e significado em termos de relacionamento, é distorcê-los e privá-los do papel dinâmico que eles têm na fé cristã.

1.5 *As esferas cognitiva e afetiva devem ser integradas nas atividades que o currículo prescreve.* A hipótese 1.2 acima já sugere este aspecto do currículo. Apesar de este tipo de integração receber muita atenção nos últimos tempos, ainda não foi desenvolvida uma metodologia clara. Mary B. Harbeck acha que uma das razões para o fracasso no estabelecimento e ensino de objetivos da esfera afetiva é a falta de técnicas para avaliar e sedimentar o aprendizado. É particularmente difícil desenvolver objetivos e estratégias para o ensino quando não podemos dizer com alguma certeza se o resultado indica se os objetivos foram alcançados. Também estão sendo feitas tentativas para descobrir como criar o que George I. Brown do Instituto Esalen chama de "educação confluente", em que "os aspectos afetivos ou emocionais do aprendizado confluem com a função cognitiva ou intelectual".

As conclusões de experiências como as de Esalen parecem indicar que o elemento crítico para obter a confluência é o estudo dos próprios estados interiores, e a abertura destes a outros. Esta teoria está em total harmonia com o que os cientistas behavioristas dizem da dinâmica de identificação e interiorização. Assim, as primeiras estratégias de currículo que podemos adotar parecem envolver, por um lado, levar o aluno a examinar e expressar seus próprios sentimentos e atitudes em relação ao conteúdo da fé, e por outro lado, expor-se a sentimentos, atitudes, valores e idéias de outros.

1.6 *Deve-se incentivar o compartilhar da fé de pai para filho.* Para comunicar verdade em um contexto de relacionamento, para encorajar o estudo do estado interior, e para fazer com que este seja exposto para outros que podem servir de modelos da vida da fé, o currículo deve estruturar o intercâmbio entre pais e entre filhos, no qual os significados experimentados de conceitos bíblicos podem ser estudados e partilhados.

1.7 *Deve-se incentivar o compartilhar da fé entre a equipe da igreja e as crianças.* O currículo adotado para o programa piloto não estrutura atividades da igreja, mas a equipe deve estar apta para construir sobre as atividades individuais e familiares sugeridas no currículo, e planejar participação em grupo e atividades de aprendizado.

1.8 *Deve-se criar individualização máxima.* Já foi dito que os atuais currículos igreja-escola pressupõem que o grupo de aprendizado está na igreja. Uma das exigências a um sistema de educação alternativo, como é apresentado nesta tese, é que ele transfira o contexto de ensino/aprendizado da igreja para o lar, e incentive o desenvolvimento do tipo de relacionamento entre pais e filhos no qual a fé cristã será cada vez mais compartilhada *como vida.* Um corolário é que o material do currículo permita individualização máxima, reconhecendo um amplo leque de capacidade e desenvolvimento da criança. Abandonar a educação em grupo exige claramente uma redefinição de material que historicamente sempre foi usado para aprendizado em grupo, em prol de material que promova aprendizado individual ou na família.

vida na igreja

2.1 *O sistema deve criar duplas na igreja.* Da comunidade cristã fazem parte pessoas que compartilham a vida da fé. Os pais podem ser os principais exemplos para seus filhos, mas modelos adicionais são importantes, como também o desenvolvimento de uma comunidade que espalha e reflete a vida da fé. Por isso o Novo Testamento dá tanta ênfase na Igreja como corpo, e na importância do relacionamento dentro do corpo, que cumprem o propósito transformador de Deus.

Isto parece ser indicado para grupos na igreja, que suplementam e melhoram a comunicação de fé no lar. Isto também está em harmonia com o conceito mais amplo de igreja como comunidade de crentes. Líderes adultos na igreja podem ser modelos adicionais da vida da fé. Outras crianças no grupo podem facilitar o aprendizado individual, e também servir de modelo. Um sentimento de pertencer a um grupo maior que compreende e vive a vida do ponto vantajoso da fé pode servir de apoio social mais amplo para os conceitos de vida da fé do que somente o relacionamento pai-filho. Outra razão para grupos na igreja é que tanto nas igrejas tradicionais quanto nas renovadas, hoje em dia, culto e aprendizado dos adultos não estão estruturados para a participação de crianças, por isso os pais querem um programa para crianças a-seu-nível na igreja, para libertar os pais para suas próprias atividades na igreja.

Todas estas considerações indicam uma necessidade em qualquer sistema de educação cristã de promover grupos de aprendizado na igreja, se quisermos ter esperanças de ampla aceitação na Igreja.

2.2 *O relacionamento tradicional aluno/professor deve ser redefinido.* Na educação tradicional o professor tem a função de controlar e regular o aprendizado em grupo, agindo como autoridade que transmite a informação que outros determinaram ser importante para o aluno. As metas-objetivos do sistema educacional atual parecem obstruir o desenvolvimento do tipo de relacionamento que, como vimos, faz parte da comunicação da fé-como-vida.

Por esta razão é necessário redefinir a função do líder adulto no sistema alternativo. Temos de desenvolver um papel que permita e incentive o crescimento de um relacionamento chegado e amoroso entre o líder e indivíduos do grupo, e entre membros individuais do grupo. O líder em seu novo papel deve também se sentir incentivado a expor seu estado interior, à medida que membros do grupo se relacionam e ligam o conteúdo de convicções da fé às esferas afetiva e cognitiva.

2.3 *A equipe da igreja deve se relacionar com as crianças como amigos adultos.* A palavra "amigo" talvez reflita melhor o relacionamento de respeito e cooperação mútuos que permite às pessoas se encontrarem como pessoas. Reciprocidade no ouvir, no expressar, no cuidar, no compartilhar, é a melhor característica do "amigo", e pode existir tanto entre gerações quanto dentro da mesma geração. A equipe adulta não precisa "se rebaixar" para tratar as crianças ao mesmo nível: só precisam ser adultos que podem aceitar e valorizar uma criança, e respeitá-la como pessoa.

O "amigo", com ênfase na afeição e em calor humano, incentiva a criança a se identificar com o adulto, que pode assim servir de modelo para a vida de fé. Em casos em que os pais não participam da comunidade a equipe da igreja tem de servir de modelo principal para a vida de fé.

2.4 *Deve-se incentivar o compartilhar da fé entre adultos e crianças.* O material do currículo deve levar as crianças a estudar um conceito, relacionando-o com suas idéias, sentimentos, atitudes, valores, etc. O *significado* do conceito, porém, só pode ser comunicado pelo líder.

Isto coloca duas metas para o material do currículo: 1) Envolver alunos e seu modelo adulto em atividades em que aparecem diversos significados do conceito, e 2) levá-los a compartilhar seu estado interior – sentimentos e conclusões resultantes da vida da fé pessoal.

Então: na igreja a comunicação deve ser aberta, com um intercâmbio livre de informações afetivas e cognitivas. Uma variedade de experiências em conjunto, que incentivem o estudo de sentimentos e significados, deve ser parte integral do processo educacional.

2.5 *Deve-se estimular o compartilhar de fé entre crianças na igreja.* O intercâmbio desimpedido de informações afetivas e cognitivas de que falamos acima deve, também, caracterizar a interação entre colegas tanto quanto com o líder adulto. As atividades na igreja devem levar a criança a "sentir" o significado dos conceitos que está estudando, e incentivar a expressão e participação dos seus sentimentos e percepções com outros.

2.6 *O conteúdo de convicções da fé deve ser interpretado através de experiências apropriadas e de compartilhar o significado.* A igreja, como já vimos, não deve ser um lugar de apresentação massiva de informações verbais. Deve, isto sim, ser um lugar onde o significado de conceitos pode ser esclarecido através de experiências em conjunto, que relacionem os sentimentos com os conceitos, auxiliadas pela verbalização de sentimentos e experiências.

Um programa na igreja, baseado nestas especificações, será bastante diferente da "classe de escola dominical" atual.

o lar

3.1 *Os pais devem ser modelos apropriados da vida da fé.* A teoria educacional que esboçamos defende que a comunicação de fé depende, para ser eficiente, do caráter e da dedicação dos pais cristãos. Para poder ser modelo da vida da fé, a palavra tem de estar "no coração".

Na realidade, o sistema educacional não pode tratar deste pré-requisito. O surgimento do movimento de renovação, no entanto, com sua ênfase sadia na redescoberta, na igreja, do relacionamento que é a marca da comunidade e facilita o crescimento pessoal, deixa claro que a igreja pode estar pronta para um sistema educacional que ajude os pais a comunicar a fé-como-vida aos seus filhos.

3.2. *Os pais devem assumir a responsabilidade pelo crescimento espiritual dos seus filhos.* O sistema educacional proposto, para ser bem sucedido, depende também da disposição dos pais em assumir a responsabilidade pelo crescimento dos seus filhos. Não há meios no sistema de garantir o cumprimento deste segundo pré-requisito, mas existem cada vez mais provas de que a igreja não é capaz de zelar suficientemente pelo crescimento de crianças e jovens na fé, razão pela qual o lar tem de assumir maior responsabilidade. Uma das causas da hesitação dos pais é a ausência de ajuda e apoio significativos. O sistema alternativo apresentado pelo programa piloto, quando implantado, pode suprir uma necessidade presente, ajudando os pais na prática, e aumentar a consciência de que o crescimento se dá em casa.

3.3 *Os pais devem ser ajudados a desenvolver um relacionamento com seus filhos que facilite a comunicação de fé-como-vida.* Este relacionamento se caracteriza pela honestidade, abertura e respeito mútuo. Vezes demais os pais não revelam seu estado interior a seus filhos. O sistema educacional deve incentivar o partilhar de sentimentos e idéias entre pais e filhos: isto é parte integral da fé-como-vida e dos princípios de comunicação.

3.4 *Deve-se estruturar reuniões comunicativas entre pais e filhos.* O material do currículo, para concretizar os verdadeiros objetivos do sistema (estimular o compartilhar de fé-como-vida em um modelo de socialização), deve estruturar reuniões de comunicação entre pais e filhos, em que todos expressam seu estado interior à medida que estudam juntos o significado do conteúdo da fé para a vida.

Reuniões estruturadas (atividades que pais e filhos podem fazer juntos, ou experiências sobre as quais podem conversar) devem ser planejadas com cuidado, para levar os pais a *ouvir* e a *falar de idéias e sentimentos pessoais* às crianças, colocando-se como "igual" diante delas, e não como "juiz" ou "autoridade externa". Incentivar o relacionamento e a expressão do estado interior é importante na comunicação de fé-como-vida.

3.5 *Deve-se dar sugestões de experiências de fé-como-vida sobre as quais pais e filhos podem conversar e de que podem participar.* Sempre que for possível deve-se estruturar diversas atividades em que as crianças participam com seus pais, que depois podem ser estudadas e interpretadas em conjunto, com relação ao conteúdo de convicções da fé.

descobertas experimentais

Dois anos de testes mostraram que podemos fazer progressos definidos em termos de mudanças em diversas áreas. Até agora as principais melhoras foram:

(1) Professores podem desenvolver e ensinar a partir de um papel de "compartilhadores de fé", com maior prazer e resultados visíveis.

(2) Grupos de crianças podem criar um relacionamento mais íntimo, dando oportunidade a um compartilhar significativo. As crianças podem ser sensíveis às outras e aos seus interesses, o que foi revelado por orações espontâneas, ouvir, etc.

(3) Conceitos bíblicos podem ter um significado maior para as crianças, à medida que são livres para processar conceitos em seu próprio nível, num aprendizado divergente, em vez de convergente.

(4) Classes dirigidas por professores "reciclados" cresceram em número e em entusiasmo.

(5) Classes dirigidas por professores que não entenderam ou não quiseram assumir o novo papel *não* apresentaram as mudanças em comportamento ou atitudes vistas em classes dirigidas por professores que desempenharam as suas novas funções.

(6) Foram desenvolvidos processos de treinamento que podem ajudar muitos professores a adaptar-se à nova função.

As maiores dificuldades surgiram nas áreas de maior importância. Em geral os pais *não* mudaram o relacionamento ou *não* mudaram a maneira de transmitir conceitos bíblicos (fé/vida) em seu lar.

Diversas experiências mostraram que criar material de orientação e classes de treinamento para os pais não mudou muito as atitudes ou reações dos pais. Em conseqüência a nova série de testes (programada para o outono de 1975) reflete importantes mudanças teóricas nos aspectos do programa relacionados com os pais. Compreendendo a importância da dimensão "no coração" do padrão de comunicação de Dt 6, a Escola Dominical PLUS foi redimensionada para incluir classes de pais nas quais estes estudarão o significado de verdades que seus filhos estão estudando. A mudança se concentra em:

(1) Ajudar os adultos a crescer em áreas que estarão explorando com seus

filhos.

(2) Ajudar os adultos a fazer previsões realistas para si e seus filhos. (Os pais tendiam a pensar que tinham de transformar seus filhos em "gigantes espirituais instantâneos" – algo completamente irrealista, e que produz muito sentimento de culpa!)

(3) Ajudar os adultos a ver como conversar significativa e informativamente sobre verdades importantes para eles.

(4) Abrir gradativamente a comunicação entre pais e filhos, para que possa haver um intercâmbio livre de informações do estado interior, além de idéias e exigências.

Atualmente o autor e seus colegas estão trabalhando em um programa de testes envolvendo 500-1000 igrejas com um programa trienal de Escola Dominical PLUS. Esta seqüência incluirá respostas frequentes das igrejas testadas, e mudanças necessárias de sistema e material. Você pode obter mais informações, e um endereço para onde escrever, na VERIFICAÇÃO 2, pg. 176.

para agora

No fundo, nosso apoio a um ministério com crianças com ênfase na família exigirá, creio eu, um sistema educacional feito para promover (em conteúdo e métodos) o processo de socialização do qual elas tiram o significado pessoal da sua fé.

Até chegarmos lá, há muito que podemos fazer, na educação cristã, para dar apoio ao lar.

Leitura. Existem muitos livros cristãos e seculares sobre família e crianças. A cada ano são escritos mais alguns. Comprar e incentivar a leitura destes livros é algo que podemos fazer agora. Um livro especial como base para um grupo de estudo (ou classe de escola dominical) pode ser útil, e faz os pais falarem com outros e com seus filhos sobre seu ministério.

Pequenos grupos. Algumas igrejas formam grupos pequenos, às vezes, geralmente para pais. Estes grupos se concentram no serviço mútuo e em crescimento de adultos, explorando com freqüência problemas de crescimento dos filhos.

Classes de estudo. A classe *tem* validade quando estuda conceitos *como conceitos.* Idéias básicas sobre crianças e crescimento também têm seu lugar. Os pais podem tirar proveito de conhecer Piaget e Kohlberg... e o que esperam dos seus filhos pode passar a ser mais realista! Os pais com certeza tiram proveito de ver na Bíblia o contexto para comunicar verdades bíblicas.

Estas – e outras – iniciativas juntas provam a questão.

Todo o nosso ponto de vista sobre o processo de socialização insiste em que crianças aprendem o que seus pais *são. Isto significa que o primeiro alvo do educador cristão que se preocupa com crianças deve ser o crescimento e a saúde espiritual dos pais.* Se os pais cristãos estão crescendo, desenvolvendo-se como cristãos, *haverá progresso*! Podemos melhorar os resultados ajudando os pais a entender melhor o significado de verdades bíblicas para a vida, melhorando o contexto de relacionamento para a comunicação dos sentimentos e experiências internas dos adultos. *Mas de modo algum podemos tomar o lugar de uma personalidade adulta que está em processo de transformação pessoal.* O elemento mais importante em todo o sistema é o adulto que, com certeza, é modelo do que ele *é.*

Por esta razão, a chave da educação cristã de crianças é e deve ser a educação dos *adultos*! Nossos esforços devem estar concentrados em incentivar o crescimento espiritual dos adultos – pais e outros membros da comunidade cristã com quem as

crianças têm contato. Se quisermos trabalhar eficientemente com crianças nossa estratégia tem de se concentrar, em termos de esforços e tempo, em seus pais! Por isso temos de estar dispostos a nos dedicar ao desenvolvimento da Igreja como corpo discipulador. Se nossas convicções teológicas devem de fato orientar nossas decisões, temos de cuidar das crianças – e demonstrar a profundidade deste cuidado concentrando-nos no desenvolvimento dos adultos!

VERIFICAÇÃO

casos,
perguntas,
incentivos à reflexão,
notas adicionais

1. Creio que há diversas "idéias radicais" nesta seção do livro. Trago aqui algumas afirmações que *não* representam pontos de vista do autor. Veja se você consegue afirmar o que você acha que ele diz (ou diria):
   A. Deve-se abolir a escola dominical para crianças.
   B. No programa educacional da igreja não há lugar para filhos de incrédulos.
   C. Crianças de lares não-cristãos não têm proveito da nossa atual escola dominical, nem da Escola Dominical PLUS.
   D. Os pais devem ser ensinados a ensinar.
   E. Não é importante aprender o conteúdo da Bíblia; o que vale é "pegar" um estilo de vida.
2. Isto pode ajudar a compreender melhor a "alternativa". Estou sugerindo analisar um folheto que apresenta a Escola Dominical PLUS para os que se interessam em participar do nosso programa de testes. Transcrevo aqui este folheto. Leia-o e veja se ele responde algumas das suas perguntas, ou se ele enfoca melhor alguns conceitos discutidos neste capítulo. A propósito: se você quer saber mais detalhes sobre a Escola Dominical PLUS, ou quer receber uma revista grátis, *interchange*, você pode pedir um "pacote inicial" (US$ 15) a 2026A W. Cactus, Phoenix, AZ 85029.

Apresentando a **ESCOLA DOMINICAL PLUS**	Não é um currículo... é um sistema educacional A Escola Dominical PLUS foi criada para ajudar as igrejas locais a transmitir a fé e a vida cristãs de maneira distinta, bíblica. Um padrão de comunicação bíblico é tão importante na educação cristã quanto o conteúdo bíblico a ser ensinado. A Escola Dominical PLUS foi formada ao redor de especificações bíblicas... com estes princípios básicos: UM SISTEMA EDUCACIONAL

PRINCÍPIO: ÊNFASE À VIDA

A escritura constantemente diz que a Palavra de Deus é uma revelação do tipo "ouça e faça".

Cristo quer transformar toda nossa personalidade — nossas atitudes, valores, sentimentos, convicções. Quando nós reagimos à Sua Palavra como pessoas totais, seu Espírito transforma nossa vida.

Por isso: 1) o processo de ensino/aprendizado tem de ser estruturado de modo que incentive uma resposta da pessoa toda a Deus; 2) cada verdade bíblica tem de ser entendida no que ela significa para o relacionamento com Deus, com outros, conosco mesmos, com nosso mundo. As verdades bíblicas não devem ser apresentadas como informação interessante mas irrelevante, ou como algo em que podemos "crer" sem ter uma resposta de fé apropriada.

A Escola Dominical PLUS é ensino bíblico que dá ênfase à vida.

PRINCÍPIO: RELACIONAMENTO

O relacionamento facilita ou impede o ensino com ênfase na vida.

No conceito bíblico o professor é um modelo, que o aluno imita (cf Lc 6:40). Para que isto ocorra, uma atmosfera de calor, amor, sinceridade e participação é essencial.

Por isso: 1) ensino com ênfase na vida envolve compartilhar o que os psicólogos chamam de nosso "estado interior", para ajudar os alunos a ver o significado da Palavra de Deus para atitudes, valores, sentimentos e comportamento; 2) Amar e saber-se amado é motivação essencial para uma resposta da pessoa toda a Deus. A Bíblia não deve ser ensinada na atmosfera impessoal do "eu vou lhe contar" da sala de aula tradicional. Interação e relacionamento são essenciais.

Escola Dominical PLUS é ensino bíblico através do relacionamento.

PRINCÍPIO: O LAR É O CENTRO

O lar é o centro do crescimento do cristão, instituído por Deus.

Os pais são os principais modelos adultos da criança. Onde os pais são cristãos em crescimento, onde florescem amor e comunicação, e onde a Palavra de Deus é relacionada à vida, surgirão personalidades cristãs sadias.

Por isso: 1) Um sistema de educação cristã tem de juntar a escola dominical e o lar em um programa de ensino/aprendizado totalmente integrado; 2) os elementos do sistema devem ajudar os professores na igreja e os pais, orientando sua comunicação da Palavra de Deus com ênfase na vida e no relacionamento. A igreja local não deve deixar que seus esforços na educação mudem de um sólida base de lar e família para um ensino estéril, intelectualizado, "somente na classe".

A Escola Dominical PLUS é ensino bíblico centralizado no lar.

ELEMENTOS DO SISTEMA

A Escola Dominical PLUS tem material de orientação para 1) o professor da classe (*Guia do Professor*), e 2) para cada aluno (*Conjunto de Descobertas do Aluno*) e para os pais (*Guia de Participação dos Pais*).

O aprendizado é iniciado semanalmente na escola dominical, onde funções e atividades do professor foram remodelados para se harmonizarem com o princípio do relacionamento. Depois cada criança, de uma das seis classes, continua estudando em casa, usando o seu *Conjunto de Descobertas*. Durante a semana a verdade é relacionada à vida quando pais e filhos se envolvem em atividades e partilhar de

tempo, orientados pelo *Guia de Participação dos Pais.*

As próximas páginas lhe apresentarão os elementos do sistema, dando-lhe ilustrações de uma unidade intitulada "Deus perdoa".

ELEMENTOS DO SISTEMA NA IGREJA

O domingo de manhã reúne crianças e líderes adultos em quatro tipos de aprendizado. O *Guia do Professor* dá diversas sugestões de atividades, com orientações de uso para sessões de aprendizado de uma ou duas horas. As quatro "horas" em que a escola dominical é dividida são:

REPARTIR AMOR

Aprendendo a conhecerem e amarem uns aos outros. João 13: 34

Compartilhar vem no começo, para que as crianças saibam que elas são especiais. Para ajudar a dar um tom de relacionamento à hora, o professor também compartilha.

Aqui estão dois "quadros de conversa" para o tempo de compartilhar da lição um, sobre o perdão:

1. Seus pais já o perdoaram por alguma coisa? Como mostraram seu perdão? Como você se sentiu antes e depois de ser perdoado?
2. Você gosta de pessoas que você sabe que perdoam? Por quê?

COMPREENDER A VERDADE DE DEUS

Atividades de ensino criativas que dão sentido ao estudo bíblico. Colossenses 1: 9, 10

Depois vêm atividades que ajudam a compreender o conceito bíblico básico que está sendo ensinado. Esta ampliação da compreensão prepara as crianças para que vejam o significado da verdade bíblica — não só ouvir a verdade em palavras.

Aqui estão duas atividades da hora de compreender da lição um, sobre o perdão:

A. APRESENTAR A VERDADE

Desenvolva uma definição de perdão em termos práticos (comportamento). Faça isto tentando completar esta sentença:

ALGUÉM QUE PERDOA É...

Complete quantas frases for possível. Faça isto no grupo grande, ou divida-o em grupos menores.

Depois escreva sobre o quadro-negro DEUS PERDOA. Escolha dois da classe para ler Neemias 9: 17 e Salmo 86: 5a. Pergunte-lhes o que mais eles aprenderam sobre alguém que perdoa, e acrescente isto à lista de frases.

B. ESTUDAR A VERDADE ATRAVÉS DE ATIVIDADES

Deixe cada criança escolher uma das sentenças completas, para representá-la em um desenho ou pintura. Deixe cada uma escrever a sua frase no topo do desenho. Depois mostre-os e deixe cada criança explicar seu quadro. Exponha-os no mural, para mantê-los à vista de todo o grupo.

ESTUDAR O LIVRO DE DEUS

Verificar a verdade bíblica na Escritura. 2 Timóteo 3: 16

O grupo usa a Bíblia para ver o ensino e/ou uma ilustração da verdade estudada. Os pequenos ouvem uma história bíblica; os adolescentes estudam a passagem direto no texto. Perguntas orientam uma conversa sobre a passagem e seu significado, ajudando as crianças a ir além dos fatos, deixando-os ter um impacto sobre sentimentos, atitudes e hábitos.

O estudo bíblico da primeira lição sobre perdão aborda Lucas 15: 11-24, a história do filho perdido. Pode-se usar as seguintes perguntas para orientar a conversa:

1. Como esta história mostra que Deus perdoa?
2. Se você fosse o pai, na história, você teria perdoado o filho? Por quê?
3. Se você fosse o filho, na história, você teria esperado que seu pai reagisse assim? Como você acha que ele teria reagido?
4. O que você acha que Deus pensa de você?
5. Como você se sente agora que sabe que Deus perdoa?

RESPONDER À VERDADE DIVINA

Aplicar a verdade à nossa vida. Salmo 119: 11

A última parte consta de atividades que ajudam as crianças a responder a Deus assim como Ele revelou a si mesmo ou a Sua vontade, na Escritura.

Um exemplo de atividade da primeira lição sobre perdão, visando uma reação positiva, é esta:

1. A classe toda deve escrever uma oração de gratidão por Deus ser alguém que perdoa. Releia todas as sentenças completas (APRESENTAR A VERDADE), e decida o que você pode dizer a Deus para agradecer-lhe por ele ser alguém que perdoa.

   Depois dê a cada criança uma folha de papel onde ela pode copiar a oração que a classe compôs. Agora todos juntos podem fazer esta oração, e as crianças são incentivadas a repetir a oração durante a semana seguinte.

ELEMENTOS DO SISTEMA CONJUNTO DE DESCOBERTAS

CONJUNTO DE DESCOBERTAS

Cada criança leva para casa seu próprio *Conjunto de Descobertas,* conforme sua classe. Ele é semelhante ao *Individualized Laerning Packet* (ILP) da educação secular, e ajuda a criança a revisar e a ir adiante em seu aprendizado.

São características do *Conjunto de Descobertas:*

Alvos para o comportamento

Cada criança pode avaliar seu aprendizado por objetivos específicos que foram estipulados. Para a primeira lição sobre o perdão, o *alvo* é: QUANDO EU CHEGAR AO FIM DESTE CONJUNTO DE DESCOBERTAS, EU

1. Saberei que Deus perdoa.
2. Serei capaz de dizer versículos bíblicos para outras pessoas, e histórias que dizem que Deus perdoa.
3. Escreverei com minhas próprias palavras o que significa ser uma pessoa que perdoa.

história bíblica

O conjunto recorda a história bíblica e versículos-chave.

atividades

O conjunto sugere diversas atividades, deixando a criança escolher a que lhe interesse mais. Por exemplo, uma das atividades desta primeira lição sobre perdão é:

COM PAPAI

Faça de conta que você é um repórter de tv ou de rádio que deve entrevistar o pai da história bíblica. Se você puder, faça sua entrevista com um gravador.

Como: Reúna-se com seu pai e escreva as perguntas que um bom repórter perguntaria ao pai. Depois deixe seu pai ser o pai da história. Você, como repórter, faça-lhe as perguntas, depois deixe toda a família ouvir a entrevista.

Uma série de perguntas "será que você aprendeu direito?" no fim, que devem ser respondidas junto com os pais, e atividades em conjunto, iniciam a conversa no lar de maneira natural e fácil.

ELEMENTOS DO SISTEMA GUIA DOS PAIS

O *Guia de Participação dos Pais* mostra aos pais como falar sobre o significado da verdade bíblica da semana com seus filhos. Cada *Guia de Participação* traz:

Base bíblico/teológica

A primeira lição sobre perdão faz um levantamento do ensino bíblico sobre o perdão de Deus, além de fazer um esboço do contexto da história do filho pródigo.

Partilhar ajuda

Cada semana pais e filhos lêem juntos a passagem bíblica. Estão incluídas perguntas que incentivam uma conversa profunda sobre o texto, como estas, da primeira lição sobre perdão:

1. Como podemos saber que este pai amava seu filho?
2. Como você pode dizer que seu pai o ama? (NOTA: os pais falam de coisas que provam o seu amor pelo filho)
3. Leia novamente o que o filho queria dizer a seu pai (vv 18 e 19). Por que ele diz que pecou contra o céu? (leia Sl 51: 3, 4. O que Davi ensina sobre pecado nestes versículos?)
4. A família deve escrever em papéis diferentes as verdades que cada um aprendeu desta história, e que quer praticar. Depois todos podem dizer o que escreveram, e orar juntos.

Atividade inicial

A cada semana os pais recebem sugestões de atividades que ajudarão a fixar a verdade bíblica durante a semana. Uma atividade sugerida para esta primeira lição sobre perdão é:

Para seu filho entender que Deus perdoa você também precisa perdoar. Quando seu filho peca, ajude-o a pedir perdão a Deus. Depois leia ou diga 1 João 1: 9, e ore com ele, agradecendo a Deus por esta promessa de perdão. E diga a seu filho que você também o perdoa.

O sistema de Escola Dominical PLUS pode ser usada de três maneiras

1. Toda a escola dominical , as seis classes, adota a Escola Dominical PLUS, e encomenda *Conjuntos de Descobertas* e *Guias de Participação dos Pais* para cada lar.

2. Escolha de famílias
   Os pais inscrevem suas famílias em unidades especiais de Escola Dominical PLUS.
   A escolha de famílias envolve:
   (1) Os pais se reúnem durante o período da escola dominical e estudam a mesma lição das crianças, usando o *Guia de Participação dos Pais* como currículo.
   (2) As crianças se reúnem em uma classe de Escola Dominical PLUS, dirigida por professores treinados, ou durante a escola dominical normal ou durante uma hora adicional.
   (3) As crianças recebem o Conjunto de Descobertas, e seguem normalmente as sugestões para fazer em casa.
   Neste plano somente os pais que inscreverem sua família e concordam em tomar parte da classe para adultos podem ter filhos na ED PLUS.
3. Programa parcial
   A escola dominical usa método e currículo da ED PLUS, e deixa as crianças levar para casa os *Conjuntos de Descobertas.* Não se tenta envolver os pais ou encomendar o *Guia de Participação.*
   Qual das três maneiras sua igreja deve escolher? Isto depende da DISPOSIÇÃO da igreja.

DISPOSIÇÃO DA IGREJA

Nossa pesquisa mostra que poucos pais usarão o *Guia de Participação* se ele simplesmente lhes é enviado "para casa". Isto é ainda mais certo quando as pessoas cresceram esperando que a igreja se encarregue da educação cristã. Muitos pais cristãos hoje em dia nem sequer se importam com o crescimento espiritual dos seus filhos! Por isso a Escola Dominical PLUS não é uma solução mágica; uma "maneira fácil" de ensinar. Depende da disposição da igreja como ela será usada.

DISPOSIÇÃO nível três

Os pais assumem pouca ou nenhuma responsabilidade. A igreja tem muitos programas, atividades e departamentos, e todas as pessoas estão muito ocupadas. Os membros notam pouco de "renovação" ou "vida do corpo".

Igrejas neste nível podem escolher ou o programa de escolha de famílias ou o de estrutura (parcial). Ou começar com um grupo experimental de escolha de famílias.

DISPOSIÇÃO nível dois

Diversas pessoas se preocupam com seu crescimento espiritual e o dos filhos. Sente-se certa "renovação", mas muitas pessoas ainda não estão envolvidas nas atividades do tipo "vida do corpo".

Igrejas neste nível podem escolher a terceira alternativa, inscrevendo todos os interessados em um programa de escolha de famílias de um ano.

DISPOSIÇÃO nível um

Esta igreja está "se renovando". A maior parte dos membros está em pequenos grupos, nota-se o crescimento espiritual, alguns elementos de "vida do corpo" marcam as reuniões da congregação.

Igrejas neste nível podem ou escolher a escolha de famílias, ou estruturar toda

sua escola (crianças e adultos) de acordo com o padrão da Escola Dominical PLUS

COMO SE TORNAR UMA IGREJA DE E.D. PLUS

No momento a E.D. PLUS está em fase experimental e de embasamento. Foram feitos "cachos" de cinco ou seis igrejas em cada localidade, à média de 5 por trimestre (janeiro, abril, setembro e outubro). Estes cachos de igrejas "pioneiras" podem servir de base para expansão nacional, caso a Escola Dominical PLUS prove ter valor significativo para a Igreja.

Se você quer que sua igreja seja pioneira, converse sobre este folheto com outras igrejas em sua região, para haver se há interesse suficiente para a formação de um cacho.

Possibilidades

SIM, estamos interessados na Escola Dominical PLUS. Envie-me, por favor, o Pacote Inicial com mais detalhes sobre o que a Escola Dominical PLUS significa para nossa igreja.

Nome _____

Igreja _____

Endereço _____

Cargo na igreja _____

DADOS

A liderança da igreja foi informada sobre E.D. PLUS e se mostrou interessada

( ) Sim ( ) Não

Foi feito contato com outras igrejas da região (dê os nomes)

_____

_____

_____

Anexo relação de perguntas ( ) Sim ( ) Não

PARA: Sunday School PLUS
2026A W. Cactus
Phoenix, AZ 85029

Estou ciente que meu cheque de US$15 será cobrado somente depois de 40 dias.

3. Para encerrar esta pesquisa de alguns problemas da educação de crianças, por que você não escreve um breve parágrafo da sua própria filosofia de

um ministério com crianças? Não é necessário (óbvio) que você concorde comigo. O que importa é ter uma concepção básica do que você está tentando fazer em seu trabalho com crianças, e ser capaz de defendê-la em termos de educação e teologia. Portanto, se você for pôr no papel sua própria filosofia, você terá de escrever algo sobre o que você sabe de desenvolvimento de crianças, seu aprendizado, a natureza da Escritura, o papel dos adultos, a função dos pais, etc.

Isto não é muito fácil. Mas importante. Importante porque *o que fazemos* deve ser *defensável*. E em nossa defesa não devemos somente recorrer à tradição, ou a benefícios presumíveis, ou a pressupostos não provados, mas a concepções básicas exatamente dos assuntos que nós estudamos. E deve incluir evidências de que as teorias e práticas derivadas tem pelo menos uma justificativa experimental, além da teológica. Tente. Talvez você não goste. Mas isto *ajudará* você.

19

educação de adultos: a natureza do ministério

Há muitas razões pelas quais nosso ministério de educação deve se concentrar em adultos, como o de Jesus. Jesus recebeu as crianças... mas escolheu adultos para treiná-los como seus discípulos.

Se a Igreja de hoje quer ter um impacto como o que a igreja primitiva teve, ela precisa redescobrir esta ênfase. Ênfase em adultos. E em discipulado.

Surpreende-me que tantos livros sobre educação de adultos na igreja comecem defendendo a proposição: "adultos podem aprender". O conhecimento mais ralo do Novo Testamento deixa isto claro. Desde os primórdios o movimento cristão dependeu de converter e discipular adultos. À medida que estes conheciam a Cristo eles eram integrados em um corpo local de crentes. Ali eles se tornavam parte da comunidade que os envolvia, juntos, em um processo de transformação.

Temos na Escritura diversas descrições deste processo de educação. Por estranho que pareça, elas têm pouca semelhança com o que nós chamamos de "educação de adultos". Isto é, não há classes, currículos planejados, ou "escolas" especiais para discipulado ou preparo. Seu método é envolver na vida da comunidade: um processo de educação não formal que se distingue em maneiras definidas e significativas.

Provavelmente a primeira descrição, que encontramos em Atos 2, destaca este senso de unidade (identificação) que é tão vital na educação não formal, e também elementos específicos da vida da comunidade: o ensino dos apóstolos, a oração e o louvor dão constante ênfase em Deus.

> E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e das orações. Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos. Todos os que creram estavam juntos, e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa, e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus, e contando com a simpatia de todo o povo (Atos 2:42-47a).

Outra descrição de tempos em que os crentes se reuniam encontramos em 1 Co 14. Nesta passagem o apóstolo está discutindo excessos desta igreja, a respeito do que hoje em dia chamamos de dons carismáticos. Porém mesmo esta correção revela como as reuniões da igreja primitiva eram informais e envolventes.

> Que fazer, pois irmãos? Quando vos reunis, um tem salmo, outro doutrina, este traz revelação, aquele outro língua, e ainda outro interpretação. Seja tudo feito para edificação. No caso de alguém falar em outra língua, que não sejam mais do que dois ou quando muito três, e isto sucessivamente, e haja quem interprete. Mas, não havendo intérprete, fique calado na igreja, falando consigo mesmo e com Deus.
>
> Tratando-se de profetas, falem apenas dois ou três, e os outros

julguem. Se, porém, vier revelação a outrem que esteja assentado, cale-se o primeiro. Porque todos podereis profetizar, um após outro, para todos aprenderem e serem consolados (1Co 14: 26-31).

Uma terceira passagem sobre as reuniões dos crentes reforça a impressão de um processo informal, mas controlado pelo Espírito, no qual os adultos eram ajudados a crescer em sua fé.

> Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações, e tanto mais quanto vedes que o dia se aproxima (Hb 10: 24, 25).

Através deste tipo de processos educacionais – sem sofisticação, planejamento, currículos, salas de aula, professores treinados ou os outros elementos que nós associamos ao ensino formal – homens e mulheres da igreja primitiva aprendiam de Cristo e cresciam no discipulado, rapidamente. E com que rapidez! Em pouco tempo os gentios estavam chamando os convertidos de Antioquia de "cristãos" – um termo zombeteiro que significava "pequenos Cristos". A semelhança começara a aparecer!

Em um movimento explosivo espontâneo as boas novas de Jesus inundaram o mundo do primeiro século. Pequenos grupos de crentes, implantados por evangelistas itinerantes em culturas pagãs hostis, não só mantinham sua identidade, mas tinham também um poder tão vital que sacudiam sua sociedade! Em Éfeso o sindicato dos ourives, que fazia estatuetas de Diana, se sentiu ameaçado (Atos 19: 23-27). A história registrou que crentes nos exércitos romanos se recusavam a adorar as águias das legiões... e os generais tinham medo que a eficiência dos seus batalhões diminuísse, porque eles eram muitos. Depois de pouco mais de um século Tertuliano escrevia da África: "apesar de sermos *a maioria em todas as cidades*, não nos conduzimos desordenadamente."

O poder transformador dinâmico do evangelho se evidenciava! A grande comissão de Jesus, "ide e fazei discípulos", estava sendo cumprida.

Estes relatos bíblicos e históricos são um desafio para nós. Eles nos desafiam lembrando-nos que a fé cristã em essência é vital, reproduzindo *vida*. Desafiam-nos com metas que não servem para uma só igreja (a "grande" igreja), mas para *a* Igreja... sobrepujar e ter um impacto arrasador sobre toda a sociedade e cultura! Desafiam-nos a ver novamente o ministério educacional da igreja em termos de fazer experimentarem a transformação do discipulado.

E eles nos desafiam a reler a Escritura para repensar nossa idéia sobre quais são as implicações da "educação". Precisamos enfocar novamente os elementos essenciais de um processo educacional informal "transformador"... e depois precisamos repensar tudo que estamos fazendo na igreja local, harmonizar com a natureza e a mensagem da vida os métodos com que estamos tentando comunicar e fomentar a vida de Cristo.

a natureza do ministério

Quando pensamos no ministério educacional com crianças, é fácil sentir a falta de conceitos-chave sobre a natureza do ministério. Ministramos a crianças. No relacionamento entre adulto e criança o *ministério* é principalmente (se bem que não exclusivamente) unidirecional: do adulto para a criança.

Todavia, quando analisamos o relacionamento entre adultos retratado pelas passagens citadas (e revelado através de todo o Novo Testamento), temos um qua-

dro totalmente diferente. Aqui, entre adultos e seus líderes, e de adulto para adulto, o *ministério* é *bidirecional*! Ele é essencialmente um processo *transacional*, que envolve cada pessoa.

ministério. O conceito básico dos termos hebraico (שרת) e grego (διακονέω) para ministério fala de "servir" (de qualquer maneira) a alguém. No Antigo Testamento sacerdotes e levitas eram separados para servir a Deus através de sacrifício e culto. No Novo Testamento o termo "ministro" muitas vezes implica simplesmente em ajudar ou apoiar outra pessoa (Mt 25: 44, Lc 8: 3, Rm 15: 25, Hb 6: 10). Nestes textos as pessoas servem de muitas maneiras. Por exemplo: a sogra de Pedro, depois de ser curada por Jesus, levantou-se e os serviu preparando o jantar (Mt 8: 15). (Anjos fizeram o mesmo com Jesus depois da sua tentação – Mt 4: 11). Para Paulo, levar ajuda financeira a Jerusalém era serviço (Rm 15: 25). Mesmo a função de governo secular é considerada ministério de serviço em Rm 13: 4.

Há, sem dúvida, muitos ministérios "espirituais". O evangelismo é chamado de ministério da reconciliação (2 Co 5: 18). Edificação é outro ministério (Ef 4: 12). Há ministério da Palavra e de oração (At 6: 4). E, é claro, a igreja primitiva reconhecia um cargo de ministério (diácono): indivíduos eram separados para servir a outros de maneira específica, sendo reconhecidos como "ministros". A função dos apóstolos e dos profetas é chamada de ministério (At 1: 17, 1 Tm 1: 12).

O que se destaca nisto, sem dúvida, é que *o conceito básico que subjaz o "ministério" é servir e ajudar outras pessoas, por qualquer meio.*

dons espirituais. Este nome vem de dois termos gregos. O primeiro (πνευματικος) indica "causado pelo Espírito (divino)"; o segundo (χαρίσματος) é um presente dado de graça e pela graça. Na Bíblia os termos (às vezes juntos, às vezes separados) se referem a dons ou capacidades especiais de servir, dados por Deus a cristãos individuais. As passagens-chave sobre dons espirituais (Rm 12, 1 Co 12, Ef 4, 1 Pe 4) enumeram diversos dons, que o contexto relaciona claramente ao serviço mútuo dos crentes.

É importante observar diversas coisas acerca dos dons, em termos de serviço.

(1) *eles foram concedidos pelo Espírito*. Talvez a melhor maneira de definir um dom espiritual é dizer simplesmente que um "dom" é "a maneira de o Espírito Santo servir a outros através de você". Os dons não se baseiam em talentos ou capacidade naturais, mas dependem totalmente da posição que o Espírito confere soberanamente a cada indivíduo no Corpo.

(2) *são concedidos a cada pessoa*. A Bíblia deixa claro que cada membro do Corpo de Cristo tem pelo menos um dom espiritual (1 Co 12: 7), que lhe dá condições de servir e contribuir para o proveito comum. Uma passagem essencial diz: "Os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços (ministérios), mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos" (1 Co 12: 4-6).

(3) *o serviço de cada pessoa é essencial*. As passagens dos "dons" enfatizam o conceito de que o Corpo é uma unidade interdependente. O raciocínio de Paulo em 1 Co sublinha o fato de que a contribuição de cada membro é "indispensável" (1 Co 12: 22), pensamento retomado em Ef 4, onde o crescimento ocorre com "a justa cooperação de cada parte" (Ef 4: 16).

Assim, o ensino bíblico sobre os dons espirituais enfatiza intrinseca e explicitamente a natureza *transacional* do processo educacional da igreja. Ministério é algo que...

- envolve cada crente
- ajuda e serve os outros

- é executado por meios determinados e sustentados pelo Espírito Santo
- resulta em crescimento espiritual de indivíduos e do Corpo local.

correspondência

Este breve esboço de dois dos conceitos educacionais-chave do Novo Testamento ("ministério" e "dons espirituais") nos ajuda a ver como as descrições bíblicas da Igreja reunida são apropriadas (pp 184-185). Nestas descrições nós vemos os crentes "juntos". Vêmo-los reunidos nos pátios do templo e nas casas. Vêmo-los estudando o ensino dos apóstolos, orando, louvando. Vemos todos contribuindo – um hino, uma palavra de instrução, etc. Vemos incentivo, exortação, "um empurrando o outro" para o amor e as boas obras.

Este quadro de *reunião transacional* e de *ministério bidirecional* é totalmente apropriado se o ministério envolve cada crente usando o dom que recebeu do Espírito Santo para ajudar e servir a outros. O resultado dinâmico – indivíduos e igrejas espiritualmente maduros – também cabe se é através deste tipo de *processo* que "todo o corpo, bem ajustado e consolidado, pelo auxílio de toda junta, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor."

Este breve esboço de "ministério" e "dons espirituais", entretanto, *não* se ajusta bem ao que acontece normalmente na igreja de hoje, quando os adultos se reúnem. Não se ajusta nem com o que ocorre durante nossos cultos, nem com o que ocorre durante nossas atividades de "educação de adultos". O que acontece nestas situações na verdade viola os princípios do ministério.

	características da educação adulta normal	*características apropriadas a processos educacionais implícitos no conceito de "ministério"*
	unidirecional	bidirecional
ministério	dever do pastor ou professor	dever de cada crente
os dons são funcionais	"ensino" ou "exortação"	*todos* os dons estão envolvidos
ênfase	aprendizado cognitivo	a pessoa toda (cf 1 Co 14: 26, Hb 12: 24, 25)
essencial	somente o líder	a atuação de cada pessoa
modo	cultos formais, classes	situações formais e informais são apropriadas

Torna-se muito importante, então, não pensar em uma nova ênfase em "educação de adultos" como se fosse o planejamento de uma nova série de classes formais para adultos. Em vez disto tem de estar incluído *implantar em todas as experiências dos adultos na comunidade de fé os elementos do processo educacional que facilitam e são necessários para que haja transformação*!

conclusões

À primeira vista este capítulo parece estar convidando a uma rejeição de tudo que estamos fazendo na igreja, e a uma reestruturação de acordo com diretrizes "neotestamentárias".

É importante olhar além da primeira vista! Este convite, se alguém o fizesse, dificilmente seria realista. Todos vivemos na cultura *de hoje*. Os conceitos normais das pessoas das nossas igrejas foram desenvolvidos em processos informais que eu disse serem a chave de uma educação de "estilo de vida". De repente "mudar tudo" não é uma opção, simplesmente porque uma tal mudança radical *não poderia ser entendida ou aceita* por crentes que cresceram até ter o conceito de "igreja" que predomina atualmente.

Porém, ao mesmo tempo, dificilmente poderemos aceitar o status quo. Não podemos deixar de lado diretrizes e conceitos bíblicos somente porque as perspectivas de mudança estão distantes e diminutas. Em vez disto, o que devemos fazer, na minha opinião, é levar muito a sério os princípios bíblicos que orientam o ministério educacional da Igreja... *e começar gradualmente a integrar estes princípios na vida da Igreja* .

Eu já disse antes que nós não nos apercebemos normalmente da educação informal. O campo de referência da vida, formado de maneira informal, é o ponto de vista a partir do qual nós avaliamos, mas que raras vezes é avaliado. Esta é uma das razões porque só agora estamos redescobrindo princípios perdidos acerca da Igreja. Nossos pressupostos passados sobre a Igreja e sobre a educação eram parte do campo de referência. Quando líamos a Escritura não questionávamos o campo de referência. Simplesmente "víamos" na Escritura os aspectos do seu ensino que nosso campo de referência destacava.

Então, qual é a melhor maneira para ajudar a igreja local (e desta forma a Igreja toda) a mudar gradativamente sua perspectiva, e a desenvolver um novo campo de referência? Surpreendentemente, a melhor maneira não é ensinando explicitamente sobre a Igreja! *A melhor maneira é redefinindo conscientemente os elementos informais importantes.* É claro que o ensino explícito será parte da descoberta de identidade de qualquer igreja local. Este ensino, todavia, *deve* se dar em um contexto onde os princípios expostos estão sendo implantados. Quando os elementos informais importantes da nossa educação estão em harmonia com os conceitos de Igreja que ensinamos, *então* haverá compreensão do significado dos conceitos, e os crentes desenvolverão gradativamente uma perspectiva mudada.

Pode bem ser que a igreja de hoje precise de um novo rosto; uma reestruturação radical, para ajustar-lhe melhor o quadro bíblico da sua natureza e ministério. Mas esta reestruturação radical tem de esperar até que as pessoas e a igreja tenham sido preparadas para mudar... e este preparo é em essência um processo educacional.

O que precisamos fazer, nestes próximos capítulos, então, é analisar os elementos informais importantes de um ministério de educação de adultos com significado. Precisamos analisar os serviços e atividades da igreja que envolvem adultos. Precisamos ver como podemos mudar estes elementos informais que constituem o currículo oculto – mas mais poderoso, trazendo assim a geração atual a uma transformação mais completa.

VERIFICAÇÃO

casos,
perguntas

incentivos à reflexão,
notas adicionais.

1. Neste capítulo o autor traz ou deixa implícita diversas idéias importantes. Pode ser interessante para você comparar a lista abaixo com posições de outros livros sobre educação cristã de adultos, principalmente alguns pressupostos implícitos na posição dos livros que você for ler.
   Aqui está a lista de conceitos do autor expressados neste capítulo:
   (1) Educação dos adultos é a tarefa mais importante da igreja.
   (2) A educação de adultos deve envolver totalmente os adultos na vida da igreja – não em um "programa" ou "classe".
   (3) A educação de adultos tem como ponto central a transformação, e seu propósito essencial é "fazer discípulos".
   (4) Ela deve ser planejada primeiramente como processo educacional, não do ponto de vista do conteúdo que deve ser ensinado.
   (5) Ela faz de cada adulto um ministro, bem como alguém que é servido.
   (6) Ela ocorre quando os crentes exercitam seus "dons", recebidos do Espírito Santo, para servir uns aos outros.
   (7) Ela deve ocorrer em cada uma e todas as reuniões de crentes como Corpo de Cristo.
   (8) Sua eficiência depende do esboço do "currículo oculto" (a própria situação de ensino), no sentido de facilitar o tipo de ministério transacional descrito em outros ítens acima.
2. Toda a área de dons espirituais merece uma abordagem mais extensa. Certamente você gostará de estudá-la mais profundamente. Eu acho que existem algumas diretrizes que o ajudarão a melhorar sua compreensão, sensibilizando-o para ver coisas nas passagens sobre os dons (1 Co 12-14, Rm 13, Ef 4, 1 Pe 4) que de outro modo você pode não notar. Deixe-me sugerir-lhe as diretrizes, e depois algumas alternativas de pesquisas.

   Diretrizes
   - Os dons espirituais são capacitações para o serviço. Por isso nossa idéia de serviço deve dar cor à nossa idéia de dons e do seu uso.
   - Os dons espirituais relacionados na Escritura não são abrangentes, apenas ilustrações. *Todos* os ministérios dependem da dotação do Espírito Santo.
   - Os dons espirituais não são *institucionais*, mas *interpessoais*. É um erro confundir dom com cargo (como por exemplo o de "mestre" com professor de escola dominical"). O Novo Testamento não tem *instituições* em vista, mas relacionamento. Os dons estarão sendo usados quando adultos se relacionarem, como foi descrito neste capítulo.
   - Os dons espirituais precisam de relacionamento interpessoal para seu uso. O ministério bidirecional é essencial para um funcionamento livre dos dons.

   Pesquisa
   - Leia o Antigo e o Novo Testamento para fazer uma lista exaustiva de maneiras de servir (ajudar, ministrar) um ao outro. Esta lista se equipara à de Paulo no Novo Testamento?

- Leia com cuidado as passagens sobre os dons do Novo Testamento e faça uma análise do contexto do relacionamento em que eles devem ser aplicados. O que você acha que podemos definir como condições *necessárias* para o uso integral dos dons espirituais?
- Leia diversos livros sobre dons espirituais. Observe particularmente a maneira de os autores encararem o contexto em que os dons são usados, e as funções que os dons têm. A partir do seu estudo, que conceito cada escritor faz da igreja? E de ministério? E de educação? *A perspectiva (campo de referência) de alguém realmente faz alguma diferença significativa na maneira de entender a Escritura?*

3. Eu disse neste capítulo que nossa idéia de ministério e do processo de educação de adultos (p. e.: transformação) nos leva à necessidade de repensar e redefinir elementos importantes das reuniões de culto e estudo dos adultos.

   Uma igreja de que falei alguns capítulos atrás tentou fazer algo assim. Você pode gostar de rever suas idéias, que estão nas pp 71-87.

4. Paulo Bergevin e John McKinley (em *Design for Adult Education in the Church,* pp 65 e 66) fazem a seguinte descrição de educação formal e informal. O seu livro, que explica o Plano Indiana, propõe um processo de treinamento em grupo altamente estruturado. Analise as características contrastantes, e ponha no papel suas idéias sobre as implicações para o relacionamento.

   Que dificuldades você prevê para a tentativa de implantar um estilo de ensino informal em uma igreja típica? Como o que este autor sugere é diferente?

DISTINÇÃO ENTRE MÉTODOS FORMAIS E INFORMAIS

"Tentar distinguir entre educação formal e informal, com definições acuradas para nosso uso, é difícil. Devemos reconhecer que a distinção que devemos fazer entre os dois tipos de educação, métodos, ou maneiras de fazer a educação é possível. De acordo com o Dicionário de Educação, educação formal é 1) Qualquer treinamento de educação convencional, dirigido de maneira organizada, lógica, planejada e sistemática; por isso se diz que a educação formal termina com a escola; 2) Em sentido depreciativo, qualquer programa educativo confinado às experiências dos alunos dentro da sala de aula, deixando de fazer uso das experiências casuais e variadas dos alunos fora dela.

Métodos informais permitem ao aluno em diversos estágios participar a ponto de esclarecer, assimilar e dar sentido, imediatamente, à informação e às idéias que estão sendo estudadas. Discussões em grupo, seminários, diversos tipos de debates frequentemente são chamados de métodos informais. Já que o Plano Indiana se baseia em situações e necessidades a uma certa hora com um grupo único de pessoas, ele endossa e usa os métodos educacionais que parecem ajudar melhor os participantes a alcançar as metas de uma certa reunião.

Este programa de educação religiosa de adultos reconhece a necessidade de se manter o interesse dos alunos durante um longo período de tempo, para manter a freqüência e assim o aprendizado. Isto faz desejável o uso de diversos métodos. Nenhum método particular é usado sempre. Mudanças no ambiente físico, líderes, palestrantes, entrevistados, livros — tudo ajuda a enriquecer o programa e manter o

nível de interesse.

D. Características formais e informais

Estas listas não são exaustivas, já que o nosso propósito é apresentar algumas características muitas vezes ligadas a educação formal ou informal, para criar um conhecimento melhor destes termos. Não tentamos aqui julgar qualquer uma destas características como "boa" ou "má".

1. Características de procedimento educacionais formais com adultos.
   a. Geralmente os alunos são uma audiência, que só ouve. Sua tarefa é aprender o que é apresentado. Não são convidados a falar com freqüência. A palestra ou aula é predominante.
   b. Geralmente outros preparam o programa para os alunos.
   c. Na educação religiosa e secular a palavra "classe" é ligada a atividades formais — um professor e um grupo de alunos, que têm de estar regularmente presentes em certa hora e lugar.
   d. A palavra "escola" é usada com freqüência em atividades educacionais formais (p. e.: escola dominical, escola superior).
   e. Crédito ou alguma forma de recompensa palpável está intimamente ligado a atividades educativas na educação secular. Um certo número de horas ou créditos satisfaz plenamente uma área de estudo. Crédito também é o certificado de conclusão do curso.
   f. "Curso" é uma palavra vital na educação formal. O programa geralmente é organizado ao redor de cursos ou áreas limitadas de matérias sobre as quais se dá instrução.
   g. "Matérias", para a educação formal, é um campo particular de conhecimento organizado — como matemática ou português.
   h. O professor é o "chefe".
   i. O programa da educação formal é altamente organizado, e dura um espaço de tempo específico.
   j. "Provas", ou testes, determinam periodicamente se o aluno pode relembrar ou organizar, geralmente sob forma escrita, as informações que lhe foram transmitidas durante o curso.
   l. A avaliação do aluno pelo professor é muito importante.
   m. Geralmente há competição entre os alunos.
2. Características de procedimentos educacionais informais com adultos.
   a. Grande flexibilidade e variedade de métodos, técnicas e recursos.
   b. Na educação informal organizada, o professor ou líder age como catalisador, incentivador, auxiliador, guia ou coordenador. Ele não é o "chefe".
   c. Cada participante é professor-aluno.
   d. A participação de todos, ou do maior número possível, é vital.
   e. É necessário que todos participem idéias, experiências e informações.
   f. O trabalho ou estudo é baseado em problemas e necessidades expressados por aqueles que estão aprendendo.
   g. As matérias são meios, não fim.
   h. Um tipo de educação informal pode ser chamado de educação casual.
   i. Nós nos envolvemos porque há uma exigência ou necessidade que nós mesmos nos impomos. Nossa meta é satisfazer esta exigência ou necessidade, não obter uma nota boa.

j. Até certo grau os participantes determinam o que querem estudar; quando, onde, como, por quanto tempo estudá-lo; e quem os ajudará. Os participantes determinam em grande parte processo e conteúdo.
l. A avaliação dos participantes é de grande importância.

5. Neste livro eu estou dizendo que reconhecemos que a educação de adultos inclui *cada experiência* dos adultos na igreja. E que é essencial para este conceito a redefinição dos elementos informais de cada reunião, para promover e comunicar de maneira apropriada conceitos de natureza da igreja, pessoa e papel do crente, e todo o padrão de aprendizado de vida para vida no padrão de socialização.

A esta altura você deve estar querendo ler vários outros livros soore educação de adultos, para poder comparar as perspectivas. Por que você não escolhe dois livros da lista abaixo (ou dois outros que você conheça), e escreve um resumo curto dos princípios que cada um expressa?

Paul Bergevin and John McKinley, *Design fo Adult Education in the Church.*

Robert S. Clemmons, *Adult Education in the Methodist Church.*

John Fry, *A Hard Look at Adult Christian Education.*

Lawrence C. Little, *Wider Horizons in Christian Adult Education.*

Martha M. Leypoldt, *Learning Is Change: Adult Education in the Church.*

Roger Shinn, *Tangled World.*

Price, J. M., *A Pedagogia de Jesus,* Juerp.

Ford, Le Roy, *Cartilha para Líderes,* Juerp.

20

educação de adultos: condições que facilitam o ministério

Para nós, "ministério" é quando cada crente serve e ajuda o outro, usando os dons que o Espírito Santo dá para promover crescimento pessoal e coletivo no Corpo. Este conceito dirige imediatamente nossa atenção para o relacionamento que há no Corpo. Ministério é transacional. Ele se dá quando os crentes têm contato uns com os outros. É algo entre as pessoas.

Precisamos, então, perguntar que tipo de relacionamento é preciso ter para que o ministério seja facilitado.

Recebi recentemente uma carta de uma irmã do Canadá, em resposta a um livro que escrevi sobre o relacionamento entre os cristãos, *Becoming One in the Spirit* (Scripture Press). Na carta ela inclui um poema que ela tinha escrito alguns anos antes, que expressa algo da sua frustração em uma comunidade cristã forte onde unidade é sinônimo de conformação, e não vale a pena falar de problemas. Suas palavras refletem o tipo de situação em que *não* haverá ministério; é a antítese do que a Escritura revela sobre o relacionamento no Corpo, onde os filhos de Deus servindo, encontram sua unidade em Cristo. O que ela escreve retrata a experiência de tantos crentes de hoje.

"Aba, Pai, estás tão triste
vendo os filhos teus assim —
rosto alegre, sorridente,
escondendo o interior —
solitário, retraído...
mas por fora está gentil.

Muros cercam alto a dor,
sem falar do medo oculto,
da desconfiança mútua —
da cautela com o irmão!
É evidente a solidão;
sentimentos reprimidos,
que anseiam por surgir
em u'a comunhão sincera.

Se esforçando em disfarçar
o que tanto o peito anela...
NÃO é ilusão, NEM sonho —

Compare este poema com o que disse Carolyn, uma cristã jovem da Igreja Mariner, de Newport Beach, Califórnia: "Esta igreja é incrivelmente calorosa. Eu frequento a reunião de oração de terça-feira das senhoras, e isto significou para mim mais que qualquer outra coisa. A reunião de oração faz você se sentir parte do Cor-

po. Você sabe, eu não tenho problemas em falar com ninguém. Há tanto amor... Se alguém me tivesse falado disso há um ano atrás, eu não teria acreditado."

A diferença entre a experiência destas duas mulheres é o "x" da questão. Os muros internos, a desconfiança, a cautela com o irmão, isto isola mesmo os crentes do ministério mútuo do qual depende o crescimento. Compartilhar, sentir-se parte, a liberdade de amar e saber-se amado, tudo isto faz o contexto de relacionamento onde *haverá* ministério, e o processo de transformação.

descrições bíblicas

O Novo Testamento descreve de diversas maneiras o relacionamento característico do Corpo, que define o contexto do ministério.

amor. Este é um dos termos-chave. O "novo mandamento" de Jesus em João 13 serve de padrão para a comunidade cristã. Os crentes devem "amar-se uns aos outros, assim como eu os amei". O padrão "como a si mesmo" não é mais suficiente. No Corpo, o próprio amor de Jesus deve ser expressado através dos que participam da sua vida.

Podemos compreender o funcionamento ou comportamento do amor analisando a palavra-chave "uns aos outros", assim como aparece no Novo Testamento. Com "uns aos outros" vemos claramente o que Jesus quer dizer com a ordem de um estilo de vida amoroso. Os crentes devem levar as cargas uns dos outros (Gl 6: 1), repreender uns aos outros (Rm 15: 14), suportar-se mutuamente (Ef 4: 2), perdoar-se (Ef 4: 32), ser hospitaleiros (1 Pe 4: 9), submeter-se uns aos outros (Ef 5: 21, 1 Pe 5: 5), incentivar e motivar-se (Hb 10: 24), etc. Estas passagens, junto com a grande passagem de 1 Co 13, descrevem o clima do Corpo: um clima de tanta proximidade entre as pessoas, de tanta aceitação e confiança, que carregar cargas, perdoar, e mesmo repreender não ameaça o relacionamento.

aceitação. Outro elemento essencial ao contexto de relacionamento é a aceitação, ou, em outras palavras, a liberdade de ser o que cada um é. As organizações humanas tentam chegar à unidade exigindo conformidade (processo descrito em *Becoming One in the Spirit*). Em Cristo, diferenças de cultura, educação, raça, posição social, família, idade, opinião – até mesmo doutrina – são absorvidas em uma unidade baseada em um relacionamento com Jesus Cristo e participação mútua em sua vida.

Por isso Romanos insiste em que recebamos (aceitemos) uns aos outros, evitando julgar (Rm 14: 15). E também por isso Paulo insiste que em Cristo as grandes diferenças culturais entre judeus e gregos se tornaram irrelevantes, assim como na cruz as diferenças entre eles como que barreiras, foram derrubadas (Ef 2). A igreja está *aberta*... no sentido de que todos que conhecem a Cristo são benvindos como irmãos... aceitos *como são*, e suas diferenças são inclusive importantes para a vida e funcionamento do Corpo.

Há, sem dúvida, objeções a este ponto de vista, em termos de convicções doutrinárias. Estas objeções têm certa validade, e mesmo assim, no fundo, não têm. Sua validade está na insistência dos que levantam as objeções, de que existe Verdade, que deve ser conhecida e aceita. Sem dúvida isto é verdade. A doutrina é importante. Mas as suas conclusões (rejeitando ou insistindo em mudança do ponto de vista "verdadeiro" como preço pela aceitação) esquece que crescimento é um processo. O aprendizado leva tempo. A melhor maneira de esclarecer malentendidos é dar à pessoa liberdade para crescer, em vez de forçar um confronto com ela, em que insistimos que ele mude, mudando suas convicções ou não.

Paulo trata disto em 1 Co 8, falando da discussão doutrinária sobre carne oferecida a ídolos. Este assunto tinha sido abordado na igreja em termos de "verdade", formando-se duas alas opostas. Cada ala dizia "saber", não aceitando a outra por aquela estar "errada", e ela "certa". Como Paulo respondeu? Este é seu primeiro pensamento: "Reconhecemos que todos somos senhores do saber. O saber ensoberbece, mas o amor edifica. Se alguém julga saber alguma cousa, com efeito não aprendeu ainda como convém saber. Mas se alguém ama a Deus esse é conhecido por ele." Taylor faz uma boa paráfrase disto: "Embora ser um 'sabe-tudo' nos faça importantes, tudo quanto precisamos, na realidade, é amor, a fim de construir a igreja."

O raciocínio é claro. Todos nós temos muito a aprender. Por isso é burrice orgulhar-se do "conhecimento", e tentar impor nosso ponto de vista a outros. Isto nos fará parecer "sabe-tudos". Mas se formos ao encontro da outra pessoa com *amor*, todos juntos estaremos edificando a igreja! E tanto aquela pessoa como nós mesmos cresceremos e amadureceremos, em caráter e conhecimento! Portanto, é *vital* aceitar os outros *como são*, amá-los e apoiá-los. Somente o amor abrirá sua vida, e a nossa, para o crescimento.

Como nós parecemos burros quando atacamos um irmão mais novo na fé que tem uma idéia deturpada, mesmo de uma doutrina tão importante quanto a do nascimento virginal. É claro que lhe podemos dizer como nós cremos, e em que versículos nos baseamos. Mas também é claro que lhe poderemos dar tempo para crescer — e aprender. Podemos lhe dar amor, incentivando-o a abrir sua vida a Deus, aceitando-o e amando-o. *Isto não é renegar a Verdade.* É compreender que entender a Verdade é um processo de crescimento. É tentar criar condições para que haja crescimento, em vez de insistir em aparente aceitação de uma verdade que nós mesmos *levamos tempo* para compreender. Temos de deixar outras pessoas serem elas mesmas, aceitá-las e amá-las como são, sem insistir em um "preço" por nosso amor.

Mas, e se eles não são nem sequer irmãos, mas somente pensam que são crentes, por entenderem mal o evangelho? Nada está perdido. Amor e aceitação talvez sejam o melhor convite que podemos fazer a alguém para vir a Cristo. Alguém rejeitado por *nós* dificilmente será convencido de que Jesus está ansioso por recebê-lo!

honestidade. Com a noção de que somos aceitos vem a liberdade de sermos honestos. A frase neotestamentária "falai a verdade uns aos outros" implica em bem mais que ausência de mentiras. Ela traz em si o tipo de honestidade que deixa os outros conhecer-nos como somos, assegurando nossa aceitação por Deus e por eles, baseados na tranquilidade do amor.

Mesmo quando atacado, o apóstolo Paulo abria o seu coração para os outros, contando-lhes dos seus sentimentos e experiências interiores (2 Co 1: 3-9, 2: 1-4, etc). Ele podia dizer sem hesitar que quem se encontrava com ele compreenderia totalmente sua motivação (1 Ts 2).

Este tipo de honestidade em nosso relacionamento com outros e conosco mesmos tem como modelo oposto os fariseus. Estes homens eram hipócritas diplomados, porque estavam sempre representando. É provável que no fundo seu estilo de vida significava que eles estavam enganando a si mesmos, além de tentar enganar os outros. Digno de reflexão é o fato que Jesus foi incapaz de ensinar este grupo de pessoas. Eles tinham perdido o contato com a realidade, e viviam em seu próprio mundo fingido, isolados de tudo que poderia salvá-los.

João trata deste mesmo assunto em sua primeira carta, e ao insistir em que "andemos na luz" ele em primeiro lugar nos mostra a necessidade de sermos ho-

nestos conosco mesmos (e com outros), em relação a nossas falhas e fracassos (1 Jo 1: 1-9). Teremos liberdade para conhecer a purificação progressiva de Deus somente ao reconhecermos honestamente as nossas necessidades, e confessando-as.

Este e outros raciocínios bíblicos destacam a necessidade no grupo de crentes de um contexto em que os crentes podem ser verdadeiros um para o outro, *sabendo*, de fato, das cargas dos outros e depois *levando-as* sobre si, onde pode haver perdão quando ele é pedido, livremente.

passagens a respeito do Corpo. Outra maneira de descobrir o contexto de relacionamento que facilita o ministério é analisar com cuidado as passagens que falam dos dons. Interessante é que em todas as passagens sobre dons *é dada muita atenção ao relacionamento*! Em Romanos a referência aos dons espirituais, no capítulo 12, leva imediatamente a um tratado extenso sobre a vida em conjunto dos crentes, iniciando no versículo 9 com a afirmação: "O amor seja sem hipocrisia". Na verdade Rm 12: 1-15: 13 faz uma análise do relacionamento que deve existir no Corpo, contendo muitas afirmações e exortações, como:

"Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal" (12: 10)
"Compartilhai as necessidades dos santos; praticai a hospitalidade" (12: 13)
"Tende o mesmo sentimento uns para com os outros" (12: 16)
"Acolhei ao que é débil na fé, não, porém, para discutir opiniões" (14: 1)
"Não nos julguemos mais uns aos outros" (14: 13)
"Assim, pois, seguimos as cousas da paz e também as da edificação de uns para com os outros" (14: 19)
"Cada um de nós agrade ao próximo no que é bom para edificação" (15: 2)
"Deus... vos conceda o mesmo sentir de uns para com os outros, segundo Cristo Jesus, para que concordemente e a uma voz glorifiqueis a Deus" (15: 5, 6)

Estas são somente algumas das frases que refletem uma ênfase de todo o trecho. Onde os dons são aplicados, e há serviço; amor, participação, harmonia, aceitação, unidade, preocupação com os outros, todos são condições que facilitam, *essenciais*.

Podemos encontrar os mesmos elementos estudando as outras passagens que falam de dons e ministério! Onde o ministério é o objetivo, o contexto de relacionamento é de importância máxima.

implicações

Estas considerações nos ajudam a ver com mais clareza que, se formos implantar na vida da Igreja os processos educacionais estudados neste livro, teremos de prestar atenção inicialmente na natureza e qualidade do relacionamento que há na igreja. Vezes demais as pessoas que querem renovação tentam mudar programas e atividades, sem se dar conta da necessidade do desenvolvimento gradual de um contexto de relacionamento, pré-requisito para que os "programas" sejam eficazes!

Se tomarmos por base uma igreja "típica", onde o relacionamento é superficial, e há pouco intercâmbio entre os membros, podemos fazer o seguinte esboço das necessidades da igreja:

Primeiro ponto: preparar o ambiente

necessidades
oportunidade para contato e intercâmbio entre as pessoas.
estímulo para que os crentes se conheçam como pessoas.
desenvolvimento de uma atitude de aceitação e valorização dos outros co-

mo irmãos e irmãs em Cristo.

resultado
relacionamento de crescente confiança, dando importância às pessoas. Ponto central: aprofundar a comunhão, depois de preparado o ambiente.

necessidades
cada vez mais experiência em compartilhar o estado interior (sentimentos, experiências, valores, etc).
aumentando o foco para o viver de Cristo em nossa vida.

resultado
ministério crescente e uso dos dons no Corpo.

É importante não tentar forçar os crentes a um relacionamento característico do ponto central antes de terem crescido em áreas apresentadas no primeiro ponto. Tentar forçar um relacionamento "profundo" rápido demais assusta as pessoas, sendo contraproducente. Precisamos estar dispostos a investir tempo, usando estratégias apropriadas, para ajudar as pessoas a crescerem lentamente até estarem dispostas a se comprometerem integralmente com o ministério.

Como preparamos o ambiente? Como promovemos um crescimento gradual? Que estratégias podemos usar nos diferentes tipos de reuniões de crentes, para desenvolver um relacionamento que facilite o ministério? Os próximos capítulos deste livro estudarão estas perguntas, enquanto analisamos, não a natureza do ministério, ou as condições que facilitam o ministério, mas os elementos da educação informal em nossas reuniões que nos levarão a *experimentar* o ministério.

VERIFICAÇÃO

casos,
perguntas,
incentivos à reflexão,
notas adicionais

1. Avalie cada um dos planos abaixo, que dão uma dimensão especial da igreja em termos de contexto de relacionamento exigido para o ministério. Quais terão sucesso? Por quê? O que você poderia fazer para que as estratégias que provavelmente não se darão bem também sejam bem sucedidas?
   A. Você notou que há pouca participação nas classes de adultos da escola dominical da sua igreja. Você planeja uma série de reuniões dos professores destas classes. Em três reuniões você quer treiná-los para algo específico: fazer perguntas eficientes; dirigir uma discussão; desenvolver um plano de lições que dá ênfase na participação.
   B. Você notou que há um hiato entre os adolescentes e os adultos em sua igreja, e até conflito em alguns lares. Você planeja satisfazer esta necessidade com um retiro de famílias, do qual os adolescentes podem participar somente se trouxerem um ou os dois pais (ou um substituto adulto, da igreja). Devido à exiguidade do tempo, você planeja um estudo intensivo do assunto, com quatro palestras de 45 minutos seguidas de "grupos de ação" também de 45 minutos, em que cinco adoles-

centes e cinco adultos trabalharão juntos para fazer uma lista de "maneiras de aplicar estas verdades no próximo mês". As palestras que você preparou são: O propósito de Deus com os pais; A obediência não é optativa; Ouçamos uns aos outros; Amor é ação.

C. Você leu o livro de Ray Stedman *A Igreja Corpo Vivo de Cristo*, e está convicto que é exatamente isto que sua gente precisa. Você pede à diretoria que leia o livro, e depois propõe que um domingo por mês à noite haja uma reunião do tipo proposto pelo livro. Chegou o primeiro domingo, você anuncia durante o culto da manhã, e pede ao eletricista (membro da igreja) que instale um microfone com um longo fio.

2. Às vezes é difícil de entender que as maneiras *mais simples* de promover o intercâmbio são as mais eficientes... particularmente se aplicam o conceito de "modelo" ou "exemplo" destacado em nossa teoria educacional.

Por exemplo: ontem, em uma reunião de diretoria, discutimos o fato de que muitos adolescentes da nossa igreja vêm aos cultos da manhã (que são abertos à participação de todos), mas não se sentem à vontade. Surgiu a pergunta de como podemos ajudar estes jovens a sentir que este é o seu culto, e que eles são parte do Corpo? A resposta? Não *dizer*-lhes que eles são participantes, mas *mostrar*-lhes.

Nas próximas semanas estaremos pedindo a três membros da igreja a nos dirigirem em oração: um adolescente, um adulto de meia-idade e uma pessoa mais idosa. Alguns adolescentes contarão do seu retiro. Um dos líderes os ajudará a se organizarem (se for necessário). Tomando este tempo e fazendo este esforço de envolver os adolescentes na participação, eles se sentirão parte do Corpo, sem que seja necessário dizê-lo. Depois de algum tempo, esperamos que eles participem com mais desenvoltura e espontaneidade – algo que eu vi em outras igrejas de que fui membro.

A idéia básica aqui é fazer *pequenas* mudanças que falam muito, de maneira simples e sem alarde.

Em outra igreja onde eu fui superintendente da escola dominical, desapareceu o sentimento de progresso quando o pastor saiu. Nós tentamos mudar a ênfase de membros para *pessoas*, fazê-las sentir que Deus opera em indivíduos. Isto levou a uma pequena série em nossos cultos normais, "Deus está agindo", em que um membro da congregação era solicitado a conversar comigo sobre o que Deus fizera em sua vida durante a semana passada. Estes poucos cinco minutos em cada culto transmitiram sem palavras à congregação a importância de Deus para as pessoas, ajudando-as a procurarem dentro de si e de outras evidências da bênção de Deus. Foi um poderoso motor para a mudança – até que seis meses depois um pastor interino achou que isto lhe roubava cinco minutos da pregação, e o eliminou!

O que fazemos pode ter um impacto dramático sobre as idéias das pessoas. *Dar uma expressão simples mas concreta aos princípios pode fazer um efeito vital na vida e no contexto de relacionamento de uma igreja local.*

Dito isto, tente pensar em *cinco maneiras* de as pessoas abaixo agirem para apresentar um modelo simples de uma mudança desejada em uma igreja típica. Lembre que a esta altura não estamos tratando do nível "essencial de mudança", mas pensando na igreja local média, assim como você

a conhece. As mudanças em que você pensa devem ser algo que pode ser feito sem assustar as pessoas mas, *dentro da presente moldura*, criam o tipo de exemplo que tem um impacto sobre as idéias das pessoas em termos de comportamento apropriado naquela situação.

A. Você, como pastor, quer ajudar as pessoas a se sentirem ministros, aproveitando os cultos da manhã. O que você pode fazer sem mudar completa e radicalmente a forma do culto?

B. Você, como pastor, quer ajudar sua gente a entender que a Deus importa o que está acontecendo nas pessoas — não somente o que pode ser medido "com coletas e cabeças". O que você pode fazer, em um programa de igreja total, para ajudá-los a mudar sua perspectiva?

C. Você, como superintendente da escola dominical, quer que seus professores se entendam como pessoas que compartilham da sua fé em Cristo, e não simplesmente como transmissores de informações verdadeiras. Você pode fazer o que para ajudar a desenvolver esta idéia?

D. Você, como membro da diretoria da igreja, quer ajudar os membros da sua igreja a reconhecer a necessidade e a possibilidade de um relacionamento mais profundo entre si. O que você pode fazer para transmitir esta preocupação e ajudar outros a ver que um relacionamento mais profundo vale a pena?

E. Você, como pastor, quer ajudar sua gente a compreender que eles podem ser e são aceitos, e que ao mesmo tempo é válido compartilhar mais de si para os outros. Que caminhos você pode usar para lhes mostrar que tal abertura e aceitação é válida e valiosa?

Ao elaborar estratégias para cada uma destas situações, lembre-se que estamos nos concentrando em *formar* ações que comuniquem sem palavras, validando o conceito. Estas *ações formativas* podem ser efetuadas por um indivíduo, ou no contexto de ação institucionalizada. Por exemplo: um pastor que prega que "todos são ministros", mas retém todas as funções importantes dos cultos para si, está dizendo sem palavras à sua congregação que *ele* é o ministro. Se, por outro lado, ele inclui cada vez mais membros da diretoria e da igreja em funções ditas "pastorais" (como a oração pastoral de domingo de manhã), ele está transmitindo à congregação que na verdade ele considera todos ministros com ele.

Reunindo ensino verbal e "indicações" não verbais, estaremos mudando, a médio ou longo prazo, as idéias, de maneira gradual, crescente, e quase sem dor.

21

educação de adultos: estratégias na educação: um a um

Uma vez definido nosso conceito de ensino/aprendizado da fé cristã, e desenvolvido um conceito de "ministério" e suas situações de relacionamento, podemos estudar as diversas reuniões de adultos na igreja. E estamos prontos para definir alguns dos elementos em cada situação aos quais queremos prestar mais atenção, ao esboçarmos o currículo oculto que apóia a transformação.

É importante afirmar que nossa teologia da educação cristã permanece constante em todos os grupos etários.

É relativamente fácil reconhecer o processo de socialização que ocorre com crianças, e que elas crescem à medida que convicções, atitudes, valores e comportamento relacionados são transmitidos através de experiências comuns com os adultos com quem elas se identificam. Talvez seja também relativamente fácil reconhecer que o grosso da igreja pode aprender da mesma forma pelo exemplo da equipe de liderança. Mas muitas vezes perdemos de vista que adultos que entram na comunidade cristã pela conversão – e mesmo cristãos de muitos anos – também são discipulados pelo mesmo processo. Para *todas* as idades o modelo é essencial; é indispensável que haja um relacionamento com o modelo, em que a identificação é incentivada e ocorre compartilhar significativo da vida interior de professor e aluno; uma "vida real" é vital para experiências partilhadas, e não uma situação formal.

Observe, por favor, que ao definir estas três dimensões do processo de ensino/aprendizado eu *não* estou "deixando fora" a Palavra. O processo define *como* compartilhar o "significado para a vida" da Palavra: está implícito o fato de que a fé e a vida cristã são essencialmente bíblicas. A correspondência entre o quadro bíblico de fé e vida do crente, e o verdadeiro caráter e estilo de vida do modelo, é, sem dúvida, uma pedra fundamental da verdadeira educação cristã.

Este modelo de socialização nos ajuda a apontar exigências para a educação cristã de adultos na igreja. Estas experiências não podem ser fixadas em termos de "o que se deve saber", mas em termos de que relacionamento deve haver nas reuniões de adultos, se "o que se deve saber" deve se tornar transformador da vida! No sentido verdadeiro a tarefa da educação cristã, quanto aos adultos, é definir o "currículo oculto" das reuniões – todas – dos adultos de forma a satisfazer uma ou mais das exigências abaixo, ou incentivar a tendência em direção a isto.

As cinco exigências que o modelo de socialização precisa ver satisfeitas são:

1. Os adultos são modelo, um para o outro, das realidades que a Escritura retrata.
2. Os adultos falam sobre os termos bíblicos retratando a realidade que eles vivem.
3. Os adultos se vêem e conhecem como pessoas "como eu" (o que é essencial para que haja identificação).
4. Os adultos começam a se preocupar uns pelos outros (o que é essencial para criar o desejo de ser como o modelo).
5. Os adultos começam a falar uns para os outros da sua vida (de modo

que se perceba o significado da fé na "vida real").

Para nós, então, é importante incentivar um intercâmbio que vise a concretização de uma ou mais das cinco exigências, em cada reunião de adultos. Isto significa, em primeiro lugar, que precisamos encarar *cada* reunião de adultos como uma oportunidade de educação, e em segundo lugar, que analisemos a situação, para ver como esboçar melhor o currículo oculto, para incrementar e incentivar o tipo de intercâmbio em que as cinco exigências acima implicam.

estratégias de educação

O conceito de educação que estivemos estudando neste livro é essencialmente transacional e interpessoal. Por isso, olhando para as diversas estratégias educacionais que poderíamos adotar em termos de adultos, é útil definir as diferentes situações com base no número de pessoas e no tipo de intercâmbio que há. Em *cada situação* devemos poder trabalhar com o "currículo oculto", para facilitar o progresso de um comportamento apropriado a uma ou mais das cinco exigências.

Também é importante que compreendamos que cada uma das situações (ou estratégias, como as chamamos aqui) tem seu lugar em um ministério de educação de adultos bem esboçado. Em certo sentido cada estratégia tem algo especial e singular a oferecer, que é importante para promover transformação.

Podemos definir as estratégias e suas vantagens nestes termos:

De um a um. Esta estratégia incentiva o intercâmbio entre duas pessoas, em relação à fé. Alguns exemplos são: o tradicional "discipulado" de grupos como os navegadores, ajudar um jovem casal a viver em conjunto como unidade espiritual, encontros de dois vizinhos para conversar e orar no café da manhã, amigos que se telefonam regularmente, etc.

1 ⟷ 1	1 ⟶ 200
10 ⟷ 10	200 ⟷ 200

Quatro estratégias de educação

A estratégia um-a-um tem a vantagem de desenvolver um relacionamento íntimo, além da confiança. Em grupo alguém pode se sentir perdido; mas a dois, sua colaboração é essencial. Esta é uma das razões de as organizações evangelísticas tentarem cada vez mais levar novos convertidos a igrejas locais e pequenos grupos de estudo bíblico, mas também a "amigos" com que se encontrem semanalmente.

De um a duzentos. No diagrama esta seta aponta somente em uma direção. Geralmente as reuniões maiores da igreja terão somente ou principalmente comunicação unidirecional, do pastor ou seu substituto para o povo reunido.

Vemos isto principalmente, é claro, nos "cultos" aos domingos e em outras oportunidades. Apesar de haver meios nesta estratégia de ajudar os crentes a participarem, geralmente o sermão é o centro, e durante este período a direção é uma só.

Esta estratégia tem suas vantagens. Ela serve bem à transmissão de informações e conceitos, o que é, sem dúvida, um importante elemento da educação cristã. Estruturas cognitivas, conceitos e convicções intelectuais acerca da fé e da vida da fé *são* válidos e importantes para o crescimento cristão. Esta estratégia, porém, tem sido *usada demais* na igreja. Ela pode ajudar a satisfazer a segunda exigência (pg 200),

mas não contribui nada para as exigências três a cinco.

Não queremos eliminar esta estratégia em nossa educação cristã de adultos. Na verdade queremos realçá-la e melhorá-la definindo bem seus propósitos, valores, e como aproveitá-los ao máximo. Mas não queremos *que este padrão unidirecional caracterize todas (ou a maior parte) das nossas reuniões na igreja*! Com certeza há pouca ou nenhuma desculpa para quem adota este padrão em grupos pequenos, como a "classe", e ainda menos desculpa para quem adota o sistema de "professor indicado" nos estudos bíblicos nas casas.

Dez a dez. Este é o "grupo pequeno", permitindo a cada pessoa participar integralmente. Esta estratégia tem muitas vantagens. Seu tamanho faz com que todos se conheçam e se preocupem uns pelos outros. A intimidade em potencial aumenta as chances de ocorrer compartilhar de "vida real". Por ser informal, os indivíduos são levados a falar sobre a Bíblia e o que ela significa para eles.

Esta provavelmente é a estratégia mais poderosa para que haja ministério mútuo, pois é o lugar ideal para o modelo e identificação. Também é uma das fontes de motivação de crescimento mais poderosas, porque cada pessoa vê as outras crescerem, e o calor humano ajuda o indivíduo em sua própria luta a confiar em Deus e abrir sua vida para ele.

Duzentos a duzentos. Esta estratégia ficou famosa pelo livro A Igreja Corpo Vivo de Cristo: congregações maiores compartilham e servem uns aos outros. Esta estratégia também tem diversas vantagens. Permite aos que ainda se sentem estranhos como "ministros" a participar de maneira experimental. Ajuda a identificação com um um grupo maior, além de com os poucos indivíduos conhecidos. Amplia a visão de corpo além dos poucos que a pessoa conhece bem. Há muitos modelos de dimensões diferentes da atuação do Espírito nas pessoas.

Esta estratégia não pode substituir as outras, mas certamente ela tem um lugar importante para todas no funcionamento total da Igreja.

Resumindo: precisamos compreender, quando pensamos em educação de adultos, que *cada estratégia* tem seu valor e lugar na vivência dos adultos. Tradicionalmente a igreja se baseou na estratégia 1-200, unidirecional, para transmitir a fé e promover o crescimento. Isto foi um erro trágico. Pelas razões apresentadas nos dez primeiros capítulos deste livro, o resultado desta "estratégia única" de ministério necessariamente foi uma fé intelectualizada, vivida mais como "crença" do que como "vida". Mas isto não quer dizer que devemos rejeitar completamente esta estratégia, ou o sermão na igreja. Precisamos, isto sim, definir com cuidado a função da estratégia unidirecional, desenvolvendo-a bem para que cumpra sua função, e ao mesmo tempo criar equilíbrio, desenvolvendo também as outras três estratégias.

Como estas estratégias podem ser concretizadas na igreja local veremos nestes próximos capítulos.

um a um

O pastor de uma igreja em Indiana me contou como o ministério um-a-um se desenvolveu em sua igreja. Um dos seus membros de diretoria se aproximou dele certo dia, cheio de entusiasmo. Ele estivera lendo sobre o Bom Pastor, em João 10, e ele teve a idéia de que cada cristão era ou pastor, ou ovelha. "Pastor", ele exclamou, "acho que devemos juntar nossos pastores com nossas ovelhas!"

Juntos eles desenvolveram um plano simples. O membro da diretoria explicou seu plano à congregação, e pediu a todos que quisessem participar que pusessem seu nome em pedaços de papel, dizendo se eram "ovelhas" (alguém que preci-

sasse de ajuda) ou "pastores" (alguém que pensava poder ajudar). Dos setenta e cinco que responderam, quase todos diziam ser ovelhas. Depois de diversos telefonemas e conversas, houve suficientes ovelhas dispostas a se considerarem pastores, para que pudessem ser formadas as duplas.

Dali em diante o plano era simples. Cada pessoa recebia um breve e básico guia de estudo bíblico, do tipo "preencha a frase". Feita a lição, as duas pessoas se reuniam uma vez por semana, por uma hora, conversavam sobre suas respostas, e oravam juntos pelas necessidades de cada um. Deveriam também orar diariamente um pelo outro durante as oito semans do estudo.

Quando o pastor compartilhou isto comigo, o ministério "pastor-ovelha" estivera em andamento já por um ano. Mais de cento e cinquenta membros participavam. Na maioria dos casos aquela "hora" se expandia naturalmente para diversas horas de compartilhar e orar. Os parceiros tinham aprofundado sua intimidade, irradiando o calor do seu relacionamento para outras áreas. A prática de falar com outra pessoa sobre sua fé e vida tinha afetado também a participação nas classes, reuniões de oração e outras reuniões da igreja. Para o pastor este "programa" simples e espontâneo tinha feito mais para revitalizar a igreja e seu ministério que qualquer outra coisa, em seus dezessete anos de pastorado.

Este é um exemplo de ministério um-a-um "programado" de que eu tive conhecimento. Normalmente ele surge quando pessoas têm oportunidades de travarem conhecimento. Por isso todas as atividades que aproximam as pessoas, relacionando-as, contribui em potencial para os contatos um-a-um. Ao mesmo tempo, elementos do contexto da igreja que dão ênfase no pessoal e validade ao desejo de fazer amigos aumenta o potencial um-a-um. Em uma classe de adultos jovens de que eu era professor, em Wheaton, um ou mais casais tinham "casa aberta" para visitantes da classe junto com um ou mais outros casais de frequentadores regulares, aos domingos à tarde. Durante um trimestre por ano nós tínhamos estudos dirigidos por dois casais, que mudavam semanalmente. Estes estudos eram parte de uma série; cada casal "professor" se reunia duas ou três vezes para estudar juntos o tópico e planejar como poderiam ajudar outros membros da classe a descobrir o que eles descobriam quando era sua vez de liderar. Destas reuniões preparatórias surgiram diversas duplas um-a-um e casal-com-casal. Esta mesma classe editava um jornalzinho semanal que recordava o que tinha sido estudado em classe, com o que cada um tinha contribuído, além de sugestões para o preparo da próxima semana para os jovens casais da classe, bem como algumas brincadeiras sobre os membros do grupo. O jornalzinho não promovia diretamente as duplas um-a-um, mas ajudava a criar um clima que incentivava este e outros tipos de relacionamento.

Ainda é básico, sem dúvida, reconhecer a necessidade de liderança que oriente o relacionamento um-a-um. Os seminários geralmente desestimulam isto, para que o pastor não crie favoritismo na igreja, provocando divisões. O que não se vê, aparentemente, é que a liderança dá o tom na igreja: um estilo *impessoal* de liderança provavelmente estimulará uma igreja impessoal, e será terrivelmente destrutiva para o ministério.

Do ponto de vista da liderança, uma questão crítica provável é *com quem* cultivar um relacionamento um-a-um? Para um pastor de Elmhurst, no Illinois, a resposta foi a diretoria da igreja. Usando sua experiência nesta área, adquirida durante anos como navegador da marinha, o pastor fez crescer homens maduros através de envolvimento um-a-um constante. Mais tarde, quando ele mudou de igreja, ela não só sobreviveu três anos sem pastor – mas cresceu durante este período.

O relacionamento um-a-um tem um potencial maravilhoso para edificar e fazer crescer, seja através de treinamento planejado de líderes, ou simplesmente reunindo dois crentes, ambos nos primeiros estágios do crescimento, que compartilham e se incentivam mutuamente. Nem todos na igreja devem ou podem participar mais intensamente de um relacionamento um-a-um. Mas não há dúvida de que é deste tipo de relacionamento que muitos precisam para estimular e manter o crescimento espiritual.

VERIFICAÇÃO

casos,
perguntas,
incentivos à reflexão,
notas adicionais

1. Obtemos compreensão da função do relacionamento um-a-um na vida da igreja primitiva tanto a nível de liderança-para-um-indivíduo quanto a nível de crescimento. Para o primeiro caso o relacionamento de Paulo com Timóteo é o exemplo clássico. Para o segundo, o estilo do apóstolo de estabelecer uma nova igreja é surpreendente: ele pode recordar aos tessalonicenses: "Sabeis de que maneira... *a cada um de vós* ...exortamos..." (1 Ts 28 11).

   Procurando no Novo Testamento...

   A. Descubra tudo o que você puder sobre o relacionamento entre Paulo e Timóteo, e ponha no papel algumas implicações para os líderes de igreja de hoje.
   B. Descubra quantas "duplas" há na Bíblia. Por exemplo: Paulo e Barnabé durante anos formaram uma dupla um-a-um, diferente do relacionamento de "treinamento" que Paulo tinha com Timóteo e Barnabé com Marcos.

2. Neste capítulo eu apresentei quatro *estratégias* para o ministério com adultos, representadas no quadro ao lado. Dei também cinco *exigências* para facilitar o tipo de aprendizado que estamos visando na educação religiosa: vida-a-vida, transformando cada indivíduo.

1 ⟷ 1	1 ⟶ 200
10 ⟷ 10	200 ⟷ 200

   Releia as cinco exigências, e divida o potencial de cada estratégia para que elas sejam satisfeitas com eficiência. Em outras palavras, quantos porcento de chances cada estratégia tem de dar oportunidade a modelos, conversa sobre termos bíblicos, etc.

   As exigências, para testar mais uma vez cada estratégia, são:

   (1) Os adultos são modelo, um para o outro, das realidades que a Escritura retrata.
   (2) Os adultos falam sobre os termos bíblicos retratando a realidade que eles vivem.
   (3) Os adultos se vêem e conhecem um ao outro como pessoas "como eu".
   (4) Os adultos começam a se preocupar uns pelos outros.

(5) Os adultos começam a falar uns para os outros da sua vida.

3. Com base em sua análise acima, que tipo de equilíbrio entre as várias estratégias você acha que é "ideal" na igreja? Isto é, deve estar claro que a estratégia 1-200 pode satisfazer a exigência 2, e mesmo fazer com que o pastor sirva de modelo falando em suas pregações da sua vida e das suas experiências, mas pouco contribui para satisfazer a exigência 3, por exemplo. Isto significa que ou o culto tradicional precisa ser reestruturado para incluir alguns elementos de intercâmbio, ou as outras reuniões devem facilitar especialmente relacionamento, compartilhar, ser modelo, etc. Nesta área as duas estratégias com menos gente (um-a-um e dez-a-dez) têm grande potencial. A pergunta que então surge é qual deve ser o equilíbrio entre atividades de grupo grande e pequeno, entre "audiência" e um-a-um, para facilitar o crescimento espiritual? Devemos dedicar dez porcento do nosso tempo em conjunto à estratégia 1-200, ou oitenta?

   Por enquanto, faça a sua própria estimativa — justificando-a — além de compará-la também com outras idéias.

   Porcentagem ideal da estratégia um-a-200: _____

   Porcentagem ideal da estragégia dez-a-dez: _____

   Porcentagem ideal da estratégia 200-a-200: _____

   Porcentagem ideal da estratégia um-a-um: _____

4. Testar a teoria sempre é importante na educação cristã, como também estabelecer uma *linha básica*. Com isto eu quero dizer, obter informações exatas sobre o padrão de comportamento atual, a situação atual, antes de pensar em mudar ou agir. A dimensão de testar a teoria entra quando checamos a situação existente e seu impacto contra o que a teoria diz que será o impacto de um certo padrão.

   Por exemplo: vamos fazer de conta que estabelecemos a seguinte linha básica acerca de uma igreja local:

linha básica, informação

90% dos membros estão na "igreja" somente quando mais de 150 pessoas também estão presentes. Todas as "reuniões da igreja", exceto a reunião de oração, são realizadas no auditório. A reunião de oração, no salão, também é uma atividade de grupo grande, e as cadeiras são colocadas em fileiras. Há três classes de escola dominical de adultos, frequentadas por dezessete porcento, mais ou menos, dos membros da igreja. Nelas predomina um padrão unidirecional de comunicação. Leigos não participam dos cultos, exceto o dirigente dos hinos, e a pregação do pastor é doutrinária. (Nos últimos seis meses, de acordo com o boletim, 85% dos sermões foram "expositivos", e os sermões tópicos do período da Páscoa tratavam da autenticidade da ressurreição). Os últimos quatro sermões continham somente nove referência pessoais, nenhuma falando de fraquezas ou necessidades, ou demonstrando vulnerabilidade. A única atividade de "grupo pequeno" (dez-a-dez) são as reuniões de diretoria e departamentos,

para tratar da administração, e não há intercâmbio pessoal. A ênfase está nos problemas administrativos, e como resolvê-los. Durante os últimos três anos, catorze pessoas foram acrescentadas ao rol de membros: três por conversão (Cruzada Billy Graham), oito por transferência, e outros três eram filhos de membros da igreja. A média de freqüência da escola dominical tem sido constante neste mesmo período. Visistas às classes e perguntas aos professores sobre como eles entendem seu ministério, evidenciaram que predomina um padrão "escolar" de transmissão de convicções.

avaliação teórica

Com estas e outras informações básicas, nossa teoria diria que nesta igreja há pessoas que nada sabem de um processo com modelos. As pessoas podem considerar outras "mais perfeitas" do que elas, dificultando auto-revelação e intimidade. Pouca intimidade, pouco amor e percepção de ser amado, pouquíssima participação na vida dos outros. Provavelmente estas pessoas também falam sobre a Bíblia em ocasiões "religiosas", com uma orientação cognitiva, em contraste com compartilhar do que a Escritura fala a indivíduos pessoalmente.

testando a hipótese

Fixada a linha básica, acrescida de um quadro feito por nossa teoria sobre o relacionamento e crescimento provável, podemos testar nossa teoria e conceito. Hipoteticamente as condições esperadas se revelariam quando:

(1) Os membros da igreja alistam várias maneiras em que eles se vêem como sendo *diferentes* do pastor, e não *iguais.*

(2) Os membros da igreja não sabem dizer o nome de ninguém quando perguntados: "Que pessoa me conhece realmente como eu sou?" (resposta previsível — Deus!)

(3) Os membros da igreja chamam os outros de "pessoa fora da minha família com quem converso mais vezes" — sem saber dizer sobre o que conversaram na última semana, ou de que forma a pessoa está vivendo ou crescendo espiritualmente.

(4) Os membros da igreja, falando de si mesmos, geralmente revelam um auto-conceito fraco, e não se vêem como pessoas "mornas" *se* outros membros os têm como cristãos "dedicados".

(5) Os membros da igreja mais envolvidos no trabalho e nas atividades da igreja percebem mais que a igreja está fria e inamistosa do que os membros "de domingo".

Podemos continuar, é claro, e dar muito mais indicadores possíveis, inclusive coisas como "as conversas depois do culto *não* mencionam Deus ou o assunto do sermão", etc.

análise do resultado

Depois de testar com diversas hipóteses nosso conceito da igreja, podemos descobrir uma de duas coisas. Nossa teoria está provada, e os indicadores revelam fracasso nas cinco áreas de exigência para uma educação de adultos eficiente. Ou os indicadores contradizem nossas expectativas! Neste caso temos de voltar e descobrir por que. Há diversas possibilidades. Em

primeiro lugar, nossa teoria pode estar errada. Se em diversas igrejas nossos indicadores contradizerem nossas expectativas, podemos questionar nossa teoria. Mas esta não é a única razão possível. Em segundo lugar, podemos ter esquecido algo importante ao fixarmos a linha básica. Por exemplo: Digamos que nossos indicadores comprovam o que esperávamos para os homens, mas contradizem as expectativas para as mulheres. Conversando com elas descobrimos que por trás da organização formal há uma "igreja oculta". Os homens dirigem a organização, mas a esposa do pastor trabalhou durante dez anos de maneira informal, um-a-um. Está constantemente telefonando, visitando, dirigindo "clubes femininos" informais, onde a Bíblia é o centro, e todas podem compartilhar. Houve um ministério educacional "subterrâneo" – sem nome ou reconhecimento! – resultando em transformação, e satisfazendo as cinco exigências. *É provável que em muitas igrejas locais existam uma ou mais "igrejas ocultas", que nem a liderança administrativa da igreja, nem os próprios membros reconhecem*! Em terceiro lugar, é possível que nossos indicadores não sejam apropriados. Em quarto lugar, é possível que os testes que escolhemos se baseiem muito nas *percepções* dos membros. Por exemplo: tome o quinto ítem da pg. 206. Às vezes uma igreja é considerada "quente" ou "amistosa" por pessoas que não têm padrão com que medir! Ou, como no ítem 4, pode ser que para os membros a igreja é tão insignificante que seu senso de identidade e auto-conceito está ligado a outro grupo, onde são bem recebidos e conceituados.

A conclusão de tudo isto é dupla. Por um lado, avaliação e testes são importantes para validar nossos conceitos e idéias. Por outro, avaliação e interpretação de resultados de testes não é um processo simples.

Dito isto, eu ainda gostaria que você dedicasse algum tempo, a esta altura, para testar sua própria teoria! No ítem 3 da VERIFICAÇÃO (pg 257), você distribuiu porcentagens "ideais" para as estratégias do ministério com adultos. Que tal traçar agora uma *linha básica* da sua igreja, ou de uma próxima? Depois, com base nestas informações e no equilíbrio ou não que elas tenham com sua situação "ideal", veja se você consegue determinar indicadores testáveis da satisfação ou não das *exigências.* Se suas hipóteses são contraditas, descubra por que. Se não, reflita um pouco sobre o que isto significa para a vida e o futuro da igreja analisada!

Eu, pessoalmente, estou convicto de que *temos* de trabalhar com cuidado e consciência, desenvolvendo estratégias que resultarão em crescimento de adultos, natural, espontâneo, e quase "não planejado". *Não precisamos* encarar a educação de adultos simplesmente como desafio para inventarmos algumas classes a mais e criarmos mais alguns currículos.

5. Voltemos agora à estratégia um-a-um. Trago aqui diversas maneiras de você estudar e aprofundar sua compreensão deste método.
   A. Faça uma lista de todas as "duplas naturais" de que você lembra, para um possível relacionamento um-a-um. Por exemplo: marido/esposa, pastor/membro da diretoria, vizinhos, etc.
   B. Pense em pelo menos cinco maneiras de desenvolver crescimento, em cada "dupla natural".
   C. Pense em pelo menos cinco maneiras de ajudar as pessoas a reconhecer o valor do relacionamento um-a-um.

D. Consiga informações sobre os Navegadores, Sepal e outros grupos, e o que eles desenvolveram em termos de discipulado um-a-um.
E. Leia guias de estudo à sua disposição que poderiam ser usados em um programa pastor/ovelha como o que descrevemos neste capítulo. Que critérios você usaria para avaliar estes guias? Pelos seus critérios, que material é mais apropriado?

N. Trad. Para mais informações, leia o livro "Melhor é serem dois", do Dr. Hans Bürki, ABU Editora; e/ou "Plano Mestre de Evangelismo", de Robert Coleman, Ed. Mundo Cristão.

22

educação de adultos:
estratégias na educação: o pequeno grupo

Hoje em dia muitos consideram o pequeno grupo "a resposta" para a igreja. Certamente o movimento neste sentido é significativo na cristandade. Criar oportunidades para crescimento e compartilhar em grupos menores e mais íntimos é parte essencial da estratégia que precisamos adotar, ao estruturarmos a igreja para o ministério para e por adultos.

"Grupos pequenos", porém, não são a resposta. Às vezes podem ser até contraproducentes!

O termo "grupo pequeno" é problemático. Ele tem tantas conotações diferentes para os cristãos, desde noções negativas como "célula" e "grupo sensível" até a "reunião de oração nas férias", altamente positiva. Por isso é bom dizer imediatamente que somente um fator define um grupo como "pequeno": seu tamanho.

Mesmo o tamanho nem sempre é um fator constante. Muitos livros seculares dizem que cinco é o número ótimo de pessoas para um grupo pequeno. A maioria dos autores cristãos, falando de grupos de serviço, mencionam dez ou doze pessoas. Eu participei de um grupo em uma casa que começou pequeno, mas que manteve o clima de relacionamento que faz parte do grupo pequeno até contar com quase quarenta pessoas. Importante no tamanho do grupo parece ser seu potencial para criar um relacionamento mais íntimo que um grupo maior, onde o indivíduo se perde na massa. O grupo pequeno não é um meio de reduzir um indivíduo como alguém de um "grupo", como alguns acham; ele tem um grande potencial para usar e realçar a força do indivíduo, muito mais que as costumeiras reuniões da congregação, onde ele se perde.

Para nosso propósito aqui o número ideal de pessoas para o grupo pequeno possibilita e incentiva a participação total de cada indivíduo. Se você quer se fixar em um número médio, provavelmente o mais aceito é dez ou doze.

Todavia, agora que dissemos que somente o tamanho deve ser o critério do "grupo pequeno" de cristãos, temos de continuar para observar que o *propósito de reunião do grupo* terá o maior impacto sobre sua maneira de funcionamento, e se as exigências da educação cristã de adultos que podem ser satisfeitas melhor em grupo pequeno, de fato o serão.

Aqui, por exemplo, há alguns tipos de grupos pequenos que poderemos encontrar na igreja local.

Grupos de trabalho. O departamento de educação cristã se reúne para planejar seu programa, currículos para os que não podem ir, decidir o que fazer com crianças que são um problema para a equipe, e ouvir os lamentos da sra. Jenson sobre o material da terceira classe de escola dominical, e sua insistência no uso de um outro currículo.

Ou os diáconos se reúnem para falar sobre finanças, avaliar o relatório do departamento de manutenção do edifício ou do sistema de aquecimento, e estudar a necessidade de três ônibus, agora que o racionamento de gasolina reduziu seu uso.

Grupos de oração. Meia dúzia de "fiéis" vêm sábado de manhã à reunião de oração com o pastor.

Nossas reuniões de oração de férias são realizadas durante seis semanas antes da campanha evangelística local, nas casas dos diáconos.

Grupos de estudo. As classes de escola dominical dos adultos são divididas seletivamente, com uma média de quinze alunos em cada uma. Os assuntos estudados são: Acontecimentos da Segunda Vinda, Como a Bíblia Chegou a Nós, Cristologia, e o Cristão e a Política.

O pastor tem uma classe para novos convertidos, para os que querem ser membros. Ele aborda doutrinas básicas da salvação e da vida cristã, organização e regras da igreja, etc.

Os Bronsons ficaram entusiasmados com o último livro de Hal Lindsey, e reúnem cinco outros casais para ler e discutir por doze terças-feiras à noite, em sua casa.

Lou e Ellen colecionam fitas cassete; regularmente um grupo fica uma hora e meia, sábados à tarde, na casa deles ouvindo os melhores extratos que Lou escolheu dos sermões, classes, e músicas que ele ouviu durante a semana.

Grupo de terapia. Aos sábados, das sete da noite à meia-noite, o jovem pastor-auxiliar se reúne com os nove divorciados da igreja, para uma sessão de terapia. Cada um fala dos seus sentimentos e necessidades, e se ajudam mutuamente com conselhos e amizade.

Grupos de crescimento. Três pequenos grupos se encontram durante a semana, em casa. Seu objetivo principal é crescer como cristãos. Eles gastam umas três horas em conjunto, intercalando compartilhar com estudo bíblico e oração.

Grupos de ação. Os universitários planejam e executam projetos evangelísticos, inclusive viagens à praia para testemunhar, duas ou três "aulas" no colégio local, etc.

Semanalmente os três líderes da Brigada de Serviço Cristão se reúnem para planejar reuniões e atividades para os rapazes que participam deste ministério.

Cinco senhoras da igreja começaram a se preocupar com diversas famílias do bairro pobre. Elas se encontram para planejar ajuda prática às famílias, e escrevem cartas a políticos, fazem petições, escolhem programas do governo que estão disponíveis, e fazem o que podem para despertar a consciência da cidade.

Diversos homens organizaram uma banda, que agora toca regularmente durante os cultos da noite. Eles ensaiam toda terça-feira à noite, na igreja... às vezes demorando mais do que agrada às suas esposas!

A sra. Evans teve muitas dificuldades para reunir um pequeno grupo de mulheres que ajudem as enfermeiras nos hospitais. Ela as convoca com freqüência, e muitas vezes consegue algum médico ou enfermeira para fazer palestras e demonstrações.

Estudos bíblicos evangelísticos. Carla e Ken pediram ao seu professor de escola dominical para dirigir estudos bíblicos evangelísticos em sua casa cada semana, para alguns amigos de antes da conversão. O professor prepara cada lição do evangelho de João, dá a cada visitante um Novo Testamento sublinhado, e estuda com eles durante uns quarenta minutos, antes do lanche.

Experiências de grupos-T. O jovem professor Jenkins, do colégio local, usa o método NTL de treinamento em grupo, e começou um grupo-T (na maior parte casais jovens) que usa a estratégia do Plano Indiana. O grupo trabalha com sentimentos aqui-e-agora, conversa sobre seus sentimentos sobre si e os outros, e quer desen-

volver uma sensibilidade para com outras pessoas que irradie para as outras situações em que eles se encontrem.

Grupos pequenos? Sim... já há *muitos* grupos pequenos funcionando nas igrejas. Mas os propósitos diferentes têm um impacto dramático sobre o relacionamento que surge dentro do grupo — e sobre seu impacto educacional, em termos de transformação progressiva dos seus membros.

valores em potencial

O significado dos grupos pequenos na igreja é simplesmente este: eles criam uma situação ótima para satisfazer todas ou as principais exigências da educação na "socialização" eficiente!

É mais fácil conhecer as pessoas pessoalmente em grupos pequenos. Todos podem ser conhecidos; ninguém fica perdido na massa. A maioria das pessoas acha mais fácil compartilhar e participar em grupos pequenos do que em grandes: eles incentivam a auto-revelação. Em grupo pequeno também é mais fácil ver as virtudes e fraquezas, individuais, incentivando a identificação com outros "como eu". Conhecer os outros é um processo, que é mais rápido em grupos pequenos do que em grandes, porque a confiança entre os membros se desenvolve com mais rapidez.

É mais fácil cuidar de outras pessoas no grupo pequeno. O amor na prática é um dos resultados de conhecer outros. Muitas vezes grupos pequenos levam os indivíduos a se encontrarem e conversarem fora do grupo, aprofundando o relacionamento.

É mais fácil participar da vida dos outros em um grupo pequeno. Este compartilhar pode ocorrer quando membros do grupo agem juntos na vida diária. Ou pode ser substitutivo: simplesmente contando experiências da própria vida, vendo os outros como participantes integrais dela.

Os mesmos fatores fazem com que os membros sejam modelos bem mais rapidamente uns para os outros. O modelo tem impacto quando todos se conhecem e zelam uns pelos outros, estabelecendo identificação.

Por fim, falar da Escritura e de como ela é real na vida da gente depende em grande parte deste relacionamento onde a confiança permite que haja honestidade no compartilhar e na interação.

Grupos pequenos de crentes na igreja criam um contexto para o ministério que transforma *em potencial,* mas não têm este impacto necessariamente. Tamanho não é garantia de intimidade ou calor. De fato, é possível (e provável) que a participação da maior parte dos membros de uma igreja em um ou mais grupos pequenos *diminuirá* o potencial para transformar, *se estes grupos pequenos mantêm uma atmosfera formal e impessoal*!

Particularmente importante, então, é que seja dedicado tempo e esforço para criar um clima caloroso, em que todos participem, em todas as reuniões menores da igreja.

Hábitos úteis e prejudiciais. Existem diversos hábitos que geralmente aumentam o formalismo e diminuem a intimidade de pequenas reuniões. Tomemos por exemplo uma reunião de diretoria da igreja, contrastando duas situações verdadeiras.

* Pede-se por ordem na reunião, e o secretário lê a ata do mês anterior, que é aprovada. O presidente distribui a ordem do dia, e começa a reunião com oração. Da ordem do dia consta a compra de equipamento para o "centro de estudos" do departamento dos primários, na escola dominical, discussão

da sugestão do pastor de que os membros sejam agrupados geograficamente e que os membros da diretoria aceitem responsabilidades "pastorais" para sua área, discussão da revisão da finalidade do departamento de educação religiosa para limitar e destacar suas áreas de responsabilidade, e a leitura de relatórios dos departamentos de planejamento e construção, permanentes. São feitas diversas propostas, que a diretoria debate, votando depois. O presidente segue um manual para dirigir a reunião. No fim, alguns são convocados para orar. Em toda a reunião não foi feito menção de assuntos pessoais, e as informações eram centralizadas em termos de discussão lógica e sequencial de assuntos e idéias.

Esta diretoria se reúne regularmente todos os sábados, das 7 às 10 horas. O tempo em conjunto começa com meditação, e cada membro compartilha suas experiências da semana, e quaisquer necessidades que tenha. A conversa passa da Escritura (que é estudada às vezes para enriquecimento pessoal dos membros, ou para esclarecer um problema que a igreja enfrenta ou irá enfrentar) para necessidades individuais dos membros e avaliação dos aspectos da vida da igreja, até as necessidades coletivas. O tempo em conjunto também inclui meia hora de oração. Os assuntos administrativos não são votados friamente; a diretoria discute e ora sobre eles. Quando toma uma decisão (às vezes depois de semanas e até meses de conversas e oração), esta é unânime, considerando todos os sentimentos, atitudes, valores e a lógica em que o assunto implica.

Nesta descrição de dois tipos de relacionamento entre membros de diretoria, é evidente que no segundo o clima pessoal é constante, e que *as decisões são tomadas no contexto do ministério mútuo dos membros da diretoria.*

Isto não quer dizer que a segunda diretoria tomará sempre decisões certas, e a primeira erradas. Quer dizer que o clima pessoal e de ministério da segunda diretoria *facilita ministério e transformação.* A longo prazo o impacto desta diretoria sobre a vida da igreja toda será muito maior, porque estes homens estão se transformando em melhores modelos da vida da fé, como equipe, estão se transformando em melhor modelo do Corpo!

Em termos de educação – e a principal preocupação da educação cristã, e da Igreja, é transformação – a primeira diretoria é ineficiente, e terá um impacto *negativo* sobre a vida da igreja. A segunda é eficiente, e terá um impacto positivo sobre a igreja, promovendo o crescimento.

Que hábitos específicos fazem com que a primeira diretoria seja ineficiente, inibindo o ministério, em vez de facilitá-lo?

(1) Formalismo. Os manuais que existem para orientar reuniões administrativas ajudam a tratar de "negócios", e não de "sentimentos" e de "assuntos pessoais". Para uma situação formal, o compartilhar, relacionamento pessoal com Deus, etc., não são válidos. (2) Votar. Isto tende a polarizar as opiniões. Apresentar um assunto, acrescentar argumentos, tentar ganhar mais um voto não incrementam a cooperação nem valorizam o outro, seus sentimentos e opiniões. Depois de algum tempo surgirão dois ou mais "partidos", e em vez de identificação mútua ser destacada, crescerá um sentimento de "diferença" entre as pessoas. (3) Liderança formal. Normalmente a liderança de um cargo ou uma pessoa inibe o desenvolvimento do estilo de relacionamento de grupo. Um chefe que comanda a reunião e controla seus processos dá ao grupo um senso de estrutura e segurança, e é eficiente quando se trata de negócios. Mas perde sua utilidade quando se trata de educação (ministério). Deixando os

cargos de liderança ser preenchidos por diferentes membros do grupo de acordo com os dons de cada um e as exigências da situação é muito melhor. Por exemplo: na diretoria em que eu sirvo Rod nos "dirige" no compartilhar e na parte pessoal, enquanto eu "lidero" mais facilmente quando se trata de analisar problemas ou possíveis alternativas de ação.

Cada um destes fatores terá seu impacto sobre o tipo de assunto que será tratado (pessoal/impessoal) na diretoria. Até onde este comportamento em reuniões de grupos pequenos reforça o padrão formal e impessoal, ele é prejudicial, e deve ser mudado. *Existem* alternativas práticas para chegar aos objetivos de cada padrão formal de comportamento no grupo. Normalmente estas alternativas gastarão mais tempo. Mas ao mesmo tempo elas ajudarão o grupo pequeno a crescer no ministério, contribuindo direta e decisivamente para a qualidade de vida de toda a igreja.

VERIFICAÇÃO

casos,
perguntas,
incentivos à reflexão,
notas adicionais

1. *Fontes.* Os cientistas behavioristas e muitos religiosos estudaram muito esta área dos "grupos pequenos". Há muitos livros de experiências e relatórios, detalhando o assunto muito mais do que este livro poderia.

   A maior parte dos livros trata dos grupos de encontro, ou de terapia. Dois livros recentes da Jossey-Bass, Inc., Publishers, de São Francisco, fazem uma boa pesquisa do assunto e trazem uma bibliografia útil:

   Arthur Burton (ed), *Encounter,* 1970.

   Lawrence N. Solomon e Betty Berzon (eds), *New Perspectives of Encounter Groups,* 1972.

   Um livro típico das obras cristãs nesta área é o excelente *A Arte de Compreender-se a si Mesmo,* de Cecil Osborne (JUERP, RJ).

   Outra linha é a do grupo T, que tenta desenvolver em participantes de grupos pequenos intensivos sensibilidade pelos outros, provocando um intercâmbio mais livre de sentimentos e idéias. Um livro mais antigo de Leland Bradford, Jack R. Gibb e Kenneth D. Benne (John Wiley & Sons, New York, 1964) continua sendo uma ótima orientação. Bergevin e McKinley *(Design for Adult Education in the Church)* reflete esta linha na educação religiosa cristã.

   Dissemos nos primeiros dez capítulos que existe uma linha na educação que acha que "dinâmica de grupo" terá um impacto positivo sobre o aprendizado. Muitos livros cristãos trazem em si esta idéia. O livro *Learning is Change*, de Martha Leyboldt (Judson Press, Valley Forge, 1971), dá muitas idéias práticas do "como" nesta área.

   Ainda há diversos livros que dão ênfase no compartilhar como estratégia de crescimento individual e coletivo em Cristo. Três que se destacam são:

   Robert C. Leslie, *Sharing Groups in the Church* (Abingdon Press, Nashville, 1971).

   Robert Arthur Dow, *Learning Through Encounter* (Judson Press, Valley Forge, 1971).

Larry Richards, 69 *Ways to Start a Study Group* (Zondervan, Grand Rapids, 1972).

Estas poucas linhas mostram que há muitas fontes disponíveis, muitos pontos de vista diferentes representados. Em muitos seminários e institutos bíblicos cursos de dinâmica de grupo e experiências em grupo fazem parte do currículo. Quem estiver familiarizado com o assunto, porém, dirá que este capítulo não dá atenção suficiente a ele. Isto é, que em cada *reunião pequena* na igreja não somente é apropriado mas também necessário *organizar o funcionamento do grupo de maneira a facilitar o ministério dentro do grupo*!

O perigo de *institucionalizar os processos de ministério* é grande, isolando-os da vida real da comunidade cristã. O líder de educação que reconhece a necessidade de melhorar o clima de relacionamento na igreja, e começa imediatamente com "grupos pequenos" (institucionalizando e isolando o "compartilhar" dando-lhe um valor especial no "grupo pequeno" que ainda não tem nos outros grupos da igreja) não compreendeu a força penetrante do currículo oculto, e provavelmente *reforçou* o comportamento impessoal em outras reuniões que não de "grupos pequenos"!

2. *Estratégia.* O último parágrafo acima mostra que é vital fazer valer as cinco exigências da socialização nos grupos já existentes na igreja. *Não* é suficiente "começar pequenos grupos", apesar de isto fazer parte da estratégia geral, que afeta todos os grupos pequenos e a igreja toda.

Precisamos, então, começar com a convicção de que *ministério intergrupo* não prejudica, mas ajuda *qualquer* grupo pequeno a realizar suas funções! Grupos de tarefa, grupos de oração, diretorias, etc, todos terão mais eficiência, e não menos, se os seus membros ministrarem uns aos outros.

Os grupos pequenos da Igreja da Trindade, em Seattle/Washington, são organizados ao redor de módulos de ação ou ministério. Os membros saem de si para servirem aos outros. Mas isto não quer dizer que o ministério é planejado quando eles se reúnem; o ministério vem antes!

Mary, que lidera um grupo de ministério em uma classe bíblica, conta o que acontece em uma reunião de diretoria, quando as mulheres se reúnem para planejar o próximo mês: Bem, somos mais ou menos sete, e nos encontramos em minha casa, geralmente. Tomamos café — uma vez eu esqueci de fazê-lo. Falamos um pouco sobre coisas que estão acontecendo nas nossas famílias, damos um bom tempo para oração umas pelas outras, e por pessoas da igreja que têm problemas. Depois passamos aos detalhes práticos de planejar reuniões e encontros, como você sabe.

Gary, um piloto que desenvolveu um ministério com garotos que já ultrapassa o âmbito local, tem a mesma idéia: "Para mim, as reuniões de diretoria são mais do que a administração. São horas de comunhão, onde aprendemos uns dos outros, do que Deus está fazendo na vida de cada um, e dos problemas. É mais comunhão do que administração.

O educador que quer fazer com que o currículo oculto promova o ministério e produza transformação tem por objetivo principal esta atmosfera, e como desenvolvê-la nos grupos pequenos da igreja.

3. *Implantação.* Como ajudamos os membros de grupos pequenos na igreja a aprender a agir de maneira interpessoal, servindo? Das idéias abaixo esco-

lha uma que você acha ser mais útil ou produtiva, e a menos eficiente para alcançar este objetivo.

A. Planeje um retiro que você...
   (1) Define as responsabilidades de cada grupo pequeno.
   (2) Planeja reuniões "preparatórias" para cada grupo, que têm dez horas de participação.
   (3) Involva os membros de cada grupo em atividades para edificação do relacionamento com outros membros que trabalham juntos nesses grupos.

B. Ajude os membros de todos os grupos de tarefas a redefinir suas funções, para dar validade ao relacionamento de ministério...
   (1) Dando a cada membro de um grupo um livro sobre ministério.
   (2) Reunindo-se com o grupo durante suas primeiras seis reuniões, para colocá-lo no caminho certo.
   (3) Reunindo-se regularmente com os líderes dos grupos da igreja, para ensinar-lhes como levar um grupo a servir.

C. Incentive um relacionamento informal dentro do grupo,
   (1) Promovendo encontros de famílias que participam dos vários grupos, para comunhão.
   (2) Ajudando os líderes a assimilar métodos informais para realizar tarefas geralmente feitas de maneira formal (voto, ordem do dia, etc).
   (3) Começando um tempo regular "antes das reuniões", no qual haverá compartilhar e estudo bíblico, antes de serem iniciadas as atividades "regulares".

D. Concentre-se em estratégias de mudança a longo prazo,
   (1) Incentivando um relacionamento de serviço na diretoria da igreja, na esperança de que seus membros (que também participam de grupos pequenos) influenciem os grupos.
   (2) Planejando uma lista limitada para uma classe de "prática de comunhão" de oito semanas. Ensine tantos membros de grupos pequenos quanto for possível no relacionamento, e mostra implicações específicas para outros grupos pequenos.
   (3) Durante três meses dirija um estudo bíblico específico antes de todas as reuniões, também de departamentos.

E. Relacione outras maneiras de ajudar grupos pequenos a alcançar os objetivos desejados.

4. *Análise.* Em um sentido, as cinco exigências discutidas no capítulo 21 estão relativamente claras. Ao participarmos de um grupo pequeno notaremos logo sua presença ou ausência.

   Há outros indicadores que podem definir situações em que o ministério se desenvolveu ou não. Abaixo estão alguns dos parâmetros ligados a isto, e um mapa no qual podemos ver comportamentos que facilitarão mais ou menos o surgimento de relacionamento de ministério.

Fator	menos provável	mais provável
Tempo	1 hora	3 horas
Freqüência	mensal	semanal
Liderança	formal, eleita	informal todos participam
Processo de decisão	voto	consenso
Procedimento	agenda formal regras formais	agenda aberta, nada de regras formais
Contatos entre os membros, fora das reuniões	raros	frequentes
Estabilidade do grupo	rotativa média um ou dois anos	não rotativa média de três anos para mais
Abertura do grupo	membros novos raros	membros novos frequentes
Funcionamento do grupo	administrativo. tarefas	ênfase pessoal ou "ministerial"

5. Eu, pessoalmente, gosto de formar muitos grupos na igreja com o propósito claro de crescimento. Descrevo este tipo de grupo com mais vagar em meu livro *69 Ways to Start a Study Group* (Zondervan), e um do qual eu mesmo participo, estou usando como ilustração neste texto.

Muitas perguntas surgem sobre como funciona a *liderança* neste grupo. "Quem ensina? Quem é o líder?" Em certo sentido eu lidero o grupo. Mas muitos outros também são líderes. Para que o grupo fosse bem sucedido contribuiu muito a eliminação do "professor"; todos os membros ensinam e aprendem um dos outros. Isto foi fácil de conseguir: é só incumbir todos os membros do *preparo*. Em vez de ter um "professor" que prepara a "lição", cada pessoa do grupo estuda um trech bíblico e tenta aplicá-la em si mesmo antes da reunião. E durante as reu ões, às terças-feiras de noite, todos podem ministrar e compartilhar o que Deus lhes disse na Palavra.

Estas reuniões de três horas incluem compartilhar, estudar o que descobrimos no estudo da Bíblia, e oração uns pelos outros. Transcrevo aqui dois dos guias de estudo que estamos usando no nosso grupo enquanto estou escrevendo este livro.

Colossenses nº 3
"Ser Cristão Verdadeiro"

Antes de ler

Um ensino bíblico realmente revolucionário é que todos somos "ministros". Cada crente pode contribuir para o crescimento dos outros. Pense alguns instantes sobre os membros do seu grupo... como cada um "ministra" a você e aos outros?

Anote alguns nomes... e contribuições... aqui.

1. Colossenses 1:1-2:5
   Se somos ministros, é bom ter coração e visão de ministro. Veja o que Paulo diz de si mesmo nesta passagem. O que você aprende sobre *ministério* aqui?

2. Da passagem acima, que implicações você tira... para você como indivíduo e/ou para o seu grupo?

Colossenses nº 4
"Ser Cristão Verdadeiro"

"Liberdade" é um dos grandes temas do Novo Testamento. Colossenses lança um pouco de luz sobre isto. Podemos estudar isto conforme o seguinte esquema:

Liberdade em Cristo	
das regras humanas	Cl 2:6-23
do domínio do pecado	Cl 3:1-17
da rebelião sem lei	Cl 3:18-4:6

Por agora, analisemos a primeira destas divisões sobre liberdade e seu significado.

Colossenses 2:6-23

1. O que cada seção abaixo diz sobre nossa liberdade em Cristo?
   A. Colossenses 2:6, 7.
   B. Colossenses 2:8.
   C. Colossenses 2:9-12. NOTA: O Tema aqui é "identificação", o ensino bíblico de que quando confiamos em Jesus ele tirou nossos pecados (e pagou por eles com sua morte), e nós recebemos dele *suas* experiências e caráter. Fomos *unidos com ele*, de modo que o que é seu agora também é nosso. Quanto ao batismo que aparece aqui, veja 1 Co 12:13... e quanto à alegria, Mt 3:11.
   D. Colossenses 2:13-15.
   E. Colossenses 2:16-19.
   F. Colossenses 2:20-23.
2. Aqui temos dois tipos de pessoas que precisam de liberdade. Do que vimos nesta passagem, como você as orientaria?
   A. Johnny foi criado em uma igreja onde tudo é rotulado como "certo"

ou "errado". Tudo, desde roupa, comida, que reuniões da igreja podia frequentar, com que pessoas ter amizade, o que fazer quando, etc. Como você o ajudaria?

B. Cathy se acha muito imprópria e incapaz de viver como ela acha que Deus quer que ela viva. Ela também não tem certeza do que exatamente Deus quer! Seus amigos parecem ter idéias tão conflitantes. O que, desta passagem, Cathy precisa compreender?

N. E. Livros em português sobre Grupos e Dinâmica de Grupos:

Rogers, C.R. *Grupos de Encontro,* Moraes Editora, 1976.

Klein, J. *O Trabalho de Grupo,* Zahar Editores, RJ, 1974.

Beal, G. M., *Liderança e Dinâmica de Grupo,* Zahar Editores, RJ, 1970.

Cartwright e Zander, *Dinâmica de Grupo,* 2 vols., E.P.U., SP, 1975.

Weil, P., *Dinâmica de Grupo e Desenvolvimento em Relações Humanas,* Ed. Itatiaia, MG, 1967.

Fritzen, S.J., *Dinâmica de Grupo e de Relações Humanas,* Ed. Vozes, RJ, 1976.

23

educação de adultos: estratégias na educação: Corpo Vivo

O termo "Corpo vivo" ficou conhecido entre os evangélicos por causa do pequeno livro de Ray Stedman com este nome. Nele ele fala do culto da noite da Igreja Bíblica Península de Palo Alto, onde perto de mil pessoas se reúnem para ser ensinadas – e ensinar, exortar, compartilhar, orar e incentivar-se mutuamente.

O conceito de Corpo vivo tem trazido esperanças para muitos que se preocupam com a despersonalização da igreja. O mesmo deve acontecer conosco!

O nome "Corpo vivo" tem um certo som – e parece-se com o tipo de culto que encontramos em I Coríntios: "Quando vos reunis, um tem salmo, outro doutrina, este traz revelação, aquele outra língua, e ainda outra interpretação. Seja tudo feito para edificação... Tratando-se de profetas, falem apenas dois ou três, e os outros julguem. Se, porém, vier revelação a outrem que esteja assentado, cale-se o primeiro. Porque todos podereis profetizar, um após outro, para todos aprenderem e serem consolados" (14: 26-31). Esta liberdade no Corpo, para que os crentes sirvam uns aos outros sem dúvida se harmoniza com o que a Bíblia diz que cada crente é... um sacerdote, um ministro, que recebeu dons para edificar outros, e foi chamado por Deus para exercitar este ministério. O Corpo vivo nos conscientizou de que não só os grupos pequenos têm esta necessidade (sede do ministério, de acordo com os defensores do grupo pequeno), mas ela está presente também quando o grupo maior se reúne.

Corpo vivo é um termo que capta a dimensão do ministério de membros do Corpo para membros do Corpo, e pode e deve ter seu lugar nas reuniões *da congregação* local. Por isso as estratégias 200-200 e 1-200 devem ser consideradas com atenção, ao programarmos as reuniões de uma igreja local, para facilitar o crescimento pessoal espiritual dos adultos.

por que o grupo grande?

Em uma igreja próxima o pastor e o ministro de educação cristã estão estudando o envolvimento dos membros na vida da igreja. Dos que sempre vêm aos cultos da manhã, nem 15% dos adultos frequentam a escola dominical. O programa seletivo de estudo, domingos à noite, iniciou com entusiasmo há dois anos, diminuiu para uma freqüência de trinta e cinco, com algumas pessoas a mais para o culto. Poucos adultos estão participando dos grupos pequenos, de crescimento, que incentivam o serviço mútuo. A escola dominical tem uma equipe entusiasmada e uma boa liderança, mas os outros grupos pequenos da igreja têm baixa freqüência e não têm uma sólida dimensão de "ministério".

Para a maioria dos adultos desta igreja, "igreja" é o que acontece domingos de manhã! É a única coisa de que eles participam regularmente, a única onde o currículo oculto (o padrão *como* as coisas são feitas) "ensina" os adultos o que eles são como crentes, e o que se espera deles.

Talvez esta seja a razão principal pela qual as estratégias 1-200 e 200-200 são tão importantes. Os adultos identificam a reunião grande como "igreja", e é mais

provável que eles se sintam envolvidos na igreja domingo de manhã.

Se, então, as reuniões grandes não transmitem ao crente sua identidade e função de "ministro entre ministros", e não realçam a importância das cinco exigências, há poucas chances de a igreja como um todo aceitar, de verdade, uma identidade de ministério, não importa o quanto ela é pregada do púlpito!

Se revermos aqui as cinco exigências para o ministério (ou "Aprendizado para a socialização"), vemos imediatamente por que parece tão difícil inseri-las na congregação. Em alguns casos o grupo simplesmente parece ser grande demais para ser pessoal; em outros o nível de participação parece impraticável. As cinco são:

1. Os adultos são modelo, um para o outro, das realidades que a Escritura retrata.
2. Os adultos falam sobre os termos bíblicos retratando a realidade que eles vivem.
3. Os adultos se vêem e conhecem aos outros como pessoas "como eu". mesmos.
4. Os adultos começam a se preocupar uns pelos outros.
5. Os adultos começam a falar uns para os outros da sua vida.

Estas exigências parecem difíceis de satisfazer, mas elas podem e devem ser introduzidas na congregação maior, além de nos grupos pequenos.

A estratégia do Corpo vivo

A estratégia do Corpo vivo satisfaz as exigências acima, e diz: "estruturaremos uma reunião maior exatamente para fazer funcionar estas exigências." Por isso um tempo especial é separado para compartilhar (como no domingo à noite na Península). Um membro da equipe da igreja geralmente fala sobre um trecho da Escritura, e depois é liberada a palavra. Microfones circulam, adultos e jovens se levantam para falar de seus problemas... outros respondem incentivando e sugerindo soluções, a partir da sua própria experiência com problemas semelhantes... pode-se fazer perguntas, exortar, expor para o Corpo uma verdade que aprendeu de Deus durante a semana, testemunhar e louvar. Já que todos sabem que a reunião tem esta finalidade, ministério mútuo, e pelo exemplo dos que compartilham, mais e mais têm coragem de falar.

Igrejas em todo o país adotaram esta "reunião de Corpo vivo" direta. Na igreja do Redentor, em Mesa/Arizona, uma dimensão de Corpo vivo no culto da noite foi natural e cheia de entusiasmo. O pastor, há uns dez anos na igreja, era um homem caloroso, pessoal e sensível; a maior parte dos membros se mostrava disposta. As reuniões Corpo vivo floresceram, transbordando para o salão depois do culto, onde famílias e jovens continuavam conversando por mais de uma hora depois do culto.

Mas em outras igrejas a tentativa fracassou. Silêncio constrangedor faziam as reuniões perderem seu propósito. O compartilhar se dava a nível superficial: "Orem pela tia Joana, que está indo para o hospital" passou a ser a marca dos testemunhos impessoais. Simplesmente separar um tempo para compartilhar e ministrar não produziu nem um nem outro. E lentamente a freqüência a estas reuniões diminuiu, até que este método também foi descartado como "mais um" que funciona para alguns – mas não aqui.

O problema está em encarar o encontro Corpo vivo como um método. Ele não é um método. É uma estratégia – uma maneira de incentivar e dar oportunidade para o compartilhar e o ministério mútuo. Mas sua eficiência depende de fatores fo-

ra dele.

vida diária. Na verdade, "corpo vivo" é o que acontece com os membros do Corpo de Cristo durante a semana. É o que eles experimentam enquanto crescem nEle; é a concretização da realidade que a Escritura descreve como sendo a capacitação dos crentes, por Deus para viverem a vida de Cristo.

A reunião do tipo Corpo vivo precisa, então, dar tempo aos cristãos para que contem aos outros o que Cristo está fazendo em suas vidas, incentivando-os e motivando-os a dedicar mais profundamente a sua vida. Sem dúvida a qualidade da reunião vai depender da qualidade da vida diária do Corpo!

Isto significa, em primeiro lugar, que não podemos depender da reunião Corpo vivo para *criar* a realidade em nosso relacionamento com Deus. Sua estratégia quer *refletir uma realidade já existente.* Onde há discípulos que crescem, que estão sendo tocados pelo Espírito de Deus, seu compartilhar e o modelo que são, incentivará outros a dar passos maiores na fé. Mas onde existe um vácuo de crescimento, é um erro trágico começar este tipo de reunião. Existem meios melhores, mais importantes e muito mais eficientes para edificar uma congregação, para que perceba melhor a importância das pessoas e experimente a presença de Deus.

intercâmbio entre grupos pequenos e grandes. Existe também um relacionamento direto entre o envolvimento dos membros da igreja em pequenos grupos de transformação e a eficiência das reuniões de Corpo vivo. Em geral podemos aprender a levar as pessoas a um melhor relacionamento — à luz das 5 exigências estudadas — nos grupos pequenos. É ali que poderemos falar com mais profundidade da nossa fé e experiências com Deus, agir da maneira certa em relação aos outros — cuidando, preocupando-nos, interessando-nos, respeitando, identificando, etc.

Quando valores e idéias são formados nos grupos pequenos, a nova atitude é facilmente transferida para a reunião maior, *se for considerada apropriada ali.* Esta é uma das grandes vantagens da estratégia do Corpo vivo. Seus participantes notam que tudo é "exatamente" como nos seus grupos pequenos... só que com mais gente.

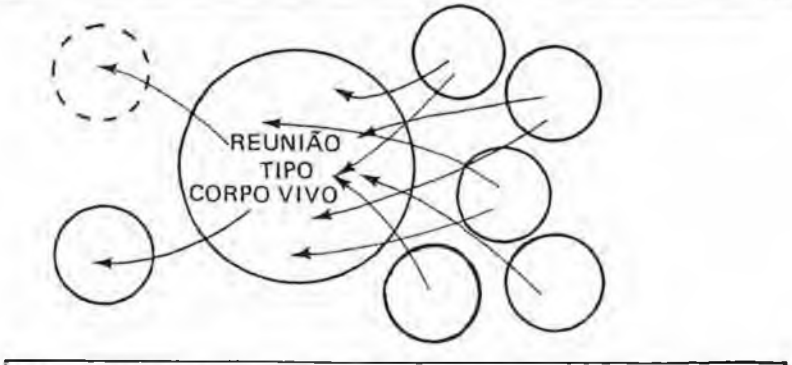
A *alimentação* do Corpo Vivo vem, então, do grupo pequeno. Na igreja onde eu sou membro 70% dos nossos membros participam de "pequenas igrejas" nas casas, que se reúnem semanalmente para ministrar, orar, estudar a Bíblia. Em nossos encontros para compartilhar fica claro que quem compartilha são os que participam de pequenas igrejas. E é nas igrejas pequenas que vemos mais crescimento.

Ao mesmo tempo existe alimentação, secundária, da reunião maior para as menores. Os que compartilham revelam Deus como Pessoa real, que está atuando em seu povo agora. Esta experiência viva de Deus em ação é altamente motivadora, entusiasma muito. Ela não só incentiva o culto; ela revela com exemplos vivos o que Deus quer fazer em cada um de nós. Assim o grupo maior muitas vezes provoca um desejo de ter mais de Cristo e da sua comunidade, levando a uma dedicação maior nos grupos pequenos, onde pode haver ministério e transformação.

Em geral, a qualidade do que é compartilhado na reunião maior depende da participação dos membros em grupos menores, de ministério. Ali está o maior ímpeto para o crescimento, refletido na vida diária dos membros, compartilhado na reunião Corpo vivo. Isto, por sua vez, incentiva outros a participarem de grupos de serviço, o que contribuirá para a sua transformação.

dando validade à identidade do ministro

Separar tempo para uma reunião Corpo vivo da congregação é uma maneira de algumas igrejas darem validade ao conceito que ensinam, que cada crente é um



ministro. Separando tempo para "reuniões regulares" da igreja para este ministério, a liderança está dizendo de maneira dramática e clara que "não consideramos vocês 'leigos', mas ministros".

Com esta validade, como elemento do currículo oculto da educação de adultos, estas horas são muito importantes. É vital que concretizemos as cinco exigências tanto em reuniões de toda a congregação quanto de grupos pequenos. Mas começar a trabalhar como Corpo vivo com pessoas que ainda não estão preparadas é contraproducente. Nossa forma afirma que servir é função de cada crente: a ausência de ministério significativo *negará* esta afirmação, e fará fracassar nossa educação!

preparo. Este raciocínio nos leva a procurar oportunidades para começar a infiltrar nas reuniões tradicionais da igreja experiências que gradualmente, sem pressa, ajudarão a transmitir as mesmas idéias sobre ministério e relacionamento do Corpo vivo. Ajuda-nos também a ver que este é um elemento *posterior* do progresso da igreja ao mudar sua imagem e estilo de vida, e não anterior. Nos próximos dois capítulos analisaremos estes cultos tradicionais, estudando os meios menos inibidores que podemos usar em nosso sistema de currículo oculto.

opções. É importante compreender que podemos ter reuniões do tipo Corpo vivo sem que elas tenham de ser regulares, semanais. Que opções temos?

(1) Ocasiões especiais. O culto da manhã de Páscoa é sempre entregue aos membros em uma igreja da Califórnia, e pede-se aos membros que venham com algo para compartilhar sobre o significado da ressurreição de Cristo para eles e suas famílias. Outra família separou o domingo à noite, depois do retiro de famílias, para o compartilhar daqueles que participaram. Outra igreja aproveita reuniões especiais em sua região, como um seminário com Bill Gothar, para dar oportunidade aos participantes para compartilhar o que aprenderam e o que significa para sua vida. É mais fácil aceitar ocasiões especiais e não frequentes para compartilhar, e se experiências valiosas começam a formar o ponto de referência dos membros, o campo está preparado para mais e mais reuniões deste tipo.

(2) Ocasiões de ênfase. Às vezes o pastor pode pedir contribuições do púlpito, o que se assemelha ao Corpo vivo. Isto funciona melhor quando parte de uma série, usando algumas "dicas" que daremos no capítulo 25. Digamos que a mensagem, du-

rante três semanas, se baseou na proeminência de Cristo, e as respostas dos crentes na gratidão por conhecê-lo. Para cada semana há sugestões: conhecer a Cristo de maneira prática em casa, no emprego, na vida pessoal, etc. O ponto máximo é quando, no terceiro domingo, a congregação toda pode compartilhar o que esta visão nova de Jesus significa para um, e como durante as últimas semanas todos agradeceram a ele pelo privilégio de conhecê-lo.

Este tipo de plano é a chave para *avançar* em direção a reuniões Corpo vivo. Ele ajuda a cada pessoa a reconhecer em sua vida o que pode compartilhar; motiva a participação; cria um ponto de referência, em relação ao qual todos estarão falando de si, e aprendendo. E também ajuda a expressar verdades bíblicas que foram ensinadas verbalmente em termos de estilo de vida, e motiva, além do aprendizado pessoal, a identificação com outros no Corpo, que estão aprendendo as mesmas verdades. Dar ênfase, durante os cultos tradicionais da igreja, em expressão do Corpo vivo é uma maneira significativa e valiosa.

(3) Ocasiões integradas. É errado pensar que é necessário separar um culto normal para transformá-lo em reunião Corpo vivo. Muitas igrejas fazem com que Corpo vivo seja uma parte do culto normal. A Igreja Nossa Herança, em Scottsdale/Arizona, dá todos os domingos oportunidades aos seus membros de compartilhar, perguntar, exortar, pedir oração, etc., depois da pregação. O culto é longo, das dez às doze, mais ou menos. Este tempo inclui canto, culto, pregação e ensino, e por último este tempo de compartilhar. Esta oportunidade semanal faz com que o povo ouça Deus falando através da Palavra ao mesmo tempo que vê como ele está atuando entre eles.

Desta maneira o Corpo vivo não é uma reunião "especial", mas uma parte natural e integral da reunião do Corpo.

Seja qual for a nossa opção, é importante que compreendamos a importância do (s) culto (s) dominical (is) da igreja para a educação de adultos. Independente de quais são os conceitos e princípios sobre os quais nosso ministério está baseado, eles têm de estar exemplificados nos cultos normais. E certamente Corpo vivo é uma estratégia significativa e importante, que, de uma forma ou outra, deve se tornar parte da vida de todos.

VERIFICAÇÃO

casos,
perguntas,
incentivos à reflexão,
notas adicionais

1. Se você ainda não leu o livro *A Igreja Corpo Vivo de Cristo*, de Ray Stedman (Editora Mundo Cristão, 1974), esta é a hora.
2. Faça uma lista das vantagens e desvantagens das escolhas que alguns líderes de igreja fizeram, abaixo. Estude com cuidado o significado que cada escolha tem em termos de educação (isto é, no que cada escolha implica quanto à natureza da igreja, seu ministério, e a função de cada crente). Por fim, defina, o melhor que puder, condições sob as quais cada estratégia, na sua opinião, teria sucesso ou não.
   A. O culto de domingos à noite será sempre uma reunião Corpo vivo.*
   B. Será integrada à reunião de domingos de manhã da congregação uma dimensão de Corpo vivo, expandindo-a para duas horas.

C. O ministério de pregação/ensino é organizado em unidades de três semanas a um mês de duração, terminando com experiências de Corpo vivo, programadas para um domingo à noite ou para uma parte do culto da manhã no último domingo da série.

3. É importante começar a pensar sobre o culto dominical como ocasião (talvez *a* ocasião) de ensinar a igreja. Por que não gastar agora algum tempo fazendo uma lista de doze a vinte tópicos (ou ênfases) que poderiam ser aplicados e discutidos de maneira prática? Para servir de começo trago aqui algumas áreas em que a congregação pode compartilhar depois do ensino.

A. Tópico	B. Doutrinário	C. Textual
1. Enriqueça sua vida de oração	Você à imagem de Deus	Compreendendo a redenção (pesquisa em Ex-Dt)
2. A família primeiro?	O Espírito Santo *está* com você	Salvação completa (a carta aos Hebreus)
3. etc.		

* N. E. Os cultos de domingo à noite, nos EUA, têm menos freqüência dos que os matutinos. Por isso, ao fazer a análise pedida, leve em consideração esse fato.

24

educação de adultos: estratégias na educação: adoração

Até aqui concentramos nossa atenção no relacionamento dentro do Corpo que facilita a transformação. Mas temos sempre de lembrar que a Igreja é um Corpo com Cabeça! E a vida do Corpo e de cada um de seus membros está na pessoa de Jesus Cristo.

Jesus Cristo é o centro de todo o nosso ministério educacional: na vida do indivíduo, nas conversas dentro do Corpo, na atenção da comunidade reunida.

A reunião de toda a congregação é o lugar onde se vê mais claramente a centralidade de Jesus. Na verdade esta reunião, geralmente aos domingos pela manhã, deve ter como propósito básico fazer o Corpo olhar para Cristo e para a entrega a ele. De muitas maneiras o Corpo reunido confirmará cada membro como ministro e expressará sua transformação. Mas cada confirmação deve também incentivar e apoiar a ênfase de indivíduos e da comunidade na pessoa de Jesus Cristo.

Vemos a ênfase em Cristo de duas maneiras no Corpo reunido. Por um lado, na adoração (a dimensão do culto voltada *para Deus*), e por outro na pregação da Palavra (a dimensão do culto vinda *de Deus*). É importante que estas duas dimensões da vida da comunidade nos envolvam como indivíduos que têm uma identidade como membros do Corpo: nós prestamos culto como povo de Deus, e nos aliamos na promessa de obediência a Deus.

Isto é parte do motivo porque é tão importante prestar atenção no relacionamento. Os cristãos precisam ver que os outros crentes são como eles, precisam conhecê-los e amá-los, e familiarizar-se mais com a vida deles, de modo que quando nos reunimos como Corpo podemos sentir e confirmar nossa unidade. Quanto mais profundo for nosso senso de unidade como irmãos e irmãs, tanto mais significativo e motivador será nosso culto, e tanto maior será nossa dedicação em praticar a Palavra, e não só ouví-la.

A ênfase em Cristo como nossa Cabeça, o que é uma função particular e especial da reunião da comunidade como Corpo, nos ajuda a acrescentar mais *exigências* às cinco já mencionadas como importantíssimas para a educação (discipulado) de adultos.

As primeiras cinco tratam do relacionamento dos crentes. Outras duas tratam do relacionamento de todos os membros da comunidade com Jesus.

Assim podemos dizer que as cinco primeiras são exigências do relacionamento inter-pessoal, e as duas últimas do relacionamento inter-Pessoal.

exigências interpessoais

1. Os adultos são modelo, um para o outro, das realidades que a Escritura retrata.
2. Os adultos falam sobre os termos bíblicos retratando a realidade que eles vivem.
3. Os adultos se vêem e conhecem aos outros como pessoas "como eu".

4. Os adultos começam a se preocupar uns pelos outros.
5. Os adultos começam a falar uns para os outros da sua vida.

exigências inter-Pessoais

6. Os adultos fazem parte do Corpo que confere a Deus o valor que ele tem por natureza (adoração).
7. Os adultos fazem parte do Corpo que ouve a Palavra de Deus com ansiedade, e que lhe obedece com amor (pregação da Palavra).

Estabelecido um senso de unidade e identificação no Corpo local, participação no culto e obediência à Palavra vem a ser um meio poderoso de transformar o indivíduo. O culto da comunidade ensina o indivíduo a reconhecer quem Deus é e louvá-lo pelo que é; ele tem grande liberdade para confiar em Deus e louvá-lo quando está sozinho, na vida diária. A obediência da comunidade serve de modelo para o indivíduo como ele deve ouvir e praticar esta Palavra de Deus; é um padrão diário de obediência, importantíssimo para o crescimento espiritual.

O que, então, precisamos fazer em nosso estudo da educação cristã de adultos é voltar a analisar a comunidade reunida (estratégia 1-200), e como esta experiência pode ser adoração verdadeira e ouvir (praticar) a Palavra de Deus.

adoração

Adoração é uma arte perdida em muitas das nossas igrejas. Para redescobrí-la precisamos começar com uma definição do que queremos dizer com *adoração*. Os termos originais, no Antigo e no Novo Testamento, têm por raiz "curvar-se" em homenagem. É interessante que os dois significam curvar-se *em direção a*... ou olhar para o objeto de adoração e, cheio de admiração por Sua Pessoa e atributos, expressar reverência e louvor por meio da atitude corporal.

Um estudo das referências a adoração, no Antigo e no Novo Testamento, mostra que um amplo leque de atitudes humanas diante de Deus podem ser vistas como adoração. Cada tarefa do dia pode ser feita "para louvor da sua glória". Atos de obediência, como Jacó abençoando profeticamente seus filhos (Gn 49) são identificados com adoração. A *ênfase principal* da adoração, no entanto, conforme a Bíblia, é conferir a Deus o valor que ele tem por natureza.

Esta última frase, "atribuir a Deus o valor pelo que ele é por natureza", eu recebi de David Mains, pastor da Igreja do Círculo, de Chicago, e criador de algumas ajudas muito práticas e interessantes para pastores que querem trabalhar seu povo para introduzir lentamente as dimensões de ministério de que este livro se ocupa. Grande parte do que eu tenho a dizer sobre adoração neste capítulo foi incentivado pelo ministério criativo de David nesta igreja do centro de Chicago.

Depois de aceitarmos como centro do nosso conceito de adoração "conferir valor a Deus pelo que ele é por natureza" pela comunidade, vejamos como podemos planejar o culto dominical para envolver o Corpo.

coordenação. É importante coordenar-se ao redor da ênfase da adoração no nosso culto. Se quisermos dar ênfase em Deus, todos os elementos do culto precisam estar dirigindo nossos pensamentos e louvor para ele.

Os cultos na Igreja do Círculo, e também já em diversas outras, são coordenados para agrupar os elementos da adoração ao redor de um atributo de Deus que combina com a verdade bíblica principal que será transmitida pela pregação/ensino (veja a lista de atributos que podem ser usados, abaixo, extraída do *Fingertip*

Consultant Passo 2, escrito por David Mains). Veja, por exemplo, a mensagem sobre Jonas, preparada ao redor desta verdade principal: "Deus nos convida, como fez com Jonas, a participar da sua grande compaixão pelos que ainda não o conhecem". A adoração pode ser um louvor a Deus por seu caráter compassivo, ou seus atributos de misericórdia, amor ou paciência. Se tudo o que o Corpo reunido fizer estiver centralizado de maneira coordenada na Pessoa de Deus, louvando-o e enaltecendo sua Pessoa, está sendo cultivada uma nova e apaixonante percepção da identidade de cada indivíduo como parte do seu povo. E as dimensões *vertical* e *horizontal* do relacionamento cristão são confirmadas.

Exemplos de atributos ao redor dos quais
a adoração no culto pode ser coordenada.

Atributos:

onipresente	espírito	amor	luz
soberano	confiável	criativo	santo
interessante	absoluto	ciumento (zeloso)	comunicativo
infinito	vida	único, singular	com propósito
unidade/trindade	bom	misericordioso	verdade
bem equilibrado	pessoal	imutável	paciente
justo	eterno	onipotente	sábio/onisciente

Deus é:

guia	disciplinador
mestre dos seus mordomos	conselheiro sábio
refinador	confrontador de pessoas
protetor	grande banco de memória
quem fez a aliança	bom ouvinte
noivo perfeito	Cabeça do seu Corpo, a Igreja
mestre em táticas	dono de um admirável senso de humor
grande médico	emotivo
amigo íntimo	etc.

vertical. Esta dimensão vertical é um aspecto vital da verdadeira educação cristã. Nossa teoria educacional emerge de uma posição teológica: uma posição teológica que 1) encara a *vida* como centro e âmago da fé cristã, 2) acha que a transformação para ser como Cristo é um processo de discipulado em andamento, e 3) encara o modelamento social (o discípulo que fica como seu mestre) como mecanismo essencial ao funcionamento deste processo. Por isso o relacionamento dentro do Corpo é tremendamente importante. E também por isso o Novo Testamento dá tanta explicação sobre o relacionamento entre os crentes. Amor, identificação mútua, liderança pelo exemplo, sinceridade e honestidade dentro do grupo, participação na vida do outro, todas estas dimensões do relacionamento cristão, que a Bíblia ensina e ordena... são vitais no processo de socialização (modelo social).

Mas também é importante lembrar que o que une os crentes em um relacionamento horizontal vital e com conteúdo é o relacionamento vertical de que todos participam, com Jesus Cristo! Temos a sua vida, junto com os outros, somente porque o conhecemos. Teremos base para o relacionamento horizontal somente quando o nosso senso de identidade com outros como irmãos e irmãs se firma em nossa

percepção crescente de que estamos juntos em uma família onde Jesus é a Cabeça, uma família que constantemente reafirma que ele é o centro da nossa fé e da nossa vida.

Esta confirmação nunca deve estar ausente da vida dos crentes: o compartilhar nos grupos pequenos se referirá constantemente a ele, à medida que sua Palavra dá estrutura e significado as experiências individuais. Mas para aprender a colocá-lo no centro, e a confirmar isto, o Corpo precisa se reunir como comunidade local para louvar, adorar e ouvir.

Nunca devemos perder de vista o significado do culto dominical. Nunca devemos encarar a "igreja" como algo caseiro, que acontece somente quando grupos pequenos se reúnem em casas.

Por isso é importante, em nossas reuniões como congregação, *dar ênfase ao relacionamento vertical que temos como indivíduos sendo um Corpo.* Esta confirmação da dimensão vertical é importante não só porque Deus se agrada da nossa adoração. Não só porque é certa. Ela é importante *em termos de educação.* Ela é importante para desenvolver discípulos que individualmente e em qualquer relacionamento no Corpo têm um profundo senso da presença e do poder de Deus, e que firmam sua vida sobre a Pessoa de Jesus Cristo.

Tudo isto nos leva a uma sugestão prática: Um aspecto simples mas importante da nossa adoração, para confirmar mesmo o relacionamento vertical. David Mains expressa isto com clareza no manual do Passo 2, *Experiencing God's Plan for Your Church:*

> Adoração significa atribuir valor à divindade. Isto se dá melhor quando falamos *com* Deus, em vez de *sobre* Deus.Por definição, sermões, anúncios e qualquer parte do culto dirigida à congregação pertencem a outra categoria. A igreja está adorando quando a congregação fala diretamente com Deus, em louvor ou gratidão, lembrando das suas qualidades inigualáveis."

estrutura. Quando vemos que adoração é dirigirmo-nos a Deus, isto nos ajuda a ver uma necessidade que raramente é suprida nas nossas igrejas: coordenar o tempo em conjunto de maneira que grande parte leve a congregação a falar *com* Deus, adorando.

Uma estrutura que possibilita isto, e que também incentiva a obediência à Palavra (algo que discutiremos no próximo capítulo), é esta, que encontrei na Igreja do Círculo:

1º de outubro de 1972

Introdução à série de sermões
Hino novo
Prelúdio

Adorando a Deus (Deus é luz)
O coro convoca à adoração
Invocação
Parte musical
Louvor da congregação
Hino: "Quão Grande És Tu"

Deus fala através da Palavra escrita
Pregação – pastor David R. Mains

Hino do coro

Obediência à Palavra
Sugestões para a vida diária
Hino da congregação
Ofertas e ofertório
Bênção

Uma olhada de relance para esta ordem de culto mostra uma estrutura que permite reter os aspectos mais tradicionais do culto dominical, porém organiza estes elementos para concentrar o culto e a atenção da congregação.

envolvimento. O culto não deve somente ser planejado pela liderança para a igreja. O "toque profissional" é bem menos importante que a necessidade de viver sempre em conjunto como povo que serve. Por isso a congregação deve participar do preparo e da direção do culto.

Na Igreja do Círculo o pastor se reúne com grupos rotativos de membros da igreja. Estes membros ajudam a estudar as possibilidades do culto, e também os elementos de ensino e prática da pregação. Durante os cultos estes membros da congregação também lideram certas partes... música, oração, leituras especiais, etc. E com isto a importância do caráter horizontal do Corpo e como irmandade de ministros é constantemente reafirmada — mesmo nos cultos onde a ênfase está no relacionamento vertical.

Em qualquer sentido, então, os cultos dominicais, que reúnem toda a congregação, são parte vital do ministério educacional com adultos. Este é o lugar de sentir e transmitir a ênfase principal do Corpo em Deus. E também é o lugar de envolver muitos membros do Corpo, que aprendem juntos e servem de modelo uns para os outros, quanto ao significado do que é adorar a Deus.

VERIFICAÇÃO

casos,
perguntas,
incentivos à reflexão,
notas adicionais

1. Este capítulo dá diversas sugestões quanto a critérios para o culto dominical. Estes critérios foram desenvolvidos de princípios de crescimento da vida dos crentes em conjunto e com Deus. Ao estudarmos seu significado é útil tentar aplicá-los em suas próprias experiências dominicais.

   Podemos, por exemplo, pensar no último culto de que participamos. Mas provavelmente é melhor ir à igreja no próximo domingo e *procurar* a presença ou ausência de elementos dos critérios. Tente, então, ir ao culto com certa sensibilidade para cada um destes critérios.

   PARA TER IMPACTO EDUCACIONAL MÁXIMO, O CULTO DOMINICAL...

   (1) deve concentrar a atenção em Deus e em quem ele é por natureza;
   (2) deve ser coordenado para que dirija o louvor e os pensamentos a ele;
   (3) deve levar os presentes a falar *com* Deus e não simplesmente sobre ele:
   (4) deve ser estruturado para que leve claramente a comunidade à adora-

ção, ouvir a Palavra, e obedecer-lhe;

(5) deve envolver outros membros do Corpo, que não o pastor, para que sirvam de modelo e líder no culto.

A estes critérios podemos acrescentar um que por natureza, não pode ser observado aos domingos:

(6) deve envolver membros leigos do Corpo no planejamento e preparo.

2. Depois de analisar o culto (VERIFICAÇÃO 1, acima), que tal *reestruturá-lo* como este capítulo sugere? Que atributos de Deus se encaixam com a passagem e a mensagem? Por que meios a congregação poderia ser levada a louvar a Deus? Que tipos de experiências poderiam tê-la preparado para este tipo de culto?
3. Existem dois livros úteis para aprofundar seu estudo de adoração. O primeiro é O Conhecimento de Deus (M. Cristão), de J. I Packer, que se concentra em compreender e apreciar Deus pelo que ele é. O segundo é *Adoração na Igreja Primitiva*, de Ralph P. Martin, editado pelas Edições Vida Nova (1983).
4. Na maioria das áreas abordadas por este livro há poucas fontes que definem claramente *como* implantar os princípios de maneira gradual e não perigosa. Neste último ano, no entanto, surgiu algo *excelente*, que deve ajudar a introduzir os elementos importantes no culto de domingo de manhã, aumentando ao mesmo tempo o envolvimento dos membros da igreja em planejamento e apresentação.

O material é editado por Step 2, Incorporated, 1925 N. Harlem Avenue, Chicago, Illinois/EUA 60635. Dentro do *Fingertip Consultant* produzido por este grupo (do qual este autor se tornou membro recentemente) está um programa semanal de noventa minutos, para pastores e outros líderes, que diz o "como" passo a passo, utilizando material audio-visual, além do escrito.

Eu lhe recomendo muito procurar esta fonte, que os trechos abaixo do material Step 2 apresentam rapidamente.

OBJETIVOS DO STEP 2, INC.

O objetivo do Step 2, Inc., é servir líderes de igrejas, inclusive leigos, da seguinte forma:

- Destacar para eles os PRINCÍPIOS BÍBLICOS básicos que determinam como a igreja local deve funcionar.
- Sugerir-lhes DIRETRIZES DE PROGRAMA, que ajudarão suas igrejas a funcionar dentro dos PRINCÍPIOS BÍBLICOS.
- Expor-lhes os PADRÕES que estão surgindo em igrejas de todo o país mostrando como os PRINCÍPIOS BÍBLICOS e as DIRETRIZES DE PROGRAMA se apresentam na prática.
- Incentivar e ajudá-los a desenvolver PADRÕES únicos para sua congregação, que levam com mais eficiência a igreja a funcionar de acordo com os PRINCÍPIOS BÍBLICOS.

Dizendo isto em palavras mais simples, é objetivo do Step 2, Inc., ajudar igrejas locais a experimentar melhor o plano de Deus para cada grupo de cristãos.

STEP 2 FINGERTIP CONSULTANT

Planejando Cultos Dominicais Criativos

Primeiro Trimestre	Vamos nos coordenar
Segundo Trimestre	Vamos reagir certo
Terceiro Trimestre	Vamos adorar de verdade
Quarto Trimestre	Vamos fazer isto juntos

Peça um trimestre de cada vez

N. E. Outros livros, em português, sobre adoração: *O Culto Cristão* (ASTE); *A nossa participação no culto* (CPB); *Música e Adoração* (Publ. Evelina Harper).

25

educação de adultos: estratégias na educação: pregação da Palavra

Nosso relacionamento com Deus é inter-Pessoal. Não somos só nós que nos aproximamos dele, no culto; ele se aproxima de nós e fala conosco, em sua Palavra.

Por isso é essencial que a congregação reunida expresse o relacionamento interpessoal. Adoração por parte do Corpo é vital. Bem como ouvir a Palavra de Deus.

O papel central que a pregação bíblica recebe nas igrejas conservadoras é apropriado, tanto em termos de educação quanto de teologia. O conteúdo da Bíblia não é só importante por ser a Verdade; o valor advém também do povo de Deus reunido. *Ouví-lo* em conjunto ajuda a atrair a atenção de cada indivíduo a esta dimensão do relacionamento vertical que os crentes têm com ele. Por isso, mesmo quando destacamos a importância do compartilhar, como está ilustrado no movimento Corpo vivo, não queremos eliminar ou reduzir a atenção da comunidade à Palavra. Ouvir a Palavra juntos irá "representar" de maneira vívida e significativa nossa entrega a Deus como Senhor de nossa vida e guia de nosso caminho.

Ao, dizermos, porém, que a pregação da Palavra no "sermão" tem importância e validade para a educação, *não* estamos endossando incondicionalmente a pregação como se dá em muitas igrejas! Como eu já disse tantas vezes, o que fazemos e a maneira de fazê-lo transmite uma mensagem viva... uma mensagem que no seu padrão de comunicação *deve* concordar com o conteúdo transmitido. Dizemos, por exemplo, que a Palavra de Deus é confiável e importante. Mas como nossa pregação atesta sua relevância? Na verdade a maior parte das pregações intentam somente explicar o que uma certa passagem da Palavra significa... e para isso o sermão tipo "palestra" é apropriado. Mas não é apropriado fazer "palestras" quando se trata de aplicações! E se a relevância da Palavra é mesmo importante, *precisamos, em nossa pregação e em nossos cultos, preparar a maneira com que incentivamos as pessoas a aplicar a mensagem com o mesmo cuidado com que preparamos a pregação*!

O fato de precisarmos planejar lugar e processo de comunicação para que harmonizem com a natureza e propósito da mensagem nos leva primeiro a examinar as verdades que precisam ser confirmadas, e depois ver como na prática podemos harmonizar meio e mensagem.

convicções teológicas

Para estudarmos esta área fica claro que nossas convicções teológicas serão de importância primordial. Portanto, sem discutí-las, é necessário afirmá-las:

Verdade revelada. A Escritura não é só obra de homens condicionados por seu tempo e cultura, mas também e, essencialmente, obra do Espírito Santo, que falou através deles as palavras de Deus. Por isso não podemos dizer que na Escritura homens religiosos estão procurando compreender a Deus e a causa última da existência; ela é a revelação de Deus, a homens, de verdades que eles não poderiam ter sabido de outra forma.

Esta revelação tem duas dimensões. Por um lado ela é a revelação de uma Pes-

soa. Deus *se* faz conhecido através da Palavra. Ao mesmo tempo ela é a revelação proposicional de verdades sobre Deus e de Deus. (O relacionamento entre duas dimensões da revelação eu abordei com mais vagar em outro livro, *Creative Bible Teaching*, publicado por Moody Press). A Escritura diz que "as cousas de Deus ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus", e que o Espírito revela exatamente isto a nós em palavras (1 Co 2: 6-15).

Verdade com propósito. Deus decidiu comunicar-se conosco com um propósito. Este propósito nunca pode ser resumido como "conhecer". Sem dúvida devemos compreender e crer na verdade que Deus revelou. Mas não podemos concordar com um provincialismo doentio que se orgulha de conhecer a verdade e crer nela *por amor a isto*!

Da própria Escritura fica claro que a Palavra não quer ser somente sabida, mas vivida. O cristianismo bíblico não é um sistema esotérico de verdade abstrata e teórica. Ele é vida diária e eterna, baseada na convicção de que Deus expressou na Escritura realidade que pode ser experimentada, e que à medida que nossa percepção e personalidade são moldadas pela cosmovisão bíblica, nossa vida dará glória a Deus, e significado e alegria a nós mesmos.

A Escritura insiste claramente em *obediência* à Palavra, por parte do crente, e no uso dela para orientação diária. A característica do homem louco, na conhecida parábola de Jesus, é que ouve a Palavra de Deus... mas não a pratica. A característica do homem sábio, que constrói sua vida sobre fundamento sólido, é aquele que ouve a Palavra de Deus e a pratica. *Precisamos deixar claro, sempre e em qualquer lugar, que não há grande mérito em ouvir a Palavra de Deus, se não segue a obediência.* Uma forma de comunicação que exalta o ouvir, e não o praticar – o que acontece muitas vezes na pregação – trabalha contra a finalidade da pregação da Palavra!

Verdade relacional. A Escritura afirma que "Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a edificação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (2 Tm 3: 16, 17). Esta expressão nos ajuda a entender que a Palavra de Deus não é somente confiável e relevante, mas também *para* o "homem de Deus". A verdade tem relação direta e pessoal com o indivíduo, em toda a sua vida e personalidade.

Hoje em dia o conceito de verdade "relacional" muitas vezes é limitado à ênfase no relacionamento horizontal, entre as pessoas. Isto é verdade, mas limita as implicações da revelação. Qualquer verdade revelada é relacional, no sentido de que serve para guiar os crentes em diversas ocasiões: no relacionamento com Deus, consigo mesmo, com outros crentes, com a família, com a sociedade, com não-cristãos, com bens materiais, etc. A ênfase no "relacionamento" que é apropriada e sempre tem de ser destacada é esta: qualquer Palavra de Deus a nós quer que examinemos nossa vida e harmonizemos totalmente nossa personalidade (nossas idéias, atitudes, valores sentimentos, hábitos, comportamento, etc) com toda a criação de Deus e com tudo que Ele quer que ela seja.

Eu quero lembrar aqui que os aspectos relacionais da revelação tem certa primazia. A Escritura constantemente nos ensina a valorizar as pessoas, e usar as coisas. Mas nunca devemos nos esquecer que a verdade que Deus revelou nunca se isola de nós, em esplendor. Ela vem a nós, e nos convida a examinar todas as relações que temos com nosso ambiente material e social. Ela é relacional no sentido de que cada verdade da Escritura nos ilumina e guia em alguma faceta da nossa vida.

Verdade experimentável. É importante que mantenhamos em vista também esta perspectiva, além das outras, quando nos ocupamos da Escritura. Vezes demais a pregação se nos apresenta como estados ideais o que ninguém ainda experimentou... e produz um sentimento de culpa, depois do fracasso. Esta abordagem da Escritura negativista e legalista está em total desarmonia com seu espírito.

A Palavra de Deus é direta e honesta em relação ao estado errado do homem e sua escolha voluntária do mal (resultado do pecado e também evidência da nossa condição de perdidos), mas ela também anuncia esperança. A mensagem da Escritura aos homens errados é que através da obra de Jesus Cristo e do relacionamento com ele os crentes podem ser transformados! Tudo que Deus quer que sejamos agora é possível para nós. Em Cristo somos convidados a experimentar na realidade o que os maiores filósofos pensaram que fosse um ideal distante.

É um fato real da vida e parte do plano de Deus que esta experiência da verdade é algo progressivo. *Crescimento* é parte do processo, é o seu cerne. A transformação não ocorre num instante, milagrosamente (nem na conversão, nem em alguma obra especial do Espírito Santo depois da salvação). Transformação é a remodelação progressiva do crente, para que ele seja como Cristo é; para que ele tenha o padrão de vida que a Escritura revela ser o ideal de Deus para o homem, sua criação especial.

Por esta razão precisamos abordar e proclamar a Palavra de Deus como seu convite para que passemos a ser o que somos: experimentar mais e mais a capacitação que ele nos promete, ao confiarmos em Cristo e obedecermos com fé.

Na maior parte das igrejas conservadoras atuais a Escritura é aceita e representada como verdade revelada e confiável. Já a sua pregação a cada semana confirma sua importância para nós, como Palavra de Deus. *Mas precisamos tomar muito cuidado para que as outras dimensões do nosso conceito de Escritura e sua natureza também sejam transmitidas nos nossos cultos.* Transmitidas não só com palavras, mas também nas ações que simbolizam e expressam a cada membro da comunidade a importância destas convicções.

O próprio padrão de comunicação precisa proclamar que a Palavra que ouvimos tem propósito, e que nós devemos praticá-la; precisa proclamar a natureza relacional da verdade revelada, e confirmar com expectativa alegre nossa confiança de que o que Deus revelou, *ele fará...* em nós.

proclamação e seu lugar

Provavelmente uma das maiores necessidades dos nossos dias é o desenvolvimento de uma teologia da pregação; teologia que vai além dos trabalhos metodológicos da maior parte dos livros e cursos de homilética, com sua preocupação com introduções e ilustrações e técnicas e gestos persuasivos, até a raiz da pergunta de como a pregação pode transmitir o que a Palavra *é*, além do que ela diz.

Na primeira seção deste capítulo eu esbocei algumas das minhas próprias idéias sobre a natureza da Palavra que deve ser expressa na pregação. Aqui estão algumas idéias quanto a implicações e metodologia.

ênfase em um só conceito. A Bíblia deve ser entendida como revelação de Deus, da verdade e dele mesmo. Na maioria dos tipos de literatura bíblica, particularmente no Novo Testamento, a Escritura é organizada em seqüências claras de pensamento desenvolvidos. Isto é, a Bíblia não se compõe de uma série de pensamentos ocasionais, reunidos sem organização deste autor ou daquele. Assim como histórias e estudos da atualidade, sentenças, parágrafos, capítulos, livros inteiros são

organizados. Podemos discernir uma estrutura de desenvolvimento e de conceitos desenvolvidos que são transmitidos.

É importante, então, quando estudamos a Bíblia, que compreendamos que nosso primeiro objetivo não é procurar um texto que sirva de prova para uma doutrina favorita nossa, nem ler até que algum pensamento de repente nos ilumine com uma "bênção". Devemos, isto sim, seguir os pensamentos de Deus. Precisamos conhecer sua mente, e compreender a realidade assim como ele a concebe.

É mais do que interessante que a "renovação da nossa mente" aparece mais de uma vez como pedra-de-toque para a transformação (como em Rm 12: 1, 2). A palavra grega traduzida "mente" aqui não se refere a processos de computador que nós normalmente associamos à mente. Ela quer dizer "percepção". Quando começamos a perceber a vida da perspectiva de Deus, e quando sua percepção passa a ser a nossa, então temos a "mente de Cristo", e tudo mais em nossa vida se encaixará em seu lugar.

Por exemplo: Em Colossenses Paulo começa agradecendo a Deus por tudo que Ele operou na vida dos colossenses, e lembra estas pessoas do seu resgate das trevas e atual posição em Cristo e no seu reino. Paulo pede em sua oração que eles sejam enchidos de tal sabedoria e compreensão espiritual... tal entendimento do propósito de Deus... tal confiança e conhecimento de Deus... "para que possam suportar tudo com paciência" (1: 11, BLH). Até mesmo as experiências trágicas e difíceis que "suportamos" podem ser transformadas *se as virmos da perspectiva divina*. Se nossa percepção e compreensão das experiências incluírem a noção do envolvimento ativo de Deus em nossa vida, a convicção do seu propósito transformador para conosco, a compreensão de que em sua vontade o difícil e o trágico devem cooperar "para o bem" – então teremos uma mente renovada.

Nós não conhecemos esta perspectiva divina por natureza ou escolha, baseados em nosso ponto de vista egocêntrico. Deus precisa erguer-nos para fora de nós mesmos (como ele *fez* em Cristo), e nos colocar onde Jesus está atualmente, no céu. Deus precisa reformar nossas idéias, e nos dar uma nova perspectiva.

Quando temos esta nova perspectiva, todas as coisas ficam novas. Da perspectiva divina descobrimos novos valores, sentimentos, atitudes e comportamento. E quando temos a perspectiva divina, *tudo se relaciona com a pessoa integral*, os padrões da nossa vida e caráter mudam... mudança gradual operada pelo Espírito de Deus, em um processo de crescimento.

É vital, então, na pregação, que nos concentremos em transmitir o pensamento desenvolvido da Escritura. Que descubramos, e depois proclamemos a perspectiva divina revelada. Para fazer isto precisamos nos disciplinar e fazer uma proposição, clara, por escrito, em uma só frase – que expressa em conceito a perspectiva divina, e também o seu significado – o cerne de qualquer mensagem. Quer preguemos sobre uma passagem, um parágrafo, um versículo, um salmo, uma narrativa, ou uma seção de profecia ou ensino, precisamos dar à nossa mensagem uma ênfase única.

Esta ênfase deve envolver um só conceito.

E deve expressar algo do significado do conceito para aqueles que, ouvindo e crendo, incorporam-no em sua própria perspectiva de vida.

No último capítulo, quando eu disse que a adoração deve ser estruturada para louvar a Deus por um atributo seu que se relaciona com a verdade central do sermão, eu dei um exemplo de proposição que pode ser desenvolvida para dirigir o desenrolar de uma mensagem sobre Jonas – porque ela reflete com exatidão a

ênfase *de* Jonas. "Deus nos convida, como fez com Jonas, a participar da sua grande compaixão pelos que ainda não o conhecem." Para destacar mais o conceito, nesta proposição, podemos revisá-la: "A grande compaixão de Deus por aqueles que não o conhecem nos desafia a amar os que estão ao nosso redor". Agora fica em destaque este conceito único, que expressa uma faceta da perspectiva revelada de Deus, "a grande compaixão de Deus pelos que ainda não o conhecem". E também está incluído o impacto relacional deste conceito... o fato de que nós (seus filhos) devemos mostrar compaixão e nos voltar para (e não de, piamente) os perdidos que estão ao nosso redor.

Talvez o passo mais prático – e um dos primeiros – para harmonizar o ministério da pregação com a Palavra em si, é, então, pregar o que Deus quer revelar! Como Deus, temos de nos concentrar em apresentar a perspectiva divina, e mostrar o impacto desta perspectiva em nossa experiência de vida integral neste mundo.

ênfase na obediência. A proposição a que chegamos em nosso estudo da Palavra dá ênfase ao conceito que queremos transmitir, mas também na sua prática. É essencial que vejamos as implicações relacionais e práticas da verdade que pregamos. Toda Escritura, por natureza, *é* proveitosa e instrui. Precisamos estudar seu significado e obedecer de acordo.

Se, porém, a prática deve ter uma expressão e simbolização adequada no culto de pregação e adoração, é preciso mais que simplesmente uma ou duas ilustrações no fim da mensagem, ou uma exortação. *Devemos dar o mesmo destaque à prática que damos à adoração, em nossos cultos dominicais.*

Como podemos dar destaque, validade e significado educacional à obediência prática da Palavra de Deus no culto? Há muitas possibilidades. Na nossa igreja damos a oportunidade no compartilhar que segue a mensagem da manhã. Às vezes também incluímos questionários no boletim, que as famílias preenchem quando chegam em casa. É possível convidar simplesmente dois ou três membros da congregação a compartilhar depois da mensagem como acham que a porão em prática durante a semana seguinte. Isto é ainda mais útil se estas pessoas fazem parte do grupo que ajuda a planejar o sermão e o culto, que eu mencionei antes como meio apropriado para envolver membros do Corpo no ministério do culto da manhã.

Um culto da Igreja do Círculo ilustra diversas possibilidades. A verdade bíblica central da manhã era esta: "Compreender a posição de proeminência de Jesus significa estar cheio de gratidão pelo privilégio de conhecê-lo pessoalmente." Depois da mensagem pediu-se a dois membros da congregação a compartilharem como tencionavam expressar sua gratidão pelo privilégio de conhecer a Cristo pessoalmente. Depois disto a congregação recebeu, dentro do boletim, cartões postais endereçados à igreja. Cada pessoa deveria levar um para casa, escrever nele sua maneira de mostrar gratidão, e enviá-lo à igreja durante a semana. Em seguida foi dito à congregação que viesse quinze minutos antes do culto, no domingo seguinte, para compartilhar como praticaram ou planejaram fazê-lo, o que também seria publicado no boletim (algumas das contribuições estão contidas na VERIFICAÇÃO 3).

Você se recorda que no capítulo anterior vimos uma ordem de culto da Igreja do Círculo. Ela continha três elementos distintos:

Adorando a Deus
Deus fala através da Palavra escrita
Obediência à Palavra

Criando um lugar distinto e visível no culto para obediência à Palavra, e envolvendo membros da congregação, todo o Corpo, em sua reunião, confirma a impor-

tância da prática e um compromisso de obedecer a Deus quando ele fala.

Da mesma maneira é confirmada e ensinada a dimensão relacional – seu significado para mim.

expectativa. Tenho de mencionar um último elemento, por causa do seu significado em termos de educação. Em poucas palavras: o *tom* da pregação transmitirá e ficará o tom para o Corpo e os crentes dentro dele. Vezes demais eu ouvi pregações onde o tom dominante variava de desânimo para acusação. Os ministros levantam a Palavra de Deus como um padrão, e nós precisamos nos envergonhar por *não* viver dentro dele. Predomina uma atitude negativa, de *fracasso.*

Podemos compreender que pastores e outras pessoas ficam desanimadas. Mas é trágico que o *espírito da Palavra* é tantas vezes distorcido e encoberto. A Escritura fala com vibração e esperança; não o tipo de "esperança" que expressa incerteza, mas uma confiança firme de que Deus está controlando a situação, e de que ele cumprirá em nós a sua vontade.

As verdades, padrões, exortações da Escritura não são apresentadas no tom de um pai desesperado, que reclama frustrado da maldade dos filhos. Elas expressam o alegre convite de Deus Pai a seus filhos, de *experimentar* cada realidade que é narrada! *Podemos esperar que Deus faça em nós* o que ele nos mostra na Palavra. Sim, muitas vezes a nossa experiência está aquém dos nossos desejos. Gastar tempo para crescer não é brincadeira... e pode ser desanimador quando vemos a lentidão (aos nossos olhos) do progresso. Mas a presença constante do Espírito Santo, e o propósito constante de Deus, que nos chamou em Cristo a si, são base sólida para a esperança! Aquele que começou boa obra em nós *há de completá-la* (Fp 1:6). De maneira que o tom de vergonha, de culpa, de frustração, de fracasso, *não reflete a Verdade como Deus a revelou*! A Bíblia fala em tons vibrantes de uma batalha vencida. Nós precisamos falar assim também!

A proclamação da Palavra *é* um elemento vital na educação cristã de adultos. Se conseguirmos, na proclamação, ensinar e pregar em harmonia com que a Escritura é, ajudaremos muito todos os membros do Corpo a...

* descobrir o ponto de vista divino e fazer da perspectiva de Deus a sua própria perspectiva;
* relacionar a Palavra de Deus à sua vida e obedecer de maneira apropriada;
* manter a mesma atitude alegre e esperançosa que deve caracterizar um povo que conhece a Deus, e é conhecido por ele.

VERIFICAÇÃO

casos,
perguntas,
incentivos à reflexão
notas adicionais

1. Eu fico triste por não poder falar mais sobre um assunto tão importante como é adoração e pregação no culto congregacional. Estou alegre, porém, que há uma excelente fonte que pode mostrar como cada um dos conceitos expressados aqui podem ser implantados na prática na vida da igreja. Estou me referindo, é claro, ao Fingertip Consultant, desenvolvido por David Mains e publicado por Step 2, 1925 N. Harlem, Chicago, Illinois 60635 EUA.
2. Muito do que foi dito neste capítulo surge de e expressa certas convicções

quanto à Escritura. Se você deseja se aprofundar nesta área, eu tentei em dois livros anteriores expressar o que para mim parecem ser os assuntos verdadeiramente básicos.

O primeiro destes, *Creative Bible Teaching* (Moody Press, 1970), estuda o relacionamento entre revelação proposicional e pessoal, e também examina um estudo estruturado da Escritura, para dar ênfase ao conceito e à prática.

O segundo, *Creative Bible Study* (Zondervan Corporation, 1971) examina com mais detalhes a questão do "tom de voz" da Escritura e a expectativa com que nos podemos aproximar dela.

3. Os cartões postais que a Igreja do Círculo distribuiu aos seus membros, para que escrevessem neles como expressariam sua gratidão, voltaram com as seguintes observações.

PARA EXPRESSAR MINHA PROFUNDA GRATIDÃO A CRISTO PELO GRANDE PRIVILÉGIO DE CONHECÊ-LO PESSOALMENTE, EU:

- Decidi me tornar o tipo de pessoa cristã madura que Cristo quer que eu seja. Isto implica em uma tremenda reviravolta em meu modo de vida atual.
- Apresentei meus anos de vida e energias para o seu serviço, nas minhas atividades profissionais e em casa/na igreja.
- Lembrei-me de que sou crucificado com Cristo e que minha meta é amor, e isto atingiu diversos projetos que eu pessoalmente gostaria de concretizar; assim, rededuquei-me a executar bem algumas coisas menores que eu sei que Deus quer que eu faça.
- Prometi trabalhar com os pobres de qualquer raça, vivendo, ensinando, pregando e aprendendo deles. Se for necessário, voltarei para a escola para aprender mais, ou então aprender fazendo. Prometo também considerar os outros superiores a mim; visar o interesse dos outros; e ficar mais parecido com Cristo trabalhando como escravo e sendo obediente à vontade de Deus.
- Decidi retomar contato com um antigo amigo que me desapontou profundamente.
- Prometi dar mais atenção às outras pessoas, começando com algum tempo mensal com cada uma das minhas avós.
- Decidi gastar mais tempo com Deus em oração em favor de meus amigos, e mais tempo para conhecer Deus.
- Consegui enviar a série de cassetes sobre Colossenses aos missionários do Círculo, para que possam sentir a posição e proeminência de Cristo de maneira nova.
- Falei do meu conhecimento pessoal de Cristo a alguns universitários, dizendo-lhes o que eu cria e perguntando por suas perguntas e opiniões. Ofereci-me para dar-lhes nomes de universitários cristãos que ficariam contentes em conversar mais tempo com eles.
- Decidi obedecer em uma área onde seu Espírito está me repreendendo.
- Juntei-me a um grupo de oração em favor de outros, e quero testemunhar da minha fé pela oração.
- Orarei especificamente e com seriedade por duas famílias de missionários da igreja.

— Prometi gastar mais tempo para enriquecer este relacionamento com Cristo. Tenho relaxado muito na auto-disciplina, e por isso quero dar um tempo regular para comunhão com Deus, através do estudo da sua Palavra e da oração. Eu oro também que isto resulte em uma fé mais vital, que pode então ser transmitida com eficiência àqueles que ainda não conhecem a Cristo pessoalmente.

4. Eu disse que enviar material para as casas que orienta conversas ou prática é outra maneira de incentivar a obediência a um sermão ou mensagem. Transcrevo aqui uma folha de orientação usada na Igreja Nossa Herança em fevereiro de 1974, depois de um sermão sobre honestidade e como compartilhar de maneira apropriada na família de Deus.

IGREJA NOSSA HERANÇA
2 e 3 de FEVEREIRO de 1974

"HONESTIDADE"
nº 1 ESTUDO PESSOAL

1. Há muitas razões para a desonestidade (torcer algo a nosso favor, não dizer toda a verdade, mentiras diretas). Quantas coisas você pode lembrar que podem motivar as pessoas para um relacionamento pessoal íntimo? (tal como casamento, a Igreja como família, relacionamento entre pai e filho, etc). Relacione *pelo menos 5* motivos possíveis.
2. Qual destes motivos você acha que pode afetar mais o *seu* relacionamento dentro do lar? Por quê?
3. Lendo a história de Ananias e Safira (Atos 5: 1-11), o que você acha que os motivou?

nº 2 DIÁLOGO
(entre marido e esposa)

1. Compartilhem as respostas às primeiras perguntas, e também pelo menos uma oportunidade em que não foram totalmente honestos com o cônjuge. Por que você agiu daquela forma? Existe algum meio de seu cônjuge ajudá-lo a evitar coisas semelhantes? Como você evita este tipo de tentações — você descobriu algo que o ajuda a permanecer sincero e honesto com ele/ela?
2. Pensem em cada um dos seus filhos como indivíduo. Você acha que cada um é honesto com você? (O que o faz pensar assim?) Algumas manias de comportamento o têm preocupado recentemente? (Tente se lembrar de incidentes específicos) Pensem juntos sobre isto: Você trata seus filhos de alguma maneira que faça ser difícil que eles sejam honestos com você? (Ser muito severo, suspeitar ou duvidar de desculpas, etc, incentivam seus filhos a esconder a verdade!) Vejam se podem se ajudar mutuamente a reconhecer hábitos prejudiciais, e conversem sobre como corrigí-los.

nº 3 PRÁTICA
(a família em conjunto)

1. Leia de novo Atos 5: 1-11, e converse com a família sobre as perguntas abaixo. (Pais, aproveitem esta hora para *ouvir* as opiniões dos seus filhos, e de *compartilhar* as suas idéias e experiências. *NÃO* LHES DIGA SIMPLESMENTE o que devem pensar e fazer.)
   - Que razão você acha que levou estas pessoas a planejar uma mentira?
   - O que fazia esta mentira ser tão terrível?
   - Será que este tipo de desonestidade aproxima mais a família de Deus? Por quê, ou por que não?
   - O que ajuda a sua família (pais e filhos) a se aproximar?
   - Você se sente "distante" de outras pessoas da sua família? Quem? O que faz você se sentir assim?
   - Você acha que é importante que sempre sejamos honestos uns com os outros? O que nos ajudará a sermos mesmos cheios de verdade?
   - Deus castigou Ananias e Safira com muita severidade, porque feriram a família da igreja. Isto ajudou outras pessoas a não fazerem o que eles fizeram.

     O que nos ajuda a parar quando estamos sendo desonestos?
     O que nos ajuda a sermos realmente verdadeiros com os outros?
2. Faça uma "flor de comunhão familiar", com uma pétala para cada membro da família. Quando algum deles se sentir "distante" dos outros, por causa de algo que ele precisa dizer para ser realmente honesto, ele pode remover sua pétala da "flor".

   Às vezes é difícil começar a falar de algo que nos deixa pouco à vontade. Assim, quando vemos que uma pétala foi "distanciada", podemos sentar e conversar com esta pessoa, e ajudá-la a dizer o que está errado.

   Vejamos se conseguimos manter nossa flor de comunhão familiar bem junta toda semana! E vamos ajudar os outros a serem honestos conosco ouvindo e se integrando.



Cole as pétalas em uma folha de papelão, e pendure a flor no armário da cozinha. Tire sua pétala quando você tem algo a dizer aos outros.

5. Por fim, tente integrar tudo que dissemos sobre educação de adultos fazendo este trabalho escrito:
   A. Use a informação básica da igreja hipotética descrita na pg 205. Agora faça uma previsão dos próximos *dez anos* e descreva a mesma igreja *como ela poderia ser se* existisse educação de adultos "ideal".
   B. Depois tente reconstruir possíveis *passos* que marquem a transição do

"real" para o "ideal". Que estratégias devem ser introduzidas primeiro? Como os princípios estudados nos primeiros capítulos deste livro podem ser aplicados, à medida que as diversas estratégias de educação de adultos vão sendo empregadas? Vinte e cinco páginas de desenvolvimento do "processo" seriam o mínimo aqui.

C. Depois converse com outras pessoas sobre a reconstrução que elas fizeram. Que problemas elas previram? Como eles podem ser vencidos? Que princípios orientam cada passo?

Admito que isto é um exercício bastante abstrato, mas seu principal benefício é reconhecer a complexidade do problema. E também criar uma crescente sensibilidade e familiaridade com os princípios que têm de orientar nossos ministérios no Corpo.

PARTE III: resumo

26. assuntos mais importantes da educação cristã
27. determinar elementos na educação cristã
28. o sobrenatural na educação cristã

Página em branco como no original.

26

recapitulação: assuntos mais importantes na educação cristã

Nesta seção do livro eu quero resumir brevemente e integrar alguns dos assuntos que motivaram este estudo de teologia da educação cristã.

Até certo ponto estarei repetindo. Mas isto pode ser proveitoso. Particularmente quando voltamos aos elementos mais importantes da educação cristã: o papel da Escritura, do professor e do relacionamento.

o papel da Escritura

Se me pedissem o que, na minha opinião, é o cerne da fé cristã, provavelmente eu diria algo assim: "O cerne da fé cristã é a confiança de que nosso Deus Criador existe, que ele agiu em Jesus Cristo para redimir, e que ele revelou a si e a Verdade na Palavra escrita." Eu incluiria esta última frase porque estou convicto de que o cristianismo é uma religião revelada, e que como tal nossa doutrina da Escritura está no centro da fé.

Desta forma, sem deixar que me chamem de "bibliólatra", eu quero insistir que uma atenção séria e reverente à Escritura é essencial para crescimento e saúde espiritual, e essencial a qualquer tentativa de educação cristã. Ao mesmo tempo deve estar claro que nosso conceito de Escritura e seu propósito determinará como ela se encaixa no processo educacional. De maneira que talvez a melhor maneira de definir o seu papel é reafirmar alguns pressupostos em relação à Bíblia que já citamos antes.

revelação da realidade. Às vezes nós encaramos a vida de maneira não realista: idealista. O sonho utópico, os "mundos possíveis" da ficção científica, os devaneios que imaginamos sobre nós mesmos, tudo se baseia na noção de que este universo tem *possibilidades infinitas.* O relativismo aceita este ponto de vista, e diz que algumas decisões são "certas" para uma pessoa e "erradas" para outra, dependendo das convicções e idéias do indivíduo. Os cientistas sociais estudam como as percepções da realidade se desenvolvem, e escrevem livros fascinantes sobre as fontes sociais da "realidade". Piaget e outros mencionados neste texto dizem que a personalidade humana é estruturada, mas negam a possibilidade de o universo onde o homem se encontra ser estruturado.

A Bíblia parte de um ponto de vista totalmente diferente. Para ela este mundo tem *possibilidades limitadas.* Assim como a gravidade limita a possibilidade de você e eu voarmos sem auxílio artificial, assim a estrutura do universo moral, as ordens e leis do universo espiritual, a natureza caída (e redimida) do homem, o caráter e propósitos de Deus... tudo isto limita e impõe uma estrutura à experiência humana. Esta estrutura, a percepção divina da criação total, é a realidade, não importa que idéias os seres humanos tenham sobre o mundo em que vivem.

Quando a Escritura diz que ela é a Verdade (e ela o faz diversas vezes), isto implica em que o que a Escritura revela *está em total harmonia com a realidade.* A Escritura é verdadeira não somente porque Deus a deu, e nele podemos confiar. Ela é verdadeira porque representa com exatidão como as coisas são.

Em essência, Escritura é onde nós participamos do conceito de Deus de vida e significado. Isto, é claro, não quer dizer que na Escritura encontraremos *toda* a ver-

dade, ou conhece-la-emos completamente. Quer dizer, isto sim, que o que a Escritura nos ensina, o que Deus revelou, é confiável e importante. A Escritura traz a única perspectiva acurada da vida e do seu propósito a que o ser humano tem acesso. Ela inclusive nos adverte para evitarmos "argumentos inúteis", que são coisas que "vêm dos ensinos dos homens", e que aceitemos pela fé a perspectiva de Cristo (Col 2, BLH).

A Escritura como retrato da realidade é chave vital para entendermos seu papel na vida cristã e na educação. Deus revelou a realidade para que tenhamos a sua mente, e assimilemos cada vez mais a sua perspectiva. À medida que avaliamos a vida através do conjunto de preceitos da Escritura, nossa perspectiva (e todos os aspectos da nossa personalidade) será reformada também.

realidade que deve ser vivida. A Escritura não nos revela *toda* a realidade. Mas o que temos é suficiente para orientar nossas escolhas e nossos valores. Devemos *viver* o que temos.

De forma que a Escritura é um *convite* firme e desafiador para que *correspondamos* à sua natureza. Uma criança que descobre o significado da palavra "quente" através de uma experiência dolorosa será orientada por esta percepção por algum tempo! Deus, que deseja o melhor para nós, nos traz uma orientação específica para a vida, e nos adverte em relação ao "quente" dentro e fora de nós. Onde a Escritura fala a nós, ela espera que obedeçamos com amor, experimentando assim a realidade.

Esta, sem dúvida, é a ênfase das palavras de Jesus registradas por João: "Se permanecerdes na minha palavra... conhecereis (pela experiência!) a verdade, e a verdade vos libertará". O crente encontra a liberdade ao aceitar a revelação confiável da vida da Escritura, e ao obedecer, com fé, de maneira apropriada a esta revelação.

realidade para ser vista. É maravilhoso que experiências nossas e de outros podem provar a validade da verdade da Escritura, devido ao fato da Escritura apresentar uma realidade que pode ser experimentada! Este é o significado, em parte, do conceito de modelo. Em outras pessoas nós vemos verdadeiramente encarnado o que lemos na Palavra escrita.

Não devemos entender mal a idéia de que a Escritura deve ser autenticada ou ter sua validade provada pelas experiências de outras pessoas. Isto *não* quer dizer que a "verdade" da Bíblia "depende" de que a experimentemos. Isto simplesmente quer dizer que por causa da Bíblia ser verdadeira,e falar da realidade, devemos esperar que as experiências de crentes que vivem por ela correspondam com o que ela promete que eles experimentarão.

Mas a importância da autenticação, em termos de educação, vai bem além disto. No "exemplo" de alguém que demonstra em sua vida que a realidade apresentada pela Escritura pode ser experimentada, temos o elo vital entre "conceito" e "percepção". Um "conceito" pode ser compreendido como algo abstrato e irrelevante para a vida, mas "percepção" é o meio de avaliar a vida. Descobrir a verdade em e através da vida de alguém testifica que a Escritura não serve para apresentar conceitos abstratos, mas serve como uma lente através da qual percebemos tudo na vida.

Isto faz com que seja vital, ao comunicarmos a Escritura, que a educação seja planejada para processar a Escritura como *realidade que deve ser vivida e vista.* Educação feita para processar a Escritura principalmente como *conceitos (ou informações) que devem ser cridos* não só é inadequada, mas também quase com certeza distorcerá o caráter de "realidade" da Palavra.

Então, onde está o lugar da Escritura no ministério de educação cristã esboçado neste livro? Em poucas palavras: A Escritura sempre é o centro!

Recentemente discutimos o orçamento, em nossa reunião de diretoria. Não tanto que ele seja cumprido, mas que nosso uso do dinheiro reflita as prioridades e valores divinos. Estudamos a Escritura, tentanto captar a perspectiva da história e das diretrizes bíblias, procurando maneiras de harmonizar melhor as finanças da nossa igreja com a atenção que Deus dá aos pobres, e às necessidades dos seres humanos.

Em nossa "pequena igreja" de terças-feiras à noite estudamos Colossenses, particularmente procurando relacionar o quadro que Paulo faz da vida cristã com nossas próprias experiências.

Nos cultos ouvimos regularmente mensagens da Palavra, e depois grande parte do compartilhar expressa as experiências dos crentes, no tocante à reformulação e coloração que a Escritura trouxe.

Em cada uma destas situações, e em nossa própria vida, a Escritura serve de guia para indivíduos, grupos e todo o Corpo. Ela guia, não de maneira rigorosa e rígida, como uma "lei", mas como voz viva do Deus vivo, interpretada e aplicada por seu Espírito.

Em qualquer sentido o lugar da Escritura nas experiências diárias atuais dos membros do Corpo, quer em sua vida particular, quer reunidos, é muito mais importante que as classes formais em que "ensinamos" a Bíblia.

À medida que a Palavra é integrada mais e mais na vida da comunidade, pelas maneiras estudadas em capítulos anteriores, ela começa a assumir seu lugar de direito na vida dos crentes.

Procurando material de ensino que deve comunicar a Palavra, encontramos o que transmite informação dela, o que usa a Bíblia como ponto de partida para desenvolver o relacionamento, o que incentiva e motiva a prática, e o que reforma nossas percepções mostrando o impacto que a verdade de Deus tem sobre a experiência humana. Cada um destes pode ter seu lugar na Igreja... alguns mais importantes que outros.

O fator principal, porém, continua o mesmo.

A Palavra está sendo vivida e usada como guia de vida dos indivíduos e do Corpo? Somente quando a Escritura estiver no centro de qualquer atividade dos crentes, e for estudada como guia confiável e importante, cresceremos para sermos mais semelhantes a Cristo.

o papel do professor

Na educação secular existe muita tensão na análise e definição do papel do "professor". Existem muitas possibilidades. O professor pode ser qualquer coisa, desde o facilitador de Carl Rogers, passando por um diretor de sala de aula, que orienta as crianças a escolher e usar as fontes certas, até o modificador de comportamento que "forma" o indivíduo e o grupo através de direção contingente.

Na educação cristã, entretanto, não devemos fazer confusão. Sem dúvida a velha função de autoridade que transmite verdades acabou. E a nova função, o novo papel, está bem à vista. Professor de verdades espirituais é uma pessoa que progrediu no processo de transformação, através de experiências pessoais! O professor é o exemplo que pode ensinar outros a ser como ele.

Esta imagem de professor está completamente de acordo com o ensino bíblico sobre a natureza de servo da liderança espiritual, e com o conceito de "exemplo" desenvolvido no Novo Testamento. A nova imagem também nos ajuda a definir diversos aspectos da situação de ensino/aprendizado, que para todos agora é de importância dramática.

Em primeiro lugar, o professor como modelo não se apresenta como autoridade, mas como alguém que está sujeito, junto com o aluno, *à* autoridade de Deus, através da Escritura. O professor aprende junto com o aluno, e em essência quer mostrar ao aluno como compreender a Palavra como verdade que pode ser vivida.

Em segundo lugar, para servir de exemplo do significado da Escritura para a vida, deve haver um relacionamento íntimo e pessoal entre professor e aluno, que possibilita ao aluno conhecer o professor como pessoa. Se o ensino deve ser transmissão de vida, e não de conceitos, a exposição do estado interior do professor é de importância vital.

Em terceiro lugar, um relacionamento de amor entre professor e aluno também é importante. O processo de identificação, implícito no ensino da Escritura baseado no exemplo, destaca-se em um crescente e profundo interesse de um pelo outro. Este relacionamento amoroso também é necessário por causa da ênfase da Escritura no amor como pedra mágica da transformação: o amor é uma das verdades de que se espera que o professor seja modelo.

Em quarto lugar, atividades em que o aluno pode ver o professor vivendo a verdade têm prioridade. A sala de aula tradicional tende a limitar o tipo de informações fornecidas, e dá pouca ou nenhuma oportunidade ao aluno de ver o professor como pessoa, integralmente.

Estas considerações nos ajudam a ver que o papel do professor não é algo que cabe na moldura da sala de aula tradicional, mas se estende a todas as ocasiões quando crentes se reúnem e têm contato. Limitar nossa idéia de ensino ao que a cultura secular definiu, é tirar toda a força do conceito apresentado na Bíblia, e fechar os olhos para o significado da própria vida como principal ocasião para o ministério do professor.

Em poucas palavras, então, nosso conceito de "professor" mudou de um papel organizacional para uma função intepessoal: de um "emprego" para uma qualidade de maturidade e dom que funciona em qualquer contato que o professor tem com outros crentes. Por esta razão, e outras, nós demos mais ênfase aos aspectos informais da educação cristã, convictos de que o lugar mais importante onde se dá o ensino é a situação informal, e não a formal.

o papel do relacionamento

Uma das percepções mais vitais da educação cristã deve ser que ela envolve a comunidade cristã como Corpo. Isto deve ser experimentado e confirmado através de uma unidade da Igreja encontrada somente em um amor profundo e ardente entre os membros. O contexto de relacionamento, de e para crescimento e ministério espiritual, foi muito destacado neste livro: nunca podemos perdê-lo de vista.

No contexto de amor, confiança, sinceridade, honestidade, aceitação, interesse, apoio, perdão, correção, confirmação, o crescimento na fé cristã como vida pode ocorrer. Sem este contexto, o crescimento é interrompido e atrasado.

Não é difícil ver por que. Este tipo de relacionamento nos aproxima mais uns dos outros, e facilita a identificação. Ele permite que nos conheçamos bem, e tenhamos assim muitos modelos da vida da fé. Vivendo perto uns dos outros, vemos como a verdade de Deus é vivida, e vemos confirmado o que a Escritura diz de si. Deus e sua Palavra se tornam reais para nós, deixando de ser somente "convicções". No contexto de tal relacionamento descobrimos também a nós mesmos. Descobrimos que somos amados e valorizados, e a atitude de outras pessoas que têm a mesma perspectiva e valores de Deus em relação a nós fazem sua atitude ser real. Vivendo

perto uns dos outros, vemos como a verdade de Deus é vivida, e vemos confirmado o que a Escritura diz de si. Deus e sua Palavra se tornam reais para nós, deixando de ser somente "convicções". No contexto de tal relacionamento descobrimos também a nós mesmos. Descobrimos que somos amados e valorizados, e a atitude de outras pessoas que têm a mesma perspectiva e valores de Deus em relação a nós fazem sua atitude ser real. Vivendo perto uns dos outros somos livres para servir, usando os dons que Deus nos deu. O contexto de relacionamento possibilita um ministério bidirecional, libertando-nos da limitação unidirecional. Viver perto uns dos outros também nos dá um sentimento de aconchego que nos motiva a participar da dedicação da comunidade.

Não podemos ter uma educação cristã adequada sem atentar para/e fortalecer o desenvolvimento do relacionamento que a Escritura prescreve para o Corpo de Cristo.

Por isso o relacionamento entre as pessoas tem uma importância muito maior que geralmente lhe concedemos! Não podemos mais fazer de conta que ensinamos cristãos na fé através de classes e cultos que em essência são impessoais. Precisamos desenvolver um contexto de relacionamento onde a maior das nossas tarefas educacionais, aprender um estilo de vida, pode ocorrer.

Cada uma destas considerações nos leva novamente a concentrar nossa atenção na educação informal, e não na formal. *Não podemos mais limitar nosso conceito de educação a como estudamos a Escritura na sala de aula, a como o professor comunica, e que métodos são mais apropriados, e a como ajudar alunos nesta sala de aula a expressar aplicações pessoais.* Temos de prestar atenção, isto sim, à vida total do crente dentro do Corpo. Temos de descobrir maneiras de inserir a Escritura em qualquer relacionamento. Temos de reconhecer o professor como líder, especialmente dotado por Deus para liderar os outros no ministério de fazer os crentes serem como Cristo – e não como especialista na sala de aula. E precisamos considerar qualquer contato na diretoria, departamentos, grupos de ação e de crescimento, cultos, telefonemas e excursões para pescar – como ocasiões que facilitam o desenvolvimento de um relacionamento de um ministério que confirma a unidade e o amor do Corpo.

A educação cristã irrompeu da sala de aula. Agora precisamos estudar como inserir seus princípios na vida da Igreja.

27

recapitulação: determinar elementos na educação cristã

Isolar os elementos essenciais da educação cristã e descrever como eles se relacionam nos leva a uma posição drasticamente diferente da da maioria dos educadores cristãos. Em vez de concentrar o ministério educacional da igreja em departamentos especiais para este fim, tipo escola, nosso estudo nos levou a dar ênfase em processos educacionais informais, e não formais. A transmissão de fé-como-vida e o crescimento da fé, através do discipulado, até à semelhança com Cristo, assemelha-se mais ao que temos chamado de socialização do que ao que chamamos de educação.

Por esta razão a tarefa do educador cristão é bastante diferente do que geralmente é dito. E determinar elementos... o papel de situações de aprendizado, de currículos, de currículos ocultos... tudo isto é visto de maneira nova, desafiadora.

A tarefa do educador cristão tradicional, do superintendente do departamento de educação da igreja e do treinador de professores, deve ser redefinida se levamos a sério o modelo de socialização para a educação cristã. Assim que a transmissão e o crescimento da vida de Cristo for aceita como tarefa da educação cristã, e o discipulado em direção à semelhança de Cristo a meta, métodos mais antigos de transmissão de convicções acabam por ser inadequados. O educador cristão passa ser o planejador da vida da Igreja, porque na vida de toda a igreja e em todo o seu relacionamento é que o estilo de vida do crente é reformulado.

Ainda mais: a educação cristã, como disciplina teológica, não é mais competência do "ministro de educação". Se tudo na igreja ensina, então cada líder da igreja deve ser um educador. Cada líder da igreja precisa compreender os princípios da vida e do crescimento dentro do Corpo, e precisa desenvolver a capacidade de planejar as reuniões da igreja para sua tarefa transformadora. Como temos visto, este planejamento vai além das reuniões tradicionais "de ensino" de igreja (escola dominical, culto da manhã), atingindo qualquer relacionamento no Corpo, desde reuniões de departamentos e em casas até grupos de ação e horas de Corpo Vivo.

Por isso é útil rever brevemente os elementos que vimos funcionando em outros capítulos, e reafirmar prioridades que foram constatadas ou que ficaram implícitas.

o papel das situações de aprendizado

Eu tenho dito que qualquer ocasião em que crentes se encontram é uma situação de aprendizado, e deve ser percebida como tal. Eu disse também que situações não chamadas de "educativas" na verdade têm o maior impacto sobre o crescimento e discipulado da pessoa. A distinção principal aqui é entre situações de aprendizado formal e informal.

situações formais. Estas são as do tipo escola e "culto". Nestas situações se desenrolam processos definidos culturalmente, com pessoas com funções apropriadas ("professor", "superintendente", etc), e o conteúdo bíblico é transmitido de maneira apropriada (cognitiva).

Tentei reunir considerável evidência para mostrar que a situação formal não é

adequada para transmitir fé como vida, e não é muito eficiente para levar o aluno além da compreensão, à ação. Isto significa que não podemos nos basear na educação formal para obter crescimento ou transformação. *Isto não quer dizer que devemos abandonar a educação formal de todo.* Na verdade a situação formal é apropriada quando nosso objetivo é incentivar alcance cognitivo. E nunca devemos perder de vista que um conhecimento – de teologia, história bíblica, seqüência da revelação progressiva, situação e cultura dos diversos livros, etc – como moldura é muito importante para o crente. A moldura possibilita à pessoa *aplicar a Escritura com mais exatidão...* Sem cair na armadilha de aplicar para si verdades ou implicações específicas para certa pessoa ou certo tempo.

Na verdade um dos objetivos educacionais da igreja local e dos seus líderes em geral deve ser este: Que conhecimento é preciso, com que idade, para melhorar aplicação e crescimento pessoal através do estudo bíblico?

Em geral, eu acho que o princípio que deve governar nossa estratégia educacional é este: usar a situação formal para fazer o que ela faz da melhor maneira, mas nunca se basear nela para contribuir diretamente para a missão de discipulado e transformação da Igreja.

situações informais. Estas, como já vimos antes com bastante vagar, se diferenciam das formais de diversas maneiras. Elas não são "escola". Não têm funções de "professor", "aluno", "matéria" e "aprovação" definidas. Seus participantes as encaram como parte da própria vida, e não como tempo separado para estudar.

Existem elementos informais que podemos e devemos tentar integrar nas situações formais tradicionais. Por exemplo: podemos usar a "hora da escola dominical" tradicional para uma experiência educativa que não é "escola". Em uma seção deste livro eu disse que, para a educação cristã de crianças, precisamos mudar o que acontece durante a escola dominical, mudando primeiro a imagem que o professor tem de si mesmo, depois a função de contar para a de compartilhar, depois o contexto de relacionamento de "aluno" para "amigo", etc. Com o tempo esta situação formal pode ter mais características informais que formais!

Mas mesmo fazendo o melhor, esta redistribuição de elementos não é suficiente. Para que a educação cristã de crianças seja suficiente *precisamos* nos concentrar no lar, onde os pais são os principais modelos da criança, tornando-se assim também os principais modelos da vida da fé. *A educação cristã não pode mais depender do que acontece na situação educacional formal... mesmo se esta se harmoniza com princípios informais.* Em vez disto a educação cristã precisa ampliar sua perspectiva para estudar as situações onde a vida da Igreja de fato é vivida. Nestas situações, remodeladas para transformarem, nossa educação deve concentrar seus esforços.

Neste livro, então, estive defendendo duas coisas vitais. Uma, que reconheçamos a inadequação do que estivemos pensando sobre educação na igreja. Outra, que reconheçamos que a vida total da igreja, com seu relacionamento interno, é o lugar da *verdadeira* experiência educacional do crente.

Somente quando adaptarmos as situações informais de interação de modo que facilitem a ocorrência dos requisitos da socialização para a vida da fé é que redescobriremos o poder dinâmico e transformador evidenciado na igreja primitiva.

o papel dos currículos

É fácil estabelecer e justificar o papel dos currículos se mantivermos uma noção de educação como algo essencialmente formal. Começando com o pressuposto que há um conjunto de verdade que deve ser aprendido, os currículos servem para

transmitir esta verdade de maneira lógica e organizada. Espera-se que haja tempo, depois da comunicação, para estudo do significado e aplicação pessoal. Mas a matéria em si impõe ordem e estrutura ao aprendizado.

A socialização, por seu lado, presume um conjunto de percepções e conceitos que foram integrados no estilo de vida de uma sociedade ou cultura, com que o indivíduo se defronta à medida que vive nesta sociedade ou cultura. O que é aprendido, então, não é determinado por organização lógica do conteúdo, mas pela vida do indivíduo na cultura. Por isso, na socialização a própria vida estrutura o aprendizado. O aspecto do conteúdo (p. ex.: a perspectiva da realidade assimilada como convicção e expressa pelo estilo de vida) com que um indivíduo se defronta não é determinado de fora, mas de dentro do contexto da situação.

Por exemplo: recentemente eu escrevi um livro para cristãos novos e também mais velhos, entitulado *Born to Grow* (Scripture Press). Neste livro eu dei perspectivas que o crente precisa desenvolver para estar em harmonia com Deus, padrões de vida que desempenharão um papel no crescimento, e conceitos de Deus que são essenciais em uma âncora sólida para a vida. Um destes capítulos sobre "comportamento" trata de "pequenos passos diários" de obediência à Palavra de Deus.

Bem, alguém que leia este livro, ou uma classe que o use, necessariamente chegará a este capítulo, na seqüência; o curso chegará a ele na sétima semana, não interessa quando precise dele. Porém alguém que vive na comunidade cristã (caso esta comunidade inclua em seu tempo em conjunto uma ênfase na "prática da obediência", como eu sugeri no capítulo 25), confrontará a necessidade de obediência de maneira diferente. À medida que ele cresce na comunidade, ele verá no estilo de vida dos outros uma dedicação a Deus e à prática da sua Palavra que, a certa altura, o desafiará a avaliar a sua vida. Ele poderá ter contato com este assunto em um grupo pequeno, caso participe de algum. Ou com um amigo cristão. Mas o problema de obedecer a Deus surgirá de maneira natural, de modo que seja encarado corretamente como uma questão de estilo de vida, recebendo apoio do estilo de vida observado no Corpo, e não é simplesmente uma "decisão de fé" que precisa ser feita.

Isto, é claro, não significa que "currículo é mau", ou que algumas verdades não precisam ser aprendidas de maneira lógica e relacionada. Isto simplesmente quer dizer que nenhum currículo, para nenhuma faixa etária, pode ser planejado de modo que se desincumba bem da tarefa que é de responsabilidade da Igreja... o discipulado de crentes em Cristo, jovens e adultos. E por isso nós não devemos depender de currículos para fazer o que o processo informal pode fazer melhor!

Então, que papel resta para os currículos? Principalmente dois, a meu ver. Um é estruturar as coisas que podem ser aprendidas melhor na situação educacional formal. Eu, pessoalmente, critico meu (e de outros) treinamento no seminário. Eu não fui preparado para ministrar ou liderar uma igreja. Os outros também não são. Mas estou sempre agradecido ao meu seminário por sua ênfase no domínio da Palavra de Deus. Eu sinto que muitas vezes as divisões usadas na teologia são artificiais, até prejudiciais. Mas eu não precisava pensar nestas divisões para dominar história e conteúdo dos livros da Bíblia, para usar grego e hebraico, e aprender algo do padrão de pensamento destes idiomas. Mas este papel dos currículos, apesar de importante, ainda é limitado e de menos importância que o processo de educação informal na igreja local!

A segunda função do currículo é notada poucas vezes, mas de importância vital. *Os currículos podem ser melhor adaptados para estruturar funções e relacionamento que para comunicar conteúdo.* Com isto eu quero dizer que, a longo prazo

a maneira *como o currículo estrutura a situação de ensino/aprendizado* pode ter maior impacto sobre os alunos que o conteúdo específico de que ele trata. Eu também quero dizer que um critério muito importante pelo qual nós avaliamos currículos deve ser o processo que eles promovem, além das verdades de que tratam!

Por exemplo: um currículo para adolescentes não deve somente apresentar a eles verdades e conceitos bíblicos apropriados, mas também ser planejado de modo que os ajude a descobrir estas verdades e o seu significado. Um currículo planejado para incentivar estudo bíblico pessoal, exame crítico das descobertas, estudo em grupo do significado das verdades para a vida de adolescentes, contribui muito mais para a vida destas pessoas do que simplesmente apresentar verdades bíblicas. Um currículo como este, bem planejado, pode ensinar os jovens sem barreiras a como usar e procurar na Bíblia verdades que têm impacto na vida.

Da mesma maneira o currículo da Escola Dominical PLUS, a que me referi no capítulo 18, foi planejado especificamente para padronizar o relacionamento entre pais e filhos com o objetivo de desenvolver uma abertura, um compartilhar, expressão mútua e abertura para ouvir a revelação de sentimentos e experiências internas, de maneira sincera, à medida que são estudados assuntos de fé e valor. Neste modelo o currículo é usado para dar forma aos elementos essenciais da educação informal, e harmonizar meio e mensagem.

Este planejamento de currículo é particularmente valioso, e deve ser avaliado com cuidado sempre que um currículo for usado. E isto nos leva a duas ocasiões em que currículos devem ser escolhidos:

(1) quando a situação é formal, e a meta tem uma moldura de conhecimento lógico e organizado; e

(2) quando o currículo deve promover técnicas e atitudes que terão um impacto positivo significativo sobre as situações informais em que a vida da fé é transmitida.

o papel do currículo oculto

À medida que você estudou este livro, espero que ficou claro que o "currículo oculto" é a força educacional mais poderosa com que a educação cristã conta. Com "currículo oculto" eu me refiro a todos os elementos de qualquer situação de relacionamento entre crentes que apoiam ou inibem o processo de transformação.

Se nós realmente cremos que o ministério é da responsabilidade de todos, em qualquer reunião de crentes demonstraremos esta convicção, de modo que o ministério mútuo seja a experiência viva de crentes, e não só uma teoria exposta do púlpito. Se realmente levamos a sério o contexto de relacionamento que a Escritura diz que é ideal para o Corpo, e importante para o uso dos dons espirituais, então em qualquer reunião da igreja (quer em reuniões administrativas, quer em reuniões de oração e compartilhar), trabalharemos para expressar e experimentar unidade e amor.

O verdadeiro centro do ministério educacional está no planejamento do currículo oculto. E a principal ênfase no treinamento para a educação cristã (para qualquer ministério, na verdade) deve ser que o educador sinta os elementos e problemas do currículo oculto, e os princípios que orientam o seu planejamento. Considerações teológicas... a natureza da fé cristã, da Igreja, o processo de crescimento em transformação em que o discipulado implica... tudo isto nos fornece orientação suficiente para este tipo de treinamento da futura liderança da igreja, e suficientes idéias práticas para mudar significativamente os nossos métodos atuais.

28

recapitulação: o sobrenatural na educação cristã

Existe um elemento de abandono na educação cristã, que simplesmente não existe em nenhum outro tipo de educação. Nós somos vocacionados para servir de maneira inteligente; para modelar nosso planejamento da educação cristã por princípios revelados na Palavra de Deus. Mas nunca nos é dito que devemos nos basear em nossa inteligência ou nossos planos.

Nós nos baseamos unicamente em Deus.

Nós podemos distorcer o papel de Deus no ministério de educação cristã de duas maneiras. Uma é deixá-lo fora, e ver no crescimento do cristão simplesmente um processo natural. Outra é fazer disto algo mágico, exigindo que Deus aja contra todos os processos naturais e intervenha de maneira espetacular.

É muito melhor, e mais bíblico, reconhecer que Deus opera *através de processos naturais de maneira sobrenatural.*

Quando Deus quis que sua revelação fosse escrita, ele não esvaziou personalidades humanas, ditando suas palavras através delas como se fossem bonecos. Ele trabalhou com e através dos indivíduos que escolheu; trabalhou com e através deles de maneira que os livros que eles escreveram refletem sua personalidade, experiências e cultura, e ao mesmo tempo expressam perfeitamente, com palavras que o Espírito escolheu, os pensamentos e palavras de Deus.

Quando Deus decidiu comunicar o evangelho a um mundo perdido, ele não enviou anjos para anunciar o caminho da salvação, mas deu a homens como Pedro... e como você e eu... a missão de servir como seus embaixadores.

Através dos meios naturais de conversa, discursos, escritos, a obra sobrenatural de Deus é realizada.

Sim, podemos mencionar as intervenções espetaculares de Deus na história. Mas a experiência inigualável de homens desde a fundação do mundo tem sido conhecer e confiar em Deus através de meios bem normais; através dos meios naturais que Deus inseriu na personalidade humana para transmitir qualquer convicção ou cultura.

Dar atenção a estes meios naturais de forma alguma é roubar de Deus uma intervenção direta e sobrenatural em conversão ou crescimento. As palavras de Jesus servem de advertência para todo aquele que eleva os meios que Deus usa para o lugar de causa: "Sem mim", Jesus explicou, "nada podeis fazer". E estas palavras permanecem verdadeiras, e inclusive são a pedra angular da confiança do cristão ao encetar a tarefa vulgar de planejar, preparar e desenvolver a vida da igreja. Sem Jesus e a atuação do Espírito Santo nenhuma vida inspiraria o coração crente; nenhum ministério seria concedido ou recebido, não haveria transformação. Sem Jesus e a atuação do Espírito Santo o modelo de fé nunca estimularia a determinação do discípulo em imitá-lo.

A eficiência de qualquer ministério, no fim, depende da graça soberana; da determinação de Deus de tocar-nos, de nos trazer a ele como seus filhos, e de supervisionar nosso crescimento, já que somos crianças.

Com esta afirmação, entretanto, ainda estamos comprometidos com dispender todo o esforço para formar os meios que o poder de Deus enche de eficiência. Como aqueles que crêem que Deus existe e que ele falou, nós estamos também comprometidos a obedecer à sua revelação escrita. Os processos que a Escritura diz que são essenciais na vida e missão da Igreja *precisam* ser processos que nós queremos incentivar em nossas situações locais.

Por que Deus escolheu estes meios? Não cabe a nós perguntar. Por que Deus escolheu trabalhar dentro do quadro que é natureza do homem que ele criou? Não cabe a nós questionar. Mas podemos confirmar que ele escolheu estes meios, e que ele escolheu trabalhar dentro, e não fora, dos processos naturais de crescimento e transformação. E já que Deus escolheu, a nossa tarefa está evidente. Temos de nos desincumbir dos ministérios que recebemos dele... à sua maneira.

Para mim, isto significa que temos de estar dispostos *agora* para repensar nossas pressuposições em relação à educação cristã. E, com confiança em Deus, avançar para reconstruir sobre princípios que encontramos claramente em sua Palavra.

Página em branco como no original

ÍNDICE DE ASSUNTOS

Página em branco como no original

Absolutos morais, 145
Aceitação: ensino bíblico, 194-195
Adoração: definição, 227; ênfase da, 227; ênfase em Cristo, 226; ensino bíblico, 227; estrutura, 229; exigências, 226-7; participação, 230; relacionamento, 229
Adultomorfismo, 137
Ambiente: e aprendizado, 60-61, 154; sobrenatural, 61
Amor: crescer no, 122; ensino bíblico, 33, 194; e evangelismo, 43; iniciativa no, 44
Anciãos (líderes): papel dos, 112, 121, 122; e visitação, 124
Aprendizado: conceito de, 154; conceito bíblico de, 25-27; dimensões sociais do, 62; processo, 149; teorias, 58-61
Aprendizado isolado: mito do, 15ss
Atitude, 49-50

Behaviorismo: e aprendizado, 58-59
Bíblia, *veja* Palavra, a

Castigo capital, 12-13
Compartilhar: pela congregação, 115; em grupos pequenos, 210-11; pelo pastor, 116; o púlpito, 140
Comunicação: da Bíblia, *veja* Palavra, a: comunicação da; canais de, 42; conteúdo de convicções da fé, *veja* Conteúdo de convicções da fé: comunicação do; ensino bíblico, 27-8; estrutura organizacional, 126-8; de fé-como-vida, 33, 65, 157, 159-60, 167, 173; pais e, 29; pregação, *veja* Pregação
Comunidade cristã, *veja* Igreja, a: como comunidade
Conteúdo de convicções da fé: comunicação de, 168-70; experimental, 171; na forma relacional, 171
Convicções: e comportamento, 50; conteúdo, *veja* Conteúdo de convicções da fé; versus convicções, 52-3; ensino, 168; ensino bíblico, 52; mudança de, 50-1; e personalidade, 49-50; e Verdade revelada, 53
Corpo de Cristo, *veja* Igreja, a
Corpo vivo: cada crente ministrando, 223; compartilhar, 124; contraprodutente, 223; descrição, 202-3; e discipulado, 10; ensino bíblico, 196-7; exemplo de, 224; exigências do, 220; modelo de, 123; e ocasiões de ênfase, 223 e ocasiões especiais, 223; princípios de, 107; reflexão da realidade existente, 221; relacionada a relacionamento de grupo, 221-2; relacionada à vida diária, 221; relacionamento no, 193-197; e o sermão, 224
Crescimento de igreja, 46-47
Crentes-sacerdotes, 108, 131
Cultura: influência sobre o aprendizado, 155; precepção de, 154
Currículo: centralizado na igreja, 168; contar histórias, 169; para crianças, 167ss; na igreja, 171-2; para o lar, 156; oculto, 129, 200-1, 223, 253; para a sala de aula, 156-8; sistema alternativo, 168-70; transmitindo fé, 172

Dedicação: e juventude, 46
Desenvolvimento: processo de, 62
Destino dos crentes, 18
Determinismo, 59
Diáconos, 123, 124, 125
Direitos: ceder os, 35
Diretoria: reuniões da, 123, 124
Discipulado: e crescimento, 99; ensino bíblico, 25, 44; e evangelismo, 98-100; a Igreja e, 175; como modelo, 65, 67-8; por pastores, 117
Dissonância, 50, 51
Dons espirituais: definição, 186; distribuição dos, 186; e edificação, v. abaixo; ensino bíblico, 107; propósito dos, 101-2; relação com o ministério, 186-7; uso dos, 34

Edificação: e dons espirituais, 19, 34
Educação: formal, 51, 189-91, 250-51; informal, 51-2, 118, 184-5, 190-1, 251-2; métodos centralizados no aluno, 88-9, 91; processos de grupo

e, 89-91 e 93; baseada em valores, 92
Educação de adultos: e currículo oculto, 200-1; e discipulado, 184; ensino bíblico, 184; estratégia unidirecional, 201-2; exigências para, 200 no grupo grande, *veja* Grupo grande; grupo pequeno, *veja* Grupo pequeno; informal, 184; interpessoal, 201; processo transacional, 186; que transforma a vida, 200; como transformação, 187; um a um, 200
Educação de crianças: boa, 134-5; clichês, 134-5; comparada com Piaget/ Kohlberg. 137; currículo, *veja* Currículo: para crianças; e egocentrismo/ papel social, 147-8; e elementos da teoria do aprendizado, 147; ensino da Bíblia, 150-1; ensino de conceitos abstratos, 136-7; ensino moral, 136-7; ensino de verdades teológicas, 149-51; e estruturas cognitivas, 146, 148; na igreja, 171-3; influência do ambiente, 153-5; e o lar, 155-6, 159ss; processo de equilíbrio, 146, 148; relacionamento aluno/professor, 172; e seqüência invariável, 146, 148; significado exaustivo versus verdadeiro, 149; uso da Bíblia, 134-5
Educação cristã: centralizada na igreja, 168; compartilhar de experiências, 29; e comunicação, 28; e conhecimento de conteúdo, 100; faz crescer a fé-como vida, 13; promove o crescimento em Cristo, 14 currículo, v. currículo; de crianças, *veja* Educação de crianças; e discipulado, 57; como ênfase na vida, 25; e escola formal, 98; e evangelismo, 42, 44-45; formal versus informal, 53; e a Igreja, 20-1; integrando verdades, 138; no lar, 29, 155-6, 160, 167; meta da, 100; como ministério interpessoal, 36; mudança na metodologia, 57; e pais, 156-7; e a Palavra, *veja* Palavra, a; princípios, 111; e processo de crescimento, 19-20; e a sala de aula, *veja* Educação em sala de aula; e ser modelo, 28; e vida, 53
Educação em sala de aula, 150, 153, 155, 156, 158, 167, 173, 174
Ensinar: como compartilhar, 167, 171-173; conceitos bíblicos de, 26-28; métodos centralizados no aluno, 88-89; vivendo, 46
Escritura, *veja* Palavra, a
Espírito Santo: chave para a liderança, 107
Estilo de vida: problemas, 52
Estruturas cognitivas, 154
Evangelismo: comunidade, 42-43; e discipulado, 45; versus discipulado, 98-100; individual, 43 *veja também* Testemunhar; relacional, 42

Fé: compartilhar, 171-173; distorcida, 57; ensino, 65, 168-170; estilo de vida de, 65; objetivo da, 52-53

Grupo grande, 220
Grupo pequeno: descrição, 208-9; hábitos úteis e prejudiciais, 211-213; como pequenas igrejas, 132; propósito, 175; tipos de, 209-10; valores em potencial, 210-11
Grupo T, 89-90

Homem, queda do, *veja* Queda do homem
Honestidade, 195

Identificação e modelo, *veja* Modelo: e identificação
Igreja, a: como comunidade, 171-3; como comunidade que transforma, 35; como Corpo, 122; crescimento da, *98-9; e d*iscipulado, 98, 107; e dons espirituais, 34; expressando o amor de Cristo, 43; meta da, 99-100; como modelo, 171-2; organismo vivo, 14; serviço mútuo, 20, 33, 107-8; e vida divina, 12-13
Imagem de Deus, 12-13
Imagem de funções, 107-8
Instrução, 62
Integração de verdades, 138

Jesus Cristo: ensino de adultos, 184; e liderança, 108-110; como modelo, 67, 109; treinamento dos seus discípulos, 25-6

Kohlberg, Lawrence J., 137-8, 144 ss.

Lar cristão: e educação de crianças, *veja* Educação de crianças
Leigo: papel do, 107-108, 123
Liberdade: e crescimento, 37
Liderança: dedicação da, 124; como equipe, 124-5; ensino bíblico, 108-109; estrutura organizacional, 125-7; modelos, 109; múltipla, 122; papel da, 107-8; princípios, 111

Maturidade, 15, 16, 20
Mensagem do evangelho, 13
Mente: renovação da, 49
Ministério: definição, 186; ensino bíblico, 186; mútuo, 20, 33; tipos de, 186
Modelo: adulto, 171-2; caráter do, 200; conflitante, 109; na educação de adultos, 200; equipe da igreja como, 172; exigências do, 200; imitação do, 27; múltiplo, 37, 67; os pais como, 173; pré-requisito, 28-29; professor como, 28, 68; realidade de Cristo no, 105; relacionamento com a Escritura, 200
Ser modelo: e comportamento, 67-8; comunica semelhança, 67; e discipulado, *veja* Discipulado: como modelo; e identificação, 67-8; e a igreja, 68; versus instrução, 65-6; processo de, 67-8; como processo de socialização, 66
Moral, absolutos: *veja* Absolutos morais
Moral, valores: *veja* Valores morais
Morte: adversário da vida, 12; ensino bíblico, 12; espiritual, 14; relação com o pecado, 12

Nova vida, *veja* Vida: eterna

Padrão absoluto, 61
Pais e filhos, 29
Pais: classes de escola dominical para, 174-5; comunicação com os filhos, 174; como comunicadores, 167; crescimento espiritual, 175-6; responsabilidade dos, 156, 173-4
Palavra, a: autenticada em vida, 246-7; centralidade da, 246; comunicação da, 58, 155-6, 168-71; doutrina da centralidade, 245-6; ensino, 20; e evangelismo, 42; inspiração da, 58; como livro vivo, 170; e pregação, *veja* Pregação; realidade que deve ser vista, 246; realidade que deve ser vivida, 246; revelação da realidade, 245; no uso da, 134-5; como verdade, 245
Pastor: e discipulado, 117; como educador, 118; escolha, 131; identidade, 114; uso de ilustrações pessoais, 116; intercâmbio com a congregação, 115-16; como modelo, 116-18; papel do, 107-8; e o púlpito, 114-17; e questionário de pesquisa, 115; relacionamento com a liderança leiga, 123-124; e relacionamento pessoal, 117; reunindo-se com os membros, 116-17; como servo, 114; transparência do, 116; treinamento do, 131-2; e visitação, 117
Pecado e morte, *veja* Morte: relação com o pecado
Pequenas igrejas, 124
"Pequenas igrejas" em casas, 222
Personalidade: desenvolvimento da, 51; dimensões, 50; mudança de, 50-51
Piaget, Jean, 136, 137, 144 ss.
Platão, 49
Poder: que dá energia, 13
Pregação: bíblica, 232; e compartilhar, 236-7; e ênfase em um só conceito, 235-6; ênfase na obediência da, 236-7; expectativa, 237-8; pensamentos de Deus, 235-237; teologia, 235-8; e verdade como propósito, 233-4; e verdade relacionada, 234-235; e verdade experimental, 234-6
Preparo transcultural, 91
Processos de grupo, 89-91-93
Professores: e discipulado, 68, 247; funções interpessoais dos, 248; influência dos, 68; como modelo, *veja* Modelo: o professor como; relação com o aluno, 247
Psitacismo, 136

Queda do homem, 12-13

Realidade: e crianças, 151; como maneira de vida, 62; revelada, 61
Realidade vivida, 154-5
Relacionamento: e adoração, 225-6; comunicativo, 42; dentro da igreja, 196-7; ensino bíblico, 33-5; exigências, 225; experimentado na mocidade, 66; e funções de grupo, 90-1; papel do, 248-9; pesquisas dos resultados, 88-90; primeiros estudos do, 87-8; e o professor, 248-9
Renovação da igreja, 100-104
Revelação, 61

Sacerdócio dos crentes, 37
Semelhança, 18, 27-28
Semelhança com Cristo, 20, 21, 25, 27, 33, 44, 45, 99, 247
Seminários: aprendizado encarado como saber, 129-30; aprendizado impessoal, 129; e "currículo oculto", 129; estrutura ideal, 130-1; estruturação conceitual do conteúdo, 129; incentiva a competição acadêmica, 130; métodos de admissão, 132; métodos de seleção, 131
Seminaristas, 132-133
Sermão: importância educativa do, 233; papel do, 202; *veja também Pregação*
Serviço: comunicação do, 110; e exemplo, 110; método, 110; relacionamento, 110; tarefa do, 110 *veja também* Modelo
Socialização, processo de, 153, 155, 156, 158, 167, 175, 200, 211, 220, 251-2

Teorias de aprendizado social, 66
Testemunhar, 99-100; *veja também Evangelismo.*
*Tes*temunho: iniciativa, 43-4; reflexivo, 43-4
Transacionalismo, 59
Transformação: processo de, 36-37
Transmissão: veja Comunicação

Um a um, *veja* Educação de adultos: um a um

Valores morais: critérios de avaliação, 136-7; desenvolvimento de, 136-138; como verdade revelada, 146
Verdade: e amor, 34-5; dedicação à, 35; ensino bíblico, experimentando, 62, 235; com propósito, 233-4; relacional, 234; na vida, 35; verbalização da, 61-2; revelada, *veja também* Verdades reveladas
Verdades reveladas: moral, 145; como Palavra, 233; proposição-chave, 144; teológica, 144
Vida: comunicação de, 44; ensino bíblico, 11-12; espiritual, 11; física, 11; progressiva, 19; restauração da, 13; sobrenatural, 11-12; transformadora, 19

ÍNDICE DAS CITAÇÕES BÍBLICAS

ÍNDICE

Gênesis
1:26-27 13
2:17 11
3:22 . . . . . 11, 27
4:5-7 13
4:19-22 13
4:23-24 14
9:6 13
19:33 27
19:35 27
29:5 27
39:6 27
49 227

Êxodo
1:8 27

Números
14:29 152

Deuteronômio
4:5 26
4:10 26
6 . . . . . 28, 174
6:1-8 55
6:4-6 28
6:6ff 163
6:6-7 . . . . . 21, 155
11:19 26
20:18 26
30:15-20 . . . . . 11, 17
31:19 26

Josué
23:14 27
24:15 161

I Samuel
12:17 27
28:9 27

II Samuel
22:35 26

Esdras
7:10 26

Neemias
9:17 178

Jó
32:7 26
42:11 27

Salmos
16:11 11
18:3-4 26
22:26 11
25:8 26
25:12 26
26:8 164
36:9 11
49:9 11
51:3-4 180
51:5 27
69:32 11
86:5a 178
86:11 26
101:2 163
114:1 26
119:11 179
119:102 26
149:3 81
150:3 81
150:5 81

Provérbios
22:6 151

Isaías
29:11-12 27
59:12 27

Jeremias
1:6 27
6:15 27
29:7 165
32:33 26

Amós
3:10 27

Jonas
4:11 27

Mateus
3:11 218
4:11 186
4:19 28

4:23 26
5:2 26
5:19 27
5:45-47 18
7 170
7:11 27
7:23 27
8:15 186
9:9 28
9:35 26
10:23 26
10:25 18
10:32-39 29
11:1-2 26
12:33 27
13:54 26
14:23 26
14:26 26
14:36 26
16:13 26
16:21 26
16:24 26
17:20 26
19:21 28
20 . . . . . 108, 109
20:25-28 109
20:26 26
21:20 26
24:1 26
24:3 26
25:12 27
25:44 186
26:8 26
26:55 26
26:72 27
26:74 27
28:19 . . . . . 26, 42

Marcos

1:18 28
1:21 26
1:34 27
2:14 28
3:9 26
3:14 25
4:1-2 26
4:34 26
5:43 27
6:34 26
6:35 26
6:45 26
7:17 26
8:1 26
8:4 26
8:27 26
8:31 26
8:34 28
9:28 26
9:31 26
10:15 65
10:23 26
10:45 87
11:1 26
11:14 26
13:1 26
14:12 26
14:24 26
14:71 27
16:20 26

Lucas

4:15 26
5:3 26
5:11 28
5:17 26
6 44
6:27 44
6:27-42 44
6:27-31 44
6:32-34 44
6:35-36 44
6:38 44
6:39-40 45
6:40 . . . . . 25, 26, 28, 65, 177
6:41-42 45
6:43-45 45
8:3 186
8:9 26
8:14 11
8:46 27
9:1 26
9:14 26
9:43 26
11:1 26
11:13 27
12:1 26
12:22 26
12:47 27
14:26ff 29
14:26-27 26
15:11-24 179
15:18-19 180

18:34 27
19:29 26
19:47 26
20:1 26
20:34 26
22:57 27
24:18 27

João
1:14 36
1:26 27
1:31 27
1:33 27
1:40 28
1:43 28
3:15 11
3:16 14
3:36 11
4:31 26
5:21 11
5:24 . . . . . 11, 12
5:26 11
5:40 11
6:40 11
6:42 27
6:47 11
6:59 26
6:63 11
6:68 11
7:14 26
7:28 27
8:19 27
8:20 26
8:28 26
8:31 . . . . . 21, 170
8:32 27
8:51 12
10 202
10:10 11
13 194
13:15 28
13:34-35 33
13:34 . . . . . 33, 178
13:35 42
15 152
15:5 116
17 48
17:17 20
18:5 26
18:22 26
20:31 11

Atos
1:1 27
1:17 186
2 184
2:42-47a 184
2:42 78
2:46 78
3:16 27
4:18 26
4:24-31 78
5:1-11 . . . . . 240, 241
5:20 11
5:25 26
6:4 186
7:18 27
7:22 27
11:26 26
11:30 122
12 156
14:21 26
14:23 122
15 122
15:2 122
15:4 122
15:6 122
15:22ff 122
15:35 78
16 122
16:4 122
17:11 78
18:11 27
19:23-27 185
29:17 122
20:27 73
21:18 122
22:3 27

Romanos
1:15-17 42
1:32 12
5:6-10 44
5:6 44
5:12-21 13
6:4 11
6:16 12
6:21 12
6:23 12
7:3 11
7:5 12
7:10 12
7:13 12

8:6 12
8:16-19 18
8:28-29 18
8:29 18
8:38 11
12:15-13 196
12 . . . . . 20, 34, 186, 196
12:1-2 236
12:2 . . . . . 19, 34, 49, 63
12:2b 49
12:3-8 20
12:5 108
12:9-19 20
12:9 . . . . . 34, 196
12:10 196
12:13 196
12:16 196
13 189
13:4 186
13:8-10 33
14:1 . . . . . 37, 196
14:13 . . . . . 37, 196
14:15 . . . . . 37, 194
14:19 . . . . . 37, 196
15:2 196
15:5 196
15:14 . . . . . 108, 194
15:25 186

I Coríntios

1:10 25
2:6-15 234
2:8-16 36
3:9 164
3:22 11
4:16 28
5:9-13 43
8 . . . . . 35, 195
8:1-3 195
8:1-2 35
11:1 28
11:32 27
12 . . . . . 186, 189
12:4-11 75
12:4-6 186
12:7 . . . . . 20, 76, 108, 186
12:8-11 78
12:12-26 74
12:12 14
12:13 218
12:14-26 34
12:22 . . . . . 108, 186
12:24 20
12:26 37
12:27-31 34
12:31 34
13 . . . . . 189, 194
13:1-3 34
13:8 34
13:10 145
14 . . . . . 185, 189
14:3 20
14:4-5 20
14:12 20
14:15 . . . . . 81, 83
14:17 20
14:25 43
14:26-33 108
14:26-31 185
14:26 . . . . . 20, 79, 80, 187
14:33 85
14:40 85
15:19 11
15:49 18

II Coríntios

1:3-9 195
2:1-4 195
3 . . . . . 17, 37
3:1-3 43
3:13 . . . . . 37, 116
3:17-18 37
3:18 19
4:12 11
5:16 27
5:18 186
6:9 27
7:10 12

Gálatas

2:19-20 16
2:20 20
3:21 11
4:8 27
5:13-18 33
5:22-23 43
6 152
6:1 . . . . . 37, 194

Efésios

2 194
2:1-10 12

4 . . . . . 20, 108, 186, 186, 189
4:1 163
4:2 194
4:4-5 62
4:12-13 14
4:12 . . . . . 20, 111, 186
4:13 20
4:14-16 20
4:15-16 14
4:15 . . . . . 19, 65
4:16 . . . . . 20, 21, 34, 42
107, 186
4:17-32 35
4:18 . . . . . 11, 16
4:19 20
4:26 37
4:29 20
4:32 . . . . . 19, 37, 194
5:1 . . . . . 28, 36
5:18b-20 . . . . . 78, 81
5:19 82
5:21 194
6:4 162

Filipenses
1:6 238
1:20 11
1:26-30 43
2:16 11
4:4 62
4:8 145
4:9 111

Colossenses
1:1–2:5 217
1:9-10 178
1:11 236
2 246
2:6-23 218
2:6-7 218
2:8 218
2:9-12 218
2:13-15 218
2:16-19 218
2:20-23 218
3 . . . . . 145, 216
3:1-17 218
3:1-11 19
3:10 19
3:13 37
3:16-17 78
3:16 . . . . . 27, 72, 74, 79, 161
3:18–4:6 218

I Tessalonicenses
1:4-10 43
1:6 28
2 195
2:4-14 37
2:5 37
2:11 . . . . . 13, 204
3:10 25
4:4 27
4:5 27
5:11 20

II Tessalonicenses
1:8 27
3:7 28
3:9 28

I Timóteo
1:5 . . . . . 13, 34
1:12 186
1:20 27
3 . . . . . 37, 66, 111
3:4 156
3:5 27
4 112
4:12 37
4:16 37
5:4 162
6:13 11

II Timóteo
1:10 . . . . . 11, 12
1:15 168
2:4 11
2:14 168
2:25 27
3:10 37
3:16 . . . . . 71, 179, 234

Tito
1 112
1:5 122
1:16 27
2 . . . . . 37, 66, 112
2:6-8 117
2:12 27

Hebreus
1:1-3 144
1:2 36
2:12-15 13
2:14 12
3:7-19 21
3:10 27
4:11 28
5:11-14 14
6:10 186
6:12 28
10:17 149
10:24-25 . . . . . 34, 185
10:24 . . . . . 65, 73, 79, 195
10:30 27
11:3 13
12:24-25 109
13:7 28
13:21 25

Tiago
1:22 170
3:9 13
4:14 11
4:17 27
5:10 28
5:14 122
5:16 37

I Pedro
1:22 13,33
1:23 18
2:12 43
3:7 160
3:13 28
3:15 43
4 . . . . . 20, 186, 189
4:2-3 11
4:9 194
4:11 . . . . . 20, 43
5:1-5 110
5:1 122
5:4 122
5:5 . . . . . 111, 194

II Pedro
2:6 28

I João
1:1-9 196
1:1-3 36
1:9 180
3:2 19
3:4-10 19
3:14 12
3:15 11
4:10 43
4:11 165
4:16-17 19
5:12-13 11

III João
11 28

Apocalipse
22:17 11

FIM